Ásia Maior
O Planeta China

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim

Secretário-Geral Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847
Fax: (61) 3411 -125
Site: www.funag.gov.br

MARIA MARTINS

Ásia Maior
O Planeta China

Prefácio de
Oswaldo Aranha



FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

2ª Edição
Brasília, 2008

Copyright ©

Capa:
Maria Martins
Canto da Noite, 1968.
Bronze polido, 165x200x108cm.

Equipe Técnica:
Lílian Silva Rodrigues e Maria Marta Cezar Lopes

Projeto Gráfico e Diagramação:
Cláudia Capella e Paulo Pedersolli

Impresso no Brasil 2008

Martins, Maria.
Ásia Maior : o planeta China / Maria Martins; prefácio de Oswaldo Aranha. — 2ª edição. — Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2008.

468 p.

ISBN 978-85-7631-106-5

1. História – China. I. Autor. II. Título.

CDU 91:94(510)

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@mre.gov.br

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Sumário

Apresentação **9**
Embaixador Celso Amorim - Ministro das Relações Exteriores

Prefácio **15**
Oswaldo Aranha

UMA GRANDE EXPERIÊNCIA

Mao Tse Tung 27

A VIAGEM

De Hong-Kong a Cantão 49

PANORAMA HISTÓRICO, SOCIAL, CULTURAL E ECONÔMICO

História 59
O humanismo e as escolas de filosofia 103
Confúcio 107
Maoísmo 113
Taoísmo 115
Escola de leis 121
Buda 123
Islamismo 133

Catolicismo 135
Protestantismo 137
Condições sociais 139
Condições econômicas 145

Do Império à República

Antecedentes próximos da revolução 151
Sun Yat Sen e os primórdios do Kuomintang 161

Do Nacionalismo ao Comunismo

Chiang Kai Chek e o fim do Kuomintang 175

Kungchantang e os Operários da Revolução

Kungchantang e os operários da revolução 203
Organização da República Popular 223

A Cidade Azul

Pequim 231

A mulher

A Eva da Nova China 289

A cultura

Artesanato 303
A música 309
O teatro 311

Arquitetura 319
Escultura 327
Pintura 337
Literatura 349

As grandes reformas
(Saúde – Agricultura – Indústria)

Saúde 369
Reforma agrária 379
Reforma Industrial 391

O fim da viagem

Shangai 423
Cantão 437

Meditação sobre a China

Valerá a pena? 453

Apresentação

Apresentação

Artista, escultora, mulher de vanguarda e personalidade, Maria Martins ocupa lugar de destaque no panteão da cultura brasileira. Fortemente influenciada pelo surrealismo, sua arte inovou no cenário nacional e rompeu com o conservadorismo ainda reinante entre grande parte da elite brasileira de seu tempo.

Embaixatriz, conheceu de perto e acompanhou por longos anos as atividades da diplomacia brasileira. Seus laços com o Ministério das Relações Exteriores foram, por assim dizer, eternizados no Palácio Itamaraty, em Brasília, que abriga duas esculturas em bronze de Maria Martins: "A Mulher e sua Sombra" e "O Canto da Noite".

Possivelmente a escultora brasileira mais conhecida no exterior, Maria Martins revela neste livro vocação também para as letras. O leitor encontrará aqui um precioso relato da viagem que a artista fez à China de Mao Tsé Tung na década de 1950.

Trata-se de um retrato multifacetado da sociedade chinesa da época, feito por uma brasileira de prosa agradável e grande sensibilidade artística e intelectual. Como assinalou o ex-Chanceler Oswaldo Aranha no prefácio à primeira edição da obra, "a emoção é o teu panorama, o sentimento o teu guia e a imaginação a tua paisagem".

Além de ser informativo e possuir relevante valor histórico, o livro é rico em impressões e olhares muito próprios da autora, que narra, esclarece e opina sobre cada aspecto do "planeta China", da cultura milenar à economia, dos sistemas filosóficos às reformas na saúde, agricultura e indústria.

Esta é a visão pessoal de Maria Martins de um país que em pouco tempo – considerando a longevidade da civilização chinesa – entraria em acelerado curso de transformação.

A nova China que emerge hoje tem sido um parceiro estratégico para o Brasil na Ásia e no mundo. O reencontro começou em 1974, com o estabelecimento de relações diplomáticas em nível de Embaixadas entre os dois países. O Brasil reconheceu então a República Popular da China e os dois Governos concordaram em desenvolver relações amistosas, com base nos princípios de respeito recíproco à soberania e à integridade territorial, não-agressão, não-intervenção nos assuntos internos, igualdade, vantagens mútuas e coexistência pacífica.

A aproximação com a China, portanto, decorre de iniciativas de longa data do Governo brasileiro. Mas foi no Governo Itamar Franco, em 1994, quando tive a honra de ser Ministro das Relações Exteriores pela primeira vez, que se decidiu efetivamente estabelecer uma parceria estratégica com a China.

O Governo Lula deu firme impulso a esse processo. Em 2004, ano das visitas do Presidente Lula à China e do Presidente Hu Jintao ao Brasil, foram assinados diversos acordos bilaterais sobre comércio, indústria, ciência e tecnologia, turismo e energia.

Reflexo do interesse crescente que a trajetória chinesa vem despertando no mundo, tem aumentado consideravelmente o conhecimento sobre a China no Brasil. Continuaremos empenhados em estreitar os vínculos entre os dois países em todos os campos.

Esperamos que a oportuna reedição deste livro pela Fundação Alexandre de Gusmão possa revelar-se uma contribuição original, de um nome de máxima expressão da cultura brasileira no século XX, para aproximar ainda mais, no século XXI, a China do Brasil e o Brasil da China.

Embaixador Celso Amorim
Ministro das Relações Exteriores

Prefácio

Prefácio

Maria,

Li os originais de teu livro original. A minha sensação foi a do viajante do Machado de Assis, em delírio, através dos séculos e das idades. Vens de longe e do fundo das era para os nossos dias. Não é uma viagem vulgar. Não é o teu empolgante livro de literatura em voga, de geógrafos, historiadores e abastados Itinerantes que caminham em procura de assunto para poderem escrever, anotar e descrever. Tu viajas para sentir. O livro não veio da viagem, mas da exaltação. A emoção é o teu panorama, o sentimento o teu guia e a imaginação a tua paisagem. O livro é teu, mais do coração do que dos olhos ou dos ouvidos. Não é nem mesmo no entendimento. É cerebrino. Nasceu da cabeça da Medusa, a Deusa mortal rediviva em cabeça das mulheres imortais. O teu livro é um livro sem outros livros. É só e, por isso, original. Nasce nas extremidades da terra, flui com o rio dos oceanos e se embala no regaço criador. É curiosidade, abstração, inteligência, sem os contrastes da realidade. É como os teus bronzes famosos, esculpidos numa dúvida, numa ânsia, numa interrogação.

A China é nele, apenas, o motivo: a entrada monumental para o reinado das contradições seculares, das dúvidas milenárias e

das hesitações eternas, que são as paisagens das tuas viagens ao derredor desse mundo que em ti mesma soma e multiplica a vida, essa passagem efêmera pelas realidades fugazes.

És, Maria, uma princesa das letras, com já eras das artes. O teu livro é sentimento, imaginação e não uma viagem. Não conseguiste sair de ti mesma em nenhum dos lugares que visitastes e nem mesmo nos colóquios e entrevistas que procuraste entreter. Não viste senão o que querias ver e nem ouviste senão o que querias ouvir, porque os artistas da tua linhagem não conhecem o impessoal. São pessoais em tudo, para tudo e para todos. Os séculos e milênios chineses, em teu livro, têm cor, perfume e ideal. São vivos e fazem viver. Sente-se tua presença em cada letra, tua arte em cada palavra e, em cada página, a tua emoção, misto contraditório da tua ânsia de ser e de saber, de conhecer e criar, de viver e amar. És uma incógnita humana, como essas da matemática para as quais os cálculos têm, até hoje, sido vãos. Ler o teu livro, pois, Maria, é decifrar. É quase adivinhar. Justamente porque estás em toda parte, não se sabe onde estás ou deixas de estar. O mistério é o teu assunto preferido, se é que se pode preferir o mistério. Fazes e desfazes, crias e destróis, reduzes e multiplicas e, ao fim, imprimes no teu livro um tom, um gosto em sabor, fundo e formas que enchem os corações vazios de nossos dias de um alento de novas ânsias e pensamentos inesperados. A tua curiosidade, justamente porque nunca se satisfaz, deixa-nos mais curiosos.

Não te estou a escrever um prefácio, como me pediste, que não saberia fazer, mas a mensagem de saudação da minha

emoção de leitor à revelação dos maravilhosos dotes da escritora de um livro belo, estranho e perturbador.

Não tive a impressão de saberes bem contar as histórias dos outros, mas ninguém te excede no criar e escrever as próprias histórias. Não tens o gosto de repetir e nem o de narrar. Não és historiadora e nem viajante. És tu mesma, ainda quando não o queiras ser. Tem muitas facetas a tua inteligência, menos no se disfarçar, mascarar ou despersonalizar. Não será possível ler o teu livro sem te ver em cada página, como numa sala de espelhos. Nele estás, alma e carne, inteligência e beleza, rebeldia e insatisfação, no que és, foste e serás, como uma nova Galatéia das letras.

Esta capacidade de se comunicar, transferir e incorporar ao que se escreve, é a grande virtude do escritor. A arte e o estilo no escrever são peculiaridades personalíssimas. Este é, a meu ver, um dos teus dotes, o dominante do teu livro. A China que nos ofereces é a tua China, sem deixar de ser, também, a dos chineses. Mas é mais tua. E, por isso, mais nossa, mais brasileira que nunca conseguiste deixar de ser em tuas peregrinações pelo mundo das realidades e pelas realidades do mundo, e até pelas de tuas fantasias de escritora.

A tua é uma China de encantamentos. As montanhas parecem deusas, os rios são coloridos, as terras, maravilhas e os homens vivem e morrem de pensar, de filosofar e de esperar, sem que possamos distinguir os bons e os maus, os imortais dos mortais. É a China da abstração, da sabedoria profunda como a consciência, lendária como a imaginação, igual, sempre igual como as coisas imutáveis. É uma alma mais do que uma terra, a que procuras

descrever, em que as criaturas são tão cândidas, a vida tão cordial, a sociedade tão amável, as idéias tão puras, as instituições tão boas e as coisas tão belas que não achamos explicação para o drama chinês que oscila há milênios entre os extremos da mais baixa miséria e os da mais alta filosofia, entre a dor que faz pensar e o pensamento que faz sofrer.

A China precisa ser compreendida por nós, os ocidentais. Antes, porém, precisa conhecer-se a si mesma. Ela terá que ser parte, e grande parte de um mundo mais humano, mais igual e melhor. O processo histórico e milenar de sua formação, tal como o conhecemos, nem sempre abona em favor da mansidão, doçura e cordialidade dos chineses. Eles são religiosos aos excesso e todo o extremo é cruel e, quase direi, insensível. O chinês é filho de uma tortura que vem dos milênios, como a dureza das terras estratificadas pela sucessão dos tempos. Ele é impenetrável e o seu íntimo é um misto de tempo e espaço, de interrogação e mistério, de criatura sem criador. Não teve a China, propriamente, poetas e nem filósofos, como se escreve, mas religiosos, porque tudo no pensamento chinês vem de eternidade. Nada existe nele de atual e real. E tanto é assim, Maria, que a atualidade chinesa é mais uma revelação que uma revolução. É uma tomada de consciência. O futuro, para o chinês, era uma transfiguração e somente agora começa a ser uma realidade, uma conquista do homem, pelo homem e para o povo. Confúcio, Tao, Budha, chamam-se hoje Marx, Lenine, Mao. É no Ocidente, e não nas melhores fontes, que se veio inspirar o oriente em procura de salvamento. E não podia deixar de assim ser. O erro é o primeiro passo de quem procura

acertar. O futuro da China, pelas tuas próprias observações, não poderá continuar a ser chinês, porque terá que ser importado, codificado e até militarizado pelos ocidentais, como está sendo nos nossos dias. É esta uma grande esperança para o mundo, que não poderá ser um corpo com muitas almas, mas uma alma de muitos corpos. E uma alma cristã, jamais ímpia ou atéia. Já escrevi sobre a China e não quero reeditar palavras esquecidas.

Prefiro deixar-me arrastar pelas sugestões do teu livro e pela necessidade de renovar o meu pensamento, que é a maneira de viver sem envelhecer. É com humildade que se pensa, fala e escreve sobre a China. Ela tem sido uma interrogação sem resposta e começa, ao que dizes, a ser uma resposta às dúvidas do homem e aos demais povos. O teu livro fez-me voltar a cogitação do espaço sem fim, do tempo sem dias, do direito sem leis, da grandeza sem medidas, da noite sem luz, da miséria sem esperança, da história sem começo, do futuro sem destino, da dor sem remédio e da vida sem Deus, enfim, da China.

A história da tua viagem é uma provocação às debilidades da inteligência e à limitação dos meus conhecimentos. Não sei quando nasceu a China e creio que a ninguém será dado saber. A vida dos grandes povos conta-se por séculos, mas a do chinês pelos minutos de seus milênios. Será a China imortal? Sim, no sentido do passado, porque vem de eras além do alcance dos mortais. Será, porém, no verdadeiro sentido da imortalidade? Não creio.

A China, como a aprendemos, começou a morrer com a República e não voltará jamais a ser a China, filha da noite dos tempos, a viver na obscuridade e nas trevas.

Foram-se para sempre os Shang, os Chou, os Chin, os Souei, os Tang, os Sung, os Yuan, os Mings, e os Chiangs, três milênios de dinastias, de grandezas e misérias em que a China nem parecia da terra e nem dos céus e nem dos chineses. Era tudo sem ser nada: ignota, anônima, indecifrável. O mundo forçou as suas muralhas, penetrou em suas cidades, galgou as suas montanhas, desceu aos seus vales, subiu os seus rios e sobrevoou a sua imensidade para poder ver, desvendar e conhecer a sua vida, as suas grandezas, misérias e riquezas, que passou a explorar com sua cobiça, impiedade e poder.

A China foi, então, transformada em terra de todos e cada vez menos dos chineses. Ela já conhecera antes a ferocidade das invasões bárbaras, que enfeixara dentro de suas muralhas, para absorvê-las, como fez, através de séculos de atribulações. Esta, porém, vinha do mar, do ar, e tinha instrumentos desconhecidos dos chineses, que não iam além do compasso, da pólvora e do papel. E sobretudo tinha idéias que a cultura e a civilização milenar dos chineses, perdida em abstrações, não tinha sabido imaginar, conceber e construir. Mas teriam que aprender a combater para sobreviver. E estão aprendendo com suor, sangue e lágrimas, como têm que aprender os povos.

É este o drama de hoje dos chineses. Foi este o espetáculo que deslumbrou, Maria, a tua sensibilidade e provocou em teu generoso espírito essa admiração pelo momento decisivo que está vivendo esse grande povo, que não quer deixar de ser grande e de ser povo, e de ser chinês. O teu livro, como tantos, incluídos os escritos entre nós sobre a China, é uma advertência e uma mensagem.

Fugir à realidade é desertar da vida sem morrer. É a pior forma de viver. O mundo está aí como é, e não como queríamos que fosse ou viesse a ser. Nós, o nosso Brasil, estamos nesse mundo e nele e dele teremos que viver, se quisermos sobreviver.

Não existe, não existiu nem existirá jamais um povo que possa ser Senhor, com os demais transformados em escravos.

Esta idéia sepultou-se para sempre e não poderá ressurgir. O futuro será cristão, democrático e fraternal para os povos, como para as criaturas. O processo pelo qual passa, hoje, o povo chinês, é o do caminho de todos os povos. Nenhum fugiu ou fugirá à via crucis para poder alcançar a independência, a igualdade e a democracia, sobretudo os que estão ainda em erro, em crime, em eras medievais em relação à nossa forma de crer, de trabalhar e de conviver.

Os meus votos são para que o teu livro seja lido e compreendido pelos brasileiros. Na China, sem querer, viste, observastes e amaste o Brasil, que cresce em nossa fé quanto mais conhecemos ou convivemos com outros povos, grandes e pequenos. O teu é um livro belo e útil, mas é preciso saber ler. Nele, o que escrevestes é menos do que aquilo que desejarias escrever. Descrever outros povos é, hoje, escrever sobre o Brasil. Foi o que fizeste, como ninguém melhor poderia fazer e, por isso, de agradecimento e ainda mais de admiração será a atitude dos teus leitores, como a do teu "ex corde".

Oswaldo Aranha

Uma Grande Experiência

Mao Tse Tung

Ao entrar no quarto do hotel, naquela tarde, ainda atordoada pela beleza incomparável do Templo do Céu, o telefone chamou:

> *Aqui, Wou Mau Sou. Queria convidá-la para jantar hoje e um pouco mais cedo. O Presidente a receberá às oito horas em sua residência.*

Wou Mau Sou é o Secretário Geral do Instituto dos Estrangeiros, que dois dias antes me esperava no aeroporto de Pequim, com a proverbial e nunca desmentida polidez e gentileza do povo e do governo da China.

Assim eu via concretizar-se minha ambição de conhecer e conversar com o homem de Estado, poeta, soldado, e filósofo, que ocupa a imaginação e os jornais do mundo inteiro.

Em Delhi, quando o Primeiro Ministro Chiou En Lai, então em viagem oficial à Índia, me renovou o convite feito para visitar a China, disse-lhe do ansiado prazer de ver Pequim, sonho de todo artista, e da esperança de poder entrevistar, pessoalmente, seu grande Presidente.

O Primeiro Ministro sorria apenas, o indecifrável sorriso oriental.

Desde Copenhague, quando em posto de 1931 a 1933, assistimos à criação e ao crescimento do nazismo e de Hitler: desde Tóquio, quando, de princípios de 1934 a 1936, presenciamos a evolução da política imperial para o militarismo e o fortalecimento do Estado de Mantchucuo; desde a Bélgica, quando, de 1936 a 1939, observamos a preparação frenética da guerra, o fracasso da Conferência das Nove Potências e a crise irremediável de Munique; desde os Estados Unidos, quando, de 1939 a 1948, vivemos os anos trágicos da guerra e a dramática organização da paz, acompanhamos, com o máximo interesse os acontecimentos da China.

Durante a nossa permanência nos Estados Unidos se me ofereceu a oportunidade de encontrar muitos dos personagens que representaram papel preponderante no desenrolar da história da China nos últimos anos, fazendo dentre eles alguns bons amigos; os presidentes Roosevelt e Truman, Cordell Hull, Summer Welles, Dean Acheson, Marshall, Forestal Stilwell, Hurley e do outro lado a senhora Chiang Kai Chek, T. V. Soong, Victor Hoo, Wellington Koo e tantos generais que continuamente vinham em missão a Washington.

Fazia uma noite maravilhosa e gélida. O termômetro marcava 14 abaixo de zero quando o automóvel nos deixou em frente ao Pavilhão da Perfeita Harmonia, na Cidade Proibida, residência do presidente da República Popular da China e que, segundo a tradição, fora mandado construir pelo imperador Yeng-Lo para sua favorita, uma linda turca de nome "Concubina Olorosa".

Atravessamos três pátios de mármore branco, cheios de esculturas e de vasos de cerimonial que fariam empalidecer de inveja museus e colecionadores. A luz de cristal de uma luz exagerada tornava mais branco o mármore, mais brilhante o lago gelado e fantástica, quase irreal, toda a arquitetura que nos rodeava.

O salão onde entramos – salvo as grandes lanternas de ébano e vidros pintados com pingentes de seda e jade, iguais às de todos os palácios e todos os templos – era simples e modestamente decorado. Tapetes de Pequim, modernos, mesinhas com cinzeiros e poltronas confortáveis, emprestavam ao lugar um ambiente acolhedor.

Em nossa companhia, como intérprete, ia também um jovem intelectual de extraordinária vivacidade falando corretamente o inglês e o espanhol.

Lá nos esperavam Kuo Mo Jo, o escritor, filósofo, dramaturgo e romancista, presidente da Federação dos Escritores e Artistas da China e Chiang-Hai, presidente do Instituto dos Negócios Estrangeiros.

Logo depois de nossa chegada já feitas as apresentações, surgiu Mao Tse Tung. Mais alto, mais corpulento e de aparência mais jovem do que eu imaginara.

Imediatamente saltou-me aos olhos uma enorme pinta no meio do queixo, nunca antes percebida em suas fotografias.

Confesso minha timidez e emoção ao defrontar-me e conversar com o homem para quem se voltam, neste momento, mais de um bilhão e quinhentos milhões de seres humanos, mais da metade da humanidade, que dele espera, talvez enganosamente,

a solução do drama de sua vida miserável; o homem que mudara tão violentamente o curso da história do continente asiático.

Vestia um costume bege-cinzento, de corte idêntico aos dos "cem nomes", porém de tecido de melhor qualidade. Sua fronte muito alta, cor de marfim, domina uns olhos de brilho intenso e de vivacidade juvenil. Sua boca, de lábios bem modelados, é bela e expressiva; seu rosto arredondado, sereno e afável, confere a toda sua fisionomia um ar de bondade paternal, que se transforma, de repente, em suprema energia. Sua atitude, seu porte de imperador irradiam dignidade e nobreza, surpreendentes em um filho de camponeses pobres.

Enquanto trocávamos os primeiros cumprimentos e, com a fidalguia de um rei, convidava-me a sentar, oferecendo uma xícara de chá e um cigarro, passou-me pela mente, como um relâmpago, toda sua vida que mais parece uma lenda épica.

***

Nome profético, Mao Tse Tung significa "Pincel dos Brejos do Sul", e Mao sabe usar do pincel como os melhores artistas, para traçar, em caligrafia perfeita, poemas dignos dos grandes poetas contemporâneos de sua terra.

Esse atributo concorre certamente para aumentar a admiração que lhe vota seu povo.

"Pincel dos Brejos do Sul" nasceu em 1893, no interior da China do Sul, em uma aldeia do Honan, de povoação meio descendente dos Miaus, uma das tribos mais primitivas do antigo

Império. Seu pai era camponês que, à força de trabalho, conseguira comprar um pedaço de terra, mandando educar e dar instrução ao filho em quem depositava toda esperança.

Budistas, sumamente devotos, seus pais criaram-no em ambiente religioso.

Cedo abandonou o lar para, com uma bolsa de estudos, freqüentar, de 1912 a 1918, a Universidade de Changsha. Espírito curioso, passava os dias na biblioteca a devorar tudo o que lhe caía nas mãos: Montesquieu, Darwin, Spencer, Nietzsche, Schopenhauer, de mistura com romances de guerra e alta cavalaria, de que a literatura da China se mostra tão pródiga, sem olvidar os grandes clássicos do país.

Por esse tempo assistiu a uma daquelas freqüentes "Jaquerias", esmagada violentamente e seguida das inevitáveis torturas e decapitações.

Viu, de perto, a miséria e a fome e os maus tratos dizimarem por centenas a população indefesa. Jamais esqueceria esse espetáculo da desigualdade das classes e do sofrimento infinito da massa desgraçada.

Certa vez, um colega – contava ele uns quatorze anos – emprestou-lhe um livro contendo as vidas de Nelson, Napoleão, Wellington, Lincoln e Washington, em tradução chinesa. Devolveu-o com um simples bilhete: "É de heróis como estes que a China necessita".

Já nesse tempo, com o dom de chefia que cresceria com a idade, reuniu em um grupo semi-anarquista, a "Nova Sociedade de Estudo", os estudantes, seus colegas, que o prezavam e o seguiam

sem vacilar. Sem um vintém, em 1918, conseguiu chegar a Pequim e entrar, como ajudante de bibliotecário, na Universidade. Com o salário recebido, pagou as inscrições para os estudos que prosseguiu com ardor.

Em 1919, seu nome apareceu como um dos instigadores e participantes do movimento estudantil contra as reivindicações japonesas e contra as arbitrariedades do Tratado de Versalhes em relação à China, movimento de tão vastas e conhecidas conseqüências. Neste mesmo ano, repudiava a mulher que, segundo a tradição, o haviam obrigado a desposar, casou-se, sem consulta à família, com a companheira de sua escolha, uma estudante, Yang Kai Hui, com quem viveu em união feliz durante dez anos, até sua morte, assassinada a mando de Chiang Kai Chek.

O triunfo da revolução russa, que espantou e ecoou no mundo inteiro, despertando polêmicas e discussões, influiu, decisivamente, na juventude intelectual chinesa da época.

Mao e seus amigos, para conseguirem reforçar ainda mais o sentimento antijaponês, associaram-se aos operários e camponeses, acordando-lhes e excitando-lhes o sentimento nacionalista adormecido por tantos anos de humilhações.

As qualidades intrínsecas de chefia do futuro homem de Estado desde então se demonstraram e se impuseram, incontestavelmente.

A vitória do bolchevismo despertou-lhe curiosidade, passando a estudar, mais profundamente, as doutrinas de Marx e de Engels.

Em 1920, inteiramente convertido ao comunismo, participou do Primeiro Congresso do Partido Chinês. Em 1921, com a aprovação e a simpatia de Sun Yat Sen, o Kuomintang e o Kungchantang (partido comunista) se uniram para maior defesa do país.

Em 1924, eleito membro do Comitê Central e Chefe de Propaganda do partido em meio de uma carreira política francamente ascensional, fundou um importante jornal em Shangai.

Enquanto durou a "união sagrada", trabalhou, intensamente de acordo com o Kuomintang. Um dia, porém, Chiang Kai Chek julgou-se forte bastante e bastante seguro do poder. De um Golpe de Estado, passando à perseguição metódica e ao massacre implacável dos antigos companheiros.

Aprisionado, Mao conseguiu fugir e fundou o "maquis" chinês. O tempo passado em Honan, a mando do partido, para estudar as possibilidades que os sindicatos de camponeses ofereciam, deixou-lhe arraigada a convicção de que nos campos se encontrava o mais forte apoio para a revolução que viria.

A princípio lutou dentro do próprio partido. A maioria preferia a doutrina de Moscou, o "Governo do Proletariado".

Quando, poupando o inimigo invasor, Chiang se dedicou à perseguição, sem limites e sem tréguas, dos comunistas, Mao organizou um pequeno exército de camponeses e operários e realizou tais proezas contra as forças do Kuomintang, que os demais comunistas espalhados por todo o país se agruparam sob seu comando.

Em 1934, o ditador, exasperado com o sucesso dos rebeldes, e seguro da vitória fácil, lançou contra aquele pequeno punhado de homens 90 divisões. Estas, equipadas com artilharia e aviação modernas, fornecidas pelos Estados Unidos para o esforço de guerra, contavam ainda com a cooperação técnica de dois generais alemães.

Mao, em um golpe genial, a fim de evitar o esmagamento total e inelutável que lhe infligiria essa força incomparavelmente superior, iniciou, seguido do bando de camponeses, operários, estudantes, mineiros, muitos acompanhados de mulheres e crianças, aos quais se juntaram Chou En Lai e seu grupo, a marcha heróica, a "Grande Marcha" que, ao lado do episódio das Termópilas e da Retirada dos Dez mil, ficará na história como das mais espantosas e magníficas epopéias da humanidade.

Chefiando esse exército de maltrapilhos, de esfarrapados, usando chapéus de folhagens, descalços, cada dia mais enfraquecidos pela fome e mais fortes de esperança, sem medicamento, sem hospitais e sem médicos, Mao, o herdeiro dos lendários guerreiros que povoam os velhos romances da China, Mao empreendeu a retirada que o salvou, caminhando uma média de trinta e cinco quilômetros por dia , num percurso de doze mil quilômetros, atravessando rios, construindo pontes, subindo montanhas, varando florestas, abrindo caminhos e combatendo contra o tempo, contra as intempéries, contra a aviação desalmada e a artilharia de Chiang Kai Chek, contra a adversidade, assistindo, torturado, à morte de sessenta mil de seus companheiros.

No meio dessa luta inumana soube que o governo do Kuomintang, num gesto de vingança mesquinha, mandara assassinar en Cantão, sua jovem esposa, cortando-lhe a cabeça.

Erro psicológico de Chiang Kai Chek, esquecido de que o sofrimento, se domina o fraco, torna ainda mais forte o forte.

Ao chegar à fronteira da Mongólia, viu, tal novo Moisés, que ali estava a terra prometida e fundou a Primeira República Popular Chinesa.

Mais uma decepção o aguardava. A Rússia, em quem acreditava firmemente encontrar um aliado, manteve por longo tempo uma neutralidade simpática ao ditador.

Aos poucos, com os homens que lhe restavam e os parcos recursos de que dispunha, organizou escolas, criou hospitais e cooperativas, redistribuiu as terras, em uma espécie de ensaio geral do que realizaria, alguns anos mais tarde na imensa vastidão da China.

Marxista-leninista, como se proclamava, quis, entretanto, estruturar um sistema de governo apropriado às condições do país, mais adequado às mesmas e que representasse um estágio intermediário entre a etapa que se iniciava e o objetivo final.

Nem ditadura proletária, nem ditadura burguesa. Uma "nova democracia", ditadura firmada nos partidos revolucionários sob a chefia do partido comunista, para destruir os restos do semicolonislismo e do semifeudalismo remanescentes.

Entretanto, apesar de todo seu sucesso, sua elevação ao comando superior não se deu com a facilidade esperada. Só em 1945, o VII Congresso do Kuomintang, após dois anos inteiros de

discussões, que decidiram entre o sistema russo ditadura proletária e o preconizado por Mao, entregou-lhe o comando supremo da nação.

Hoje, porém, Mao Tse Tung, indubitavelmente, encarna a China, seu povo, suas aspirações e suas ambições. É que Mao permaneceu sempre absolutamente chinês.

Marx, Engels, Lenine, foram revolucionários, cosmopolitas. Mao, não! Fez uma revolução "chinesa". Quase todos os que o rodeiam no partido e no governo aprenderam o comunismo no Ocidente.

Chou En Lai em Paris, Choiu Teh em Berlim, Lio Chao Teh em Moscou. Mao nunca havia atravessado as fronteiras do país, até 56 anos. Descobriu Marx em tradução chinesa, em meio de leituras dos Anacletos, dos romances de cavalaria e dos menestréis chineses.

Sua juventude se alimentou dos atos de heroísmo do romance dos "Três Reinos", das lendas épicas do antigo Império, das histórias trágicas das "Jaquerias" fracassadas e do martírio dos Taipings.

O marxismo não foi para ele a fria teoria do filósofo alemão adaptado pelos políticos russos, mas se amoldou aos velhos sonhos de esperança do povo de sua terra, que desde as mais remotas idades, aspirava ao que Marx proclamou, tantos séculos mais tarde, como suprema doutrina.

Seus companheiros de luta e de governo devotam-lhe amizade fraternal e confiança ilimitada. O povo não se cansa de manifestar-lhe espontânea adoração. Comenta, com ternura, suas



Chiang-Hai, a autora, Tse Tung, Kuo Mo Jo na residência do Presidente – Pavilhão da Perfeita Harmonia

maniazinhas de sempre: mastigar grãos de uma espécie de pimenta-malagueta, de fumar, em cadeia ininterrupta, cigarros ordinários. Recitam seus poemas e a eles se referem a cada instante.

Sua força de vontade é lendária. Entre mil casos citam, seguidamente, o sucedido na Mongólia, onde se pôs nu debaixo da chuva glacial, em pleno inverno, "para dominar a carcaça".

Apesar de nunca haver saído da China até quando de sua viagem a Moscou, lê o inglês com facilidade, possui sólida cultura e perfeito conhecimento da política internacional.

Seu gênio poético, o perfeito domínio da língua, o gosto na escolha do vocábulo justo e apropriado, tornaram Mao Tse Tung o mais brilhante, querido e respeitado dos oradores atuais. Mesmo quando se dirige a auditório inculto, sabe se fazer compreender. Discorre, sem temor, sobre os mais áridos temas da doutrina e filosofia marxista, servindo-se de linguagem clara e de metáforas poéticas, dominando assim seus ouvintes.

"Pincel dos Brejos do Sul" é também escritor de escol. Em sua primeira obra, publicada em 1938, "Sobre uma guerra que se prolonga", estudou a luta contra o Japão. No mesmo ano terminou "Sobre uma nova fase", na qual analisou o armistício tácito entre o Kuomintang e o Japão. Mais tarde, no "para um Governo de coalisão", demonstrou a vantagem da união do Kungchantang com o Kuomintang, para uma guerra mais eficaz contra o Japão. Em 1947, apresentou um relatório do Comitê do partido "A situação presente e o nosso dever", traçando as diretrizes do governo.

Em sério estudo militar, "Os problemas da guerra revolucionária chinesa", mostrou um grande conhecimento de estratégia.

"O Discurso de 1949 para precisar a concepção da democracia popular" transformou-se em um catecismo da doutrina.

Talvez, o mais importante de seus trabalhos políticos seja a "Nova Democracia" onde dissecou todo o programa em que se firmou a República Popular Chinesa, livro esse estudado e comentado no país inteiro e com grande repercussão em todo o continente asiático.

Jornalistas e estudiosos da China e do Ocidente, seguidamente indagam porque Mao Tse Tung persiste em usar o nome de comunista para o seu sistema de governo, dadas as profundas divergências, pelo menos aparentes, com o sistema proletário russo. O presidente explicou que lhe parecia uma sorte de traição abandonar o termo de Kungchantang, que, com o de Paluchum (Oitavo Exército), célebres e populares, evocam combates gloriosos e simbolizam para a nação a independência, o ideal em nome dos quais milhares de intelectuais, operários e camponeses haviam sacrificado a vida.

Ademais, os princípios da revolução chinesa permanecem idênticos aos do materialismo histórico, cuja meta final é o comunismo, uma vez atingido o desenvolvimento industrial do país e a educação de seu povo. Mao Tse Tung é, hoje, o sucessor de Marx, de Engels, de Lenine e os conhecedores da questão não guardam dúvidas a esse respeito. Sua nacionalidade nenhuma influência exerce. Esse pontificado tanto poderia caber a um francês,

a um alemão quanto a um russo. E Mao Tse Tung, indubitavelmente, é no momento, a primeira personalidade do comunismo mundial: marxista absolutamente ortodoxo, embora adapte a doutrina às condições de seu povo.

Impossível me parece comparar Mao Tse Tung a Chiang Kai Chek, homem de forte personalidade, lutador, mas cruel, ególatra, vingativo, mesquinho, implacável e sem cultura. Só a maneira com que se vingou, punindo até a morte o general Yang e sua família, pelo incidente de Sian, exterminando três gerações, sem perdoar nem mesmo as crianças de tenra idade, prova assaz a crueldade e a insensibilidade do ditador.

Mao Tse Tung, pela sua grande cultura, seus dons de poeta e artista e sua formação budista, inegavelmente, se deixa guiar por sentimentos outros, que não apenas os do frio materialismo.

É considerado como um dos grandes poetas contemporâneos. Uma edição limitada de suas poesias "Poemas da Areia e do Vento" assegurou definitivamente essa reputação.

Quando, em 1945, entrou pela primeira vez em um avião, oferecido pelas forças americanas, para ir conferenciar com Chiang Kai Chek, em Chunquing, escreveu em um poema "A Neve" suas impressões do vôo, contando a visão de beleza da paisagem vista lá do alto. Esse poema é reputado como o mais perfeito da moderna poesia chinesa.

Mao casou-se pela terceira vez com Lao Ping, artista de cinema, membro do partido desde 1933 e que abandonou os sucessos da vida brilhante de Shangai, indo representar para o povo

no interior do Yenan. Hoje o ajuda e o acompanha na árdua tarefa que lhe coube.

Como um raio, passou-me assim pela mente, a vida magnífica daquele homem simples, de gestos calmos, expressão de serenidade e segurança, de modéstia e grandeza.

***

Perguntou-me, logo quando chegara, como me sentia na China e o que já vira. Sua voz é doce e medida. Fala lentamente.

Disse-me do prazer que lhe causava a vinda de brasileiros a seu país. Referiu-se longamente ao pouco que ainda realizara e ao muito mais que ainda devia aprender para atingir a meta de seu ideal.

Os presentes ouviam-no calados, quase com devoção.

Indagou-me o que mais me agradara até aquele momento, na minha visita à China.

– A beleza de Pequim me subjugou, Presidente, e a de seus monumentos...

– Os monumentos e palácios de Pequim – interrompeu – indiscutivelmente belos, representam, entretanto, Senhora, o sacrifício do povo, lágrimas e sangue de muitos para o gozo de poucos.

– Mas aí estão, Presidente, testemunhas do passado, do sofrimento, das lágrimas. Mas, também, da glória e da grandeza da China daquele tempo. Surpreendeu-se também, Presidente, a existência ao lado do Templo do Céu, da exposição da indústria moderna chinesa. É a continuação magnífica do esforço do seu povo.

Contei-lhe que havia visitado, na véspera, os "ateliers" dos jovens artistas e verificara o auxílio imenso que lhes prestava o governo.

– Os artistas são sempre sonhadores, Senhora, não tem o conceito de realidade...

– Nem de lógica, Presidente, o artista nasce livre, e essa liberdade lhe é intrínseca. Vossa Excelência – melhor que ninguém o sabe, porque poeta é também artista, na feitura da caligrafia.

Mao Tse Tung soltou gostosa gargalhada.

– Poderia, Senhora, explicar-me porque os jovens de agora pintam e esculpem apenas soldados e heróis?

– De quem a culpa, Presidente? Não será dessa nossa época semibárbara? O tempo lhes abrirá novo caminho.

Contestou que talvez tivesse eu razão e que também almejava "que todas as flores florescessem nos jardins da China".

Nessa frase verifiquei o progresso para maior liberdade de expressão.

Indagou-me quando partia, dizendo que devia demorar-me mais, conhecer melhor o país e a obra que tentavam construir. Referiu-se ao interesse que votava às populações da América do Sul, de condições de vida tão semelhantes às da China, "que éramos irmãos, que juntos venceríamos todas as dificuldades", que eu dissesse aos meus amigos do Brasil que visitassem seu país e verificassem a afeição e estima que ali os esperam. Disse-me que seu governo e seu povo seguiam, com interesse e simpatia, o desenvolvimento do Brasil. Aludiu à admiração que votavam ao grande homem que foi Getúlio Vargas



A despedida – A autora, Wou Mau Sou, Mao Tse Tung

e à sua obra, e o quanto lamentaram sua morte em holocausto aos ideais de sua pátria.

Agradeci e lhe afirmei, com orgulho, estar convencida de que o espírito de Vargas, cada dia mais vivo e mais forte, dirigirá por muitos e muitos anos os destinos de minha terra.

Mencionou, de passagem, a reunião da UNESCO e o incidente de Suez e a admiração que voltava à Índia, a quem a China devia tanto de sua civilização. Pedi-lhe então permissão para uma pergunta indiscreta:

– Seria verdade haver o Presidente convidado Chiang Kai Chek para participar, como Ministro, de seu governo?

Mão Tse Tung perdeu o olhar no vago:

– Não convidei, mas lhe daria um alto posto no governo. O essencial, o indispensável, é a união do Povo Chinês e a libertação de nossos irmãos que ainda sofrem em Formosa.

Depois de uma três xícaras de chá e de alguns cigarros, despedi-me, agradeci a honra e o prazer que me proporcionara em receber-me de maneira tão generosa, dando-me um pouco de seu tempo precioso.

Mao Tse Tung, em um assomo de modéstia, possível apenas no Oriente e na China, pediu-me, como se faz em qualquer repartição pública, escola ou hospital que se visita ali, que perdoasse as falhas que encontrasse no país e que lhe fizesse chegar sugestões para corrigi-las.

Apesar de todos os sofrimentos e lutas de sua vida épica, Mao jamais aparenta aspereza no olhar ou na entonação da voz, suave e calma. Ao contrário. Suas observações, durante a palestra,

demonstraram um grande senso histórico, como pensador que apenas sente, profundamente, as injustiças sofridas durante tão largo espaço de tempo pelo continente asiático.

Saímos, e com surpresa vi Mao Tse Tung vestir um sobretudo e enterrar na cabeça um casquete, ambos de cor idêntica ao costuma bege-cinza, e nos acompanhar até o automóvel através dos três pátios, com um vento frio que soprava cantando e uma lua de cristal enfiada no lago gelado, em uma paisagem de sonho.

Mais uma despedida e o automóvel partiu, enquanto o "Cavaleiro da Floresta Verde" de pé, nos mandou um último cumprimento.

***



A Viagem

De Hong-Kong a Cantão

Em Kolow, na Baía dos Perfumes, abandonei os encantos de Hong-Kong para, num trenzinho sujo, ir até à fronteira da China.

Mais ou menos uma hora após a partida, um incidente macabro fez parar bruscamente o comboio. Assustei-me, na ignorância do que sucedera. Nesse outono de 1956 eram freqüentes os incidentes de fronteira.

Um pobre diabo se jogara sob as rodas da locomotiva, que o cortara em dois pedaços. Nenhuma alteração notei nos poucos passageiros, nem nos trabalhadores que ocorreram dos campos e que me lembravam, seguramente pelos vastos chapéus que usavam, imensos cogumelos ambulantes.

Impassíveis, olhavam todos aquelas pernas sem dono a sangrar desesperadamente, deixando transparecer uma impressionante calma, quase indiferença, resultante talvez do célebre fatalismo oriental ou, quem sabe, do perfeito domínio dos nervos e dos sentidos.

Atirados para o mesmo lado, pernas e tronco, o trenzinho seguiu, sem uma única exclamação de ninguém.

A fronteira inglesa fica a quatro horas de Hong-Kong, em Lowe e a chinesa em Shum-Shum. Soldados ingleses e soldados da Estrela Vermelha guardam as duas extremidades de uma ponte

de uns quinhentos metros de comprimento. O representante da "China Travel Bureau" que me acompanhara desde Hong-Kong, entregou minha bagagem a uns "coolies" e despediu-se.

– E agora? Perguntava-me a mim mesma, perplexa, sem falar e sem entender chinês, como me arranjarei?

Os ingleses da Polícia e da Alfândega despacharam, rápida e gentilmente, meus papéis e me desejaram "Boa Volta". E lá me fui eu... Passei pelos soldados ingleses, caminhei pelo "no man´s land", pela ponte que me pareceu interminável e pelos soldados de Mao Tse Tung.

Nesse espaço de tempo, necessário para atravessar da Democracia ao Comunismo – senti uma emoção estranha, uma espécie de angústia ancestral, que me apertava a garganta.

Deixava uma civilização conhecida, que era a minha, por outra ignorada e misteriosa.

Encontrei, afinal, a China vermelha em sua bandeira, mas azul no trajar de seus habitantes, o planeta China, com seus 10.455.279 Km^2, seus seis mil anos de história desvendada e seus seiscentos milhões de habitantes.

Apenas uma três pessoas entravam naquele dia na terra de Mao Tse Tung. Imediatamente vi aproximar-se um jovem simpático e sorridente que me saudou em um francês puríssimo.

– "Bonjour, Madame. Je suis King, envoyé par I´Institut des Affaires Etrangères pour vous recevoir et vous servir d´interprète."

Que alívio! Poderia compreender e me fazer entender...

Uma estação verde-claro, toda florida, de limpeza impecável, e não fossem os colossais cartazes vermelhos, cobertos de sinais, que se me afiguram mágicos, não fossem os soldados da Estrela Vermelha, não fosse a multidão azul, e eu me acreditaria na Suíça.

Estrelas doiradas brilhavam nos bonés das sentinelas postadas nas entradas da estação. Mais tarde verificaria que apenas nas fronteiras existem tais precauções.

Uma Alfândega solícita e amável, e King, que sempre em um francês impecável me explicava a magia dos cartazes "Votos de Boas-Vindas", "Votos pela Paz Universal", "De Amizade entre os Homens", etc., King, que esclarecia como viajaríamos até Cantão; King, que me conduzia a uma sala espaçosa e silenciosa, onde me serviram um chá perfumado a jasmim e onde me deixaram descansar tranqüila por alguns minutos; tudo isto tornou-me a chegada natural e agradável.

A amabilidade e a polidez incomparáveis do Oriente, característicos da China, se personificaram não só em King, que se ocupou de minha bagagem e depois de ligeiro descanso convidou-me a almoçar no primeiro andar da estação, mas também nos três funcionários que me facilitaram todas as formalidades e me acompanharam na minha primeira e deliciosa refeição chinesa.

A angústia aos poucos se dissipava, deixando lugar a uma intensa curiosidade do desconhecido que me aguardava.

***

Uma multidão azul saía do comboio que chegara. Outra, igualmente azul, entrava em fila pela porta da estação para o que partiria.

King levou-me ao vagão, mostrou-me a bagagem já nele colocada.

Iríamos juntos até Cantão. A surpresa crescia. Os carros, muito mais confortáveis que os de Hong-Kong, tão limpos e tão higiênicos como os melhores do Ocidente, estavam repletos.

Homens, mulheres, velhos, crianças, todos sadios, bem vestidos, todos iguais. Todos alegres, conversavam barulhentamente. Vi que despertava curiosidade, mas uma curiosidade benevolente, e um certo orgulho de mostrar ao estrangeiro a pátria afinal independente.

King é um jovem intelectual do novo regime como tantos outros que eu encontraria, durante minha viagem, cheio de entusiasmo e de boa vontade.

Disse-me logo do prazer de ver-me chegar em momento propício para assistir à transformação de Cantão, em cidade pioneira para todo o sul do país. O governo empreendera a nacionalização de 80% das empresas e inauguraria, dentro de poucos dias, o bairro recém-construído graças ao financiamento proporcionado por chineses residentes no estrangeiro, que retornam, cada dia em maior número, à pátria, assim como uma vasta exposição industrial instalada em novos locais apropriadamente edificados.

Contou-me de suas esperanças e alegrias, que eram as da juventude chinesa, que hoje pode educar-se, instruir-se e conseguir

trabalho, gozando saúde, graças aos métodos de higiene e prática dos esportes. Falou-me do orgulho que sentem, como cidadãos, de uma nação universalmente respeitada. Servia-me chá, que a cada quarto de hora, uns e outros preparavam, em copos colocados sobre as mesinhas de cobre brilhante, por empregados vestidos de branco, e oferecida a todo o vagão.

Traduzia-me as notícias e o título das canções que um alto-falante despejava em ondas sobre os passageiros, com interrupções apenas para conselhos. Estes diziam como cuidar das crianças durante a viagem, davam indicações aos que deviam descer, enumerando ainda o que se encontraria á venda nas próximas estações. Esse alto-falante e essa música estranha atordoavam e traziam-me um cansaço mental insuportável.

O entusiasmo sincero de King, jovial e transbordante, não arrefeceu até Cantão e deixou-me uma impressão de frescura e de mocidade honestas.

Em Cantão, onde chegamos à noitinha, encontrei acolhida amistosa. Chieng Fao Chi, representante da Municipalidade, Yung Chi-Chang, escultor e Chieng Hi Fu, do "Inter-Tourist Bureau" esperavam-me e levaram-me ao hotel, em um velho automóvel americano, de antes do bloqueio.

O "Hotel do Amor das Massas" ocupa um edifício cinzento, de quinze andares e domina o rio das Pérolas, ondulante de juncos, sapas e barcaças ornamentais de lanterninhas e bandeirinhas vermelhas. Uma placa em chinês, outra em russo, colocadas de ambos os lados da porta de entrada, precisam que o hotel se destina a receber os visitantes estrangeiros.

O quarto sem luxo, mas limpíssimo e confortável, dava para o rio e para a cidade iluminada em uma fantasmagoria – tão linda que me fez esquecer a fadiga da viagem e do alto-falante desesperante. No quarto de banho encontrei sabonete, gênero "Palmolive", escova de dentes em caixa de plástico e pasta de dentes, parecida "Colgate", tudo "*made in China*". Uma sala imensa, no andar térreo, que serve de restaurante se achava repleta e borbulhante. Cozinha chinesa e ocidental.

Alemães do bloco comunista, poloneses, russos, pouco franceses, e poucos ingleses, um grupo de artistas de cinema, tchecos. Chineses e japoneses, em uma grande mesa, confabulavam, alegremente.

Aí jantei com o mesmo grupo que me havia esperado na estação. Todos moços, vivos e inteligentes. Todos, se expressando em inglês, facilmente, tornaram o jantar festivo e interessante. Notei que de todas as mesas só os japoneses haviam escolhido a cozinha ocidental e comiam de garfo e faca, enquanto fazíamos, valentemente, a experiência dos "pauzinhos".

Submeteram-me meus companheiros um plano de viagem. Poderia partir de avião, às cinco horas da manhã, onde havia lugar, para Pequim, deixando a visita de Cantão para a volta. Às quatro da manhã o telefone da cabeceira avisou-me que me esperavam para a partida. Ao deixar o quarto, onde o serviço fora perfeito, quis dar uma gratificação aos empregados. Estava só. Recebi, com um agradecimento, uma recusa polida.

– "Depois da" libertação"– disse-me um deles – "o trabalhador ganha o suficiente para viver, honradamente, de seu trabalho, sem necessidade de auxílios extras".

Isso em um inglês "*pidgin*", mas que me deixou confusa.

Não obstante a hora matinal, os três que me buscaram à chegada conduziram-me ao belo e novo aeroporto.

Despedi-me dos amigos com a promessa de novo encontro na volta. Apresentaram-me a um Senhor chinês que viajaria até Pequim e que, falando inglês, me prestaria a ajuda que necessitasse.

Depois de sete horas de vôo, sempre baixo, em um Dakota, onde não se podia fumar, nem havia cintos de segurança, provido de bancos laterais porque as poltronas eram poucos; depois de duas paradas intermediárias, na segunda almoçamos, deliciosamente, em um lindo restaurante de um grande aeroporto; depois de ouvir, durante sete horas, todos os louvores ao Governo Popular e às belezas sem par da Capital do Norte, cantados pelo meu companheiro de viagem e por um diplomata europeu que voltava ao posto, cheguei, afinal, a Pequim.

***



Panorama Histórico, Social, Cultural e Econômico

História

Antes de relatar as impressões recebidas e as experiências vividas nessa nova civilização, tão diferente de tudo que havia conhecido, procurei avaliar, ainda que em visão panorâmica, a história e as condições culturais e econômicas da China.

A gente imagina a história da China, como um imperador amarelo, de mãos muito finas, terminadas por unhas demasiado longas e pontiagudas, de olhos oblíquos, sentado em um trono de laca vermelha, sorrindo perversamente, coberto de brocados e de jades, rodeado de esculturas de marfim, e de vasos dourados, de onde sobe a fumaça do incenso, seguro de seus tesouros e confiante na inviolabilidade de seu poder, no centro de uma Ásia tranqüilamente adormecida.

A história, entretanto, é bem diferente.

Após os períodos de invasões e transmigrações que se perdem na noite dos tempos, de uma época feudal tumultuosa, surgiu afinal o Império.

A unidade do país realizou-se lentamente, em meio de "Jaqueiras" e revoluções, sempre provocadas pelos camponeses, em busca da sonhada reforma agrária, em meio de guerras e discórdias, que durante séculos monotonamente se repetiram. – "a cada cinqüenta anos, nascida de uma revolução, surgia uma dinastia, a que outra se sucederia sempre pelos mesmos motivos: a

desmoralização do governo, invariavelmente alheio às necessidades do povo". É assim que os historiadores chineses contam a história da velha China e de suas dinastias.

A China se denominava Tein Hio (Sob o Céu) para afirmar que abrangia o mundo inteiro, ou Tshoung Kouo (o Império do Meio) que dominava o resto do universo. Naquele imenso continente, auto-suficiente, os chineses, conscientes de sua velha cultura, não buscavam impor sua civilização aos povos bárbaros circunvizinhos que se foram entretanto, sinizando, lentamente.

Daí a declaração de Mencius – "Já ouvimos dizer que as idéias e os princípios chineses converteram muitos bárbaros, mas nunca soubemos que os bárbaros houvessem, em qualquer tempo, influenciado a China", Tseu-Ma-Tsien, já no primeiro século a.C., conta, minuciosamente, em suas "Memórias Históricas", a origem do Império, a conduta dos imperadores, os acontecimentos de maior relevo dessa velha época de milênios, que ainda hoje vivem na lembrança do povo como lendas, romances e peças de teatro. Mesmo depois da revolução, tanto o povo quanto a elite mantêm a tradição milenar cantando, com orgulho, os episódios esculpidos em versos imortais.

Em 1938, por exemplo, Chen Tsie Hei, representante do Kuomintang em Londres, recebeu de Nanquim, para transmitir ao "Foreign Office", um telegrama reclamando o auxílio financeiro prometido, nos seguintes termos: "Chorarei amargamente na corte de Tchin."

A mensagem foi convenientemente interpretada pelo diplomata. Em 505 a.C., certo ministro conseguiria, para seu imperador, o apoio do rei Tchin, chorando sete dias e sete noites, às portas de seu palácio.

Em 1948, o jornal de Shangai, – Yi Che Pao -, para explicar a situação política do momento, serviu-se de um trecho dos "Anais" de 1664: "O imperador continua digno de suas funções. Seus ministros, porém, não se mostram à altura de seus deveres."

Mesmo os chefes da revolução, que modificou totalmente a estrutura política, econômica e social do país, referem-se, seguidamente, ao passado. Sun Yat Sen, em suas memórias-testamento, declarou: "Nunca te esqueças do passado que deve ser teu mestre no futuro."

Mão Tse Tung, em sua obra sobre a estratégia militar, estuda a "Tática da Guerra nos Períodos da Primavera e do Outono" e a dos "Reinos Combatentes" que datam de dois mil anos.

E na epopéia da "Grande Marcha", em 1935, diante do rio Tatou, recordou-se das batalhas ali ocorridas e da derrota sofrida pelos Taipings, cujo comandante, para comemorar o aniversário de um filho, ali se deteve, três dias, permitindo que os exércitos inimigos lhe cortassem o caminho. Mao Tse Tung atravessou, rapidamente, o rio e conseguiu escapar das numerosas forças que o perseguiam.

***

A China lendária também tem seu Dilúvio, e sua história, desvendada, é mais velha que a de Israel de mil anos.

No começo, tudo era caos. Pank, que viveu durante esse período, separou o Céu da Terra.

Na véspera de sua morte, chorou. Suas lágrimas formaram o rio Amarelo e o rio Azul. De sua respiração nasceu o vento. De sua voz, o trovão. De seu olhar, o raio. De seus ossos, as montanhas. De seu olho direito nasceu o Sol e do esquerdo, a Lua. Sua gordura derretida formou o mar da China e seus vermes, o povo chinês.

Antes da morte entregou seu povo a um triunvirato superior, o Senhor do Céu, o Senhor da Terra, ambos com doze cabeças, e o Senhor do Homem, aquinhoado apenas com nove cabeças e que viveu quarenta e dois mil anos.

Nem a história, nem a lenda mencionam a data certa desse Dilúvio, mas dizem que aconteceu na época da rainha Niu-Wu, metade belíssima mulher, e serpente a outra metade. Os rios e os oceanos cobriram as terras e as montanhas, e os astros se liquidificaram. Um dia, a rainha, exasperada, rompeu a Pedra das Cinco Cores, cessaram as chuvas e, como por encanto, as águas baixaram.

***

Mais tarde, muito mais tarde, aparece o imperador Hoag-Ti, nome que a história não explica se designa apenas um homem ou todo um ciclo.

É aí que a China deixa a lenda para entrar na história.

Quando quase toda a humanidade dispunha apenas de peles de animais para cobrir-lhe a nudez, e habitava em cavernas, como feras, no reino de Hoag-Ti construíram-se casas, cultivava-se a terra, dividida por cadastros, os soldados vestiam brilhantes uniformes desenhados pelo imperador e a imperatriz introduzia o plantio da amoreira para a sericicultura e iniciava a tecelagem de seda.

Grande época, na qual o soberano se rodeava de homens superiores e escolhia, para seu sucessor, quem julgasse mais digno do trono.

E assim se sucederam You, o Virtuoso, Chouen, o Magnânimo, e Yao, o Grande.

You, primeiro dos imperadores Hias, que governaram de 2205 a 1766 a.C., despachou dois emissários, para o sul e para o norte, a fim de medir suas terras, criou a primeira rede de canais, mandando aprofundar o leito dos pequenos afluentes do rio Amarelo, e levou-o até ao mar.

A história menciona os Hias como grandes administradores, como criadores e organizadores da agricultura, e como guerreiros valentes.

O último, no entanto, esquecido da tradição dos antepassados, entregou-se a uma vida de prazeres e para satisfazer caprichos da concubina preferida, construiu em seus jardins uma sorte de piscina, que mandou encher de vinho, enquanto o povo morria de fome. "O céu retirou o poder que lhe havia concedido" e permitiu que um dos príncipes da corte usurpasse o trono.

***

Cinqüenta e nova imperadores Changs, de 1766 a 1122 a.C., reinaram então no Império do Meio. Introduziram a cultura de cereais, desenvolveram extraordinariamente a sericicultura e descobriram a arte de fundir o bronze, a princípio destinado às armaduras, espadas e capacetes, logo em seguida, empregado na criação desses maravilhosos vasos de sacrifícios e de cerimoniais, ainda hoje objeto da admiração e da cobiça dos colecionadores.

O último deles foi o Imperador Cheo-Si, cruel e debochado, que, inteiramente dominado por uma concubina, se entregou às maiores extravagâncias sem se aperceber da ameaça dos Hunos ao Império.

Um príncipe Tcheou chefiou, então, uma revolta vitoriosa.

O último dos Changs vestiu-se de seus mais belos brocados, cobriu-se de suas mais raras jóias, de pérolas e jades, incendiou seu palácio e se atirou na fogueira.

E vieram os Tcheou de 1122 a 255 a.C.

O Imperador Wen fez desaparecer qualquer vestígio que restasse dos Changs. Verificando, logo no início de seu reinado, que o ferro era mais forte que o bronze, determinou a fabricação das primeiras armas de ferro.

Marcou essa dinastia o princípio do conflito feudal na China.

O Duque de Tcheou foi o mais célebre da família. Irmão do imperador, regente do Império na menoridade do sobrinho,

grande reformador, ficou consagrado pela história como o "Santo da China Imperial". Sistematizou os impostos, dividiu o Império em nove províncias, todas representando um quadrado perfeito. Cada província se subdividia geometricamente em pequenas propriedades e em cada uma deles viviam e trabalhavam oito famílias.

Das colheitas cabia a nona parte, na província imperial, ao imperador, e nas outras, aos governadores respectivos. Seis ministros administravam o país. Os camponeses cultivavam a terra, que lhes coubera na distribuição, até aos sessenta anos, para devolvê-la, em seguida, ao Estado que veria sua manutenção durante a velhice, até à morte. Foi, sem dúvida, o primeiro ensaio de reforma agrária com bases comunistas, ainda que rudimentares.

Tcheou elevou templos ao Céu e à Terra e estabeleceu o culto dos antepassados.

Essa dinastia durou novecentos anos e presidiu à formação do período clássico da cultura chinesa. Pertencem, com efeito, a essa era os fundadores das três grandes escolas de filosofia: Confúcio, que adaptou o Shuking escrito por um imperador, oito séculos antes, e elaborou um sistema ético para as relações humanas; Lau Tseu, criador do Taoísmo, o "Mestre Venerável", bibliotecário da corte, na mocidade, e que nos legou o Tao To King, estudo das forças naturais, e Buda, que da Índia, enviou a mensagem de doçura, que iria revolucionar completamente a noção de castas.

O Gnosticismo e o Agnosticismo, o Classicismo, o Romantismo e o Budismo, que surgia, abriram o caminho a todas as especulações do espírito.

Os últimos imperadores da dinastia tornaram-se indignos dos antepassados.

Os Hunos invadiram as fronteiras em 771 a.C. e assassinaram o imperador Yeou, o Degenerado, que dominado por uma concubina, abandonou-lhe o poder, passando os dias em um salão escuro, deliciando-se com o ruído que faz o rasgar da seda. Seu filho instalou-se no Honan, mas enfraquecido e sem autoridade, deixou que o poder passasse às mãos dos senhores feudais que não mais o reconheceram como chefe supremo da nação. No entanto, durante esse período, conhecido por "Primavera e Outono" – 770-481 a.C., as guerras entre os diferentes Estados e clãs continuavam leais, regradas por um cavalheirismo que humanizava os combates e obrigava os guerreiros a prestar homenagem ao inimigo vencido.

***

Na Era dos Reis Combatentes, a China encontrava-se dividida em cento e vinte Estados Feudais, governados por Senhores que haviam recebido cartas de outorga, dos últimos Tcheus.

De 481 a 255 a.C., as guerras se fizeram cruéis ao extremo, executando-se os prisioneiros e massacrando-se os habitantes das cidades vencidas. A força bruta e a astúcia se substituíram à nobreza do cavalheirismo que até então predominava.

"A Escola de Leis", fundada nessa época, preconizava a prioridade absoluta da "razão de Estado" e essa doutrina aplicada criou um regime terrível e totalitário, onde a única lei indiscutida

era a vontade do chefe. Aos poucos, um dos Senhores acabou por dominar todos os outros.

Ao vencedor, o imperador Tsin Tcheo Houang, coube a glória de fundar uma dinastia e dar seu nome, para sempre, ao Império do Meio que passou a se denominar China. Os Tsin governaram de 255 a 206 a.C.

Reconquistadas todas as províncias, Tsin Cheo Houang organizou uma administração central, denominada, implacável, mas de máxima eficiência.

Destruiu o feudalismo, combateu os Tártaros, deixando um das maiores obras de engenharia que a humanidade jamais produziu: a Grande Muralha, com vinte e três mil quilômetros de extensão, seis e meio metros de largura e sete de altura ritmada pelas torres de ronda. A Grande Muralha que, derrotando os séculos que passaram, permanece em desafio aos que virão. A Grande Muralha que, erguida, com o sangue de centenas de deportados políticos, de soldados, de camponeses, de poetas e de artistas, ficará como testemunho eterno, insensível e implacável das adversidades e das glórias do país, do sofrimento e das lágrimas de seu povo.

Seis meses de calor tórrido e seis meses de frio glacial faziam da construção da muralha uma autêntica condenação à morte.

Ainda hoje, a baladas, o romance e o teatro cantam os episódios e as tragédias dessa obra, integradas todas na literatura e na paisagem da China.

Déspota e cruel, o Imperador Tsin decidiu, igualmente, modelar a alma do povo à sua fantasia. Mandou queimar em colossais fogueiras, todos os livros existentes, exceção dos Anais e

dos Tratados de Medicina e de Magia, e mandou enterrar vivos os artistas, os poetas e os intelectuais que ousavam protestar contra sua vontade soberana.

Em 213 a.C., ordenou que se unificasse a caligrafia e oficializou a doutrina de Confúcio, que se tornou a religião do Império.

Seu filho e herdeiro, fraco e sem nenhuma de suas qualidades, terminou com a dinastia que não durou senão quatorze anos, mas fundou um Império, que resistiria, com pequenas modificações, dois mil e trinta e dois anos, que vão daí até à Proclamação da República.

***

Liou Pang iniciou no ano 206 a.C. a Dinastia Han, que permaneceu no governo durante quatro séculos, até o ano de 220 da nossa era, tendo dado o nome de "filhos de Han" às populações do norte da China.

Os primeiros Han reorganizaram o sistema de impostos e, afora as freqüentes expedições que fizeram à Mongólia, a nação viveu em paz e prosperidade. Influenciados beneficamente pelo Taoísmo, suprimiram as drásticas Leis de Tsin. Os livros saíram dos esconderijos e muitos se reimprimiram de memória.

Wou, "o Grande Imperador", com o fito de diminuir a importância da aristocracia existente, criou uma espécie de casta de intelectuais a quem confiou importantes cargos de governo. Foi o princípio dos mandarins.

Estabeleceu com os vizinhos uma política de alianças, levou seus domínios até à Coréia e à Mongólia ao norte; ao Anam, ao sul, e ao Turquestão, a oeste. Abriu novas estradas através da Birmânia até o mar.

O comércio e as idéias circularam livremente. As letras floresceram e se propagaram. Tudo isso facilitado com os primeiros moldes de tipografia que permitiram a impressão de um sem-número de obras.

Após uma série de monarcas sem personalidade e sem moral, um príncipe imperial, Wang Mang, logo no início de nossa era, usurpou o trono e procurou realizar uma experiência renovadora, mediante a redistribuição de terras aos camponeses, com uma correlata reforma no sistema tributário, tudo isso obedecendo a um sistema de economia estritamente dirigida. A má vontade dos funcionários e da classe privilegiada impediu o sucesso da reforma. Os resultados volveram-se desastrosos e em seguida a um período de tumultos, de misérias e de fome, voltou a Dinastia Han, que instalou uma nova capital no Lo-Yang. O Imperador Kouan Wou, retomou os preceitos de Confúcio, para melhor firmar sua autoridade.

A calma reinou no país durante certo tempo. Por volta dessa época, Marco Polo enviou um emissário ao Filho do Céu, o que constituiu a primeira relação oficial do Ocidente com o Império do Meio.

E a história, se repete: de novo monarcas fracos, dominados por eunucos ou por concubinas. De novo as intrigas, numa corte dissoluta, derrubam a dinastia.

Os Han, porém, vivem na memória do povo pela tradição de seus quatro séculos de reinado brilhante.

***

Aos Han se seguiu um ciclo turbulento, de desintegração, que se prolongou de 220 a 591 de nossa era, e denominado as "Seis Dinastias" pelos historiadores chineses. De 220 a 280 Três Reinos disputavam a supremacia do poder e entraram na lenda com o "Romance dos Três Reinos", que o teatro e os contadores de histórias, tão populares e tão queridos na China, constantemente repetem com o mesmo encantamento do público.

A Dinastia Tsin de novo reuniu a China sob seu cetro entre 280 a 316. Os Hunos, porém, forçaram as fronteiras, atravessaram a Grande Muralha e se apoderaram do imperador que levaram prisioneiro.

Outro Tsin estabelece em Chen-Si a sede do Império. Os Hunos voltam, cercam a capital e de novo carregam preso, como troféu, o pobre imperador. Outro, ainda, se refugia em Nanquim que transformou em capital do Império, abandonando o Norte aos bárbaros, que deram livre curso a sua selvageria. Um dos chefes hunos, ao tomar posse da cidade conquistada, fez assar as concubinas imperiais, impossibilitadas de fugir, tendo oferecido essa especiaria delicada a seus convidados.

A tribo turca Tabghatch venceu afinal os demais bárbaros, constituiu um Estado Forte e expulsou de vez os outros invasores.

O Imperador Tai Wou instalou definitivamente a dinastia Wei e buscou harmonizar as idéias e os costumes turcos aos chineses. E seus sucessores se ambientaram de tal forma ao país, que obrigaram os oficiais turcos, que ali ainda permaneciam, a usar a língua e os trajes chineses. Um deles chegou a renunciar à coroa para se fazer Bonzo. Foi o momento do fortalecimento do budismo. O imperador mandou monges à Índia em busca dos textos sagrados que foram imediatamente traduzidos para o chinês.

A Imperatriz Hqu, apesar de cruel e sanguinária, ordenou, durante seu reinado, que se esculpissem e ornassem de pinturas as famosas grutas-templo que testemunham a elevação da fé e da arte daquele tempo.

***

Outra vez recomeçaram as guerrilhas e a confusão.

Um ministro, representante de um dos Estados do Norte consegue organizar a administração sob seu governo e dá começo, em 581, à Dinastia Souei que durará até 618.

Em oito anos o primeiro Imperador Wen-Ti dominou os Estados do Norte e do Sul refazendo a união do Império.

Seu filho Yang-Ti, na louca ambição do poder, fê-lo assassinar.

Mudou a capital para Lo-Yang onde construiu um palácio digno de seu desesperado amor pelo luxo e de sua desvairada imaginação. Nos imensos lagos que se estendiam pelos parques, um exército de amazonas acompanhava-o em suas excursões e, à

noite, em seus passeios náuticos, quando milhares de lanternas se refletiam nas águas, centenas de bailarinas e de cantoras procuravam estancar sua sede de prazeres, jamais satisfeita.

A história denominou-se, apesar de todas as loucuras, de o "Grande Yang-Ti", por haver feito cavar, com três milhões e seiscentos mil homens requisitados como soldados e transformados em escravos, o Grande Canal, de 1.500 Km de comprimento, obra de engelharia colossal que ligou o rio Amarelo ao Yang-Tse e facilitou as comunicações entre o norte e o sul do país, desde aí instituídas.

Yang encontrou o mesmo destino trágico do pai. Morreu assassinado durante uma de suas festas estupendas, mas vive lendário na imaginação popular, a quem sempre apraz as histórias de jovens príncipes de vida aventureira e luxuosa.

Aos turcos, que venceram e assassinaram Yang, devem o poder os Tang que governaram a China de 618 a 907.

O segundo da dinastia foi Li Che-Mi que reuniu de novo todas as províncias sob o poder central, e para se firmar mais solidamente o trono mandou assassinar seus irmãos e cunhadas. Anexou a Mongólia e assinou tratados com os bárbaros, que, receosos das cavalarias imperiais, respeitaram as fronteiras do Império.

Enviou embaixadas à Pérsia, às Índias, e a Bizâncio. Nomeou sátrapas até o mar Cáspio. O Tibete lhe pagou altos tributos.

Reformou as leis que regiam o Estado, criou um sistema de exames, para a admissão dos funcionários, sistema esse que

vigorou até a revolução popular, e fortaleceu sobremaneira a influência dos mandarins. Facilitadas as comunicações graças à abertura do Grande Canal, o comércio, mesmo com o estrangeiro, cresceu e a indústria da porcelana e da seda desenvolveu-se enormemente.

No reinado de Tai Tong foi iniciado o fabrico do açúcar de cana e o chá, reservado até então às classes privilegiadas, passou a constituir bebida popular.

A liberdade de pensamento permitiu a introdução na China das "três religiões persas", segundo expressão dos historiadores chineses: o Zoroastrismo, o Maniqueísmo, e o Nestorianismo. Logo em seguida chegaram o Islamismo e o Judaísmo, e todas erigiram templos conseguindo numerosos adeptos.

Estrangeiros principiaram a buscar o mercado da China, onde vendiam pedrarias, tecidos e pequenos objetos e declaravam na volta ao Ocidente ser "aquele o melhor lugar do mundo para se viver."

Morto Tai Tong e morto seu filho e sucessor, recomeçaram as intrigas da corte e os assassinatos que culminaram no reino da Imperatriz Wou Tsien, messalina cruel, que dirigiu o país com pulso de ferro durante cinqüenta anos, tendo afinal abdicado em favor de uma nora, Wei, logo a seguir assassinada a flechadas por um sobrinho.

Em seguida a um período de decadência apareceu o Imperador Hiao-Na Tsong que reconquistou os territórios perdidos, e levou a China à sua posição de preponderância na Ásia.

Protetor das artes, fundou escolas de pintura, de música e de teatro e seu reino brilhou na história como a Idade de Ouro da Poesia Chinesa. A corte se reunia para discutir as artes e os quadros dos pintores afamados do momento, Wou Tsau Tseou, Li Sseou e ouvir os poetas nos "Jardins das Pereiras", "onde Tou-Fou, Li-Po e Pou Kiou rivalizaram, cantando as lendas de amor e as belezas da vida."

Esse reino deu início ao uso do papel e da tinta nanquim.

Aos Tang devemos imensa gratidão pela herança dessas estatuetas funerárias, esteticamente perfeitas, de graça tão comovedora e desses cavalos de terracota que dão, ainda hoje, plena vida à recordação dos guerreiros heróicos.

E como a história sempre recomeça, imperadores fracos se sucedem, até Hiao Tsong que, loucamente apaixonado por uma concubina, Yang Kue "Anel de Jade" se esquece completamente, em seus braços, de seus deveres de soberano. Nos palácios, os festins se seguiam às representações teatrais e aos "ballets", enquanto no Norte, os tibetanos cortavam as estradas comerciais, e os turcos venciam os chineses que perderam o Turquestão.

O abandono dos campos pelos lavradores requisitados para soldados trouxe a fome, a penúria e a revolta.

Um dia, sabendo o imperador que a massa enfurecida avançava contra o palácio, fugiu deixando que "Anel de Jade" se enforcasse com sua "écharpe" de seda multicor, para apaziguar a fúria e a ira populares.

Com o auxílio da tribo turca Ouigbour um outro Tang voltou ao torno. A dinastia, porém, enfraquecida pela Guerra Civil,

pelas destruições e pela fome devastadora, não resistiu às "Jaquerias" que pipocavam por toda parte e o último Tang morreu assassinado.

Desse triste fim da dinastia restou, unicamente, a substituição da pedra pela madeira nas construções e o aparecimento do papel-moeda impresso, fato que imediatamente ensejou a inflação.

***

Surgiram então os Song que, de 960 a 1260 viveram e governaram o Império. Os primeiros imperadores reconquistaram as províncias perdidas, sendo certo que logo a seguir os Tangout, de tribo tibetana, apossaram-se de uma grande parte do Norte, ali se instalando e criando o reino Sihia.

O começo do século XI o Primeiro Ministro Wang Nag instituiu uma comissão permanente de estudos e reformas a fim de equilibrar o orçamento: reduziu de 40% as despesas governamentais e sistematizou os impostos, que todos passariam a pagar, sem as exceções existentes para os monges e funcionários imperiais. Regularizou o comércio, diminuiu aos poucos o exército para que os lavradores voltassem aos campos e constituiu um empréstimo rural, que seria pago após a colheita, a juros de 20%.

Os conservadores e gozadores de sinecuras viram seus interesses feridos e armaram tal oposição que o Filho do Céu demitiu o Primeiro Ministro e tudo continuou como dantes.

Por essa época apareceu o filósofo Tchou Hi pregando um novo Neoconfucionismo, que fortaleceu o poder do imperador.

E veio o imperador Houe Tsong, artista e crítico de arte, que se interessou muito mais pelas belas-artes que pelo seu povo. Pintor de talento, fundou uma Academia de Pintura e iniciou magnífica coleção de arte. Data dessa época a famosa porcelana azul que, aperfeiçoada, mais tarde, tomaria o nome de "azul Ming".

Houe Tsong realizou uma desastrosa política exterior com a união aos Djurchet para arrebatar Pequim, caída nas mãos dos Kali.

Vitoriosos seus antigos aliados, foi por eles preso e no fundo da Manchúria aguardou seus últimos dias. Seu filho e herdeiro refugiou-se em Nanquim e perseguido pelos invasores, fugiu sempre para mais longe, acabando por entregar toda a China do Norte, por tratado aos Djurchet que instalaram a capital de seus domínios em Pequim.

Os Song foram viver em sua capital, rodeados de beleza, cercados de um corte culta que não se ocupava senão do estudo dos clássicos antigos, de discussões intelectuais e espirituais. Época certamente brilhante de espiritualismo e intelectualismo, mas tristemente apagada do ponto de vista político-social.

Sem mesmo se aperceber, assistiram assim os últimos imperadores da dinastia, na doçura de uma civilização decadente, a morte da China chinesa.

O ano 1.100 encontrou o Império dividido em três partes: a dos Song, capital Hag Cheou; a dos Sihia, capital Ning Hia; e a dos Kin, capital Pequim.

Um século mais tarde um outro Song cometeu erro idêntico ao de seu antepassado, quando buscou a ajuda dos Mongóis contra os Kin. É que estes, desde o século IX, já ameaçavam, das estepes do noroeste, o Celeste Império.

Sempre que escasseavam os pastos, as tribos nômades se precipitavam sobre as regiões férteis do norte da China. A ovelha servia-lhes de alimento, fornecia-lhes lã para suas vestimentas, o couro dava-lhes calçado e tenda para as habitações e o esterco queimado servia-lhes de combustível. O excedente do rebanho era usado para permutas.

Foi por esse tempo que Gêngis Kahn, personagem quase lendário, já Senhor de tudo que se estendia ao norte a ao sul de Gobi, correu em auxílio do Filho do Céu contra os Kin. Vencedor, proclamou-se O Grande Kahn do Império Mongol.

Em 1226, seu sucessor apoderou-se da última praça Kin, e em 1276 de Hang Sheou, e lá foram os últimos Song para as páginas da história. Os Mongóis ficaram donos absolutos do Império do Meio.

Koubilai, neto de Gêngis Kahn, de sua juventude e das lendas que ouvira de seus antepassados, recordava-se apenas do amor aos cavalos, das imensas estepes e das cavalgadas sem fim.

Gêngis Kahn, pela sua valentia, criara um mundo mas só amara a aventura das conquistas e a sensação do poder indômito. Koubilai, enamorado da perfeição, nos legou Pequim, a cidade geométrica, desenhada para durar eternamente no esplendor de sua beleza.

***

Desaparecidos os últimos Song em um barco afundado pelos Mongóis, Koubilai fez-se coroar imperador e foi o primeiro da dinastia dos Yuans, dinastia que perduraria noventa anos.

O Império atingiu então seu apogeu. A Coréia, a Indo-China, a Birmânia se deram por vassalas do imperador, cujo poder se estendia dos mares glaciais do norte ao estreito de Malaca e cobria quase toda a Ásia.

O comércio, livremente exercido, enriqueceu a Nação. Enquanto a Europa recebia o papel, os tipos de impressão, a pólvora e a bússola, os chineses aprendiam dos ocidentais a cultura do algodão e da soja.

O culto religioso era livre. Koubilai mandou emissários a Ceilão buscar as relíquias de Buda e aceitou o Evangelho que lhe trouxe um bispo nestoriano.

Gentes de diferentes terras vinham de longe visitar o Celeste Império e de Marco Polo, ficaram-nos, em seus livros de viagens, aquelas memórias imperecíveis.

Aos poucos, porém, a corte, no embevecimento dos prazeres, do luxo, e da vida fácil de conquistadores vitoriosos, fez o imperador esquecer seu dever de administrador.

Em conseqüência da tremenda inflação, o tesourão reduziu-se a toneladas de papel-moeda. A vida do povo, já amargurada pela injustiça das iníquas leis mongóis, tornou-se insuportável. Os princípios raciais em que se firmaram tais leis suscitaram um problema novo, até então inexistente: o

nacionalismo. Isto porque tais princípios davam a primazia ao povo mongol, seguido dos chineses do Norte e depois... os outros.

A indignação dos Filhos de Han culminou, porém, com a nova ordem que determinava aos homens o uso dos cabelos compridos com duas tranças.

Koubilai mostrou-se em todos os seus atos de governo um mau político, incapaz de dar bases sólidas á dinastia que pretendia duradoura, Os próprios Mongóis, descontentes, acusaram-no de se haver por demais achinesado ao instalar na cote, com grandes honrarias, um descendente de Confúcio e ao contribuir exageradamente para a expansão do budismo.

E a dinastia mongólica entrou em decadência.

A despeito de tentativas vãs de sanear a situação financeira e da continuação do Grande Canal até Pequim, a inflação continuou com o seu cortejo de miséria e fome. O último dos Yuan, inconsciente e completamente dominado pelos lamas, viu-se obrigado a abdicar e entregar o cetro a um camponês – Bonzo – visionário, alçado ao poder por uma autêntica revolução popular incitada por uma sociedade secreta, o "Lótus Branco", fundada para expulsar o conquistador odiado.

Tchou Yuan Tchang fixou-se em Nanquim para onde mudou a capital de 1368, quando, para as estepes do norte, cavalgava fugindo o neto de Gêngis Kahn.

Estava inaugurada a era brilhante e luminosa dos Ming.

***

Tchou perseguiu os Mongóis até aos confins do deserto, limpou e fortificou as fronteiras.

Chamou para a corte todos os membros de sua família a quem distribuiu, generosamente, terras, cargos e títulos, instalando assim um novo feudalismo. Seu neto, um infeliz retardado, durante uma revolução provocada pelo próprio tio, ateou fogo em seu palácio e suicidou-se no meio das chamas.

Apareceu então Yong Lo. Embora seu verdadeiro nome fosse Tcheng Tsou, tão grandes serviços prestou ao Império que logrou denominar a todo um período. Transferiu, inicialmente, a capital do Império para Pequim em 421, local em que permaneceria através dos séculos até nossos dias, salvo o curto interregno de Chiang Kai Chek.

Construiu a Cidade Proibida, conjunto arquitetural de inigualável beleza com seus pátios, palácios e jardins.

Fez reparar a Grande Muralha, danificada pelas invasões dos bárbaros. Organizou expedições que levaram a bandeira imperial à Indonésia, ao oceano Índico, ao Ceilão, à Arábia e mesmo às costas da África. A Mongólia e o Anam reconheceram a soberania do Império do Meio.

Com o seu desaparecimento, a dinastia Ming começou a mostrar sinais precursores de decadência. De novo os eunucos influenciaram na direção dos negócios de Estado e um deles, Wang Tchen, figura na história em posição mais definida que muitos dos próprios Ming.

À testa de um movimento reacionário, triunfou ele da oposição do Ton Lin – espécie de clube político dirigido por

intelectuais de idéias renovadoras. Menos feliz na chefia de uma expedição contra os Mongóis, Wang Tchen, vencido, entregou o imperador como refém aos inimigos.

E as descobertas marítimas abriram o caminho do Pacífico... Vasco da Gama, dobrando o Cabo da Boa Esperança, descobriu o oceano Índico e os primeiros barcos portugueses abordaram as costas da China em 1517. Os Ming não souberam aproveitar a oportunidade que esse comércio lhes oferecia ou, talvez, num presságio das humilhações que viriam, trataram os ocidentais com desprezo tão grande que originou injustas agressões.

Em 1537, os portugueses se assenhorearam de Macau; em 1562, os espanhóis tomaram as Filipinas e em 1622, os holandeses fixaram-se em Formosa.

Em 1637, de tal forma aumentara o movimento dos barcos ingleses em Cantão, que os juncos chineses encontravam grande dificuldade para sua passagem.

Por esse tempo, Matteo Ricci, jesuíta italiano, chegou a Pequim, conseguindo permissão para ensinar Matemática, Geometria e Astronomia. Graças a seus relevantes trabalhos científicos, obteve do imperador o direito de propagação da Fé. Por sua vez, o padre alemão, Adam Shall, obteve os mesmos privilégios, após haver refeito o almanaque e ensinado os métodos de fundição, em bronze, de armas e canhões.

No fim da dinastia Ming, os japoneses invadiram a Coréia e quase venceram os exércitos imperiais, usando de uma estratagema infantil: os soldados traziam máscaras de demônios horríveis e

montavam cavalos pintados como leões. Passado o primeiro susto, os chineses expulsaram os invasores acabrunhados.

Foi a única glória que ficou dos últimos anos da dinastia Ming.

A guerra arruinara o Império. O povo odiava os enucos corrompidos e cada vez mais audaciosos. As províncias conspiravam. A fome lançava suas garras por toda parte – e a fome sempre gerou revoluções sangrentas.

O exército imperial tentou organizar a defesa de Pequim, ameaçada pelas hordas manchus, que vinham do norte, e cercada pelo exército da fome que lhe chegava às portas. O último dos Ming, ao verificar que nenhuma esperança de salvação lhe restava, subiu ao alto do Pavilhão, construído pelo primeiro dos Yuan, sobre uma colina de carvão para que, segundo a lenda, jamais lhe faltasse combustível. Lá, em abril de 1644, consultou mais uma vez os augúrios que lhe anunciaram seu próximo fim.

Contemplou então os tetos coloridos de seus palácios, os pátios desertos, a Porta da Harmonia Suprema, os jardins secretos aonde florescia a "Arvore do Amor", os lótus brancos e azuis dos lagos luminosos. Viu, ao longe, a cavalaria inimiga que avançava e os revoltosos que forçavam a entrada da Cidade Proibida. A imperatriz, em obediência às suas ordens, bebera veneno mortal. Os filhos haviam desde cedo fugido e a princesinha fora por ele próprio assassinada.

Tomou, então, o imperador a resolução suprema. Com um pincel traçou, sobre a manga branca do braço esquerdo, sua última mensagem:

> "Nós, pobre e muito desprezível indivíduo, chamamos sobre nossa cabeça a cólera dos deuses. Nossos ministros nos enganaram. Estamos cheios de vergonha à idéia de enfrentar nossos antepassados. Retiro a coroa de sobre minha cabeça e com os cabelos a cobrirem-me a face, aguardo que os rebeldes me venham esquartejar. Peço-lhes, entretanto, piedade para meu povo".

E seu corpo, dependurado na ponta de uma corda do mais alto galho da arvora da colina, ficou bailando no ar.

Foi o último dos Ming.

Li Tseu Tcheng, general-chefe dos rebeldes, ordenou que o colocassem em um esquife de cipreste e ouro e o levassem em grande pompa para dormir debaixo do Pailou rubro coberto de telhas cintilantes, cujas cinco portes de abrem para o Vale Imortal, lá onde já o esperavam treze de seus antepassados.

Aos Ming devemos, além daquele monumento extraordinário, um grande legado artístico: as porcelanas branca e azul às quais deram seu nome; tapetes de rara beleza; pinturas e esculturas que testemunharão para sempre a grande civilização de sua era, quando viveram arquitetos capazes de construir, no quadro geométrico do Pequim mongol, os palácios, os templos, os jardins e os parques que formam a Cidade Proibida, que nenhuma revolução, nenhuma guerra ousou destruir.

Época que produziu pintores como Tang-Lin e escritores como Wang Tão Yuen, "Sobre as Margens do Rio"; Feng Meng Youen, "Histórias Curiosas"; Tang Tsien Tsou, "O Pavilhão das

Petúnias" ou Pavilhão Vermelho. Época luminosa, onde a própria filosofia se transformou quando Wang Tang Ming conseguiu abrandar as velhas regras tão severas de respeito aos passado.

Tcheou, o camponês intelectual que chefiava a revolução, levado apenas pelo ideal de melhorar as condições de vida do povo torturado por tanto sofrimento, não logrou o seu desígnio.

Os manchus, que avançaram do norte, já quase às portas de Pequim auxiliados pelos últimos adeptos do ex-Imperador, temerosos da vingança da massa, venceram e aniquilaram facilmente os revolucionários.

Começou aí a dinastia Tchin, que duraria de 1644 a 1911, data da Proclamação da República.

Difíceis e agitados foram os reinados dos primeiros Tchins.

Ao problema agrário, motor de todas as revoltas e todos os tumultos na China, juntou-se o problema social e o incipiente sentimento nacionalista, surgido ao tempo dos mongóis.

O manchu identificou-se com o opressor. O povo assistiu ao triste espetáculo de intelectuais e letrados submetidos a toda sorte de humilhações e durante dois séculos, curvou-se diante do conquistador odiado.

As "bandeiras" manchus, de sete ou oito mil soldados, ocupavam permanentemente as cidades chinesas, recolhendo-se ao anoitecer em quarteirões fechados, chamados "Cidades Manchus".

Tropas mercenárias imperiais reprimiram, selvagemente, qualquer tentativa de revolta e cada funcionário chinês era fiscalizado por um mandatário manchu. A obrigatoriedade do uso do rabicho

provocou inúmeros incidentes sangrentos e de uma só vez o imperador mandou suplicar cinqüenta mil "desobedientes". O casamento entre chineses e manchus ficou expressamente proibido.

O quarto Imperador da Dinastia, Kieng Long ligou seu nome a uma obra de rara importância, o "Sseu – kou – Tsiuan – Chou", enciclopédia, além de outras, de quatro das mais belas obras clássicas confucianas. Entretanto, ordenou ao mesmo tempo a queima dos livros e a pena de morte para autores que ousassem externar opiniões menos favoráveis aos manchus ou simplesmente mencionassem alguém ou algo que pudesse recordar a Dinastia Ming.

Infligiram humilhações e torturas ao povo. Ao mesmo tempo mandaram reparar e reconstruir, em seu antigo esplendor, os palácios da Cidade Proibida danificados durante a revolução, seguida da invasão. Construíram o Palácio de Verão nos moldes de Versalhes, com imensos lagos e colinas artificiais e de maior magnificência dos que os já existentes.

O tempo que passava, ao invés de diminuir aumentava o ódio contra a dinastia. Para acalmar a ira popular que arrebentava aqui e ali, e chamas esporádicas, Pequim mandou redistribuir terras aos camponeses.

Por esse tempo florescia o comércio estrangeiro. Desde 1660, caravanas russas aportavam, regulamente, na capital. Os navios ingleses tocaram a China por volta de 1637, e na mesma época chegaram comerciantes franceses, e em 1784 os americanos.

Os veleiros carregavam porcelanas, chá, papel e papel de parede entre outras mercadorias. Traziam objetos de artesanato, relógios etc.

Os chineses consideravam-se de muito superiores aos ocidentais por sua cultura e "porque possuíam maior número de artigos de comércio". Essa situação obrigava aos ocidentais o transporte de prata para pagar as mercadorias, uma vez que as trocas por si só não eram suficientes.

Esse estado de coisas é bem caracterizado pela atitude do Imperador Kieng Long que, em 1793, ao receber uma missão comercial-diplomática inglesa, respondeu em mensagem ao então Rei Jorge III:

> "... Nossas cerimônias, nossas leis, diferem de tal forma das vossas, que ainda fosse vosso enviado capaz de adquirir um rudimento de nossa civilização, não vos seria possível transportar nossos costumes para vosso solo. Como vosso Embaixador pode por si mesmo verificar, nós possuímos tudo aquilo de que necessitamos e eu não empresto nenhum valor aos objetos, por engenhosos que sejam, fabricados no vosso país...".

E ainda por longo tempo a mesma situação permaneceria, se a Inglaterra não houvesse descoberto o mercado do ópio que iria desmoronar a resistência do povo chinês e fornecer o pretexto para a primeira intervenção estrangeira.

O hábito de fumar ópio penetrara na China por volta do século XVII e se alastrava do mandarim ao "coolie", com o beneplácito da Companhia das Índias, dona do monopólio da droga.

Foram grandes os males causados. A saúde das populações viu-se cruelmente atingida e a crescente necessidade de prata para fazer face às importações, desequilibrou os orçamentos e arruinou o país.

Foi quando o vice-rei de Cantão recebeu ordens de Pequim para finalizar, a qualquer preço, tal abuso.

Lin Teo, honesto, porém ingênuo, obedeceu religiosamente ao governo imperial e ameaçou os ingleses de se apoderar da droga existente em Cantão, caso não a entregassem ou não a levassem de retorno.

Não tendo obtido a menor satisfação, fez proceder a um colossal auto-de-fé com algumas toneladas de ópio.

Londres reagiu imediatamente com o bombardeio de Cantão, tomada de Amoy, de Hong-Kong e a ocupação de Shangai.

Em Pequim, o imperador nada mais pode fazer senão ceder a tudo que lhe era exigido. O Tratado de Nanquim deu aos ingleses o direito de importar o que lhes aprouvesse e mais o da extraterritorialidade em Shangai. E daí por diante, os barcos ingleses chegavam, impunemente, carregados de centenas de toneladas de ópio. Facilitaram a droga aos chineses minando-lhes a resistência, tornando-os mais dóceis e maleáveis às crescentes exigências ocidentais.

Os princípios do Tratado de Nanquim, o primeiro dos tratados desiguais, podem ser assim resumidos: eram os chineses obrigados a pagar o prejuízo comercial causado aos monopolistas pela queima do ópio, pena à qual se acrescentaram posteriormente outras indenizações que oneraram a Nação com uma dívida

internacional de impossível resgate pelo habitual sistema das tributações.

Para não ficar em situação inferior, a França e os Estados Unidos exigiram tratados no mesmo teor e base.

Em 1845 e 1847, a Bélgica e a Suécia outorgaram-se idênticas vantagens.

Em 1848, o clero europeu obteve absoluta liberdade de ação para pregar e difundir a religião, seguido neste passo pelos pastores protestantes.

***

Entrementes, no interior do Império a situação ia-se deteriorando rapidamente.

Sob a influência das sociedades secretas – "Lótus Branco", "Nuvem Branca", "Três Varetas de Incenso" – sociedades que reapareceram na China todas as vezes que se tornava premente a situação do povo, fortaleceu-se a oposição ao imperador, até se tornar ameaçadora.

No vale do Lang-tse os camponeses se rebelaram. Pequim conseguiu dominá-los com o sacrifício de milhares de vidas e o dispêndio de milhões de "taéis" de prata que oneraram ainda mais um tesouro já depauperado.

O "Lótus Branco", tal como as outras sociedades secretas, novamente mergulhou na clandestinidade.

***

Paradoxalmente, a propagação da Bíblia e a Cristianização da China deram uma força desesperada aos camponeses, dantes tão submissos.

Em 1845, um visionário e iluminado Hong Yeou Tsiuan proclamou-se "Irmão mais Moço de Cristo" e instituiu uma sociedade, espécie de clube político, que logo se transformou no "Estado da Grande Paz Celeste", o "Tai Ping Kuo", destinado a fazer "reinar a justiça e a moral cristãs" sobre a terra.

Os anos que mediaram entre 1845 e 1861 marcaram a primeira grande revolução chinesa insuflada pelo esoterismo das sociedades secretas de Cantão.

Os Taipings odiavam mais os manchus usurpadores que os próprios opressores estrangeiros e estabeleceram uma sorte de comunismo primitivo.

Suprimiram a propriedade da terra, dividiram o país e vinte e cinco unidades, cada qual com uma igreja, um tesoureiro e uma prefeitura para administrá-la. A terra se cultivaria em comum. O Governo distribuiria a alimentação e as vestimentas. Aos sessenta anos o camponês devolveria ao governo o pedaço de terra recebido para trabalhar, e o Estado protegeria e ampararia seus últimos dias. Como reforma social, suprimiriam a escravidão das mulheres e seu símbolo: a deformação dos pés; estabeleceriam a igualdade entre homens e mulheres, a liberdade sexual e a liberdade de casamento, sem a necessidade de prévio consentimento dos pais, pugnando ao mesmo tempo pela pureza de costumes, pela supressão do vício do ópio e até do fumo.

Havia em todo esse programa, uma mescla de utopia, de medidas, algumas realizáveis, outras impossíveis. O povo não se encontrava ainda preparado. O lado igualitário feria e assustava pela oposição à doutrina confuciana, guardiã da hierarquia.

Mais tarde, a política agrária de Sun Yat Sen e de Mao Tse Tung iria firmar-se quase que inteiramente naqueles mesmos princípios.

Os Taipings, nas regiões conquistadas, queimaram os títulos de propriedades dos senhores feudais e criaram um governo para o povo. Este movimento, mais reformador de início que revolucionário, durou quinze anos e custou à China mais de vinte milhões de vidas.

Em 1853, instalaram a capital em Nanquim. Confiscaram os bens das ordens religiosas, decretaram mais detalhadamente a reforma agrária, baseada no número de bocas a alimentar, por determinado espaço de terra, e um sistema de depósitos de cereais destinados a evitar a miséria e a fome que surgiam sempre em ciclo periódicos.

Os estrangeiros, que nutriam profundo desprezo pelos manchus, viam, a princípio, com simpatia, a vitória dos Taipings, os missionários os apoiavam, porque cristãos, os comerciantes esperavam que desse movimento nascesse à modernização da China, portanto maior desenvolvimento para seus negócios.

Aos poucos, no entanto, os colonizadores verificaram o perigo que apresentaria uma democracia forte e organizada, apoiada pela massa, enquanto o imperador tremia diante dos rebeldes que lhe ameaçavam diretamente o poder.

Os revolucionários continuavam a vencer e atravessaram o Rio Amarelo. Alguns negociantes estrangeiros de Shangai financiaram dois aventureiros americanos – Burguevine e Ward -, que formaram uma espécie de Legião Estrangeira para ajudar às forças imperiais.

Já às portas de Pequim, os Taipings derrotados correram a refugiar-se em Nanquim de onde prosseguiram exercendo forte influência em todo o interior do país.

O governo imperial assinou então o Tratado de Pequim, que dava aos ingleses, franceses, americanos e japoneses, o direito de fiscalização alfandegária, com um imposto proveniente do comércio exterior, novas concessões territoriais e licença de criar um corpo consular em Shangai com exercício de Tribunal de Justiça para qualquer questão entre chineses e estrangeiros. Ficou assim, quase totalmente eliminada a autoridade do governo. A Inglaterra e a França, em agradecimento, ofereceram auxílio de tropas para esmagar de vez os últimos focos revolucionários.

Um contingente comandado pelo major Gordon, fortalecido pela frota de ambas as potências, aniquilou a revolta. Nanquim rendeu-se em 1863 e Hong suicidou-se. Deixou, entretanto, na memória e no coração do povo as sementes da revolução, forças que renasceriam logo em seguida.

A derrota dos Taipings, cujo barrete vermelho tanto aterrorizara a Cidade Proibida e algumas das capitais do ocidente, deixou a dinastia e o Palácio de Verão destruído pelo incêndio. Provou, todavia, que já no principio do século XIX a

China possuía uma massa popular capaz de se levantar, movida pelo fermento revolucionário fornecido pelos ocidentais, mesmos.

Da atuação da civilização européia em Pequim e do incêndio do Palácio de Verão, o conde de Hérisson que assistiu às cenas de saque e ao incêndio, deixou a seguinte narrativa:

> "Havia soldados com as cabeças metidas nos cofres da laca vermelha da imperatriz, outros se afundavam em montões de sedas e brocados, outros, ainda, metiam nos bolsos e dentro das camisas, rubis, safiras, pérolas e pedacinhos de cristal de rocha; outros, cobriam os peitos com grandes colares de pérolas; outros fugiam carregando pêndulos, relógios e bibelôs. Soldados do batalhão de engenharia trouxeram machados e arrebentaram os móveis para roubar as pedrarias incrustadas. Um eu vi, que gravemente batia sobre um amor de pêndulo Luís XV, para roubar o cartel incrustado com pedacinhos de cristal de rocha lapidados, que confundira com brilhantes."

Depois desse bárbaro saque, os dois exércitos fizeram daquela jóia arquitetônica uma imensa fogueira, para o deleite de seus comandados. Verdade é que, tanto na Inglaterra quanto na França, esse vandalismo suscitou protestos e reclamações.

***

A taxa de 5% "ad valorem" sobre qualquer mercadoria importada abriu o caminho às manufaturas estrangeiras e deixou a China sem defesa alguma para sua industrialização, com o comércio livre estendido a Cantão, Amoy e Fong Cheou.

Em Nangpo e Shangai, os portos dos tratados, as concessões dos tribunais para julgamento, o principio da extraterritorialidade e em 1843 a cláusula da nação mais favorecida, transformaram a China em uma colônia internacional.

No interior, perdia a soberania. No exterior, perdia territórios, aos poucos anexados pelos colonizadores. A Inglaterra, depois de Hong-Kong, apoderou-se da Birmânia, e a França do Anam.

O Japão, abertos aos ocidentais em 1854, conseguira abolir os tratados desiguais que o ligavam às Grandes Potências. No governo do imperador Mitshuito, rapidamente chegou a alcançar a civilização industrial dos países do Ocidente. Tratou logo de obter da China a participação em igualdade de condições, no governo da Coréia.

Em 1894 provocou ali uma rebelião e instalou um governo "Puppet". Com a declaração de guerra da China, os japoneses puseram a pique a frota chinesa e desembarcaram em Porto Artur. Conseqüência: em 1895 a China viu-se forçada a assinar o Tratado de Shimonoseki, que reconheceu a independência da Coréia; cedeu ao Japão a ilha de Formosa e direitos comerciais iguais aos das outras potências e, ainda, o de estabelecer indústrias japoneses, livres de qualquer imposto, em suas concessões.

A facilidade de matérias-primas e a mão-de-obra a preço vil induziram as demais potências a seguir o exemplo japonês e a fundar também manufaturas em suas concessões, igualmente livres de impostos e garantias por contingentes de forças armadas.

Nos quarteirões residenciais dos "portos dos tratados", especialmente em Shangai, instalou-se, em luxuosas vilas e palacetes, uma série de imperadores-mirins que os chineses com ódio apelidaram de "narizes compridos" e de "compradores". Estes eram aventureiros chineses sem escrúpulos que auxiliavam os traficantes na venda do ópio e na compra de mercadorias, objetos manufaturados, objetos de arte ou mulheres para suas noitadas de prazer.

A miséria que crescia nos campos não provinha da falta de braços que até sobravam, mas da espoliação das terras e da carência de sementes.

Os camponeses, esfomeados e desesperados, emigraram para os portos das concessões, onde trabalhavam de quatorze a mais horas por dia, em lugares infectos e sufocantes, para ganhar um salário de miséria, e muita vez por um simples prato de arroz e permissão para ali mesmo dormirem, amontoados como animais.

Verdade é que os industriais se preocuparam com o problema da infância. Construíram maquinaria que aproveitasse a mão-de-obra de oito a treze anos, quase sem retribuição. Novos recrutas esperavam sempre as vagas causadas pelas moléstias que dizimavam às centenas essas desgraçadas crianças.

Com toda essa exploração o Império lenta e seguramente se reduziu à mais extrema pobreza. O povo morria de fome nas

plantações e nas minas, sempre de propriedade estrangeira, quando não aumentava o exército de "coolies" que, como animais de carga, puxavam os "pousse-pousse" onde andavam os senhores brancos que lhes indicavam o caminho a chicotadas. Viam, indiferentes já, as humilhações sofridas e mesmo os letreiros nas portas das concessões estrangeiras: "proibida a entrada de chineses e cães" – (No Chinese no dogs allowed).

Os próprios ex-combatentes, muitos deles descendentes dos valorosos Taipings, serviam nas operações de banditismo, a generais – aventureiros chineses, que o povo apavorado apelidava "Senhores da Guerra".

Em Pequim, o Imperador To Tsong assistia absolutamente impassível e incapaz a decadência do império.

A concubina Tsi An, nomeada regente, governava discricionariamente do Palácio de Verão, reconstruído em seu antigo esplendor, enquanto o país definhava na miséria. Passava os dias entre festas e divertimentos, no seu barco de mármore edificado com a soma total de uma indenização inglesa destinada a refazer a marinha chinesa. Tão grande era a sua vaidade que a si mesma atribuiu os seguintes títulos: Tsi An, Nutrícia, Próspera, Maternal, Auspiciosa, Ortodoxa, Bendita dos Céus, Ilustríssima, Espírito Brilhante, Calma, Serena, Adorável, Perfeita, Respeitável, Venerável, Eminente Imperatriz Viúva..

A situação econômica do Império foi se deteriorando. A miséria e o ódio cresciam, paralelamente, tanto contra os manchus que permitiam o governo de uma concubina debochada, quanto contra os "narizes compridos", cada vez mais insolentes.

Tudo fazia prever acontecimentos, desta feita, de maior gravidade.

O jovem imperador, embora fraco, influenciado pela ação de Mitshuito no Japão e de um reformador de Cantão, Kang Yeou Wei, resolveu sem o devido preparo, empreender uma série de modificações básicas que mudariam totalmente a administração política da Nação. Exames mais severos para admissão dos funcionários, escolas superiores de ensino ocidental, exército de organização moderna, planificação para o desenvolvimento da indústria e do comércio, melhoria de comunicações, um centro de traduções em Pequim e, para sanear a administração, a supressão de inúmeros cargos inúteis.

Evidentemente, tais reformas suscitaram forte descontentamento nos que viam diminuído seu poder e perdidas suas sinecuras. No Palácio de Verão os "complots" se sucederam, presididos pela velha imperatriz.

Para fortalecer sua posição, o imperador chamou o general, chefe do único exército mais ou menos organizado. Ordenou-lhe que fosse prender a velha imperatriz. Conhecedor das artimanhas e do poder da Venerável, o general preferiu trair To Tsong.

Tsi An voltou, então, em triunfo a Pequim, fez massacrar os conjurados e encarcerou o pobre imperador em um dos pavilhões da Cidade Perdida.

***

Do Sul chegavam os ruídos da revolução.

Uma sociedade secreta, os "Boxers", assim apelidada por recomendar a seus associados a prática daquele esporte, para fortificar-lhes os músculos, iniciou em Cantão, a cidade revolucionária por excelência, uma insurreição contra os estrangeiros, ocidentais e japoneses e contra os manchus de Pequim.

Esse movimento, porém, mal organizado, não traçara programa algum. Nem mesmo como o dos Taipings vinha imbuído de ideologia social.

Com uma habilidade demoníaca, a velha imperatriz soube desviar o curso dos acontecimentos. Convenceu aos chefes dos Boxers ser ela a primeira vítima dos imperialistas ocidentais e suplicou-lhes que a auxiliassem a adquirir liberdade de governo. A revolução tornou-se então um joguete em suas mãos sem escrúpulos.

No dia 20 de junho de 1900, usando o barrete vermelho dos Taipings, os Boxers cercaram o quarteirão diplomático em Pequim, assassinaram o embaixador alemão e massacraram sacerdotes. Nas províncias trucidaram, barbaramente centenas de chineses convertidos ao cristianismo, e destruíram fábricas e estradas de ferro pertencentes a capitais estrangeiros.

Na Europa, o Imperador Guilherme denunciou, cheio de ódio, o "perigo amarelo" e conseguiu uma força expedicionária conjunta, sob o comando do Marechal Von Waldersee.

Quando essa expedição chegou a Pequim, a revolução dos Boxers já havia sido facilmente sufocada e a imperatriz partira, levando o infeliz To Tsong para uma "viagem de inspeção" ao norte da China.

O marechal alemão, assim como os outros comandantes, não aceitaram a idéia da inutilidade de sua missão. Organizaram uma "expedição punitiva a Pequim e seus arredores onde queimaram, roubaram, saquearam, massacraram e destruíram tanto quanto lhes pedia a sede de sangue e de vingança".

Os jornais da época, na Europa, durante semanas ocuparam-se sem maiores consternações, das ocorrências de Pequim.

As crônicas remetidas ao "Figaro", com a permissão do comandante-chefe das forças expedicionárias, por seu correspondente de guerra, o Tenente Viaud – Pierre Loti -, o suave poeta de "Les Désenchantées", "Pêcheur d´Islande", Ramuntcho" são disto exemplos deprimentes. Reunidas em "Les Derniers Jours de Péking", escandalizam, chocam a sensibilidade dos menos sensíveis, e testemunham os tristes sentimentos políticos e sociais de uma época ainda tão próxima.

Pequim devastada e arruinada, os exércitos da civilização puderam exigir pela "provocação chinesa" a soma de sessenta e cinco milhões de libras esterlinas, quarteirões internacionais em Pequim para residência dos diplomatas e a liberdade de manterem forças internacionais para sua defesa. Até 1940 aquela dívida não estava ainda completamente resgatada.

Ficou, então, a própria capital do Império transformada em espécie de colônia internacional.

Da revolução dos Boxers não decorreram conseqüências políticas imediatas; mas serviu como um segundo aviso às potências estrangeiras. Na China existiam, já, movimentos populares violentos, uma massa capaz de rápida organização e

um sentimento de nacionalismo ainda incipiente mas de fácil desenvolvimento.

***

Completamente dominada a situação, as grandes potências julgaram útil o retorno da imperatriz, a quem o castigo seguramente tornara mais dócil ainda e de mais fácil manejo.

Em 1904, os ingleses entraram no Tibete, de onde fugiu o Dalai Lama.

Em Shangai, entretanto, o comércio estrangeiro aumentara em 400%, sem resultado algum para o povo ou para o Império Chinês.

Nessa mesma época, as quatro potências formaram um consórcio bancário para o investimento de capitais na China, "país-subdesenvolvido", a fim de melhorar os meios de comunicação e, sobretudo, as estradas de ferro.

Para cúmulo de infelicidade, em 1904, uma nova guerra russo-japonesa desenrolou-se inteiramente em terras e mares chineses, trazendo, como resultado, a devastação das províncias e mares, infestados de minas.

Vencida a Rússia, o Tratado de Portsmouth deu ao Japão, sem nenhuma consulta à China, os privilégios exorbitantes anteriormente gozados pela Rússia e mais as ilhas Sacalinas, Porto Artur e Dairen.

Pela primeira vez, porém, o amarelo vencera o Branco e tal fato, no momento, sem maior importância, marcou o começo da independência da Ásia.

***

Havia vinte e sete anos que o Império vinha apodrecendo lentamente.

Para se fazer idéia do quanto se encontrava o país dominado, basta citar o fato de que o primeiro embaixador da China, nomeado em 1870, havia sido embaixador dos Estados Unidos em Pequim e se demitira para representar a Imperatriz no estrangeiro. Exerceu o posto em diversos países e terminou, em 1890, como Embaixador na Rússia.

A imperatriz verificou, no entanto, a absoluta necessidade de procurar, ao menos, dar ao povo a ilusão de que buscava melhorar-lhe a situação. Incumbiu dois mandarins de estudarem um plano de reforma.

O esboço apresentado, de uma constituição com a possibilidade de um Parlamento, enfureceu a tirana, que julgou haverem seus mandatários ultrapassado suas ordens. Em dezembro de 1907, a Venerável publicou a seguinte proclamação:

> "Entre o povo, os comerciantes, os letrados, os intelectuais e a própria nobreza, existem alguns arrebatados que, sob pretexto de estabelecer certa lei constitucional, juntaram-se para se ocuparem dos negócios políticos e estrangeiros, provocando desordens e propagando doutrinas más e perigosas para o país. Se, no futuro, tais indivíduos continuarem a agitar a opinião pública e o povo, nós os castigaremos da maneira a mais severa".

Em outubro de 1911, o governo imperial lançou um empréstimo para a construção de grande estrada de ferro. Uma vez coberto, a imperatriz entregou o empreendimento ao consórcio bancário das quatro grandes potências.

Tal gesto fez transbordar a indignação popular e uma manifestação de centenas de revolucionários – já então organizados – povo, estudantes, operários, desfilaram levando cartazes referentes ao Imperador To Tsong, o Virtuoso, em acinte e como lição de moral à soberana, que os fez dissolver a golpes de sabre.

Diante das contínuas e crescentes ameaças e de rumores da revolução que se anunciava, a velha imperatriz, com 70 anos, cansada e alquebrada, consentiu afinal nas reformas reclamadas. Apesar de rapidamente elaboradas, vinham em tão grande atraso, que não mais bastavam para satisfazer aos reclamos e necessidades. Eram inovações na ordem da proibição do ópio, abolição da mutilação dos pés femininos, criação de universidades superiores e de declaração assinada pela própria imperatriz de que "o governo deve ser a emanação da vontade nacional".

A revolução espalhava-se, invencível, no país inteiro. Dois anos mais tarde e sobrevivendo um ano ao pobre To Tsong, morreu, enfim, a concubina imperatriz.

Subiu ao trono o imperador Pouy, o do trágico destino, com apenas dois anos e meio de idade. Teve como regente o príncipe Tchouen, seu pai.

Em Pequim, reformas e decretos sucediam-se ininterruptamente, mas no Sul as velhas sociedades secretas responderam ao apelo de um certo Sun Yat Sen, ele mesmo

fundador de uma nova seita que iria influir decisivamente nos destinos da China: a sociedade da "China que desperta", transformada em "Liga Chinesa", e, mais tarde em "Liga do Povo" ou "kuomintang".

***

O Humanismo e as Escolas de Filosofia

Os ocidentais estranham o comportamento e as reações dos povos orientais, sobretudo da China, sem levar em conta a secular prática filosófica que lhes gravou na alma uma maneira especial de agir e de enfrentar a vida, completamente diferente da nossa.

Uma velha gravura chinesa representa três anciões sentados em volta de uma ânfora: o do meio, com a cabeça raspada, fisionomia cheia de misericórdia, tem os olhos semi-cerrados e perdidos ao longe; o da direita, com longas melenas brancas, demonstra infinita bondade e tal é a placidez de seu rosto que mais parece uma máscara insensível; o da esquerda, com longas barbas brancas e os cabelos enrolados no alto da cabeça, exprime em toda sua atitude uma felicidade inenarrável. São os três fundadores das três escolas filosóficas e das três grandes religiões da China. Os três provaram do vinho da vida. Buda achou-lhe gosto amargo. Confúcio, acre e Lao Tseu, doce e agradável.

A China acatou sempre e sempre respeitou os filósofos e os letrados que deram à sua civilização esse requintamento extremo.

A cultura chinesa firmou-se na caligrafia, por si só uma ciência. A principio, tal como a egípcia, apenas pictórica – desenhos esquematizando objetos – transformou-se, no dia em que tentou representar sentimentos abstratos em sinais ideográficos.

Em 210 a.C., quando dominou o país inteiro o imperador Houang Ti reformou a caligrafia. Um general, Li Tseu, inventou a ponta de metal e os primeiros escritores gravaram sua primeiras obras em cascos de tartaruga, bambus ou pedaços de metal.

O conhecimento da língua falada não ajuda a penetrar o mistério da caligrafia. Os sinais não correspondem aos sons, e o mesmo objeto representado com o mesmo sinal em Cantão e Pequim, por exemplo, quando é pronunciado, soa totalmente diverso. Isso faz com que os chineses das diferentes regiões se compreendam melhor por escrito. Lembro-me da dificuldade encontrada pelo meu intérprete quando, em Cantão, pedi-lhe que me mostrasse o comércio. Em certa casa, depois de vãs tentativas, resolveu tomar papel e lápis e só então se fez compreender.

Cada objeto ou cada idéia tem um sinal correspondente e a colocação á direita ou à esquerda de outros sinais pode mudar sua significação ou o sentido da frase.

Existem uns setecentos mil caracteres, mas para se ler ou se escrever basta conhecer a metade. Os jornais utilizam-se apenas de uns quatro mil.

Um indivíduo, para saber a língua ou ficar apto a ler os clássicos e saborear suas nuanças ou, mesmo, para aprofundar o estudo de qualquer técnica, necessita largos anos só para aprender a caligrafia. Como conseqüência, só uma pequena classe privilegiada gozava da possibilidade de adquirir cultura, enquanto os outros, a maioria, cedo devia entregar-se ao trabalho que lhe daria os meio

de viver. Esse círculo vicioso veio, assim, durante séculos e séculos, funcionando sempre igual.

Daí a reforma posta em prática pelo governo da China Popular: adotar a caligrafia ocidental, guardando a chinesa para os que quiserem se aperfeiçoar em altos estudos. Alguns dos grandes jornais aparecem já com as duas escritas.

Um intelectual que se quisesse "letrado" deveria conhecer os clássicos, pelo menos os mais notáveis: "O Livro da História", o "das Cerimônias", e o "da Boa Conduta", os "Anais da Primavera" e "do Outono", as obras de Mencius, a "Doutrina da Significação" e a "Grande Sabedoria", acrescidas dos inúmeros comentários.

É natural que, dessa maneira, os filósofos e moralistas, pertencendo sempre a uma certa classe, contribuíssem para manter essa classe eternamente no poder.

Até 1750, publicava-se na China maior número de obras do que no resto do mundo inteiro. Quase todas de filosofia e quase todas de Confúcio ou sobre sua doutrina.

O confucionismo marcou, como nenhum outro sistema, durante tão largo período de tempo, a vida de um povo e nenhum filósofo jamais suscitou tantos adeptos nem tão acerba crítica.

***

Confúcio

Confúcio (551-479 a.C.), de nascimento aristocrata, iniciou sua vida pública como funcionário, fiscal de mercados.

Contam os historiadores que, como funcionário, buscou impedir os abusos dos poderosos contra o povo e dos grandes proprietários contra os pequenos camponeses. Rodeou-se sempre de homens superiores e elegia seus amigos pelo critério da inteligência e não da posição.

Segundo sua teoria, o governo deveria limitar sua função à administração das riquezas e os funcionários deveriam fazer baixar o custo de vida e os impostos.

Pela economia chegou o filósofo à moral e pelo estudo dos mercados descobriu a existência de exploradores e explorados, portanto, a existência de classes.

Foi no intuito de minorar a miséria das massas que edificou seu sistema moral. Nunca tentou provocar uma revolução. Aceitou as condições do momento e pregou aos poderosos uma evolução e uma atitude moral que melhoraria as condições do povo.

Lao Tseu, seu contemporâneo, era um idealista, um metafísico, enquanto que Confúcio, materialista, estabeleceu pelos problemas econômicos a moral que preconizava.

À ética individual de Lao Tseu, contrapôs a ética social.

Ao abandonar a função de controlador de mercados, Confúcio abriu uma escola onde ensinou a "self control", o bom comportamento em sociedade, as boas maneiras à mesa, o modo de saudar um superior e o domínio absoluto do corpo e do espírito. Esse código de maneiras destinava-se evidentemente às classes ricas; aos "cem nomes" cabia apenas a obediência ou o castigo.

No fim da vida, amolecido pela riqueza adquirida, Confúcio, que na juventude fora um reformador, mostrou-se um conformista.

Dois séculos após a morte do filósofo, o chefe de uma dos "Três Reinos", em que se dividia a China, necessitou de uma doutrina que lhe permitisse estabelecer sua autoridade em bases legais e serviu-se do confucionismo para firmar o poder imperial absoluto, assim como o autoritarismo do funcionário.

Confúcio destinava sua doutrina à formação de cidadãos honestos e de um bom gênero. O indivíduo ajustaria seu comportamento às forças naturais, os dirigentes agiriam de acordo com as mesmas forças e o imperador, seu representante, serviria de intermediário entre o Céu e a Terra.

Os funcionários selecionados entre homens de saber o auxiliariam a descobrir e conhecer as forças cósmicas e a elas adaptar cada decisão. Daí começou a preponderância dos funcionários pensadores, o reino dos mandarins. Confúcio deixou a lembrança de um homem modesto e bem intencionado, que lutou não contra a estrutura da sociedade de seu tempo, mas contra sua maneira de viver.

Dizia o filósofo: "o ideal não se deve afastar da realidade humana e quando tal sói acontecer e os homens aspirarem a um

ideal longínquo, esse não será o verdadeiro". Sua preocupação girava sempre em torno da criatura humana; aspirava reformar uma sociedade que lhe parecia degenerada e para tanto encontrar solução prática. E recomendava: "o príncipe deve agir como príncipe, o súdito como súdito, o pai como pai e o filho como filho".

"O homem deve possuir as quatro virtudes como possui os quatro membros".

O Jen estabelece as leis da família e os vínculos humanos, o respeito de si mesmo como de outrem, e uma sorte de magnanimidade, de altruísmo, e de compaixão. O Jen, sob o ponto de vista subjetivo, é uma propensão para fazer o bem no seio da família, é o amor e a piedade filial; e no quadro da sociedade, o amor fraternal. Distancia-se da caridade cristã, porque declara que se deve amar os bons e odiar os maus.

O Yi deve dominar a vida. É o sentimento de justiça e de eqüidade. Representa a doçura da existência e das relações humanas.

O Li é o senso do ritual. As cerimônias constituem um sistema de regras indispensáveis à ordem da sociedade. Cada ato da vida pública ou privada se acompanha de certas formas exteriores previamente estabelecidas.

Confúcio insistia muito no papel da música que cria harmonia entre o corpo e o espírito e estabelece entre os homens uma atmosfera de paz e de confiança. O Li, recomendado por Confúcio, tornou-se, com o correr dos tempos, mero formalismo e originou essa polidez que nos parece excessiva e pouco sincera. Deu, entretanto, ao povo chinês uma filosofia agradável e sorridente, e um admirável domínio dos nervos e do espírito.

O Tche é o conhecimento do bem e do mal, a distância entre as diversas ações e os diversos indivíduos, a fim de reprovar os maus e admirar os bons.

O chinês raramente se deixa dominar, durante muito tempo, por sentimentos exarcebados ou descontrolados; volta rapidamente à justa medida decorrente da prática das "quatro virtudes". Confúcio insiste na necessidade da educação que, segundo Mencius, é "a busca dos bons sentimentos perdidos".

Confúcio dividiu em cinco os deveres constantes das relações humanas: entre soberano e súdito, entre pai e filho, entre marido e mulher, entre o irmão mais velho e o mais moço, e entre o amigo e o amigo.

"Entre soberano e súdito, correção: entre pai e filho, obediência e respeito; entre marido e mulher, deveres recíprocos; entre irmão mais velho e mais moço, ordem; entre amigos, sinceridade".

A amizade cria novos elos que tomam, na vida de qualquer chinês, parte preponderante. Por exemplo, em chinês "amigo íntimo" se traduz por "me conhece". A amizade se afirma na sinceridade, e nem diferença de posição ou de idade poderá nela influir; para essa, o chinês encontrou a denominação poética de "amizade das idades esquecidas".

O filósofo e seus discípulos se dedicaram a educar e instruir seus concidadãos na esperança de um deles poder estabelecer, afinal, um governo perfeito.

Nas doutrinas dos diferentes filósofos ou fundadores de religião chineses nada existe de sobrenatural nem de revelação.

Mesmo o criador do mundo, Pan Keou, era um homem saído do caos e foi como homem que criou o Céu e a Terra.

O confucionismo demonstra claramente esse aspecto particular do espírito chinês.

Confúcio não inventou, não inovou, nem mesmo compôs manual algum de sua doutrina. Aproveitou-se das reuniões com seus discípulos para, das discussões e contradições, fazer surgir o caminho que julgava acertado. Seus seguidores, depois de sua morte, englobaram toda sua filosofia em regras estritamente determinadas, e Mencius, considerado seu melhor comentador, formou do sistema estabelecido, uma psicologia e uma moral abstratas.

Tchou Ki, outro de seus afamados seguidores, sobre os velhos textos construiu uma nova teoria: No principio existia o "não ser" absoluto, de quem procede o Ta Ki, princípio inicial.

O Li, símbolo da força interior que existia antes de toda criação, domina o universo e preside a toda sua organização. O Ki, massa gasosa, condensa-se e constrói durante certo tempo um mundo que em seguida se desagrega, para de novo recomeçar em um ciclo infinito e eterno.

O indivíduo, por sua vez, é um aspecto da energia cósmica que a morte destrói mas que se perpetua em seus descendentes. "... Existem gerações de homens como vagas do mar, a primeira não é a segunda e a segunda não é a terceira, mas todas são apenas modalidades da mesma água".

Apesar desses grandes vôos metafísicos, o tchouísmo permaneceu puramente racionalista.

A doutrina de Confúcio, sem dúvida, deu ao Império Chinês uma enorme estabilidade política, mas produziu um terrível mal pelo fixismo no passado que anquilosou o país durante séculos, sem permitir sua adaptação às ciências e à evolução da civilização.

Quando Chiang Kai Chek assumiu o governo, a velha doutrina encontrava-se em franca decadência, abandonada e quase reprovada. À medida que se quis firmar mais discricionariamente no poder, foi buscar em Confúcio base que o justificasse. Criou uma sorte de neo-confucionismo, instituiu o culto civil de Confúcio e considerou a doutrina como religião, filosofia e moral do Estado.

Apesar de não apoiar esse filosofia, Mao Tse Tung, ao liberar a cidade natal do Mestre, fez saber ao mundo, pela rádio comunista, que as tropas do exército da Estrela Vermelha haviam respeitado e restaurado o túmulo de Confúcio.

***

Maoísmo

Filho de gente humilde, Motseu nasceu no V século a.C.

Fundou uma escola de ascetismo, disciplina estrita, obediência total. Terminadas as horas de estudo e de exercícios espirituais, os discípulos dedicavam-se a trabalhos manuais. Motseu declarava que não deveriam ter direito à vida aqueles que não trabalhassem.

Pregava a simplicidade e a frugalidade, insurgia-se contra as grandes cerimônias, contra a arte pelo amor à arte, contra a guerra e contra o luxo.

Pregava, igualmente, amor universal e incondicional, a bons e maus. A família e os amigos se estenderiam, assim, ao infinito. Esse amor universal, porém, ao contrário do Jen de Confúcio, não implicava uma idéia de caridade ou de bondade, mas de cálculo e reciprocidade. Motseu não se iludiu jamais sobre a humanidade, que julgava má, injusta e necessitada de educação austera a cargo do Filho do Céu.

O maoísmo conheceu popularidade durante os dois primeiros séculos de sua criação; depois, por muito tempo, se confundiu com a doutrina de Confúcio.

***

Taoísmo

A história lendária da China conta que, no século V a.C., um sábio de nome Lao Tseu abandonou o Império do Meio, montado em um boi negro. Na fronteira, prestes a sair do país e a pedido de um soldado, compôs um livro – o "Tao Tö King".

A despeito dos inúmeros comentadores, este livro permanece uma das obras mais obscuras que a humanidade já produziu, embora de profunda poesia.

A Lao Tseu, cuja existência pertence assim mais à lenda do que à história, atribui-se um outro livro que com o Tao Tö King e os textos do Tcheouang Tseu formam os clássicos do Taoísmo, ainda hoje muito lidos e muito estudados.

O filósofo pregava a importância da vida obscura e desconhecida, e viveu segundo sua doutrina.

No segundo século de nossa era, Tcheouang Tseu, contemporâneo de Mencius, desenvolveu as teorias do Mestre com grande sentido metafísico e extraordinária beleza de estilo.

No princípio existia o Tao, de explicação quase impossível e de essência impenetrável, o "não ser" que gerou o "ser" e criou o céu, a terra e tudo que é vida. É a unidade que contém toda a divisão; é o imutável que contém todo o mutável; é o infinito que contém todo o finito.

O homem deve pautar sua vida segundo o princípio eterno, absoluto e incondicional dos contrários que se fundem e se submetem à Ordem Universal. Desse imenso sopro cósmico surgem normas invariáveis. Os objetos, como as criaturas, desaparecem, mas existe uma lei de retorno inevitável: tudo que vai ao extremo sofre uma reação em sentido contrário.

Essa lei gerou uma série de regras: o homem encontra na fraqueza a flexibilidade que lhe permitirá melhor resistir ao embate das tempestades do caminho. – "O mais fraco vencerá aos mais forte". – "Nada é mais maleável nem cede mais facilmente, do que a água quando atacada; se, porém, é ela quem ataca, nenhuma pedra resistirá, por mais dura que pareça".

O homem deve praticar a humildade e a tolerância, porque o Tao ensina que na diversidade do universo encontram-se todos os contrários que se transformam, desaparecem, para de novo se juntarem em novos objetos, novas vidas que continuarão eternamente o ciclo de renovação. "Quem se contenta com sua situação, sem maiores ambições, evita decepções e humilhações".

Talvez ao Taoísmo deve o chinês um certo senso da felicidade na aceitação sempre sorridente da sorte que lhe é imposta no momento, e do "compromise" que adota, sábia e seguidamente.

O Tao compreende o Ying e o Yang, dois princípios contrários, o feminino e o masculino, as trevas e a luz, o frio e o calor, e assim infinitamente, A beleza corresponde à fealdade, a bondade à maldade, a fidelidade à traição.

O Tao não é nem moral nem imoral. Supera as noções humanas. O sábio chega por vezes a exaltar a estupidez contra a inteligência e a utilidade da inutilidade.

Suplanta destarte o bem e o mal e transcende de toda a razão humana. Prega a necessidade da tranqüilidade e de se restringir a atividade ao estrito indispensável, seguindo o exemplo da natureza "reduzir, reduzir mais a atividade até atingir a não atividade". Mas, acrescenta que se conserve a espontaneidade característica do movimento cósmico, sem nunca forçar decisão prematura, com fins pessoais, ao contrário, ajustar-se e conformar-se ao ritmo do universo.

Mesmo a caridade pareceria, segundo a doutrina, contrária às leis do Tão.

Em política social, Lao Tseu se insurgiu contra o excesso de leis: – "quanto mais numerosas as lei de defesa da sociedade, maior o número dos que as infringirão".

Pedia fossem esquecidas as velhas regras dos séculos passados, as cerimônias prescritas por Confúcio, para evitar que a sociedade se anquilosasse e degenerasse.

Discordava inteiramente dos preceitos de Confúcio de que o estudo desenvolve o espírito. Para Lao Tseu, a única coisa válida era a intuição. Da mesma maneira, a discussão nada esclarece; quem a ela assiste não conhecerá, seguramente, jamais de que lado se acha a verdade.

O desejo nasce do conhecimento, ensinava o Mestre. Apague o conhecimento e desaparece o desejo. Buda, ao contrário, dizia que "da ignorância nasce o desejo que gera a dor; apague a ignorância e o desejo desaparecerá levando a dor".

Pregava ainda Lao Tseu que só no contacto da natureza o homem entra no conhecimento e na consciência do poder invisível que rege o Universo. Esse grande amor da natureza, peculiar ao povo chinês, veio certamente da influência do Taoísmo.

As aparências são sempre enganadoras. O conhecido apólogo de Tcheouang Tseu ilustra brilhantemente esse aforismo:

> "Um dia sonhei, eu Tcheouang Tseu, que era borboleta, e voava daqui, dali, como uma verdadeira borboleta. Seguia consciente meus caprichos de borboleta, inconsciente de minha condição humana. De repente despertei. Aqui estou deitado, eu mesmo, de novo. Agora, já nem sei mais ao certo se era um homem que sonhava ser borboleta, ou se sou uma borboleta que sonhou ser homem".
>
> "Entre o sonho e a realidade, segundo Tcheouang Tseu, difícil é distinguir onde um começa e outro termina, e acrescentou – existe um sonho que nos espera a todos nós e então, só então, saberemos se sonhamos um grande sonho".

Lao Tseu nunca tentou propagar sua doutrina; esta, entretanto, exerceu preponderante influência nos artistas e poetas de seu tempo e nos de todos os tempos. Hoje, ainda mesmo no Ocidente, os surrealistas, por exemplo, muito se firmam e se inspiram no Taoísmo.

Comumente repetem-se seus axiomas e sua máximas, sem absolutamente conhecer-se o autor: "quem sabe não fala, quem

fala, não sabe"; "quem conhece os outros conhece, quem se conhece, compreende"; etc.

Aos poucos o povo transformou Lao Tseu de filósofo em divindade, com conventos, altares, templos e sacerdotes.

E com o passar dos anos, essa doutrina tão poética degenerou em materialismo brutal. Os taoístas julgam teoricamente possível a fabricação do ouro; uns tornaram-se alquimistas; outros ascetas, buscavam na meditação, na imobilidade, na supressão de todas as emoções e no emprego de uma determinada ginástica respiratória, elevarem-se acima de sua condição humana, para evitar a morte.

Ora, Lao Tseu ensinara: "quem estiver vivo, segundo a lei inviolável, deve morrer. Evitar esse fim é tão impossível como nascer para quem já houver nascido".

Contrariando esses ensinamentos, os monges taoístas concentraram os melhores de seus esforços na busca do elixir da longa vida e para tanto se entregaram a toda sorte de magia.

O princípio do Ying e Yang servia-lhes apenas para prática da necromancia, da astrologia e da demonologia.

Hoje são poucos, muito poucos, os ascetas que se dedicam ao culto do Taoísmo e os raros conventos ainda abertos acham-se em sítios distantes e de grande beleza. Os monges recebem turistas e peregrinos com doçura, oferecem-lhes um delicioso chá perfumado a jasmim e vendem-lhes orações e talismãs mágicos.

***

Escola de Leis

A Escola de Leis conservou-se sempre afastada das grandes correntes filosóficas de seu tempo e em suas diretrizes se aproxima de algumas das doutrinas do Ocidente.

Só os castigos e as recompensas obrigam ao homem, por natureza mau, a agir corretamente. Só a disciplina estrita o forçará a permanecer no bom caminho.

O governo deve substituir a noção da virtude pela força da lei. O príncipe não é necessariamente um ser superior. As leis, uma vez decretadas, dirigirão o Estado. O príncipe é susceptível, apenas, de conceber projetos de administração e os meios de melhor executá-los. O povo deve obediência ao governo que, em certos casos, empregará métodos de "persuasão" para convencê-lo.

Han Fei foi o grande propagador da Escola de Leis.

Ao contrário do confucionismo, a Escola de Leis ensinava que o governo conformasse sua política à oportunidade do momento e nunca à tradição do passado.

Aproveitar o realismo do momento, se necessário recorrer à guerra – "As garras permitem ao tigre vencer o cão", e usar de astúcia – "As alianças, enquanto úteis, e nunca esquecer os métodos que ao inimigo repugna usar".

Todo o esforço dos dirigentes, assim como a educação do povo, se orientariam para a conquista dos países vizinhos. A

nação consideraria úteis apenas os camponeses para cultivar a terra, que dava alimento, e os soldados para defendê-la; as outras classes poderiam desaparecer. Os reis Tsin praticaram muitos dos ensinamentos da Escola de Leis e reuniram a China inteira sob seu cetro com um poder draconiano.

Chiang Kai Chek jamais citou a Escola de Leis, mas seguidamente empregou suas regras, em sua política infeliz e fracassada.

***

Buda

Buda, segundo a lenda, era filho de um raio de sol.

Nasceu príncipe real e foi contemporâneo de Confúcio e de Lao Tseu de 428 a 363 a.C.

Jovem, belo e rico, levava a vida fácil, cheia de prazeres. Durante um de seus passeios a cavalo, realizados todas as manhãs, acompanhado de numeroso séqüito, assistiu morrer ao desamparo um indigente. Tão profunda impressão lhe causou esse sofrimento, que abandonou sua formosa mulher, seu palácio e seu filho, ainda criancinha, para dedicar-se ao amor e à salvação da humanidade.

Saiu em peregrinação, na mais extrema pobreza e chegou até a Índia, onde, depois de muitos trabalhos e de muito ascetismo, recebeu a "iluminação" quando meditava debaixo de uma árvore, o Bode, em Gaya, hoje Sud Bihar, perto de Benares.

Ainda hoje, centenas de peregrinos, como emocionada presenciei, procuram diariamente esse sítio, onde praticam exagerada devoção.

Buda, cheio de compaixão, queria evitar a dor, que em toda a parte tortura a humanidade. E pregava que sua origem está na sede de prazeres e desejos, oriundos, sempre, da ignorância. Suprimida essa, o desejo desaparece, carregando a dor.

Encontrei há anos, no Japão, onde estivemos em posto, o monge e professor Daiset Teitaro Susuki, grande filósofo e uma

espécie de Papa do Zen Budismo, e professor de filosofia budista na Universidade de Quioto, que consentiu em me dar um pequeno curso de filosofia e religião budistas. E em cada lição o mestre repetia: "a ignorância é o princípio de todo o mal; do conhecimento nasce a luz que mata o desejo, criador único de todo o sofrimento".

Lembro-me da tarde em que dele me fui despedir, em um convento budista, perto de Yokoama. Agradeci os ensinamentos e, sobretudo, a paz espiritual que me ajudar a encontrar e manifestei o temor de perder tão inestimável bem na vida agitada da Europa para onde voltava.

– Por que, filha?

– É que lá entro de novo no turbilhão, Mestre. Pouco tempo me sobrará para a meditação, o trabalho e os exercícios. E depois, lá as tentações são seguidas.

– Nunca resista à tentação filha. A tentação retém o espírito na terra.

– Como? Perguntei. Mas sentirei remorsos e o remorso é um tormento.

– Nunca sinta remorsos, filha. O remorso retém o espírito da terra.

– Sua doutrina me parece bastante perigosa, Mestre. Para onde me levará?

– Não, filha. Você nunca matou ninguém e se horroriza à idéia de matar. É preciso que tudo aquilo que você julgue um mal se torne de tão impossível prática quanto a de um crime. O perigo é o desejo. A única coisa importante para

você é a criação. Bebe o copo de água e a água perderá a importância. E esquece. Senão, ao contrário, sua importância crescerá até se transformar em empecilho intransponível para seu progresso espiritual.

E fomos caminhando até à porta que se abria diante de uma imensa alameda de criptomérias e se estendia sem fim, a perder de vista, fazendo mais triste a minha partida pela beleza inesquecível do espetáculo. Sentada na soleira da porta, calçava meus sapatos (porque no Japão ninguém entra em casa, e menos, ainda, num convento, usando o sapato sujo da poeira das ruas), quando ele disse:

"– Um último conselho, filha. Ouça. Há muito tempo existiu uma princesinha que, na ânsia da perfeição, resolvera abandonar o mundo e entrar em um convento para mais rapidamente se tornar "buddhisattwa". À noite, com receio da oposição da família, fugiu e levou em um lenço, amarrados, suas jóias e o dinheiro que possuía. Andou a noite e andou o dia.

O convento ficava longe, no topo de uma montanha. E andou o dia. E à noite, cansada, chegou a uma hospedaria. Repartiu a metade do dinheiro e das jóias porque se envergonhava de tanto possuir.

Na outra noite e nas seguintes a mesma cena se repetiu até que chegou ao pé da montanha onde, lá bem no alto, viu o convento onde iria afinal encontrar o abrigo ambicionado.

Aí deu tudo o que lhe restava. Nada guardou.
Jamais chegou ao mosteiro e jamais atingiu o Nirvana. Ouça, filha. Nunca dê a última moeda".

Depois, com aquele sorriso indescritível que só dá a sabedoria oriental acrescentou:

"– Todos esses conselhos fazem parte de uma doutrina que se ensina aos que já se adiantaram no caminho espiritual. Para você, repito, o essencial é a criação que a elevará acima das contingências mesquinhas de cada dia".

Mestre Susuki ficou para sempre presente em minha memória.

A história básica do budismo firma-se em que a dor nasce do desejo, e que desaparecido este, desaparece aquela. Necessário se faz, portanto, destruir as causas desse ciclo eterno dos renascimentos e da transmigração das almas. Cortar a cadeia das paixões é praticar uma caridade universal, extensiva a todos os seres viventes.

O universo não passa de uma miragem e o espírito humano deve-se desligar de tudo que o prenda à terra e se independer completamente. Na Índia, onde imperam as castas e os deuses cruéis não conhecem o perdão, o advento do budismo produziu uma espécie de revolução espiritual, e agiu como um bálsamo de doçura.

Teve tais conseqüências que os dirigentes daquela época proibiram a propagação da nova doutrina, a qual

permaneceu apenas no Ceilão, sob a modalidade de "Pequeno Veículo".

Daí passou para a Birmânia, o Sião e enfim para a China.

A doutrina do "Grande Veículo" desenvolveu-se na China com imensa força e modificada, ainda, chegou ao Tibete, onde se estabeleceu de forma independente.

No ano 65 a.C., um imperador da dinastia Ming, em um sonho profético, recebeu ordem de mandar emissários à Índia buscar as verdadeiras escrituras. Evidentemente isso contribuiu mais para o crescimento da religião budista no Celeste Império.

No segundo século de nossa era, missionários iranianos levaram para a China a doutrina, porém diferente e deformada.

No terceiro século a filosofia e a literatura budista se espalharam e se firmaram de tal sorte que muitos dos imperadores abandonaram o trono para se tornarem monges e, amiúde, sacerdotes chineses corriam à Índia em busca de novos esclarecimentos, enquanto no Tibete apareciam os primeiros Lamas.

O Matayama, ou Grande Veículo, não faz parte da primeira doutrina e ensina que a oração dos "buddhisattwa", futuros Budas, atravessando pela última vez a vida, já liberados dos ciclos das reencarnações, purificados e iluminados, pode salvar os pobres mortais perdidos nas trevas da ignorância e do sofrimento.

Entre esses santos do Panteão budista aparece como o mais eficaz na Índia, o Matreia ou Messias e na China, Amida (o Buda da Luz Infinita), que governa o mundo da "Terra Pura" e a deusa da Misericórdia, Kouan-Yin, que consola, intercede em favor

de seus devotos, livra-os do fogo da prisão e de todos os perigos, e dá fecundidade às mulheres.

No sétimo século surgiu e se propagou na China uma seita Tchan ou Zen, que prometia a evasão das transmigrações por certos exercícios espirituais e a prática de um ascetismo que levavam a um estado de "iluminação" próximo ao "êxtase" do Taoísmo.

No Tibete, no oitavo século, Padma Sambhava pregou teoria diferente que, mais uma vez reformada por Tsong Ka Pa, transformou-se na "Seita Amarela" toda poderosa até hoje. Os Lamas, Budas vivos, reencarnação dos primeiros fundadores da religião, exercem poder tanto temporal quanto espiritual.

Modificaram o dogma e entregam-se mais à energia ativa que à espiritual. Muitos deles aparentam fisionomia desagradável com caretas e trejeitos. Assim não era, porém, o atual Dalai Lama que conhece em Delhi, onde fora para as comemorações do segundo milênio de Buda.

Encontrei-o uma ocasião, em imponente e impressionante cerimônia pública, sob uma imensa tenda armada à maneira tártara. O Buda Vivo, coberto de brocados ouro e branco, sentado em um trono de laca, dava audiência a seus fiéis.

Ao longo da avenida, filas intermináveis esperavam para entrar, centenas e centenas de crentes, ajoelhados diante do Deus Vivo, rezavam, suplicavam-lhe a benção, choravam e caíam em impressionante êxtase coletivo.

O Dalai Lama, compungido, fez então uma prédica que foi traduzida para o inglês. Pedia "paz e amor entre os homens". Em seguida abençoou os fiéis que haviam desfilado, cheios de



Nehru – o Dalai Lama – Krishna Menon chegando para a audiência pública em Nova Delhi

mesuras, diante de seu trono, deixando em duas grandes cestas suas oferendas: dinheiro, flores, frutos, pássaros, ovos, uma miscelânea comovedora e ingênua que o Buda aceitava encantado. Aos primeiros que passaram presenteou com uma espécie de talismã, que recebi e guardo cuidadosamente.

Uma segunda vez, pude conversar com o Dalai Lama em uma recepção oficial me homenagem ao primeiro Ministro Chou En Lai.

Sua personalidade dominava o ambiente e o pobre Buda Vivo, de óculos, vestido à ocidental, mais parecia um tímido estudante de filosofia esmagado pela extraordinária presença do estadista chinês.

O budismo incorporou-se de tal forma à vida do povo, que ainda hoje, no quinto dia do sétimo mês, celebram a festa de "todas as almas". Recitam-se os sutras e nas casas e nos templos acendem-se velas para mostrar o caminho às almas ainda perdidas, e que vagueiam por este mundo inferior.

Dos mais de cinqüenta mil templos e mosteiros budistas na China, poucos hoje, guardam sua função. É que muitos bonzos e sacerdotes colaboraram durante a guerra com os japoneses e depois da vitória de Mao Tse Tung deram asilo a certos traidores perigosos.

Esses mosteiros, em geral de grande beleza, guardam riquíssimas coleções de arte em pintura e escultura; nos que ainda de encontram abertos, os bonzos, vestidos de amarelo e de cabeça rapada recebem os visitantes, com infinita polidez, oferecem chá e vendem orações e talismãs.

O budismo, mesmo antes da revolução, entrara em decadências na China e se transformara em espécie de superstição popular. Por isso, em 1936, uma associação de intelectuais procurou unificar e renovar a doutrina e a filosofia budistas.

Verifiquei, entretanto, no Congresso Internacional Budista, reunido em novembro de 1956, em Delhi, o interesse existente entre os estudiosos de quase todos os países do mundo que ali ocorreram em massa para discutir teses sobre essa magnífica filosofia, sem dúvida, uma das mais belas de quantas a humanidade produziu.

Além dessas, algumas outras religiões encontram adeptos na China, sem nunca penetrar verdadeiramente nas mas e sem nunca exercer marcada influência na civilização do país.

O Masdeísmo e o Zoroastrismo conheceram certa voga durante a dinastia Tang, que igualmente acolheu heresias cristãs como o Nestorianismo e Maniqueísmo já há muito desaparecidas.

O povo chinês pratica apenas três religiões estrangeiras: o Islamismo, o Catolicismo e o Protestantismo.

***

Islamismo

No tempo do Imperador Tai Tsou Tang, no sétimo século, um rei muçulmano mandou-lhe, como emissários, três sacerdotes. Dois morreram no caminho; o terceiro causou tal impressão, que por sua vez o Filho do Céu mandou àquele monarca três mil soldados para serem instruídos nos costumes ocidentais. O muçulmano respondeu então ao imperador com três mil soldados muçulmanos, origem de todos os que existem na China. A história não confirma nem desmente essa lenda.

O mais certo, porém, é descenderem os muçulmanos chineses dos soldados mercenários da época Tang e dos navegadores árabes que passaram pelos portos do Sul.

Existem, ainda, na China mais de cinqüenta milhões de muçulmanos e uma quarenta mil mesquitas, cujas fachadas não se distinguem das casas que as rodeiam senão pelas inscrições árabes e um grande globo azul colocado no alto do telhado. No interior, seguem as tradições árabes.

A limpeza, a soberania e a calma desses templos os fazem contrastar fortemente com os templos taoístas e budistas.

Um tio de Maomé, segundo a lenda, construiu a primeira mesquita do país, em Cantão, a "Mesquita de Recordação".

Os maometanos chineses continuam a praticar estritamente as regras e o regime alimentar prescrito pelo Profeta.

Até a revolução, estudantes maometanos iam cursar as universidades do Cairo, e todos os anos grandes peregrinações partiam em busca dos lugares santos.

A tradução do Corão para o chinês só se fez tardiamente e em 1927 apareceu a primeira edição completa.

Diversos maometanos alcançaram altas situações políticas e, no governo de Mao Tse Tung, o General Pai Chung Hsi, considerado um dos melhores chefes militares da China, exerceu o cargo de Ministro da Guerra.

***

Catolicismo

Em 1293, o padre Jean de Morcovin chegou a Pequim e graças a seus conhecimentos gerais e técnicos conseguiu insinuar-se nos meios da corte e obter a boa vontade do Imperador. Pouco depois, vieram alguns franciscanos, e entre os que marcaram sua passagem citam-se Verbiest e Guerbillon.

No século XVI, os jesuítas Mathieu Ricci e Adam Scholl, seguindo as pegadas dos primeiros, souberam conquistar os favores imperiais, dando em troca seu alto saber.

De 1692 data o primeiro edito de tolerância que facilitou a expansão do catolicismo.

As discussões em Roma sobre os cerimoniais e a censura do Vaticano, que não compreendeu a transigência dos missionários, atrasou e perturbou o trabalho que aqueles sacerdotes iam empreendendo com êxito.

Em 1858, pelo Tratado de Tsien Tsin, a França obteve liberdade total para a prática e ensino da religião.

As cruéis intervenções militares e as explorações desabusadas dos conquistadores ocidentais suscitavam, de quando em vez, explosões de ódio e em sua juta cólera o povo identificava os missionários e seus algozes. Isso resultava, periodicamente, em perseguições, destruições de conventos e igrejas, e trucidamentos.

Os intelectuais, por sua vez, sempre se opuseram a uma doutrina "bárbara", que aconselhava seus fiéis a não contribuírem para os cerimoniais e que pregava o sofrimento, ao invés de "a beleza da vida".

Desde 1901 o catolicismo ficou definitivamente estabelecido na China e conta hoje uns três milhões de praticantes. Muitas famílias vêm perseverando na prática dessa religião através de gerações, apesar de perseguições esporádicas.

Em 1922, o Vaticano nomeou o Primeiro Delegado Apostólico para Pequim, substituído por um Internúncio em 1948 e criou diversos Bispos chineses.

Os missionários jesuítas, como de hábito, fundaram escolas e colégios e a universidade Aurora, em Shangai, possuía excelentes faculdades de direito e de medicina.

Depois da revolução, em algumas regiões, os católicos e os sacerdotes sofreram violenta perseguição. Convém mencionar, no entanto, que muitos deles, obedecendo à ordem de certos Bispos, tomaram partido, abertamente, por Chiang Kai Chek e empregaram todos os meios para conseguir a impossível derrota dos revolucionários.

As Igrejas Católicas continuaram abertas na China e o público pode livremente freqüentá-las, praticar e assistir as cerimônias realizadas regularmente.

***

Protestantismo

Só em 1807 chegou à China o primeiro missionário protestante, o inglês Robert Morisson, que em 1818 já publicava uma edição da Bíblia em chinês.

Os missionários americanos apareceram em 1830.

A evangelização protestante começou, entretanto, verdadeiramente após a extensão aos protestantes do edito de tolerância de 1846.

Os missionários, a principio, desprezavam os costumes e a civilização chinesa que acoimavam de supersticiosa e ignorante.

Quando Timothy Richard, em fins do século XIX, traduziu para o chinês certos clássicos ocidentais, os missionários protestantes, a exemplo dos jesuítas, fundaram algumas escolas e hospitais.

Encontram-se na China umas cento e trinta diferentes seitas protestantes que, de modo geral, mais do que o catolicismo, influíram nas altas esferas intelectuais e políticas do país.

Entre os mais importantes protestantes chineses encontram-se Sun Yat Sen, que freqüentava assiduamente a "Cristian Church"; Chiang Kai Chek e Senhora, que sempre demonstraram exagerada religiosidade; e o general Feng Yu-Sing, que, em um momento de exaltação de fé, fez batizar, com mangueiras de bombeiro, todas as suas tropas.

O Governo da República Popular Chinesa faz celebrar, cada segunda-feira, em honra de Sun Yat Sen, em todas as escolas, cerimônias de cunho protestante: três saudações diante de imagem do fundador da república, três minutos de silêncio seguidos de um discurso, à maneira de sermão e a entoação de um hino.

O governo popular, uma vez instalado, nacionalizou todas as escolas e hospitais; expulsou muitos missionários protestantes e sacerdotes católicos como represália, talvez, ao procedimento daqueles que se puseram abertamente do lado do inimigo, com todo o peso de seu auxílio.

Na Assembléia Consultiva Política, que em 1949 votou a nova Constituição da República Popular Chinesa e elegeu seus dirigentes, os credos assim se representaram; cinco protestantes, dois budistas, um muçulmano, todos escolhidos pelo governo. Não foi admitido, porém, nenhum delegado católico. Pela absoluta dependência do Vaticano e, portanto, do estrangeiro, tornaram-se suspeitos aos nacionalistas.

***

Condições Sociais

Durante centenas de anos a China viveu sob um único regime político: o império absoluto. A própria fase revolucionária do Kuomintang durou pouco. Ao assumir o poder Chiang Kai Chek anulou-lhe os efeitos. Chamou o antigo quadro de funcionários mais ou menos corruptos e governou com as novas leis mas na rotina e com os defeitos do passado. Com o neo-confucionismo de sua criação foi mais longe e fez um retorno aos velhos costumes e aos tradicionais e retrógrados cerimoniais.

Durante o Império, na cúpula da sociedade, se encontrava o Filho do Céu, mandatário deste e por este encarregado da felicidade do povo que, por sua vez, lhe devia obediência e submissão inteiras.

Segundo os rituais prescritos pelo "Livro dos Cerimoniais" de Confúcio, a fim de evidenciar sempre a autoridade do chefe, ninguém, nem mesmo um embaixador estrangeiro, se poderia aproximar do imperador, sem, por três vezes ter-se ajoelhado e tocado a cabeça no chão.

O imperador repetia diante do monumento de seus antepassados idêntico cerimonial e, de maneira um pouco simplificada, os altos dignitários entre si.

O Filho do Céu, cercado de uma corte formada de parentes seus e os de suas numerosas mulheres e concubinas, vivia

na Cidade Proibida, onde dominava um tremendo nepotismo, cheio de intrigas e ambições, que traziam discórdias e, não raro, traições e assassinatos.

Na Cidade Tártara habitavam os que dispunham de fortuna e na Chinesa os artesãos e a classe menos favorecida. Nenhuma cidade do mundo, como Pequim possui traçado tão perfeito, nem urbanismo tão bem definido.

A China dividia-se em dezoito províncias, com um governador para cada duas, e mais um governador-geral e seis ministérios para administrá-las. A dinastia manchu teve sempre governadores manchus com adjuntos chineses para auxiliá-los.

Um sistema de exames, bem organizado, presidia a escolha dos funcionários. As matérias escolhidas para esses concursos, puramente literários, tornavam, contudo, a seleção arbitrária e adstrita aos meios ocultos, sempre os mesmos, mais afortunados, sem que se pudesse verificar as qualidades morais ou as de administrador dos candidatos.

Os funcionários imperiais usavam uniformes pomposos com o célebre botão amarelo no boné, que os distinguia do comum dos mortais.

Os inferiores enviavam imensos relatórios aos superiores que lhes respondiam com as necessárias ordens, e toda essa correspondência em luxuoso papel timbrado era guardada em repartições especiais, tal como no Brasil, em nossos dias.

O correio se transportava por um sistema de substituição de estafetas, de tantos a tantos quilômetros, que iam a pé, a cavalo,

em embarcações pelos rios e canais, em palanquins e chegavam bastante rapidamente a Pequim.

O imperador enfeixava em suas mãos toda a administração: nomeava todos os funcionários, mesmo os de menor categoria, promovendo-os ou removendo-os. Desde a primeira nomeação e para todas as outras, o funcionário devia apresentar-se ao Filho do Céu para testemunhar-lhe sua gratidão e inteira devoção.

Muito vasto e assaz organizado era o sistema de fiscalização. Um funcionário manchu acompanhava cada um dos seis Ministros para vigiá-lo e relatar a Pequim seu comportamento e suas opiniões. O mesmo sistema prevalecia em todos os ramos e todos os degraus da administração.

Além dessa espionagem recíproca e oficializada, um grupo de fiscais percorria incessantemente o país para delatar ao imperador possíveis faltas encontradas.

Esse processo de governo, à primeira vista, apesar de desagradável, parece aperfeiçoado e dedicado ao bem da causa pública. Não passava, entretanto, de um instrumento nas mãos do chefe supremo que o usava, quase exclusivamente, para gozo de suas ambições.

O excesso de centralização completava-se com um excesso de papelada, de perda de tempo, de formalismo inútil, e de desperdício de dinheiro que saía da bolsa miserável dos pobres "cem nomes".

Com a falta de leis reguladores dos impostos e com os magros salários percebidos, os funcionários, que as mais das vezes

exerciam duplos cargos, provincial e central, aos poucos estabeleceram um tráfico de influência que tornava insuportável a vida dos que necessitavam recorrer ao governo.

Nenhum papel andava, nenhuma decisão se tomava em nenhum Ministério sem o pagamento de enormes somas de dinheiro aos encarregados.

Todos esses abusos que já vinham de séculos de administração viciada continuaram aperfeiçoados no governo Chiang Kai Chek. A máquina arraigada no país, que facilitara durante tantos séculos o autoritarismo do imperador, convinha certamente ao espírito do ditador, que preferiu conservar os mesmo funcionários saídos sempre da mesma classe, a tentar uma reforma de base, capaz de sacudir a estrutura do país mas diminuir sua autoridade.

Os camponeses e os pequenos funcionários formaram sempre a classe mais sólida da nação. A despeito de seus sofrimentos e de sua pobreza, salvaram a China do aniquilamento nas revoluções, guerras e invasões, já pelo amor à terra à qual permaneciam arraigados e de onde tiravam o sustento, já pelo trabalho anônimo, que continuava, mesmo por ocasião da mudança de dinastia ou do domínio passageiro de invasores.

A cultura chinesa, por sua força e superioridade, inevitavelmente dominou todo e qualquer conquistador que o povo via, com certa indiferença, apossar-se do país.

A partir de 1910 o senso de nacionalismo despertado desenvolveu-se e após a ocupação japonesa, que tanto esmagou e

humilhou o povo, e a guerra de 1935 a 1939, um patriotismo ardente revelou-se mais acentuado, talvez, entre a população rural.

Principiou então a luta, tanto nacional como social, durante a qual um nacionalismo feroz se acentuou entre a massa; os dirigentes, ao contrário, não raro passaram para o lado do inimigo, tal como o general Wei, discípulo amado de Sun Yat Sen, que aderiu aos invasores e aceitou o governo fantoche de Nanquim.

Esta conduta moral procedida seguramente dos longos anos de feudalismo em que só contavam as relações entre os "grandes senhores da guerra", havendo total esquecimento e indiferença completa pelos deveres ditados pelas relações humanas e pela lealdade para com a pátria.

Talvez igualmente aquela absoluta insensibilidade moral viesse da dificuldade, até à Revolução Popular, da definição de Raça e Pátria chinesas. Havia até então uma tal quantidade e diversidade de tribos, que dificilmente se encontraria um ponto de contacto entre elas.

A civilização e a cultura chinesa realizam, unicamente, o milagre de conservar intacta a união de todas essas raças durante os séculos que durou o Império. Hoje, realmente unidas e amalgamadas, foram a República Popular da China.

***

Condições Econômicas

A história descreve a China como um país essencialmente agrícola. A agricultura condicionou a política e motivou as revoluções que se sucederam em intervalos regulares, e, nos últimos anos, o partido comunista deveu aos camponeses a força invencível do movimento que transformou radicalmente o país.

Até cinqüenta anos atrás o Império do Meio compreendia duas classes: a dos senhores e a dos "cem nomes". À massa pobre nenhum direito cabia, nem mesmo o de possuir uma alma; enquanto que os senhores se lhes davam duas: uma que ficaria junto a seus restos mortais, outra, essência de sua espiritualidade, que subiria aos céus.

A essa minoria, unicamente, pertencia a cultura e civilização chinesa.

Os camponeses ali, tal como os hindus de hoje, viviam totalmente escravizados e ligados à terra. Multiplicavam-se tanto quanto lhes permitiam suas possibilidades materiais, mas a miséria, a subalimentação, a falta de higiene os dizimavam contínua e periodicamente; as grandes inundações, a fome e as epidemias os liquidavam em proporções espantosas.

Mesmo assim, da proliferação exagerada vinha, em conseqüência, uma grande quantidade de braços disponíveis, de mão-de-obra barata, mais barata até do que o trabalho animal.

Na sociedade chinesa a família e não o indivíduo formava a unidade de base. Ao contrário dos saxões e dos escandinavos, cujos filhos saem para viver e ganhar a vida ao atingir a maioridade, na China, os filhos casados vinham para casa dos pais e as filhas para a dos maridos, e a família não se desassociava jamais.

As relações entre os membros da família se regulavam por uma espécie de código estabelecido por Confúcio e seus discípulos.

A unidade da família dependia do poder do "Pater Famíliae" a quem cabia assegurar a ordem da célula.

A supremacia do homem sobre a mulher procedeu, ao princípio, da divisão cosmológica do Ying e do Yang, parte da teoria taoísta, que fortificou a noção da inferioridade da mulher. A missão da mulher completava a organização da família e consistia, além de prover descendência, em distrair seu senhor. Quando envelhecia ou não lhe dava imediatamente filhos, cabia ao marido o direito de tomar uma ou mais concubinas, segundo suas posses.

Depois que se tornou célebre certa concubina imperial, pela pequenez de seus pés, fator erótico na China, principiou o costume da deformação dos pés das mulheres. Desde o nascimento comprimiam os pés das meninas com tiras de pano que impediam seu desenvolvimento, de começo na esperança de encontrarem na puberdade sorte melhor, em seguida em sinal de escravidão, pela impossibilidade de presteza de locomoção.

Da estrutura da família decorreu o código moral, o respeito filial, a autoridade paterna e correlativamente de toda autoridade: senhor, mandarim, imperador.

Essas leis favoreceram os hábitos de disciplina, de obediência do povo, mas diminuíram e quase extinguiram os de iniciativa, contribuindo para o retardamento político e técnico que tantos males trouxeram ao país.

Durante séculos, o camponês sem possuir terras cultivava as do senhor a quem pagava como aluguel metade da colheita. A ele devia obediência absoluta.

Segundo o direito das gentes, porém, não era escravo nem pertencia ao grande proprietário. Guardava o direito de locomover-se, de instalar-se em outra região quando isso lhe aprouvesse, para onde é certo mudavam-se com ele a miséria e o sofrimento.

De igual forma podia comprar ou vender propriedades e só não o fazia pela habitual carência de meios.

De acordo com a doutrina oficial – confucionismo – o indivíduo era considerado segundo o lugar ocupado na hierarquia e como membro de tal ou qual grupo. A classe dominante, que representava fraca proporção da população, vivia nas cidades em grandes casas cercadas de jardins e pavilhões anexos destinados aos empregados e aos negócios. O poder dessas famílias vinha de longínqua época feudal.

Graças às rendas das terras alugadas, os Senhores foram-se transformando em uma espécie de pequenos banqueiros usuários. Alguns, no entanto, tornavam-se chefes militares e outros, poetas e pensadores.

A filosofia chinesa foi, portanto, a emanação dessa sociedade e sua moral a codificação da atitude de seus componentes.

Enquanto na Europa e na América, desde o fim da Idade-Média constituiu-se uma burguesia, na China só muito mais tarde tem-se notícia de seu início. Motivos econômicos determinaram essa fato: a terra explorada não pedia valorização, as invenções técnicas e mecânicas dos fins do século XVIII, que deram origem ao movimento das grandes empresas, não encontraram eco ali, e a falta de contacto regular com o mundo exterior impediu um comércio internacional importante.

Só o proprietário de terras gozava de consideração social. Assim, quando um indivíduo conseguia criar qualquer capital, empregava-o imediatamente na aquisição de terra, o que lhe permitiria ingressar na sonhada e ambicionada classe superior.

Ademais, tal como na Europa até meados do século XIX, não era bem visto quem trabalhasse; a ociosidade emprestava brilho de elegância e era considerada como o ideal dos bafejados da sorte. Na sociedade chinesa dominavam os Senhores proprietários que apoiavam seu poder no único meio de produção da época: a terra.

E apesar de todas as revoluções que se sucederam no curso de sua história, todas oriundas da miséria e da exploração do camponês, pouco se modificou a estrutura social e econômica da China, durante mais de quarenta séculos e, sem exagero, até a revolução de Mao Tse Tung.

***



Do Império à República

Depois da Primeira Guerra, a Europa vencedora dominava a quase totalidade da Ásia.

Cinco anos após a segunda guerra as mais importantes nações asiáticas se tornaram independentes. Hoje, quando aquele formidável Movimento de Independência Nacional se afirmou triunfante, essas mesmas nações procuram desvencilhar-se dos restos de feudalismo que as ligam ainda aos velhos costumes coloniais.

E essa revolta da metade da humanidade ficará como o maior acontecimento da história do século XX. A origem dessa agitação econômica e social vem do último século de história que o Ocidente persiste em menosprezar.

Desde a guerra do ópio até a partida dos holandeses da Indonésia os povos asiáticos, pouco a pouco, romperam o isolamento em que viviam e descobriram a civilização materialista do Ocidente. No princípio do século XIX o movimento irredentista, apenas incipiente, foi, de crise em crise, se avolumando cada vez mais.

Os acontecimentos históricos decorrentes das duas guerras mundiais deram-lhe uma força irresistível.

O anticolonialismo e o antimperialismo exacerbaram as aspirações de independência, de igualdade e de liberdade.

O nacionalismo, de começo, espécie de rebelião negativa, ofereceu a todos os descontentes uma bandeira para a luta: liberta-se da opressão estrangeira.

Apesar das profundas diferenças na maneira de viver, nas modalidades políticas e sociais, nas religiões e nas raças, mais aparentes que reais, certos denominadores comuns ligam os povos do continente asiático: a exploração que sofreram, e que muitos ainda sofrem, a miséria e a luta pela própria sobrevivência.

O desenvolvimento econômico, industrial e material de todos aqueles países se subordinou, durante as últimas décadas, a interesses econômicos estranhos quando não contrários aos seus, trazendo-lhes profundas deficiência e contribuindo para o retardamento de sua civilização e cultura.

Não pareceu em nada inferior a da Europa a civilização material e espiritual que Marco Pólo, Vasco da Gama e Albuquerque, entre outros, encontraram nos países asiáticos que visitaram.

A vida fácil, o luxo, a beleza das cidades, as descobertas, excitaram-lhes a admiração e a cobiça.

A verdade é que as primeiras grandes descobertas, mesmo técnicas, vieram do Oriente, e sobretudo da China.

A primeira rede de canais chineses, obra do imperador Wou, data de 2085 a.C., para drenagem das enchentes do rio Azul. Os primeiros carros de assalto, se assim podemos denominá-los, blindados de cobre e manejados por um arqueiro e mais dois guerreiros, apareceram nos combates dos Hia, vinte e cinco séculos antes da nossa era e, nessa mesma data, surgiram a sericicultura e a tecelagem da seda.

No século XI a.C., durante a Dinastia Tchou, equipes de astrônomos compararam suas observações com as dos astrólogos, datando daí o primeiro ensaio de astrologia científica.

No II século a.C., Tcheou Suan-King, num longo tratado de matemáticas, ensinava a trigonometria aplicada à astronomia. À mesma época remonta o aparecimento do papel feito dos resíduos de seda. Em 105 d.C., já o faziam de cascas de árvores e resíduos de tecidos.

Do século IV antes de nossa era, data o primeiro catálogo de estrelas enquanto o de Hipparchus apareceu em 134 d.C.

No século XIV, Rachid Al Din Handami, grão-vizir da Pérsia, mandou escrever um tratado sobre ciência em chinês, declarando: "ser o chinês a língua mais conveniente, porque internacional". Este mesmo vizir fez traduzir diversos capítulos do Mö King, longo estudo do pulso e das pulsações, escrito na China no II século.

A Biologia foi objeto de estudo na China muito antes que na Europa. A acupuntura, com um perfeito conhecimento dos centros nervosos, data de 5000 a.C., e só agora as principais universidades da Europa instituíram para esse método cátedras especiais.

O primeiro livro sobre medicina-legal, em qualquer literatura, foi o Siy Uan Lu, escrito por um magistrado e médico no século XIII e que reuniu, pela primeira vez, observações tendentes a provar a causa da morte de um afogado, se acidental ou criminosa.

Os historiadores verificaram que as belas ilustrações dos livros de botânica chinesa precedem de muito às de Conrad Gesner e outros botânicos ocidentais.

Em técnica, os primeiros moinhos movidos pela água apareceram simultaneamente na Europa e na China, na época de Mithridates mas lá eram empregados na moagem de cereais e cá para a siderurgia.

Os chineses já usavam o processo de perfuração profunda e sondagem do solo no primeiro século a.C., enquanto que na Europa as primeiras tentativas se fizeram no século XI. A província de Setchouan possuía solo riquíssimo em sal e gases naturais, o que permitiu seu aproveitamento com um sistema engenhoso de bambus, munidos de uma espécie de válvula. O sistema empregado numa perfuração de 1.000 metros de profundidade representava o mesmo trabalho hoje realizado pelos complicados instrumentos da atualidade. Para se aquilatar a antiguidade daquele processo aí estão os baixos-relevos de argila Han, onde se podem claramente distinguir os poços, a evaporação dos sais e os tubos de bambu que levavam os gases a diferentes direções. Tzuliouking e seus arredores, região agora em fase pré-industrial, guardam vestígios da grande civilização industrial que tiveram, hoje completamente desaparecida.

Li Tchou, no século VII, construiu uma magnífica ponte, cujas inscrições confirmam a data, com uma estrutura somente conhecida na Europa no Século XIV, quando Florença ergueu a Ponte Vecchio.

Da mesma forma as pontes suspensas por correntes de ferro apareceram na China sob a Dinastia Souei, no século VII, e na Europa no século XIV.

A invenção da tipografia, totalmente chinesa, se fez por etapas.

No Reinado do Imperador Ling Ti, 175 da nossa era, deram início à arte tipográfica nos moldes modernos, com tinta sobre os clichês, imprimindo os Sete Folhetos da Kai Yuae Tse Pao. No século XI, Pi Sheng, um simples homem do povo, inventou os primeiros tipos de impressão em terracota, datando de 1221 o emprego da madeira para esse fim.

Esses poucos exemplos indicam o grau de civilização atingido pela Ásia, principalmente a China, sem que preciso seja mencionar nem o requintamento da vida, nem os palácios, nem os monumentos, nem as escolas de filosofia e de teatro, nem as artes plásticas.

Com a chegada dos conquistadores, principiou a derrocada que se acentuou no século XVIII até atingir seu clímax no século XIX.

Do egoísmo esmagador dos conquistadores, o aniquilamento da indústria da tecelagem de algodão na Índia, em plena prosperidade, é exemplo assustador. A Companhia das Índias, com os milhões de rúpias ali ganhos, financiou a indústria algodoeira de Manchester. Impostos asfixiantes caíram sem demora sobre os tecelões indianos que se viram forçados a abandonar suas pequenas indústrias e ir trabalhar, como lavradores, em terras alugadas. Assim, o algodão da Índia, adquirido a preço vil, ia alimentar as fábricas

de Manchester, para voltar manufaturado e se vender a bom preço no mercado indiano.

E se a Índia possui hoje a maior usina metalúrgica do Commonwealth deve-o unicamente a capitais da casta dos Parsis, que venceram a oposição e a indiferença britânicas.

Um outro exemplo curioso: durante a guerra, em 1941, quando Rommel chegava às portas do Cairo, quando o War Office clamava ao mundo livre que auxiliasse as forças do exército de Montgomery, quando Londres ordenava às usinas de Jamschedpur que fundissem rapidamente placas blindadas para os carros de assalto e metralhadoras e quando Jamschedpur pedia as fórmulas para o inicio imediato da produção, Londres, laconicamente, respondeu: "impossível, não se pode desvendar tão importante segredo industrial".

Os engenheiros indianos perderam algumas semanas nos laboratórios. E mesmo assim o aço indiano equipou os carros ingleses no ataque de Trípoli.

Inegavelmente a riqueza da Europa, e um pouco a da América cresceram da miséria da Ásia.

Antes que indianos, chineses, indonesianos e outros, ocupados com lutas intestinas, em sua maioria fomentadas pelo exterior, se dessem conta de sua deficiência, o adiantamento industrial e econômico do Ocidente se estabilizara solidamente, aproveitando-se daquele estado de atraso.

As indústrias européias engordavam com as matérias-primas arrancadas com um salário mísero, e impediam que os povos do Oriente aos menos tentassem se libertar do domínio econômico,

conservando-lhes carinhosamente a ignorância, as moléstias e as discórdias.

As facilidades crescentes dos meios de comunicação, pouco a pouco, porém, serviram para demonstrar-lhes a verdadeira situação dando-lhes consciência da própria desgraça.

Os jornais, o cinema, o rádio, as viagens forneceram-lhes os meios de sentir sua própria inferioridade e de aferir as razões determinantes daquele estado desesperador, quando comparado com o do Ocidente onde as populações afirmavam a dignidade humana por um ato ou pelo menos decente padrão de vida.

A indignação causada pela descoberta da humilhação em que viviam, talvez explique o dinamismo irresistível de todas as fermentações políticas e intelectuais que souberam encontrar no sentimento popular o ponto sensível que seduziu a imaginação de milhões de homens. Nessa mesma humilhação encontraram o motivo que se tornou capaz de aglutinar as massas, passivas e indiferentes até então, e a justificação moral para a luta em que se empenharam.

E surgiram Gandhi e seus discípulos, Nehru, Krishna Menou, e toda a alta "intelligentsia" da Índia, Sun Yat Sen, Chou En Lai, ao Tse Tung e tantos outros que ainda ignoramos.

Naquele vasto continente, mais de dois terços da humanidade sofreu e sofre ainda dos mesmos males. Na China, na Indonésia, no Sião, na Indo-China, na Birmânia, para não citar outros países, idêntica era a situação: enormes multidões viviam e continuam a viver ainda em terras de produção insuficiente para sua alimentação, vítimas da densidade demográfica, vítimas do

estado social que permite a posse da gleba a senhores poderosos e inconscientes, vítimas de uma natureza gigantesca e inclemente.

Naquele planeta, por diferente que pareçam as raças – brancos, negros ou amarelos – por contraditórias que se mostrem as religiões, Budistas ou Muçulmanos, Taoístas ou Xintoístas, Induístas, Persis, Cristãos ou Materialistas, todos vivem em contacto imediato com a terra que lhes dá o alimento, a vestimenta, a madeira para suas habitações, o bambu para seus instrumentos de música e de trabalho, e mesmo para seus utensílios domésticos de cerâmica.

Obrigada pela opressão estrangeira ou pela indiferença de seus governos a massa permaneceu para sempre camponesa, rural e ignorante.

Na Ásia tudo é imenso: tanto a Vida como a Morte.

A natureza mata por milhões e cria por milhões.

E o problema único para esses milhões de criaturas resume-se em sobreviver.

A terra não basta para prover alimentação suficiente, a seca destrói as colheitas, as chuvas torrenciais produzem enchentes terríficas, as epidemias matam de repente centenas e centenas de infelizes, os mosquitos transmitem o impaludismo, a lepra anda solta, a tuberculose assassina milhões, quando a água não lhes dá a disenteria. Esse é o quadro dantesco e fantástico do mundo asiático onde, em luta perene, mais de um bilhão de oprimidos se arrastava e onde, ainda, milhões se arrastam desgraçados.

A revolta em evolução, sempre renovada,foi, durante anos e anos, esmagada pelos ingleses na Índia e na Birmânia, pelos

franceses na Indochina, pelos holandeses na Indonésia, e, por todos unidos, numa apoteose de ambição egoísta, na China.

O Japão quis, por sua vez, em explosão de orgulho, substituir-se a todos, mas também vencido, recuou.

Quando, em 1945, as Grandes Potências vitoriosas quiseram reconstituir seu poderio, se aperceberam que o desespero se avolumara irresistivelmente, obrigando-se a retirar-se, uma após outra.

Expulsos os opressores estrangeiros, restavam e restam ainda, em alguns pontos, os opressores nacionais. Os grandes senhores, os usurpadores da terra que a alugavam e ainda a alugam a preços injustos e criminosos; os banqueiros usuários que extorquiam dos pobres até o sangue; os que herdaram as usinas e que em seu nome ou por procuração exploravam e ainda exploram uma mão-de-obra vil e miserável. Autêntica reminiscência de Estado feudal, mais detestado e mais esmagador ainda que o do próprio opressor estrangeiro.

A revolução irrompeu então invencível na China, e nem as armas fornecidas ao governo odiado, nem a indiferença da Rússia que assistiu, de começo, impassível e neutra à luta sobre-humana da "Grande Marcha", conseguiram conter a avalancha daquele povo desesperado.

O ocidental, com as facilidades de sua via rotineira, se espanta hoje com a violência dessa revolução. Esquece, entretanto, o que representa a tortura da fome que esmagava mais de quinhentos milhões e esmaga ainda muitos milhões de asiáticos que se arrastam em uma vida de dolorosa miséria.

Foi desse fenômeno que nasceu, cresceu e venceu a Revolução Popular na China.

***

Sun Yat Sen e os Primórdios do Kuomintang

A Sun Yat Sen deve a China muito de sua formação política moderna.

Nasceu o grande estadista em 1866, em uma aldeiazinha de nome encantador – "Amplidão Azul do Pássaro Pescador", perto de Cantão, região superpovoada, de onde todos os anos partiam grandes levas de imigrantes, em busca de melhor sorte.

De família pobre, cresceu em um meio que vivera a revolta dos Taipings, tendo, desde a infância, ouvido contar os episódios da epopéia e a tristeza das esperanças perdidas.

Depois de terminar o curso primário, em 1879, realizou sua primeira viagem, indo a Hawai onde foi viver em companhia de um irmão, estabelecido em Honolulu. Ali, descobriu o Ocidente, as matemáticas e o cristianismo que muito o impressionou.

Com dezessete anos, voltou à pátria para pequena estada, seguindo logo após para Hong-Kong depois de a família o haver casado, segundo a tradição, e de se haver convertido ao protestantismo e de se fazer batizar.

Em Hong-Kong, após nova viagem a Hawai, resolveu estudar medicina sob guia de um missionário-médico, cuja influência marcou fortemente sua vida. Julgava a prática da medicina a melhor maneira de penetrar no íntimo das massas conhecer-lhes as verdadeiras necessidades, angariando, assim, adeptos para seu

ideal já, naquela época, revolucionário: libertar o país do jugo estrangeiro e dos exploradores nacionais.

Em Macau, como cirurgião, principio a exercer a profissão, no que foi logo impedido pelos portugueses, que não admitiram como válido o diploma obtido em Hong-Kong.

Isso talvez lhe tenha decidido o destino. Instalou-se na China do Norte dedicando-se à política de corpo e alma.

Começou a luta contra as autoridades, exigindo que buscassem aumentar a produção para diminuir os preços de custo. Em 1894 fundou uma sociedade secreta para a "Revolução da China" denominada "Hising Chung Hui", que se espalhou, em células, por todo o país. Os participantes dessa sociedade assinavam, com o próprio sangue, juramento de trabalhar pela melhoria da vida do povo, de lutar pelo aumento da produção e pelo desenvolvimento da educação e da imprensa.

Vencidos os chineses pelo Japão na Coréia ressurgiu entre eles um novo sentimento de sadio nacionalismo mesmo entre os comerciantes. Sun encontrou eficaz apoio para seu governo em um homem de negócios, James Soong, que voltara dos Estados Unidos imbuído do ideal democrático.

Mais tarde casou-se com Chung Lin, uma das três filhas Soong e que tanto o devia encorajar e ajudar na sua agitada carreira política e, hoje, sem dúvida, uma das mais interessantes personalidades da China Popular.

Em 1895, organizou em Hong-Kong um "comando" que invadiria Cantão e iniciaria um movimento destinado a repercutir em todo o Império. Fracassada essa primeira tentativa, Sun Yat

Sen conseguiu fugir, mas grande número de seus companheiros foi barbaramente trucidado.

Refugiado no Japão, encontrou na sociedade "Dragão Negro" e nos meios liberais, ajuda financeira para propaganda da revolução chinesa, sua idéia fixa.

Dali passou para Honolulu, onde fundou a sociedade de "Entusiasmo pela China", que se multiplicou em todas as colônias de emigrados chineses, no mundo inteiro. Conseguiu uns seis mil dólares e seguiu para os Estados Unidos a fim de estudar administração e angariar mais fundos.

Em 1896, em Londres, aperfeiçoou seus conhecimentos sobre o Ocidente. Preso por ordem da imperatriz, pela Embaixada chinesa, deveria ser remetido para Pequim onde havia sido condenado à morte, como instigador da revolução de Cantão.

O embaixador reservara passagem "para um louco perigoso" em um navio que partiria naqueles dias, quando a indiscrição de um empregado da embaixada, em palestra com seu ex-professor de medicina em Hong-Kong, Dr. James Cantile, salvou-lhe a vida. Seu velho professor percebeu a incrível trama e protestou junto ao governo de Londres que, receando o escândalo de tão infame atentado político, livrou-o das garras da embaixada.

Percorreu então a França, a Alemanha, para estudar os diferentes regimes de governo e as ciências sociais.

Em 1900, voltou de novo para o Oriente e em viagens sucessivas entre a China, a Malaia e as Filipinas, sempre usando trajes de disfarce, continuou a propaganda formando grupos e células por onde passava. Em 1905, resumiu sua teoria política nos

"Três Princípios do Povo" (San Min Chui) em um Congresso de todos os exilados políticos chineses, reunido no Japão.

A sociedade secreta que fundara se fundiu com outras, seculares, que durante a vida da China sempre incitaram ou tomaram parte ativa nos inúmeros movimentos de revolta popular contra os poderes opressores.

A nova sociedade denominou-se Kuomintang "Partido Nacional do Povo" (Min Pao) que encontrou enorme aceitação e repercussão entre os estudantes, e na mocidade em geral.

Wan Ching Wei, um deles, obteve um bolsa de estudos no Japão e se tornou um dos mais entusiastas colaboradores de Sun Yat Sen.

Após o fracasso da oitava tentativa de revolução, os diplomatas representantes das grandes potências em Pequim, intercederam junto ao governo de Tóquio a fim de não mais permitir as atividades de Sun Yat Sen ali, nem consentir que grupos liberais do Japão continuassem a prestar-lhe assistência.

Sun voltou aos Estados Unidos a fim de tentar escolher mais subsídios financeiros que lhe possibilitassem o final da luta.

De 1900 a 1911, dez revoluções sacudiram a China e terminaram todas com a prisão e morte de centenas de conjurados.

Em outubro de 1911 estourou a décima primeira em Wou Chang e ganhou imediatamente quatro províncias, auxiliada pelo operários das indústrias de Hanyang e pelo soldados da guarnição ali sediada.

As forças revolucionárias não encontraram resistência alguma, senão franca adesão, tendo-se apoderado de Shangai e

Funchow. Dominando o sul da China, instalaram o governo em Nanquim.

O Príncipe Regente incumbiu o general Yuan Shi Kai da defesa do Império, mas ele, ao invés de combater os revoltosos, propôs-lhes servir de mediador e conseguir a abdicação do regente e do imperador.

Sem dificuldades, convenceu-os da inutilidade da luta. Tão pobre se encontrava o regime, que nenhuma resistência opôs à república que começava.

Em Shangai instalou-se uma Assembléia Nacional, composta de Delegados dos Estados Revolucionários do Sul, a quem o general Yuan impressionou por seu ardor democrático.

Pelos jornais dos Estados Unidos, onde se encontrava, Sun Yat Sen soube da vitória da revolução, da proclamação da república e de sua escolha para primeiro presidente. Embora houvesse sido escolhido por unanimidade para o posto, julgou mais acertado deixá-lo ao General Yuan. Contando com o irrestrito apoio do exército e dos funcionários poderia mais facilmente assumir o governo. Temia que no caso de surgiram conflitos, os dois perigosos vizinhos – Rússia e Japão – interviessem para recolocar Pouyi no poder, garantindo assim seus privilégios e concessões. Chamou a Nanquim onde estava como Presidente da República o general Yuan e renunciou em seu favor.

Yuan fixou o governo em Pequim. Uma constituição provisória entregou o executivo ao Presidente da República, assistido por um grupo de ministros responsáveis perante sua autoridade. Um parlamento composto da Câmara de Deputados

e Senado deveria preparar uma constituição definitiva e leis de reforma econômica.

Evidentemente, esse regime liberal e novo para uma nação que durante milênios conhecera apenas a autoridade absoluta e total do imperador não podia, sem preparo, encontrar o êxito sonhado. Em breve a República tornou-se uma espécie de ditadura. Os ministros, ex-funcionários imperiais, com a mentalidade de artesãos submissos, se curvaram diante do ditador. Nas províncias, os senhores habituados a exercer o poder em nome do imperador, e, sobretudo, à vista de seus próprios interesses, nada entendiam nem queriam saber do novo regime e das mudanças operadas.

Único partido organizado, o Kuomintang, a despeito das dificuldades opostas pelo general Yuan, ganhou largamente as eleições nas duas casas do Congresso, que não se apercebendo de sua falta de espírito público, o elegeram Presidente da República.

Sem demora o General se desmandou, anulou os benefícios da Constituinte, inéditos na vida da China. Dissolveu a Assembléia, prendeu inúmeros deputados e substituiu a Constituição por outra feita a seu gosto e à medida de sua ambição de poder absoluto. Por um "plebiscito" realizado em regime de terror, declarou que o povo desejava retornar à monarquia.

No sul da China rebentaram novos movimentos revolucionários, e, ao verificar o fracasso total de sua ambição, o general Yuan discretamente suicidou-se, segundo os rumores da época.

Começou então para a China, um período escuro e triste. Em Pequim o governo nominal do General Li Yuan King; no sul,

em Cantão, o de Sun Yat Sen, tão pouco estável quanto aquele, e em algumas províncias independentes o governo tirânico de militares sem escrúpulos.

Não conseguiu, assim, a China passar do Império à República sem afundar no caos.

Yuan não se pode firmar no poder, mesmo dispondo da força do exército imperial por ele mesmo organizado e comandado e de uma administração dos antigos funcionários imperiais e até do apoio de estrangeiros ávidos em recomeçar os vantajosos negócios e que o julgavam capaz de esmagar a massa meio despertada.

Sun também não conseguiu manter-se porque, diante de tantos interesses conjugados, contava apenas com seu partido ainda fraco e com os intelectuais e os estudantes. Faltou-lhe um apoio organizado do povo, ainda ignorante e sem consciência política.

Compreendeu então a inutilidade de golpes revolucionários esparsos, a necessidade de uma base territorial e de partido racionalmente trabalhado, assim como de um exército revolucionário, organizado em métodos modernos.

Convencido de que a união da China só se realizaria pela força, tratou de aumentar as tropas de que dispunha. Em 1920 pode oferecê-las ao governo de Kwantung para combater o de Kwangshi. Estabeleceu um governo revolucionário em Cantão, dispondo, de base territorial sólida.

A Guerra de 1914 veio, paradoxalmente, contribuir para despertar no povo chinês uma consciência nacional. Quando em Pequim se teve a notícia de que o tratado de Versalhes cedia ao

Japão, sem consulta prévia, as antigas concessões alemãs, como paga de serviços prestados na guerra, os resultados da doutrinação de Sun Yat Sen se afirmaram no movimento de "4 de maio". este foi iniciado pelos estudantes que, em número superior a quinze mil, reuniram-se diante do palácio imperial protestando contra a traição do governo; em seguida, dirigiram-se para o Ministério das Relações Exteriores onde insultaram o ministro e agrediram diversos funcionários. Foram brutalmente rechaçados pela polícia e muitos ficaram feridos.

Estes acontecimentos repercutiram em toda a China como um toque de reunir.

Os moços de Pequim apelaram para seus colegas de outros centros e em toda a China a mocidade clamou, pelas ruas e pelas praças públicas, contra a fraqueza do governo e os sofrimentos e humilhações impostas à Pátria, incitando a população à greve e ao boicote dos produtos japoneses. Os sindicatos recém-fundados e os comerciantes uniram-se ao movimento estudantil e durante um ano exerceram uma violenta campanha antijaponesa.

Tudo isso concorreu para afirmar a consciência nacional e reunir os diversos elementos da sociedade chinesa em um programa comum: nacionalismo e antiimperialismo.

Tal agitação, entretanto, não favoreceu a Sun Yat Sen, com era de esperar. Ele tentou, mais uma vez, unir-se a um chefe militar para refazer um novo governo em Cantão. Denunciado, fugiu para Shangai.

A Revolução de Lenine encontrava franca simpatia entre os intelectuais chineses que, tendo lido avidamente seus artigos

anteriores, começaram a repetir, seguidamente, pelos jornais e em reuniões, a sua declaração: "em última análise, o drama da humanidade se resolveria com a união, no socialismo, da Rússia, da China e da Índia, porque assim estaria reunida no mesmo caminho a metade da humanidade".

De Shangai, Sun procurou contato com o Komintern. Jamais esquecera sua origem humilde, "coolie" filho de "coolie", e suas simpatias ficaram sempre com a massa pobre e sofredora.

Entretanto, nunca se mostrou grande admirador nem conhecedor do marxismo, e julgava não dever a China imitar servilmente nenhum dos governos democráticos existentes, mas procurar sua própria forma de democracia.

Em junho de 1923, em Shangai, encontrou-se com Adolfe Joffe, representante do governo soviético. Depois de diversas reuniões, assinaram ambos uma declaração comum, pela qual Sun afirmava não poder conceder apoio a uma imediata revolução comunista na China, por não estar ainda o país preparado para tal forma de governo. Joffe, por sua vez, reconhecia que a China necessitava, primeiro, realizar a unidade e a independência nacionais e declarava que a Rússia apoiaria a revolução nacionalista chinesa.

Por esse documentos fizeram-se concessões mútuas. A Rússia não vira a doutrina marxista reconhecida oficialmente, mas obtivera liberdade de propaganda, enquanto que Sun recebera promessa de auxílio para a revolução nacionalista.

A colaboração teve início imediato. Sun Yat Sen mandou a Moscou um jovem coronel, Chiang Kai Chek, em quem depunha grande confiança, para aperfeiçoar-se nas escolas militares russas.

Um ano mais tarde, já de volta, Chiang assumiu o comando da academia militar revolucionária de Wampôa, perto de Cantão e o Komintern enviou para ali um excelente organizador, que serviria como conselheiro técnico da revolução, Michel Borodine, o qual vivera largos anos nos Estados Unidos.

Imediatamente organizaram um instituto de aprendizagem da propaganda revolucionária, onde os dirigentes do partido se enfronharam no modo de arregimentar as massas e ganhar-lhes o total apoio.

O Kungchantang, ou Partido Comunista Chinês, organizou-se nos moldes do partido comunista russo, com células e comitê executivo, encarregado da direção efetiva da ação política, e reuniu seu primeiro congresso em Shangai em 1942. A seus membros se permitia inscrição no Kuomintang e assim no centro mesmo do partido de Sun Yat Sen formou-se um bloco comunista. Dotado afinal de base territorial pode empreender a reconquista do poder.

Agentes de propaganda, formados na nova escola, espalharam-se pelo interior para preparar a chegada do exército revolucionário.

Aconselhadas por um grupo de oficiais russos, as tropas nacionalistas venceram facilmente os senhores que dominavam as províncias do Sul e subiram pelo vale do Yang Tse sem maiores dificuldades, encontrando, ao contrário, apaixonado auxílio dos camponeses que se vingavam assim dos exploradores que durante tantos anos os haviam torturado. A massa vitoriosa, em caminho, cometeu desatinos e assassinou residentes estrangeiros e missionários que não puderam fugir a tempo.

Em Shangai, os ingleses levantaram uma força internacional de quarenta mil homens destinada a proteger as concessões contra a nacionalização desejada pelos revolucionários.

Até aquele momento todo o movimento se dirigia apenas contra os imperialistas estrangeiros e tanto a burguesia como os capitalistas, emprestavam-lhe auxílio.

Aí a insurreição vencedora entrou na sua segunda etapa: o movimento agrário, ponto nevrálgico de todas as revoluções na China desde as épocas mais remotas.

Milhões de camponeses juntaram-se às tropas rebeldes e os burgueses e capitalistas, temerosos, retiraram-se deixando a revolução entregue aos camponeses, operários e soldados.

A 22 de março Nanquim caiu em poder dos rebeldes e Shangai, poucos dias mais tarde e sem nenhum combate, teve a mesma sorte. Os comunistas no interior das cidades apoderavam-se dos postos-chaves, antes da chegada das tropas do Kuomintang.

Chiang Kai Chek, porém, já havia feito um acordo secreto com o corpo consular, com a promessa de respeitar os direitos das concessões internacionais.

Sun Yat Sen não assistiu ao triunfo final de todo o ideal de sua vida.

Prosseguindo na utopia de seu sonho (reunião da China e do Japão em uma forte confederação) encontrava-se no momento em Tóquio de onde voltou enfermo. Chegou a Pequim em dezembro de 1924. Os médicos diagnosticaram câncer no fígado, e ele nunca mais se levantou do leito, de onde ditou seu famoso testamento. Declarava, então, que a revolução não alcançara, ainda,

o êxito almejado e pedia que seus companheiros despertassem as massas do país e se unissem "às nações que nos tratarem em pé de igualdade".

Morreu pobre, no dia 12 de março de 1925, e foi o primeiro chefe de Estado chinês que não enriqueceu no poder.

Vencido o senhor do norte, Chiang Kai Chek, entrou em Pequim libertada, e a China encontrou-se, assim, unificada sob o poder do Kuomintang.

Longe, porém, de realizado estava o sonho de Sun Yat Sen que, das Colinas do Norte, onde dormia, viu a traição de seu protegido.

Chiang rompeu imediatamente com a ala esquerda do Kuomintang e na madrugada de 5 de abril de 1927 mandou caminhões cheios de assassinos a Shangai. Diante de cada uma das células ou da residência de comunistas, com metralhadoras e granadas, destruíram sem misericórdia, assassinaram e prenderam os que não puderam escapar.

Poucos dias depois, um golpe revolucionário derrubou o Governador de Nanquim e Chiang Kai Chek transferiu para ali a capital. Proclamou-se Presidente de República da China e dissolveu e declarou da lei o partido comunista. Começa a era de terror branco.

Chiang Kai Chek inaugurava seu governo.

***



Do Nacionalismo ao Comunismo

Chiang Kai Chek e o Fim do Kuomintang

Chiang Kai Chek nasceu em Tcheouang em 1887.

O pai, fazendeiro pobre, morreu arruinado. A mãe lutou, trabalhou e viveu para criar e educar o filho. A infância do futuro ditador não foi feliz nem alegre e talvez haja adormecido com fome muitas vezes.

Quando completou dezoito anos a mãe deu-lhe o nome de Chung Chen, "Justiça Harmoniosa", que a vida com ironia desmentiu. Mais tarde, chamaram-no Chiang Kai Chek "Mais duro que a Pedra" – que melhor se ajustou a seu destino.

Com vinte e dois anos foi estudar no Japão, de onde voltou para os exames da academia Pao Ting Fou e onde obteve uma bolsa de estudos que lhe permitiu voltar ao Japão a fim de se aperfeiçoar na arte militar.

A propaganda nacionalista de Sun Yat Sen e Wang Wei nos meios chineses do Japão, visando uma China independente, forte e livre, tocou Chiang Kai Chek que, em 1911, fez parte do primeiro golpe fracassado de Cantão. Fugiu então para Shangai.

Dez anos de sua vida ali se passaram na penumbra. mesmo seus biógrafos oficiais oferecem desse período, pouca ou quase nenhuma informação.

Afirmaram como certo, que trabalhou na Bolsa, que conheceu e se ligou com um certo funcionário da polícia secreta que

o iniciou os métodos de espionagem e o apresentou nos meios das sociedades secretas, inúmeras, naquela época, e quase todas entregues ao banditismo. Afirma-se igualmente, que fez parte do grupo de gangsters "Camisa Verde" que dominava e explorava os meios miseráveis de Shangai. Aí o futuro ditador aprendeu o desprezo pela vida humana, o gosto das soluções violentas e a arte de trair.

Mais tarde, conheceu, em Cantão, James Soong de quem desposaria a filha Mei Ling, depois de se divorciar da mulher que lhe fora imposta pela família, segundo a tradição.

Em casa de Soong ligou-se mais estreitamente com Sun Yat Sen, seu cunhado, que o mandou para a Rússia em 1923, estudar na academia militar de Moscou. Um ano depois voltou para Cantão, onde ferviam as idéias revolucionárias e onde se esperava para breve a proclamação da República.

Nomeado por Sun Yat Sen diretor da Academia Revolucionária de Wampôa dirigiu o preparo dos primeiros chefes da revolução. Em 1926, chefe do primeiro exército rebelde, nomeado sempre por Sen, tomou Hankow e Shangai.

E foi o princípio da traição: estabeleceu acordos secretos com o corpo consular, pelos quais garantia a inviolabilidade das concessões internacionais.

Em Nanquim instalou um governo moderado.

Entrementes, o governo de Cantão transportou-se para Hankow, sob a direção de Wang Wei, auxiliado pela mulher de Sun Yat Sen e Borodine, e sustentado pelos intelectuais e os comunistas. Faltava-lhes, porém, o apoio do exército que obedecia a Chiang Kai Chek.

Os capitalistas e os burgueses, que de começo sustentaram o governo nacionalista de Sun, receavam, agora, o lado demasiado esquerdista de Hankow. E os estrangeiros de Shangai e das outras concessões verificaram estar na ala direita do Kuomintang, dedicada a Chiang, a única possibilidade de salvação de seus interesses.

Certos agentes consulares entraram então em contacto com Chiang Kai Chek e com o célebre chefe do "Gang Verde" Tu-Yueh-Sen, ex-companheiro do ditador, possuidor de imensa fortuna e que dispunha de uma equipe de assassinos prontos para qualquer serviço.

Decidida a execução dos comunistas de Shangai, exigiu o bandido o preço de 5.000 fuzis, equipamento europeu e caminhões para o transporte de seus homens, e garantia de impunidade.

Na madrugada de 22 de março de 1927, os "gangsters" penetravam nas casas onde trabalhavam comunistas e exterminaram com metralhadoras e granadas, centenas e centenas de homens, mulheres e crianças. Outros, presos, foram torturados e executados no correr do dia sem nenhum julgamento.

E os jornais da última semana de março de 1927, no mundo inteiro, publicaram estas fotografias mandadas de Shangai como sendo dos "bárbaros crimes cometidos pelos comunistas, na China"!

Ao mesmo tempo, Chiang ordenou que se desarmassem no país inteiro núcleos do exército que tivessem tendência vermelha.

Esse mesmo Tu-Yueh-Sen, rei dos "gangsters" e do tráfico do ópio, depois da guerra, surgiu em Shangai como filantropo e respeitável cidadão, por um processo que ninguém jamais soube explicar a não ser pela amizade e intimidade que o ligavam ao ditador.

Assim, tornou-se, paradoxalmente, nesse período anárquico do Kuomintang, uma das grandes personalidades e autoridades da cidade. Nascido nos cortiços da concessão francesa, sua vida aparece como um dos tantos romances negros da China pré-revolucionária. Vendedor ambulante de laranjas, traficante de ópio, explorador do lenocínio, mais tarde chefe do Bando da Camisa Verde, exerceu no mundo do banditismo terrível influência. Como chefe do Bando nele admitiu o Jovem Chiang que mantinha um barzinho na favela da concessão francesa. Ninguém pode afirmar até onde vai a veracidade desses fatos. O inegável, porém, foi a imensa e dedicada autoridade que o velho camarada exerceu sobre o ditador.

Em abril de 1927, Chiang convocou em Nanquim uma reunião do Kuomintang e constituiu novo governo.

E principiou a luta sem entranhas entre o governo da direita, de Nanquim e do da esquerda, de Hankow.

Vitorioso o ditador, Kiricheff assassinado, Borodine e outros comunistas refugiaram-se em Cantão, onde em dezembro de 1927 tentaram, em vão, formar governo. Esmagados, retiraram-se para o Kiang-Si.

Chiang Kai Chek voltou ao norte, e chegou pelas armas e por negociações a Pequim, em junho de 1928. Mudou o nome da cidade para Peiping (Paz do Norte). Instalou a sede do governo em Nanquim, depois de se fazer eleger Presidente da República. Dominou toda a China, salvo o pequeno núcleo comunista de Kiang-Si.

***

Julgar-se a obra do Kuomintang apenas pelos últimos anos de depravação política seria, no entanto, grave injustiça.

A China atravessara um período de caos. Dezesseis anos de guerra civil, a miséria, a devastação e a fome reinavam na vastidão sem limites do país. Após os últimos tempos da monarquia manchu, totalmente alheia e separada do povo, e do período de anarquia, o país conheceu, enfim, um governo nacionalista e republicano.

Apenas dez anos depois do início da reconstrução rebentou a grande guerra.

Foi entretanto ao capitalismo particular, ascensional naquele período de euforia e não ao governo nacionalista que a China deveu o começo de sua industrialização, a construção dos grandes edifícios e de algumas estradas de ferro.

Quando o Kuomintang assumiu o governo, existiam trinta e três concessões estrangeiras e, aos poucos, por tratados, terminou, ao menos aparentemente, com muitas das prerrogativas. Em 1937, reduziram-se a treze, e em 1943 perderam os colonizadores o direito de manterem tropas no país e o da livre circulação fluvial.

Em 1930, as Grandes Potências entregaram ao governo as alfândegas chinesas cuja renda, até então, se destinava a pagar os inúmeros débitos de guerra.

Em 1943, já o país se encontrava completamente independente, salvo Macau sempre em mão de portugueses e Hong-Kong dos ingleses.

Chiang Kai Chek, porém, em troca do auxílio dos americanos assinou tratados que lhes permitiam estabelecerem bases

com tropas, em Nanquim, Pequim, Kuning, Chumquing e mais uma base naval em Tsingtao, e toda a ilha de Formosa.

Sob o ponto de vista econômico, os ocidentais, sobretudo os trustes americanos, controlavam todas as grandes empresas industriais, a siderurgia, as minas, os transportes urbanos, as estradas de ferro. Na indústria química a I.G. Farben e a "British obacco Co", enquanto a "Texaco", filial da "Standard", fornecia petróleo para os transportes e indústria. A China continuava tributária do estrangeiro para todas as suas necessidades.

Naquela espécie de planeta, dotado de uma magnífica rede de vias fluviais, como Iang-tse, que liga em seis mil quilômetros, diversas regiões, o mais importante meio de comunicação era o transporte fluvial. A navegação de cabotagem, entretanto, até a guerra, encontrava-se completamente em mãos de companhias inglesas.

O Império legou poucas estradas de rodagem. Não existiam senão as que ligavam os palácios e cidades imperiais, em certos pontos monumentais, para tornarem-se logo estreitas, apenas transitáveis para pedestres ou cavalos. Quando o Kuomintang assumiu o poder, mesmo dessas, poucas restavam. Construiu então, uns cem mil quilômetros de estradas, absolutamente rudimentares.

Capitalistas estrangeiros iniciaram ainda no tempo do Império a construção de estradas de ferro que se destruíram nos períodos das "Jaquerias".

De 1890 até 1923 existiam na China poucos quilômetros de ferrovias e assim mesmo em péssimo estado.

Dada a importância da Manchúria, o governo nacionalista dedicou-lhe o melhor da sua atenção e construiu ali cinco mil dos dez mil quilômetros que empreendeu.

Os japoneses haviam industrializado altamente a Manchúria. Conquistada e tornada Estado independente, sua economia uniu-se à do Império Nipônico. Em 1945 o Manchuko possuía uma rede ferroviária igual à do total da China; produzia dois milhões de toneladas de ferro e um milhão e meio de toneladas de aço, e mais automóveis, aviões, ferramentas, produtos químicos. O porto de Dairen era tão importante quanto o de Shangai. Em quatorze anos de ocupação, os japoneses ali investiram para mais de dois bilhões de dólares, soma maior que a investida em toda a China, no mesmo espaço de tempo.

Em 1937, o governo nacionalista entregou a capitais estrangeiros a construção das estradas de ferro de que necessitava, e mesmo com a guerra, em um tremendo esforço, firmas francesas, alemãs, inglesas e americanas, terminaram a estrada norte-sul que vem dos confins da Sibéria até a Indochina.

Apenas acabada a parte de Cantão a Hankow caiu em mão dos japoneses.

O generalíssimo buscou igualmente organizar a aviação civil e a "China Aviation Company", usando exclusivamente materiais estrangeiros, e a partir de 1942, só americanos, principiou a funcionar ligando Tietsin, Shangai, Pequim, Cantão, Kuning, onde se construíram bons aeroportos, com um serviço postal eficiente.

No domínio da agricultura, porém, a política do Kuomintang foi desastrosa. A ambição da reforma agrária, que datava

de tantos séculos, nenhuma atenção encontrou por parte do governo, e a situação dos camponeses nenhum progresso alcançou. A guerra destruía os animais de tração e os porcos, portanto a força do trabalho e a fertilização da terra, ambos completamente primitivos.

Desbaratou também os pequenos "ateliers" de tecelagem e as forjas. A necessidade de víveres obrigou a população rural a abandonar o cultivo do algodão e do fumo, tornando ainda mais baixo o nível de vida.

Subalimentados, sem forças físicas suficientes, os lavradores trabalhavam apenas para comer miseravelmente. Sem leis que regulassem os impostos rurais, da colheita restava-lhes apenas 50%, indo o resto para os senhores proprietários.

A personalidade de Chiang Kai Chek explica de certo modo suas atitudes políticas: puritanismo de metodista protestante, convencido e praticante, formação essencialmente militar, dureza de alma sem par e ainda mais uma exagerada admiração pelas doutrinas de Confucius.

Escreveu dois livros: "O Destino da China" e a "Teoria Econômica Chinesa". Quis com o "Movimento da Vida Nova" dar ao povo chinês austeridade e pureza exemplares. Desceu mesmo a detalhes os mais ridículos. A tal excesso chegou sua mania de pureza, que a polícia fazia descer dos carros ou prendia qualquer pessoa que se atrevesse a fumar, sequer um cigarro, em público.

Essa austeridade no entanto se acompanhava de uma absoluta indiferença à dor, ao sofrimento do povo, ao desprezo completa pela vida alheia, mesmo a daqueles que viveram certo tempo e de certo modo unidos ao seu destino. Inacessível á piedade,

incapaz de perdão, cego a seus próprios erros, Chiang Kai Chek refugiou-se em uma religiosidade inumana e adora um deus feroz e distante de toda a caridade cristã. Os generais americanos, que colaboraram com o ditador, mostraram-se chocados com sua insensibilidade moral e sua indiferença pelo bem-estar de seus comandados.

O confucionismo parece o lado mais marcante da personalidade do ditador, que acredita em uma sociedade de hierarquia imutável na qual tudo é devido ao chefe supremo, evidentemente encarnado em sua pessoa. Autocrata convencido, nunca quis admitir a hipótese de o poder lhe vir por delegação do povo em eleições diretas.

Inegavelmente, durante alguns anos, a figura de Chiang Kai Chek foi a bandeira da China. Compreendendo essa situação os comunistas, especialmente Chou En Lai, impediram que o general manchu o executasse, quando o prendeu em Sian. Orgulhoso e vaidoso, esse gesto aumentou-lhe o ódio contra os comunistas, que não só o desobedeceram mas salvaram-lhe a vida. Esse ódio estendeu-se a alguns americanos que como Stilwell, ousaram discordar de suas opiniões sempre indiscutíveis.

Personalidade fascinante, afirmam os que com ele conviveram, possui força de vontade indomável, fé em si mesmo e nos destinos da China, coragem enorme, mesmo diante da adversidade. Exilado e vencido jamais deixou de lutar e de gritar sua esperança no futuro.

Bastante alto para um chinês, mantém-se sempre em um atitude correta, impecavelmente trajado com o uniforme adotado

por Sun Yat Sen para toda a China Popular – o dólmã fechado com cinco botões e quatro bolsos aplicados.

A despeito de fisionomia de asceta tibetano, é impulsivo e violento. Lê corretamente o inglês e são seus livros preferidos, o "Príncipe" de Maquiavel, o "Malborough" de Churchill e o "Mein Kampf" de Hitler.

Ao contrário da quase unanimidade dos chineses nunca escreveu poesia, nem sabe usar do pincel. Sua escrita é fraca e imprecisa. Suas duas obras, "Teoria Econômica da China" e o "Destino da China!", pesadas e pretensiosas, não demonstram nenhum valor político-filosófico ou mesmo de pureza de forma.

A despeito de um certo fortalecimento do sistema político do Kuomintang, a situação econômica do país foi-se tornando mais precária, e se agravou pelas inundações que trouxeram a fome em diversas províncias.

O Japão aproveitou-se dessa situação em 1931. Destruiu um trecho da estrada de ferro perto de Moukden e ocupou militarmente a Manchúria. A China protestou, mas recuou e correu a pedir socorro á Sociedade das Nações, impossibilitada de aplicar qualquer sanção á agressão flagrante.

As violentas manifestações dos estudantes e o boicote decretado pelos comerciantes a todos os produtos japoneses, deixaram indiferente o governo de Nanquim, preocupado unicamente em combater os comunistas.

Em 1932, o Japão invadiu Shangai.

Não obstante a violência dos protestos e das manifestações de estudantes e do povo que pedia a declaração de guerra, Chiang Kai Chek contentou-se em negociar, através do cônsul inglês, a retirada das forças japonesas de Shangai.

Em 1933, os japoneses atravessaram a Grande Muralha e ocuparam parte do país. Novamente, a despeito da resistência local, da violência da reação generalizada, o ditador assinou outro armistício.

Delegação de estudantes foram a Nanquim e, após desesperadas manifestações, chegaram a agredir o Ministro das Relações Exteriores, que acoimaram de traidor. O governo puniu os manifestantes como "capazes de deteriorarem as boas relações com um país amigo".

O Kuomintang preferiu prosseguir só a guerra civil. Os soldados do Sol Levante ousaram maiores investidas. Anexaram a província de Jabol ao Manchukuo em 1934, e coroaram o pobre Pouyi, como imperador. Em seguida tomaram uma parte do Hopei e Tachahar e penetraram na demonstração contra o invasor, e considerou criminoso quem preconizasse resistência ao inimigo.

Em dezembro de 1935, os estudantes, que em toda a história da China apareceram na vanguarda da ala progressista, renovaram um apaixonado apelo para a cessação da luta contra os comunistas, e para a mobilização geral e a declaração de guerra ao Japão.

A greve geral decretada pelos operários o governo respondeu com a ameaça de execução em massa, caso não retornassem imediatamente ao trabalho.

A viúva de Sun Yat Sen colocou-se ao lado dos operários e fundou a "Associação para a Defesa Nacional". Encontrou entusiástica adesão, em todas as regiões e em todas as classes sociais da China, e os comunistas propuseram frente comum contra o inimigo comum.

Diante da atitude impassível e indiferente do governo nacionalista, começou então a debandada das forças legalistas.

Os conscritos não quiseram combater seus irmãos comunistas. Aqueles que fugiam do Norte, diante da invasão, aliavam-se às hostes vermelhas, que assim foram aos poucos crescendo, até formar o exército da extraordinária epopéia da "Longa Marcha". Quando chegaram ao Noroeste os manchus, em vez de obedecerem à ordem de exterminar os "bandidos vermelhos" a eles se juntaram.

Os japoneses, ao verificarem o perigo que lhes oferecia a formidável resistência dos soldados de Mao Tse Tung, fizeram saber ao ditador que tratasse de dominar os rebeldes, ou considerariam como nulos os armistícios assinados.

Imediatamente Chiang voou para o Norte, onde estava o Quartel da Pacificação, encarregado de dirigir o esmagamento dos rebeldes, completamente ignorante da realidade política do momento. Os manchus nesse tempo, revoltados com a não reação do Kuomintang contra os invasores, e de acordo com o ponto de vista de Mao, prenderam o ditador e o teriam executado, não fosse a intervenção de seus adversários, sobretudo Chou En Lai. Julgaram todavia os comunistas que unicamente a união nacional salvaria a China e que naquele momento a figura de Chiang seria a única apta a galvanizar a maioria da opinião pública.

Submeteram-lhe o seguinte programa: guerra contra o Japão; fim da luta civil; libertação de todos os presos políticos; garantias das liberdades fundamentais. Chiang preso e impotente, tudo assinou.

Voltou a Nanquim em companhia do general Tchang Sue Lang e sem escrúpulos mandou fuzilá-lo como insubordinado.

Em julho de 1937, perto da ponte de Marco Pólo e a pretexto de buscar um de seus soldados desaparecido, os chefes japoneses pediram o recuo do exército chinês, que desta vez recusou. O incidente de Lakuchoeu marcou o verdadeiro começo da guerra.

Durante quatro anos, a China lutou sozinha contra o inimigo muito mais forte e melhor equipado em armas modernas. E durante esses quatro anos a evolução política, o desenvolvimento da consciência cívica do povo, e o poder crescente das massas populares afirmaram-se solidamente no país em guerra.

Depois da volta de Sian, Chiang respeitou o prometido: cessaram as perseguições, e a utilização das câmaras de torturas. Abriram-se as prisões e certos líderes do partido comunista receberam importantes missões; Chou En Lai foi nomeado chefe adjunto do escritório político do exército e Kuo Mo Jo, poeta e jornalista, depois de doze anos de exílio, chefe da propaganda do exército.

Entrementes, as forças japonesas tomaram Pequim, em julho, Shangai e Nanquim em dezembro e Cantão em outubro de 1938.

O governo nacionalista refugiou-se em Chunquing. Continuamente o exército nipônico via-se atacado por guerrilheiros comunistas e nacionalistas que lhes infligiam enormes perdas.

Em 1940, os japoneses criaram um governo fantoche em Nanquim que entregaram ao general Wang Wei. Este desprezou o passado, esqueceu os ensinamentos do mestre e amigo Sun Yat Sen e cometeu a traição suprema de se aliar ao inimigo.

A crise de Munique, em setembro de 1938, provou à China que nada devia esperar da Europa além de mensagens de simpatia.

O Japão conquistara quase completamente o país. A França, para lhe ser agradável, fechara a fronteira do Yennan, a Inglaterra, a estrada da Birmânia. Só a Rússia enviara socorros à China no valor de duzentos e cinqüenta milhões de dólares americanos, em aviões e gasolina. Os Estados Unidos continuaram a abastecer Tóquio em petróleo e matérias-primas até a agressão de Pearl Harbour.

Em Chunquing, cidade do passado, longe de qualquer idéia progressista, o ditador deixou-se novamente envolver pelo amor à tradição e esqueceu as promessas juradas em Sian. De novo foi a luta entre nacionalistas e socialistas.

Demitiu os dois representantes daquele partido no governo, assim como os estudantes, que serviam como oficiais de propaganda junto aos corpos de guerrilheiros.

Interrompeu a estrada entre a capital e o Yennan, onde o oitavo exército vermelho instalara uma universidade antijaponesa. Seguidamente apareciam assassinados oficiais das forças de Mao, sem que nunca se descobrissem os assassinos. E mais uma vez o generalíssimo, a pretexto da guerra, adiou as eleições marcadas para 1937.

Enquanto o Kuomintang guardou uma atitude de aparenta espírito democrático, contou com o apoio sem restrição dos elementos liberais, atemorizados do esquerdismo exagerado do Kungchantang. Verificaram, porém, aos poucos, o abismo existente entre a tibieza do ditador no combate ao inimigo e o ardor e entusiasmo dos soldados de Mao. Separaram-se então do Kuomintang. Uns fundaram novos partidos democráticos, aliaram-se outros ao comunismo.

Em 1940, quando o ditador resolveu retirar de vez a máscara e esmagar qualquer oposição, os comunistas dispunham de uma região no interior, onde dominavam. Os liberais tornaram-se suas grandes vítimas.

Fechados os jornais, começou o êxodo de jornalistas e de professores ilustres daqueles partidos para Hong-Kong. No ódio, a perseguição violenta atingiu em primeiro lugar a "Associação para o Salvamento Nacional", fundada pela viúva de Sun Yat Sen, sua cunhada, que se refugiou em Hong-Kong, de onde, através da Cruz Vermelha Internacional, mandava socorros ao Oitavo e quinto Exércitos.

Exilados em Hong-Kong, em 1941, os liberais fizeram juntos uma declaração de princípios: "abolição do governo de um só partido; fusão dos exércitos nacionalistas e comunistas, para a defesa da nação; supressão da polícia secreta; possibilidade de qualquer posição na administração ou no exército, independente de sua opinião política; interdição do uso das rendas dos impostos para as necessidades internas do partido".

Esse programa largamente difundido no estrangeiro, e as notícias de haverem já algumas regiões sido libertadas pelo Oitavo Exército, provaram a decadência do prestígio do Kuomintang.

Em 7 de dezembro de 1941, Pearl Harbour uniu os interesses da China aos dos Estados Unidos e aos dos aliados. a 9 do mesmo mês a China declarou guerra à Alemanha e á Itália.

Após uma séria de adversidades, os americanos retornaram a ofensiva. Sem tentar historiar a guerra, não se pode deixar de mencionar, ao menos, a falta de organização do governo nacionalista naquele período.

Lembro-me que estávamos em Washington na Embaixada do Brasil, nessa ocasião, e, seguidamente, ouvíamos nos meios responsáveis e nos jornais, a crítica ao comportamento do governo do Kuomintang, a desorganização e a venalidade da quase totalidade dos emissários que mandava a Washington, a falta de moral e a corrupção de certos generais que lá iam buscar armamentos, e as fortunas colossais que se edificavam sobre a ruína da China. Mei Ling Soong, mulher de Chiang Kai Chek, lá fora por duas vezes. Falava perfeitamente o inglês. De feito desagradável, de pretensão infinita, de ambição desmedida, conseguiu inspirar antipatia geral e causar péssima impressão em todas as rodas. Lembro-me da colossal recepção que ofereceu no Shorerham Hotel. A Embaixada de seu país não poderia conter os milhares de convidados da senhora ditadora.

O fato de organizar festa de tal imponência, no momento em que os Estados Unidos e os aliados pregavam o máximo de economia para o esforço de guerra, e no momento em que lá ia

suplicar o aumento do auxílio financeiro, a maneira altaneira, quase insolente, com que recebeu os convidados, com as mão metidas em um "manchou" de zibelina, para não as estender a ninguém, sentada em uma poltrona, contra todas as regras do protocolo, causaram uma onda de desagrado jamais igualada na Capital americana. Lembro-me do aborrecimento que demonstrou seu irmão T.V. Soong por aquela atitude insólita de Mei Ling.

Durante a ofensiva americana, Chiang, a despeito de receber aviões e conselheiros técnicos americanos, depois de haver empregado os alemães, Sekt e von Falkenhausen, até 1938, apenas contra seus irmãos, conservou sempre o melhor de suas tropas para combater os comunistas.

No setor civil imperava a anarquia, faltavam os víveres, nenhum racionamento havia, nem sistema de cartões; a seleção se fazia a peso de dinheiro, sem nenhuma fiscalização.

Nenhum imposto de guerra, nenhuma fiscalização financeira, nem sistema cambial. Grandes fortunas edificaram-se na especulação da moeda. Entre essas a do doutor H. Kung, casado com a terceira filha Soong, cunhado portanto de Chiang, que como Primeiro Ministro se utilizava dos aviões militares para o contrabando, sendo esse o menor de seus crimes na matéria.

A fabricação do papel-moeda pagava as despesas de guerra. O descontentamento crescia por toda parte. Fome, dívidas, miséria, requisições injustas, recrutamento, usura, fizeram arrebentar revoltas em diversas regiões, contra os senhores feudais e contra os arrecadadores de impostos, movimentos incoerentes e não apoiados

pelo partido comunista, cujo lema único era: primeiro guerra ao Japão.

Três grandes focos de agitação surgiram suscitados por motivos étnicos. Desprezando os ensinamentos de Sun Yat Sem sobre as minorias nacionais, Chiang empregou uma política de sinização nas tribos mongólicas, tártaras e tibetanas. Determinou que as escolas ensinassem apenas em língua chinesa e entregou a distribuição da justiça aos tribunais chineses. Primeiramente revoltaram-se os Miaus, seguidos logo pelos Muçulmanos e Mongóis. A repressão se fez terrível e desumana. O ditador mandou que os aviões recebidos dos Estados Unidos, para o combate aos japoneses, bombardeassem as aldeias e povoações desarmadas, matando milhares de mulheres, crianças e velhos, sem distinção e sem piedade.

O oitavo Exército comunista e os guerrilheiros vermelhos, aos poucos separados do exército nacionalista, viam-se obrigados a combater os soldados inimigos e a se defenderem dos ataques traiçoeiros de Chiang.

Por essa época, o Kuomintang, em um gesto que encontrou repulsa universal, organizou um bloqueio de socorros médicos para o Oitavo e Quinto Exércitos.

Ao corpo médico da Cruz Vermelha, Chiang fez sentir, o desagrado e a impossibilidade de aceitar socorros para as tropas comunistas.

Tratou de organizar a seu modo um comitê para a distribuição de medicamentos. Entregou a chefia a um indivíduo sem idoneidade moral, ex-traficante de ópio, que instituiu um vergonhoso mercado-negro de medicamentos. Recusou o

oferecimento de médicos estrangeiros, que serviam voluntariamente, sabedores da carência de socorros nas regiões isoladas da China.

Célebre ficou o episódio de um carregamento de socorros enviados de Hong-Kong para um hospital situado no raio de ação do Oitavo Exército. Os dois médicos ingleses que o acompanhavam tais dificuldades encontraram, que se viram obrigados a entregá-lo a uns missionários que os deveriam fazer chegar a destino. Imediatamente após a partida dos dois médicos, e a despeito da promessa de garantia, soldados nacionalistas armados assaltaram a missão e roubaram todo o estoque, encontrado, logo depois, no mercado-negro.

A partir de 1943, Chiang não procurava impedir, antes ajudava, de certo modo, a passagem dos efetivos nacionalistas ao inimigo. Político maquiavélico sabia que os americanos combateriam e venceriam os japoneses, que não considerava como inimigo máximo. Os batalhões nacionalistas que se iam por "ao abrigo" junto aos japoneses servir-lhe-iam mais tarde para combater o comunistas. Vantagem maior: durante esse tempo não necessitava alimentá-los nem vesti-los, nem armá-los. Tudo ficava ao encargo do Japão. E lá escapavam à fiscalização dos americanos, que não os podiam, destarte fazer combater.

Em 1943, quarenta e dois generais e quatrocentos e vinte e cinco mil homens armados haviam passado do Kuomintang para os campos japoneses.

Em 1944, os japoneses, prevendo o crescimento da ofensiva americana no Oriente, decidiram dominar a China inteira, salvo os

pequenos núcleos em poder do Oitavo e Quinto Exércitos, comandados por Mao Tse Tung.

Em Chunquing foi a desintegração, o desespero de um governo desorganizado e corrupto. Os soldados famintos e sem armas fugiam diante das tropas triunfantes do invasor.

Segundo os correspondentes de guerra, as tropas comunistas mostraram nessa época uma resistência heróica, e o povo viu os dirigentes vermelhos empenharem-se, ao mesmo tempo, na defesa da terra e na organização da vida civil das regiões libertadas.

A 14 de agosto de 1945, a bomba atômica de Hieroshima aniquilou o Japão, e terminou a guerra.

A China saiu do conflito gloriosa, considerada uma das cinco Grandes Potências e pela declaração do Cairo retomou as ilhas Formosa e dos Pescadores, conquistadas pelo Japão em 1894.

Depois do tratado de Yalta, assinou com a Rússia em agosto de 1945 um tratado desigual, que concedia a Moscou os mesmos exorbitantes privilégios possuídos na Manchúria, antes da guerra sino-japonesa.

Dentro do país, porém, o prestígio do ditador se desfazia. Os comunistas dominavam grande parte do território e contavam com o apoio sempre crescente da população.

Julgando que a Rússia lhes entregaria a Manchúria o Oitavo Exército avançava para o norte. Mesmo após a derrota japonesa, com decepção de Mao e de sua gente, Stalin manteve uma política de absoluta neutralidade. Em 1945, fizera um tratado de amizade com o governo do Kuomintang, e mandaram um general ao Yennan,

assegurar ao ditador que não permitiria a entrada na Manchúria, zona de ocupação soviética, aos exércitos de Mao Tse Tung.

Meses mais tarde, ao verificar que os transportes americanos serviam às tropas nacionalistas, a política russa mudou de rumo e deu às estradas de ferro em seu poder, ordem de se porém à disposição do Oitavo Exército.

Foi a primeira vez em vinte anos que os comunistas russos prestaram auxílio aos comunistas chineses.

Compreendeu aí Truman os erros cometidos por Hurley e mandou Marshall em missão à China.

A atuação de Hurley criou dificuldades e complicou sobremaneira a situação americana. Milionário e inteligente, mas pouco político e menos diplomata, tornou-se um joguete nas mãos do ditador.

Aliás, recordo-me das críticas suscitadas na imprensa e nos meios diplomáticos de Washington, quando de sua nomeação. Os Hurley, geralmente apreciados, eram o mais belo casal da Capital. Ninguém, porém, os levava muito a sério. Ele, com seu jeitão de menino grande, e sua mania de, por qualquer motivo e em qualquer parte, soltar gritinhos iguais aos dos Peles-vermelhas em cerimônias festivas ou em momentos de cólera. Ela, linda, simpática, mas burguesa sem nenhum interesse.

A missão de Marshall foi difícil e delicada. Primeiro, reparar os erros cometidos e restabelecer a neutralidade americana, desrespeitada pela boa vontade exagerada do exército de Wendmeyer para com o ditador. Ademais, os campos adversos mostravam-se absolutamente irreconciliáveis.

Chiang se dizia o governo regular e legítimo e os comunistas exigiam participação no poder e garantia das liberdades civis e políticas.

Em janeiro de 1946, Marshall fez ver a Chiang Kai Chek, a possibilidade de maiores auxílios financeiros dos Estados Unidos, no caso de pacificação do país. Aos comunistas demonstrou quanto a nação e seu próprio partido lucrariam com a paz interna. Obteve resultados tangíveis, e conseguiu organizar uma conferência consultiva que abrangia todas as tendências – Kuomintang, Kungchantang, e Liga Democrática Independente.

Essa conferência conseguiu estabelecer um programa comum: liberdade de pensamento, da palavra, de reunião, libertação dos presos políticos, abolição da ditadura de um partido único, estabelecimento de governos provinciais autônomos, e de um gabinete formado de representantes de todos os partidos, para preparar a eleição do governo constitucional. No domínio militar, suspensão das hostilidades e incorporação do exército comunista ao nacionalista, na proporção de um por cinco.

A fiscalização da parte militar ficou entregue ao quartel executivo, instalado no hospital Rockefeller, em Pequim, e composto de quadros móveis: um general comunista, um nacionalista e um coronel americano.

Logo que surgisse qualquer incidente em qualquer parte, partiriam, imediatamente, em jeeps, aviões ou automóveis, fornecidos pelas forças americanas a fim de evitar o agravamento da situação.

Em fevereiro de 1946, Marshall voltou aos Estados Unidos e Chiang Kai Chek recomeçou a trair. O comitê do Kuomintang

opôs-se à formação do gabinete de coalisão responsável diante de uma assembléia; pediu poderes ditatoriais para o futuro presidente, que poderia ser, unicamente Chiang Kai Chek, e a tutela absoluta do Kuomintang sobre o país.

Seis dias depois as tropas nacionalistas invadiram o Jehol. Os comunistas responderam tomando a Manchúria e a guerra civil recomeçou com a desmoralização total do Kuomintang.

Em 1947, Truman mandou de novo Wendmeyer à China, não mais como mediador, mas apenas como observador. Não se conheceu o relatório secreto apresentado em sua volta, mas, na declaração publicada na imprensa referiu-se "as certas negligências dos costumes políticos do Kuomintang, e nas perdas desnecessárias de tempo para a solução dos problemas os mais urgentes". Julgava que a China poderia, facilmente, se quisesse, refazer sua economia e estabelecer um governo sério. "Para tanto bastaria um melhor comportamento moral e espiritual de seus dirigentes".

"Os comunistas de seu lado poderiam talvez, por patriotismo, deporem as armas, se o governo do Kuomintang revocasse os funcionários corruptos que o cercavam. A força militar só não venceria, jamais, o comunismo na China."

A grande derrota da Manchúria acabou de convencer os Estados Unidos da incapacidade do governo do Kuomintang, e tanto Dean Acheson, quanto Marshall mudaram a atitude do Departamento de Estado para com o governo nacionalista. Quando em 1948 a senhora Chiang Kai Chek voltou a Washington , para conseguir ampliação dos socorros financeiros, obteve, apenas, uma recusa seca e formal.

Logo após Myron Hofman, diretor geral da administração econômica, declarou em Shangai que só um governo democrático, formado pela coalisão de todos os partidos, e com a participação dos comunistas, contaria com auxílio americano.

Assim, os meios governamentais americanos pareciam haver reconhecido a falência do governo nacionalista, e o caráter inelutável da revolução que se desenrolava na China. E o Livro Branco publicado em agosto de 1949 reconheceu o fracasso da política americana na China.

Stilwell tivera razão na opinião manifestada, logo no começo, sobre o ditador que julgava nazista, hipócrita, vaidoso, traidor, autoritário e pobre de espírito.

Em 1946, a guerra civil, um momento em ponto morto, recomeçou: guerra de posição na Manchúria, onde os comunistas dominavam os campos, e guerra de movimento no norte da China e guerrilhas em todo o território nacional.

A despeito de todo o auxílio americano, que subiu a mais de três milhões de dólares em dinheiro, equipamentos e matérias-primas, o Generalíssimo não conseguiu restabelecer o equilíbrio econômico, pela incompetência das medidas tomadas, e pelos funcionários ignorantes e desonestos que o cercavam. Uma inflação, sem igual, levou o curso do dólar americano de 600 dólares chineses, no dia da vitória contra o Japão, a 155.000 em janeiro de 1948, e 12 milhões em agosto de 1948, quando congelou a moeda e estabilizou os preços.

Setenta dias depois, o próprio governo declarou-se incapaz de controlar os preços que subiram a mais de 800% e continuaram, sempre, na corrida catastrófica.

A partir de 1947, as tropas comunistas não encontraram resistência alguma, os camponeses as receberam como benfeitores. Chiang Kai Chek, no auge da cólera desesperada, pôs a cabeça de Mao Tse Tung a prêmio, vivo ou morto, por 250.000 dólares americanos.

Diante de Nanquim as negociações recomeçaram, e Chiang Kai Chek "partiu em férias" entregando o governo ao General Li Tsung Jen.

Após três meses dessas negociações os comunistas atravessaram o Yang-tse e tomaram Nanquim em abril, Shangai em maio de 1949. O governo nacionalista refugiou-se em Tchontchang e enfim em Formosa, para onde havia já feito transferir algumas usinas de guerra, as reservas-ouro, existentes no Banco Nacional, a grande fortuna pessoal do ditador e de seus ministros, e uma colossal coleção de arte antiga, assim como as tropas e a aviação que lhe ficaram fiéis.

Ali conta esperar, protegido pelo mar e pelas forças americanas, uma nova guerra mundial, de cujos resultados espera o milagre de improvável retorno à China.

***



Kungchantang e os Operários da Revolução

Com os europeus penetraram no "Império do Meio" as teorias filosóficas ocidentais. A China começou a conhecer Darwin e Lamarck, o evolucionismo e o transformismo, completado por Dewey com o pragmatismo.

Vieram em seguida os anarquistas russos, com Kroptkine, e os filósofos alemães, Nietzche e Schopenhauer, que granjearam discípulos sem conta entre os jovens intelectuais e dessa forma venceram as doutrinas de Confúcio.

Um grupo de jovens fundou uma revista "A Nova Juventude" com o lema "Ciência e Democracia".

Em 1919, seu diretor, Mao Tse Tung evoluiu do reformismo para o marxismo, e dois anos mais tarde encabeçou o primeiro partido comunista chinês.

Em 1929, marxistas intelectuais dirigidos por Kuo Mo Jo, escritor, filósofo, poeta e autor dramático, encetaram sérios estudos e discussões sobre a maneira de investigar e dividir a história da China: comunismo primitivo, feudalismo e capitalismo.

Em 1929, já repercutiam fundamente ali as dissensões do partido comunista russo, que opuseram Lenine e sua interpretação ortodoxa das teorias de Marx, Boukarine que adotou apenas o lado mecânico e Trotski, cheio de utopias e de idealismo.

Depois da Primeira Guerra, constituíram-se núcleos comunistas na China e nos principais centros de intelectuais chineses na Europa – Berlim, Paris etc. Quando em 1921 se reuniu o Primeiro Congresso do Partido que se denominou Kungchantang, separou-se este dos elementos anarquistas e aproximou-se do proletariado.

A Terceira Internacional aconselhou-os a aderir e a participar do primeiro congresso do Kuomintang.

A união desses dois elementos produziu resultados espantosos: greves e manifestações de estudantes, boicote dos produtos estrangeiros, sobretudo britânicos, organizado em represália do fuzilamento de alguns estudantes pela polícia britânica de Shangai.

Por toda parte fundaram-se sindicatos, grupos, associações que prepararam o advento e o triunfo da revolução.

Depois de Chiang Kai Chek assumir o poder, a ruptura entre a ala esquerda e a direita do Kuomintang tornou-se inevitável. O partido nacionalista compreendia os capitalistas que desejavam uma República forte, mas sem sindicatos nem movimentos populares, e temiam a influência e as atividades da ala esquerda do partido.

O governo de Hankow, ao contrário, julgava indispensável e imprescindível o auxílio dos conselheiros técnicos soviéticos, que haviam demonstrado tanta eficiência na organização do advento da República, e mereceu, assim, a classificação de "vermelho" que lhe dera Chiang Kai Chek. Nanquim, ao contrário, fugiu das influência russa e apelou para técnicos militares alemães, colaboradores de Hitler.

Durante dez anos, como conseqüência dessa luta, reinou o terror na China e contaram-se por milhões de mortos.

Nesse momento psicológico principiou a surgir, distintamente, a personalidade extraordinária de Mao Tse Tung. Esse jovem líder empregou a tática revolucionária européia, até então exclusivamente usada para a conquista do operariado das cidades, junto aos roceiros que eram a força viva da nação. Em vez de conseguir o poder por meio da classe proletária, conquistou-o utilizando os trabalhadores rurais.

Dada a imensidade das distâncias na China e a desorganização administrativa reinante, instituiu inúmeros núcleos, centro do governo, disseminados, os quais poderiam juntar-se em momento preciso ou dispersar-se imediatamente, se necessário, com facilidade, sem despertar atenção. Evitava, dessa maneira, a concentração de uma ofensiva governamental, obrigando a dividir o esforço de combate em lugares esparsos.

Em 1928, Mao Tse Tung organizou um pequena tropa, "corpo camponês de autodefesa", com o que sobrou das forças comunistas do general Chou Teh, e fundou um "distrito fronteiro das regiões libertadas". Dois anos depois já havia umas dez regiões comunistas independentes.

A despeito do sucesso obtido, alguns chefes vermelhos discordaram da política de Mao e tentaram conquistar o operariado das cidades. Isso despertou a atenção

e a fúria de Chiang Kai Chek, que descarregou violenta campanha de extermínio contra o Kungchantang.

Em 1930, em Shangai, uma conferência clandestina reuniu representantes dos "distritos soviéticos", e se repetiu no ano seguinte, em território "libertado", com seiscentos representantes de sindicatos e de outros dos distritos. Esse Congresso fundou a Primeira República Soviética Chinesa. Elaborou uma constituição pautada na constituição russa e formou um governo central, com Mao Tse Tung como presidente.

Mao Tse Tung iniciou, imediatamente, nessas regiões, a reforma agrária com uma redistribuição de terras. Transformou o trabalhador rural em pequeno proprietário, e criou cooperativas rurais, para socorrer os novos fazendeiros. Para os operários, elaborou uma legislação simplificada, que limitava a oito as horas de trabalho, e regulou a mão-de-obra infantil. Constituiu e reformou sindicatos, e criou tribunais de trabalho, para decidir dos conflitos sociais.

Já por este tempo o Kungchantang se havia desenvolvido e contava uns quatrocentos mil membros, dos quais uns sessenta mil viviam na zona governada por Chiang Kai Chek.

Após as perseguições e verificando a ineficiência das guerrilhas contra os comunistas, o ditador resolveu fazer-lhes o bloqueio.

Essa medida deu origem à magnífica epopéia da "Grande Marcha".

Obrigados a evacuar a região ocupada, contavam os comunistas encontrar aos suleste outras forças. Cercados pelos



Nova Delhi. O convite renovado. Chou En Lai e a Autora.

tropas do Kuomintang voltaram e dirigiram-se para o noroeste. Atravessaram o Tibete oriental e refugiaram-se no Shen-Si, onde os habitantes, rebelados contra o governo central, lhes deram auxílio e abrigo.

O exército de Mao formado de noventa mil homens, acompanhados de mulheres e crianças, fez a pé uns dez mil quilômetros pelas estradas mais difíceis.

Atravessou dezoito cadeias de montanhas, vinte e quatro rios, forçou o bloqueio de dez exércitos provinciais e tomou sessenta e duas cidades. Essa marcha vencia mais ou menos trinta e cinco quilômetros por dia. Alguns animais de tração serviam para o transporte dos feridos ou de material.

Quando atingiu o Shen-Si, dos noventa mil homens, restavam apenas uns dez mil, e mais uns trinta mil que se foram juntando pelo caminho. Essa marcha de seres humanos sem recursos, sem medicamentos, quase desarmados e perseguidos por possantes aviões de bombardeio e pelas mais modernas armas de fogo, ficará na história como das mais belas páginas épicas da humanidade.

Neste episódio fantástico, afirmaram-se as qualidades de político e de chefe de Mao Tse Tung. Formou um governo na região libertada, "Região fronteira de Yennan", pouco depois a base comunista mais importante do país. Iniciou as reformas que proporcionaram em toda China tanta popularidade ao Kungchantang.

Durante esse período, definiu-se a teoria comunista chinesa, fiel à Terceira Internacional e aos princípios ortodoxos

marxistas. Buscou entretanto condicioná-los à situação do povo e da civilização do país. O isolamento forçado do Yennan deu aos dirigentes a ocasião de se empenharem mais profundamente no conhecimento dos problemas agrários, parte essencial da realidade chinesa, sem descurarem, entretanto, dos problemas urbanos e proletários.

De 1936 a 1939, o Kungchantang entregou-se mais renhidamente à luta contra os japoneses do que às reformas começadas.

Após a curta trégua obtida graças ao incidente de Sian, recomeçou a Guerra Civil, que durou até à derrota do Kuomintang.

***

Tal como a do Kuomintang, a organização do Kungchantang se assemelha à do partido bolchevique russo, de 1920. Um e outro criaram-se ao mesmo tempo, com estreita disciplina e número limitado de membros.

Segundo esse sistema, uma vez terminada uma ampla discussão sobre qualquer matéria, a maioria toma a decisão, à qual se submeterá a minoria. Os membros do partido devem obediência a seus dirigentes, sobretudo ao Comitê Central. O congresso nacional do partido, que se reúne cada três anos, é o organismo supremo do Kungchantang.

Devido à guerra essa reunião só se efetuou em 1945 com delegações das diferentes organizações do partido. O congresso elege para representá-lo, entre suas sessões, uma comissão central

executiva que, de início, compreendia quarenta membros e se estende, agora, a sessenta.

O Comitê político reúne-se em intervalos irregulares, mas mantém, para representá-lo, como organismo essencial, um "bureau" político de treze membros.

Até a organização definitiva do governo, o "bureau" delegou poderes a cinco membros, que se encarregaram de dirigir a nação.

Traço original e acentuado por todos aqueles que estudaram ou visitaram a China nesses últimos anos, é a forma pela qual o partido ali atua sobre o povo e a opinião pública. Jamais buscou impor seus princípios ou suas idéias por coação, mas procura fazê-lo por persuasão. Como método, empregou o exemplo, a educação e a sugestão.

A fiscalização exerce-se pela crítica e autocrítica. O partido influencia e domina, não tanto pelas ordens e instruções que decreta aos governos provinciais, às cooperativas e sindicatos, como pelo exemplo de cada um de seus membros, que se deve mostrar sempre zeloso, trabalhador e eficaz. É pelo respeito que inspira a conduta, a personalidade e a dedicação à causa pública dos dirigentes que consegue ação sobre a opinião pública e não por pertencerem eles ao partido que, no momento, retém as rédeas do poder.

Não se cansam de repetir os dirigentes do partido comunista que as causas da decadência do Kuomintang, no princípio revolucionário e idealista, vieram justamente do abuso do poder e da desonestidade de seu governo, corrupto em todos os seus representantes.

É isso que o Kungchantang quer evitar. Qualquer que seja a cor política de quem visitou ou visita a China desde o advento do governo popular, unanimemente se atestou, e se atesta a honestidade, o entusiasmo, a simplicidade e eficiência dos atuais funcionários da República Popular, do mais alto ao mais modesto.

Vivem todos a mesma vida de trabalho, de ascetismo, de singeleza. Vestem-se todos de igual forma, homens e mulheres, com o dólmã azul escolhido por Sun Yat Sen, abotoado com cinco botões e quatro bolsos aplicados, e dificilmente se distingue um general de um simples soldado. A alimentação é igual para todos, e seguidamente funcionários de qualquer categoria comem nos mesmos restaurantes públicos, segundo o uso hoje em voga.

O governo procura transformar em uma sociedade consciente os homens do campo até agora analfabetos. Para tanto, o indispensável foi conseguir rapidamente a alfabetização que era difícil pela deficiência de professores. O governo apelou para quantos possuíssem instrução, mesmo rudimentar, para suprir os quadros quase inexistentes. À noite, as aldeias, nas fábricas, reúnem-se em grupos operários e camponeses. Depois das lições de leitura ouvem conferências sobre higiene e sobre as teorias do partido.

Adotaram um sistema mais engenhoso ainda, durante a guerra, para a alfabetização. Desenhavam nos muros das aldeias, cada dia, dois ou três objetos com os sinais de caligrafia correspondentes, e despertaram assim o desejo do camponês de mais rapidamente aprender a ler.

Nas reuniões das cooperativas rurais, no começo o partido sugeria as reformas que julgava prementes e pedia sugestões

aos camponeses. E as mais das vezes aproveitou-se da "iniciativa de cada um", segundo o "slogan" adotado.

Afirma Mao que só vingaram, realmente, as medidas reclamadas pelo povo. Tais reformas, codificadas, tiveram força de lei, após múltiplas experiências nos centros agrários, nas cidades e nas aldeias.

Mao julga que ninguém nunca se mostrou infalível; daí o sistema de crítica e de autocrítica, empregado diariamente em todas as repartições, hotéis, fábricas, hospitais etc.

A crítica exerce-se livremente entre camaradas. Se um julga que o outro não age, no momento, absolutamente de acordo com os princípios decretados para melhor rendimento do trabalho, encontra-se com o direito de endereçar-lhe críticas, em particular ou em reunião de pequenos grupos, ou mesmo nas assembléias da empresa ou do partido. A imprensa mantém colunas abertas à disposição e destinadas à crítica e sugestões, ainda que venham do mais modesto dos operários. Não raro, longas discussões se dão, com ataques e defesas, visando aperfeiçoar o sistema e provar vigilância e participação na vida pública, ou nas empresas particulares. A autocrítica executa-se no interior do partido, periodicamente, em se sessões destinadas à "lavagem dos cérebros". Cada um dos membros reconsidera sua atuação durante o período passado entre as reuniões, e diante de todos se critica de suas possíveis faltas ou negligências. E uma espécie de confissão pública dos primórdios do Cristianismo.

No hotel em que me hospedei em Pequim observei, de manhãzinha, os empregados do andar, com seus paletós brancos, imaculados, sentados em volta de uma mesa, diante do inevitável chá.

Cada um, por seu turno, falava olhando um cadernozinho, onde anotara as faltas do dia anterior. Isso toma ares de ritual e se repete, tanto entre professores superiores como entre operários e camponeses.

No caso de alguém esquecer uma culpa, ou deixar de mencionar uma falta cometida, o colega delicadamente o lembrará, e receberá agradecimentos polidos pela cooperação.

O chinês, que desde centenas de anos se caracterizava pelo horror de "perder a face" com a autocrítica, suplantou essa espécie de complexo. Perguntei a Chao, meu intérprete em Pequim, como explicava fato tão curioso. Respondeu-me que no auxílio mútuo estava o principal dever de uma coletividade. A crítica forçava a autocrítica, que por sua vez tornou superada a velha noção da "perda da face".

As reuniões do partido, efetuadas publicamente, deram ensejo às eliminações do começo do governo.

O partido conta com uns três milhões de membros, número diminuto, dada a importância da população. Aliás, para se ingressar no Kungchantang, segundo informações, não é fácil, Exige-se do candidato quase que um, "noviciado". Entre os cidadãos com quem pude entrar em contato durante minha viagem, nem mesmo 90% pertenciam ao partido comunista.

Dos que foram eliminados no começo nenhum sofreu a pena de morte. O partido julga todos necessários ao país e passíveis de recuperação, uma vez o "cérebro lavado".

Pensam os dirigentes que para o Kungchantang desempenhar eficazmente sua missão necessita conservar-se em um grupo fechado de vanguarda, tropa de choque, decidido e unido para qualquer momento e qualquer ação.

Segundo os observadores que visitaram a China, o partido comunista mostra-se homogêneo e em união perfeita sob a chefia de Mao Tse Tung; e é conseqüência dessa unidade a perfeita continuidade da política interior e internacional da República Popular.

***

Os homens que dirigem os destinos da República chinesa vêm desde o início demonstrando extraordinário tino político, amor à causa pública e profundo senso moral. O Kungchantang reflete, de certo modo, a personalidade de Mao Tse Tung, como o Kuomintang a de Chiang Kai Chek.

Diplomatas e jornalistas que durante a guerra conheceram e visitaram a China, nos anos de 1944 , 1945 e 1946, expressaram o espanto que lhes causava sair do fausto de Chunquing ou Nanquim e descobrir a simplicidade, a modéstia, o ascetismo de Mao e seus companheiros.

Vivia o Chefe em companhia de sua mulher e seus filhos, em uma espécie de gruta, com três pequenos quartos. Em derredor, em outras, moravam os demais membros do governo, com suas famílias. As mulheres ocupavam-se das tarefas caseiras, e as crianças brincavam alegres pela estrada.

Recebia os visitantes ao pé da colina. Nenhum guarda para protegê-lo, nenhum aparato em volta do homem, que já governava, naquela época, mais de cem milhões de chineses. Mao Tse Tung, assim, ao país o exemplo de vida honesta e singela, e, desde aquele tempo, se incrustou no coração do povo.

Chou En Lai é o mais ocidental dos líderes comunistas chineses. Presenciei, quando o conheci em Delhi, o magnetismo singular que exerce sua personalidade e a impressão de grande estadista que espalha em volta de si.

Foi a cabeça da rebelião de Shangai, que serviu de tema para o Kyo do "Condition Humaine" de Malraux.

De aparência bastante jovem, elegante e discreto, sorri pouco e guarda uma absoluta impenetrabilidade. Suas mãos, de beleza excepcional, demonstram vida intensa e grande sensibilidade.

Desde muito tempo encarregado da política exterior, manteve contato contínuo com o estrangeiro, que aprendera a conhecer em sua permanência no Ocidente.

Nasceu em 1898 na China do Sul. O pai, mandarim e professor, e a mãe de família abastada, possuíam ambos fina educação e grande cultura que transmitiram ao filho.

O avô, também mandarim, exercera altas funções na corte. Em 1913, mudaram-se para a Manchúria e Chou estudou em Nankai. Em 1917 cursou, no Japão, a Universidade de Waseda e em seguida a de Nankai, onde terminou os estudos.

Muito moço, deixou-se conquistar pelas teorias revolucionárias de Sun Yat Sen e tornou-se logo um dos dirigentes do grupo de estudantes na vanguarda do movimento nacionalista. Nesse meio encontrou uma jovem linda e brilhante, Teng Ying Chiau, com quem se casou e que hoje o acompanha na vida política, como membro suplente do Comitê Central do Kungchantang.

Em 1920, quis conhecer o Ocidente. Na França, melhor descobriu e aderiu ao marxismo, e fundou em Paris uma sucursal do Partido Comunista Chinês. Visitou as minas de carvão do Norte, para aprender a propaganda do proletariado e trabalhou como operário nas usinas Renault. Foi à Inglaterra, à Alemanha e outros países onde estudou as diferentes formas de governos democráticos.

De volta à China, quatro anos mais tarde, tornou-se secretário do Comitê Governamental de Cantão, em seguida Chefe do Departamento Político da Academia de Wampôa (presidida por Chiang Kai Chek), e mais tarde Comissário Político do Primeiro Exército Nacional.

Em companhia de Liu Chau Chi, disciplinou a classe proletária de Shangai, e tão bem o fez, que, com apenas seis mil operários, se apossou, dos postos-chave da cidade, antes mesmo da chegada das tropas de Chiang Kai Chek.

Quando da traição do ditador, feito prisioneiro, conseguiu fugir e se refugiou em Hankow, ainda governada por seus amigos comunistas. Após a tomada dessa cidade pelo Kuomintang, e do fracasso da tentativa de Cantão, exilou-se em Hong-Kong, onde criou uma célula comunista clandestina. Em seguida, às escondidas, regressou a Cantão e a Shangai, onde, a despeito da perseguição sem entranhas de Chiang Kai Chek, fundou grupos e células do Kungchantang.

Em 1928, enviado pelo partido ao VI Congresso da III Internacional, aproveitou para fazer um curso na academia dos Povos Orientais, em Moscou.

Em 1931, dirigiu-se para Kiang-Si a fim de se juntar a Mao Tse Tung e participou da gloriosa "Longa Marcha". Em 1935, de novo em Moscou, assistiu ao VII Congresso da III Internacional, Voltando à China, mandaram-no ao Sian, negociar a libertação de Chiang Kai Chek. Assinada a paz com o Kuomintang, ficou perto do ditador como representante dos interesses do Kungchantang em Nanquim e Chunquing, e durante muitos anos atuou como embaixador dos comunistas.

Após a ruptura e durante as negociações de Marshall representou ainda seu partido; praticamente foi o único Ministro de Relações Exteriores da China Popular. Com cinqüenta e nove anos e aparência de muito menos, Chou En Lai é o mais jovem dos chefes comunistas chineses. Alto, elegante, com mãos de singular finura e beleza, distinção de maneiras e um olhar vivíssimo, lembra os artistas de cinema americano Georges Raft e Glenn Ford, mas com a personalidade de um chefe de Estado.

Em todos os países por onde tem andado e nas rodas da "intelligentsia" internacional deixou a impressão de fino diplomata e estadista de envergadura.

O marechal Chou Teh é o Vice-Presidente da República e comandante-chefe do Exército da Estrela Vermelha. Quase tão popular quanto Mao Tse Tung, aos dois deve a China a reconciliação dos inimigos milenares que ali eram: o soldado e o camponês, união que tornou mais ardente o patriotismo do povo.

Durante a "Longa Marcha", as tropas esfaimadas e mal alimentadas de Chou Teh dividiam com os lavradores das aldeias,

mais miseráveis ainda, os parcos víveres que possuíam; e quando paravam em qualquer região, logo os soldados vermelhos corriam a pegar da charrua, auxiliando aos trabalhadores rurais.

Chou Teh – "Virtude Vermelha" – nome predestinado, nasceu em 1887, na China do Sul. Sua família, possuidora de grandes propriedades e de grande fortuna, proporcionou-lhe educação aprimorada. Com dezoito anos, terminados os estudos secundários, dedicou-se à carreira das armas. Em 1911, obteve diploma militar na Academia do Yennan e a nomeação de comandante de uma companhia do Exército

Estrangeiro, assim denominado porque equipado com armas e uniformes ocidentais.

De sucesso em sucesso, Secretário do Governador do Yennan, Chefe da Segurança Pública, Comissário provincial de Finanças, aumentou mais sua bela fortuna.

Vivia a vida feliz e desregrada dos senhores feudais, em lindas residências, rodeado de várias concubinas e dedicando horas sem fim aos prazeres do ópio. Dominava-o, porém, a paixão dos livros e, através da leitura, descobriu os terríveis problemas sociais de sua terra.

Como um novo Paulo de Tarso, interessou-se, enamoradamente, pelo novo movimento que principiava. Vendeu tudo o que possuía e despediu as novas concubinas. A cada uma presenteou com uma pequena fortuna que lhe permitisse viver independentemente. Livre, enfim, correu a Shangai para oferecer seus serviços ao Kuomintang.

Envelhecido prematuramente, com o físico tarado dos viciados de ópio, receberam-no com desprezo e recusaram seu oferecimento, com chacotas.

Compreendeu que para realizar o destino que almejava deveria primeiro curar-se do vício. Embarcou em um navio inglês, onde sabia não haver possibilidade de encontrar a droga. Durante um mês, deitado no convés, sofreu miseravelmente a angústia terrível do ópio suprimido, sem prévia cura de desintoxicação. Passou dias e noites em estado de coma. Sua força de vontade venceu aos poucos, e quando deixou o barco estava completamente curado. Ao desembarcar parecia dez anos mais moço.

Foi de Londres para a Alemanha. Em Göttingen estudou Sociologia e freqüentou reuniões de estudantes comunistas, filiando-se ao partido. Em Hanover fundou uma célula comunista. A República de Weimar não apreciou sua atividade, considerada perigosa e, depois de jogá-lo duas vezes na prisão, expulsou-o do país. Em Paris encontrou Chou En Lai de quem se tornou amigo. Em Moscou, na Academia dos Povos do Oriente, estudou mais profundamente o marxismo, a economia política e aperfeiçoou-se na arte militar. Voltou à China em 1925. Nomeado logo Comissário Político do Exército, em seguida Diretor da Escola Militar de Nanchang, anexa à de Wampôa, examinou cuidadosamente a tática de guerrilhas, nos tratados trazidos de Moscou por Chiang Kai Chek. Adaptou-os às condições da China e tornou-se um dos membros técnicos da matéria, no mundo.

Em 1927 Chiang Kai Chek deflagrou a perseguição ilimitada aos comunistas e deu-lhe ordem de exterminar todos

aqueles que vivessem em sua província. Após horas de reflexão, para decidir entre seus ideais políticos e a lealdade ao ditador, deixou a Academia de Nanchang e à testa dos cadetes enfrentou as tropas nacionalistas. Derrotado, fugiu com os poucos homens que lhe restavam e constituiu uma República Soviética nos confins do Kiang-Si.

Com Mao Tse Tung fez a "Longa Marcha". A derrota dos japoneses encontrou Chou Teh, em 1945, como Chefe Supremo das Forças Comunistas, cargo que ocupa até hoje. É um homem simples, trajando sempre um velho uniforme de algodão acolchoado, sem nenhum distintivo ou galão, e que mais o faz parecer a um "coolie" do que a um chefe de poderoso exército de mais de dois milhões de homens.

Com a pele queimada do sol e vento, o ar de velho camponês desconfiado, Chou Teh soube inspirar a seus soldados e a toda a China uma adoração só igual à que dedicam a Mao Tse Tung, seu íntimo e dedicado amigo.

LI Chao Chi, oficialmente, aparece como o número três da China Popular. É membro do Secretariado Permanente e Vice-Presidente da Comissão Política. Baixo, magro, de cabelos muitos negros, mantém sempre atitude muito distante. Esforça-se por passar despercebido e foge à popularidade, geralmente tão cara a todos os políticos. Péssimo orador, personalidade antipática, Li Chao Chi é, porém, excelente escritor, preciso, claro, vigoroso, e um perfeito intelectual. Asceta, de lábios finos, rosto comprido, olhar frio, sua aparência diverge completamente da de Mao

Tse Tung e da de todos os outros chefes do comunismo, na China. Entrou para o Kungchantang em 1922 e foi logo a Moscou, para se aperfeiçoar nos estudos. Participou da administração do Estado Soviético do Kien-Si e durante a "Longa Marcha" trabalhou, clandestinamente, no estabelecimento de células comunistas em Pequim e nas cidades do Norte, e conseguiu organizar com precisão as manifestações e revoluções de estudantes, nas universidades, contra Chiang Kai Chek e os japoneses.

Após dirigir a comissão política, tornou-se Chefe do Estado Maior da Quarta Divisão do Exército. Participa também do Secretariado Permanente, onde se encarrega da elaboração da Doutrina. Com uma carreira de sindicalista é o teórico do regime, o teólogo do marxismo chinês. Doutrinariamente mais próximo de Moscou que Mao Tse Tung, entretanto, tomou a si o encargo de dar forma ao evolucionismo de Mao ao qual denominou "Maoísmo".

Sua função política, embora mais ou menos ignorada no Ocidente, é das mais importantes do governo.

Vinte e cinco anos de lutas acerbas ligaram fraternalmente esses quatro homens – Mao Tse Tung, Chou Em Lai, Chou Teh, Li Chao Chi que representam, verdadeiramente, a China Popular.

Em torno desse quatro "grandes" gravita uma série de satélites, que se apagam e desaparecem sem aviso, mas que representam, enquanto brilham, no governo papel importante.

Afora aqueles grandes destaca-se, entre os outros, Kuo Mo Jô, que não pertence ao partido mas encontra grandes virtudes na doutrina marxista. Arqueólogo, poeta, escritor, influiu enormemente para o renascimento literário que se processa na Nova China. Sua maior contribuição, entretanto, foi em arqueologia e na interpretação dos antigos textos que esclareceram a história da China nos milênios conhecidos como lendários. Presidente da Academia Sínica, presidente da Associação dos Escritores e Artistas Plásticos, Kuo Mo Jô representa Mao Tse Tung em todas as reuniões essencialmente intelectuais da China.

Igualmente, Soong Chung Ling, viúva de Sun Yat Sen, figura entre os operários da revolução, embora não pertença Ling, esposa de Chiang Kai Chek, é graciosa e mantém, constantemente, uma atitude de grande dignidade e serenidade, que contrasta com a atividade agitada e fatigante da outra. Verdadeira dama nas maneiras e por natureza, fala devagar, com voz doce e sabe criar em torno de si ambiente agradável e suave.

Os que mais intimamente conviveram com Chung Ling atestam, sem exceção, sua dignidade, dedicação à causa pública, lealdade aos princípios de Sun Yat Sen, coragem moral nas horas mais difíceis, qualidades que a tornaram uma das maiores personalidades da China e das maiores mulheres da nossa época.

Estes, com o perdão de alguns, involuntariamente esquecidos, constituem o Estado Maior do Governo Popular da China, os responsáveis pelos destinos da nação de maior população do mundo.

***

Organização da República Popular

Em setembro de 1949, Mao Tse Tung proclamou a República Popular da China, denominada "Ditadura do Povo".

Intrinsecamente diversa, em sua essência, da União Soviética e das outras democracias populares, a China nunca se declarou oficialmente como um Estado Comunista, senão como uma coligação de partidos. Mao Tse Tung, no entanto, afirma que tal situação é provisória e transitória, caminho para o Estado socialista, e mais tarde, comunista.

Mao Tse Tung, Chou Em Lai, Chou Teh e Li Chao Chi assim o decidiram, a fim de evitar uma tragédia de sangue, como acontecera na Rússia.

A administração do governo da República Popular chinesa muito se assemelha à de Moscou. Um "Programa Comum" que permite a participação de qualquer homem deve boa vontade dirigir os destinos do país durante os cinco primeiros anos.

Cinco anos, exatamente, após a Proclamação da República Popular, em setembro de 1954, os mil e duzentos parlamentares eleitos para o Congresso Nacional, votaram a Constituição da Nova China.

Segundo esta Constituição, preparada e redigida pelo Comitê Central do Partido Comunista, o Congresso Popular é soberano. Reúne-se, porém, apenas uma vez cada ano, por pouco

dias, e sempre sob convocação direta e especial do presidente Mao. No intervalo das sessões, delega poderes a um Comitê Permanente, de cento e noventa e oito deputados, escolhidos dentre seus membros.

O Parlamento chinês parece assim copiar absolutamente o Presidium do Soviete Supremo de Moscou. Eleito no primeiro dia da sessão, esse Comitê representa a vontade do povo e fica encarregado de fiscalizar os atos do poder executivo.

Inspirada pela constituição soviética de 1926, preparada sob o controle de Stalin, a Carta Magna chinesa proclama e China, acontecimento único na história, "Estado Unido Multinacional".

O preâmbulo da Constituição afirma que o partido comunista será o "Guia do Novo Estado" e o animador da "Frente Nacional Unida".

Em teoria, o partido não dispõe de maioria nessa Frente, formada de representantes de sindicatos, partidos políticos, associações corporativas, constituídas por sua vez de delegados do Kuomintang (ala contrária a Chiang Kai Chek), do Grande Estado-maior dos Quatro Exércitos das Províncias, do Tibete, da Mongólia Interior, dos "Chineses Democráticos", dos sindicatos de jornalistas, de industriais, de comerciantes, de artistas, dos cidadãos livres de Formosa, e dos das diferentes religiões (menos a católica, por sua submissão absoluta a Roma, portanto ao estrangeiro) da Liga da Juventude, dos Chineses do Exterior e da Municipalidade de Shangai e de Tien Tsien.

Naturalmente, com tato, discrição e rigor, os comunistas dominam esse mosaico complicado e heterogêneo, a quem totalmente governam e ditam leis.

De acordo com as estatísticas, apenas 7.000.000 de indivíduos pertencem ao partido comunista (1,10 da população). O ingresso ali é tão difícil quanto na Rússia.

Do quadro do governo não pertencem ao partido: um vice-presidente, a senhora Soong Chung Ling, viúva de Sun Yat Sen, Kuo Mo Jô, presidente da Academia Sínica e da Associação de Escritores e Artistas, praticamente o ditador da "cultura", e o presidente da Suprema Corte, Chen Chouan.

A Constituição considera a Justiça do Povo como parte da Ditadura Democrática do Povo, porém dependente do Poder Executivo. Eleições anuais de candidatos, designados sem concorrentes, escolhem os magistrados, que podem ser revocados a juízo do governo. Mesmo o presidente da Suprema Corte está sujeito à boa vontade do Comitê Permanente do Congresso. O Procurador Geral do Povo é alto funcionário, designado pelo governo, a fim de manter uma obediência cega às leis. Sua jurisdição se estende sobre a nação inteira e sobre todos os tribunais do povo, diante dos quais pode levar qualquer individuo, sob mera suspeita.

***

A China se divide em seis grandes territórios administrativos, subdivididos em vinte e cinco Províncias, que por sua vez se dividem e se subdividem, para efeitos de administração.

Em Pequim, um alto funcionário governa cada um dos territórios. Além daqueles, existem mais quarenta regiões autônomas principais, dentre as quais se salientam o Tibete e a

Mongólia Interior, e mais uma infinidade de distritos igualmente autônomos, devido a considerações étnicas, e três municipalidades semi-autônomas: Pequim, Shangai, e Tien-Tsin e ainda quatorze distritos industriais.

Desde 1954, entretanto, Pequim governa de fato, direta e absolutamente o país inteiro, e a despeito dos complicados e imensos problemas que surgem das diferentes minorias nacionais, a administração do governo da República Popular pode servir de exemplo a qualquer democracia do universo, pelo seu claro espírito de justiça, pelo seu devotamento à causa pública e pela honestidade sem par de todos os seus membros.

Este é o primeiro governo da República Popular que, salvo modificações mínimas, permanece igual até hoje.

Partido:

Mao Tse Tung – Presidente do Comitê Central do Partido Comunista Chinês

Liou Chau Chi – Secretário Geral

Marechal Chou Teh

Li Chi Chen

Chang Lan

Marechal Peng Teh Huai

Marechal Cheng Chien

Marechal Lin Piau

Etc.

Membros

Estado:

Mao Tse Tung – Presidente

Marechal Chou Teh – Vice-Presidente Comitê Permanente do Congresso Popular

Liou Chau Chi – Conselho Central do Governo

Mao Tse Tung – Presidente

Marechal Chau Chi

Senhora Soong Chung Ling

Li Chi Chen

Chang Lan – Conselho Administrativo do Governo

Chou Em Lai – Presidente – Conselho de Ministros

Chou Em Lai – Presidente e Ministro das Relações Exteriores

Forças Armadas:

Mao Tse Tung – Presidente do Conselho Militar Revolucionário

Marechal Chou Teh

Liou Chau Chi

Chou Em Lai

Marechal Peng Teh Huai

Marechal Cheng Chien

Marechal Lin Piau – Vice-Presidentes Dos 28 membros, 22 pertencem ao partido.

***



A Cidade Azul

Pequim

Logo que o avião principiou a baixar sobre o aeroporto, situado perto do Palácio de Verão, surgiu a nossos olhos, extasiados, uma tapeçaria cor de mel e rosa e azul e verde, com buquês de árvores espalhadas, e cercada de uma barra de listas rubras e cinzas, formadas pelas muralhas que rodeiam a Cidade Azul.

A luz intensa fazia mais vasto o panorama. As construções isoladas criavam sombras gigantescas e o trânsito lento e ininterrupto tornava móvel o espetáculo inesquecível.

Era Pequim, a capital do Norte, a Cambaluc misteriosa de Marco Pólo.

***

Ao deixar o avião encontrei um grupo que me viera receber: Wou Mau Sou, Secretário do Instituto dos Negócios Exteriores, Liou-Ki-Chin, Diretor da Escola de Belas-artes, a Senhora Chang Wu Cheng, pintora, o escultor Wang Ling e mais a senhora Kang Chou e Chao Hsing Yen, do mesmo Instituto. Todos trajavam absolutamente iguais, o uniforme azul de Sun Yat Sen, simples, elegante e bem talhado. Depois das apresentações, dos votos de boas-vindas, dos agradecimentos pelas flores que me ofereceram, encaminhamo-nos para o

restaurante do aeroporto, onde tomamos um chá quente e reconfortador, com o frio de dez graus abaixo de zero, que nos gelava.

Wou Mau Sou, jovem e impecavelmente elegante, de inteligência e vivacidade singulares, mesmo para um chinês, pôs-me logo à vontade. Apresentou-me, desde logo, a Chao e Kang Chou que iriam servir-me de intérpretes e acompanhar-me nas visitas à cidade.

De chegada Pequim se apodera da gente, por um certo encanto, feito de mistério e da cordialidade transbordante, generalizada e visível, de seus habitantes.

Travei logo boas relações com Kang e Chao, inteligentes e de trato muito agradável.

Compreenderam minha curiosidade apressada e emocionada e propuseram, imediatamente, um passeio. Falaram-me todo tempo de sua cidade, contaram-me algumas de suas lendas e de suas histórias. E eu que já tanto sonhara com essa Pequim Secreta, dela subitamente me enamorei.

***

Pequim, a capital do Norte, capital do Império do Meio desde há mais de cinco séculos (salvo o pequeno interregno de Chiang Kai Chek), fica distante cinqüenta quilômetros da "Grande Muralha" e vinte do mar. No sítio onde se ergue hoje, existiu lá pelo ano de 1.100 ªC. Uma velha cidade, da qual resta como única lembrança uma placa de

mármore, conservada em um pavilhãozinho todo coberto de telhas cor de mel.

Seu nome variou de "Cambaluc", a bem-amada de Marco Pólo, para a "Tatou" dos Tártaros, a "Peiping" dos Ming, enfim Pequim, de 1419 a nossos dias.

Koubilai Kahn planejou a cidade de sua ambição para que resistisse a qualquer assalto e durasse eternamente no resplendor da beleza e do luxo.

Em poucos anos desmoronou o formidável império de Gêngis Kahn, seu avô, mas a cidade de Koubilai, o imperador nômade, lá está, com ele a construiu e como a deixou o terceiro Ming, Yeng Lo, que lhe acrescentou a "Cidade Proibida", com seus jardins e seus palácios.

Tão bem a descreveu Marco Pólo, que suas notas de viagem ainda agora, ligeiramente modificadas, nos serviriam de guia:

> "Toda quadrada, toda cercada de muros de terra espessos como dez passos, e tem umas ruas tão retas que se vê de uma porta a outra, ao longo da Cidade, pelas ruas, e existe um grandiosíssimo palácio e jardim, onde se vê em muitos belos tapetes de relva e belas árvores de diversos modos de frutas. E ao norte, longe do Palácio, existe um monte forçado (artificial), que é mais alto que cem passos".

E parece de hoje o que nos conta dos "pailous", pórticos monumentais, coberto de telhas de cerâmica coloridas e decorados com iluminuras:

> "As telhas são de todas as cores, vermelhas, amarelas, e verdes e azuis, tão bem envernizadas que brilham e ao longe resplandecem".

Essa cidade idealizada por um nômade, como um paraíso de matemáticos, situa-se no centro dos quatro pontos cardeais e sobre o quinto, só existente na China.

Desde a chegada, Pequim a cidade amável, testemunha da história e da glória da China, vaidosa e feminina entrega-se toda à admiração do visitante. Mostra a fabulosa geometria que a criou, mas guarda escondido o segredo de sua amiga.

Formada de uma série de cidades, a Proibida, a Tártara e a Chinesa, é rodeada de imensas muralhas, em um quadrado perfeito.

Quando os engenheiros do atual governo quiseram recompor certos trechos, obstruídos durante a última guerra, buscaram nas bibliotecas e nos museus os escritos e planos primitivos, que de tão perfeitos, facilitaram-lhe sobremaneira o trabalho.

O plano da cidade obedeceu a um eixo norte-sul, que parte da porta exterior, passa pelo Trono Imperial, pelo Pavilhão Central da Colina do Carvão e vai terminar na Torre do Tambor.

A série de cidades é assim constituída: a Chinesa, a Tártara, dentro desta a Imperial e a Proibida e mais as muralhas que a circundam. Em seus pavilhões e palácios viveram durante séculos, imperadores onipotentes, rodeados de mandarins, de

concubinas, de eunucos, de poetas e de mais de cinco mil astrônomos e astrólogos.

Ao sul de Pequim, dos fins do século XIX até 1911, o quarteirão das Embaixadas, vedado aos chineses, defendido por cerca de arame farpado e batalhões de polícia estrangeira, com construções de mau estilo, destoa da harmonia infinita da cidade privilegiada.

A beleza de Pequim, entretanto, é tão perfeita, tão forte que aglutina e dissolve aquela mancha, e só resta na memória dos que a visitam a lembrança dos telhados arrebitados, nômades e eternos, dos pórticos triunfais e da luz de cristal de seu céu, que parece muito mais alto e muito mais arredondado que o céu do resto do mundo.

Ali, flanar, com as surpresas que se sucedem, é prazer sempre renovado. Para ao menos se conhecer ligeiramente a cidade inteira, necessário se faria percorrer setecentos quilômetros de ruas, sem mencionar pracinhas e becos misteriosos.

Em companhia de Kang e Chao, passei horas de encantamento, visitando os palácios, os templos, o Bazar e passeando pela cidade, sem destino.

Durante nossas longas palestras, meus deus amigos foram me contando um pouco de suas vidas simples. Ambos de educação superior, são interessantes e possuem boa cultura geral, o que transformava nossas caminhadas em momentos de deleite.

Kang casou-se há dois anos, o marido trabalha na Biblioteca Nacional, ela no Instituto dos Negócios Estrangeiros. Moram em um apartamento, nos novos edifícios que o governo

construiu para os funcionários. Tem um filhinho de nove meses, de quem trazia sempre consigo um retratinho, que me mostrou orgulhosa. De manhãzinha, deixa o bebê na creche e vão os dois para o trabalho. Ambos voltam para almoçar em casa. Findo o dia, levam felizes o filhinho consigo.

Nem Kang nem Chao fazem parte do partido comunista, mas admiram e amam Mao Tse Tung, e Chao chegou a confiar-me que este ano esperava ingressar no partido.

Pelo que pude deduzir das conversas com estes amigos e com outras pessoas que fui encontrando, pareceu-me bastante difícil à admissão no Kungchantang. Necessário se faz uma severa preparação, um quase noviciado.

***

A brevidade de minha estada não me permitiu conhecer tanto quanto desejava a Cidade Violeta, mas pude admirar alguns dos seus recantos mais afamados. Perto do hotel, em uma larga avenida arborizada de salgueiros, uma série de vitrinas sedutoras chamam a clientela estrangeira e, no caso, mais especialmente os russos. Bordados, máquinas fotográficas, vestes de seda forradas de peles e recamadas de ouro, belos objetos, vizinhando com outros feios e de mau gosto, despertam a curiosidade do passeante.

Diversos alfaiates e costureiros, cujos vistosos cartazes mostram senhoras de longos vestidos à moda de 1900 e homens de roupas de corte desusado vivem, hoje, quase só da freguesia estrangeira e mais facilmente da soviética. Disse-me Kang que, se

eu quisesse, em poucas horas me dariam um vestido, tal como na Índia e Hong-Kong.

Duas grandes livrarias fazem-se "vis-à-vis". Pertencem ambas ao Estado. Uma vende livros chineses e está sempre cheia, gente que vem comprá-los ou apenas folheá-los. Outra mostra livros franceses, ingleses, alemães, americanos, em sua língua de origem ou traduções em inglês de obras russas, ou em russo de obras americanas. Aí não vi senão umas três pessoas.

No fundo da avenida um imenso retrato de Mao Tse Tung sobre o portal. É o Bazar. Um sem-número de ruazinhas em labirinto coberto, onde se vende de tudo, bibelôs, jades, porcelana, sedas, livros velhos, leques, jóias, peças deliciosas umas, outras tristemente banais, e sempre a multidão alegre e barulhenta que vai de uma a outra lojinha.

Ao sair do Bazar no fim da avenida, dei com um polícia de pé em uma espécie de púlpito, envidraçado, no alto de um poste, que dirigia o tráfego. Ouvi-o falar em um microfone. Kang traduziu:

> – "Peço à digna Senhora, que atravessa a rua, que preste atenção à direita; o ciclista peço o favor de cuidar dos transeuntes. Ao rapaz que vem do mesmo lado peço a gentileza de auxiliar a digna senhora a atravessar a rua..."

Olhei. Era uma velha a quem os pés deformados impediam de andar rapidamente e que saltitava como um pobre pássaro de asa partidas. E o moço, delicadamente, tomou-a pelo braço e levou-a ao outro lado da rua.

As farmácias, quase sempre uma ao lado da outra, a moderna e a tradicional, mostram vitrinas completamente diferentes: as modernas iguais às daqui ou de qualquer cidades e de qualquer país, tristes e banais; as tradicionais mais parecem a entrada de antro de feiticeiro ou do palácio do Doutor Fausto, pelos coloridos dos bocais, pelas raízes retorcidas como mandrágoras, pelas serpentes secas, pelas pedras que dormiram anos no estômago de macacos, pelos dentes de elefante.

Seguindo-se pelo Tchang yang Kie, encontra-se o Tchen Yang Men, uma das portas que liga o quadrilátero tártaro ao triângulo chinês. Aí, estabeleceram-se os Hans, quando os Manchus os expulsaram da cidade. Mais tarde, a segregação de raças muito se atenuou, mas aos ricos apenas se permitiu viver na Cidade Tártara, mais perto dos Filhos do Céu.

Na Cidade Chinesa encontravam-se os estabelecimentos de banho e, os restaurantes afamados, que ainda lá existem. Aí ficavam os lugares reservados ao "prazer", as salas destinadas ao fumo de ópio, e os bordéis, que desapareceram. Até 1911 havia naquelas paragens casas de sodomia, legalmente toleradas e freqüentadas pela nobreza manchu e certos estrangeiros "rafinés" e depravados.

Até 1920, existiam funcionando mais de 300 bordéis com mais de 3.000 desgraçadas, repartidas em quatro classes, segundo sua idade ou beleza. Compravam-nas ainda crianças, às famílias pobres, ou simplesmente as seqüestravam, trazidas das aldeias. Seus nomes, nas casas de luxo, que faziam propaganda pelos jornais com as fotografias e endereços, fixavam-se nas portas em cartão de

cobre gravado. Os turistas da época, os europeus que viveram em Pequim naqueles anos, gabam as maneiras discretas e decentes e o encanto das "Sing-Song Girls". Hoje as prostitutas, como o perfume do ópio, entraram para um passado completamente desaparecido.

Continuando-se pelo Wai Te Kie chega-se à Ponte do Céu e aos Houtoungs.

No caminho encontra-se o comércio chinês. Imensos cartazes com insígnias verticais, em fantásticos ideogramas vermelhos sobre branco, ouro sobre vermelho, branco sobre vermelho, guardam tanto segredo, que tornam misteriosas, num luxo de cerimoniais, as ruazinhas estreitas, onde a multidão azul e alegre passa, tão diferente da ocidental sempre preocupada, irritada e triste.

> – "Desejava relembrar à senhora, um fato curioso – falava Chao. – A cor vermelha, desde toda a antigüidade, foi na China o símbolo da felicidade. Por isso é encontrada em toda parte, sendo a base da decoração dos velhos templos e palácios. Hoje, para nós, guarda naturalmente uma dupla significação".

Desde o século XV a Cidade Chinesa reconstruída transformou-se num centro de artesanato, cidade dos pequenos operários artistas, enquanto na tártara os conquistadores permitiram o ingresso e instalação dos que "possuíam fortuna".

A revolução que tudo transformou, manteve a Cidade Chinesa igual, mas deu-lhe higiene e limpeza. Ling Li Chang é a rua dos antiquários, dos livreiros e dos "sebos".

Quando se ingressa em qualquer uma das pequenas lojas, o dono, geralmente vestido à antiga, começa por oferecer uma xícara transparente, que o torna mais delicioso, o chá perfumado a jasmim e só principia a mostrar o que possui de precioso, depois de muita insistência. Toma então de velhas caixas, rolos que abre com paciência e lentidão, explica a origem e a dinastia. Declara logo que a exportação está hoje proibida, assim como a saída do país, de todos os objetos que tenham mais de cem anos.

Contemplando estas antigas pinturas, dei-me conta de quanto no passado os pintores chineses foram-se tornando mais e mais literários, até perder o sentido plástico da pintura.

Uma das singularidades daquela arte e uma de suas dificuldades, vinha do pincel servir tanto ao desenho quanto á caligrafia, dando a esta foros de maior nobreza, talvez. Na China do passado, a arte, a filosofia, a cultura se reservaram apenas à classe privilegiada. A pintura tornou-se, salvo maravilhosas exceções, "hobby" de mandarins, sempre felizes de agradar ao Senhor e sempre prontos a fazer-lhe todas as concessões. Comparada à do Ocidente, a pintura chinesa parece pobre e plasticamente monótona. É que depois de curtas épocas criadoras seguia-se um longo período de cópias sem interesse.

Da vista aos antiquários de Pequim, mais se confirmou em meu espírito a convicção de que na China a caligrafia guardou sempre mais personalidade, mais nobreza e maior mistério. Em todas as livrarias e sebos, onde a curiosidade me levou, encontrei estudantes das universidades e professores que estudavam cuidadosamente documentos das idades passadas e as maravilhosas

caligrafias, absolutamente diferentes das modernas, mesmo para um leigo na matéria.

Mais adiante, em minúsculos "ateliers", artesãos pacientemente copiavam velhas obras-primas, nas quais conservaram até os estigmas do tempo, idênticas às que se vêem nos museus e que antes da "libertação" vendiam-se aos turistas, como autênticas. Esses humildes e perfeitos artesãos cedem-nas por preço módico, contra um recibo cujo "En-Tête", igual em todas as lojas, deixa uma cópia para fiscalização do governo.

Encantei-me por uma graciosa estatueta funerária Tang. Ao indagar-lhe o preço, respondeu-me o antiquário: "Antes da libertação a Senhora pagaria preço elevado e levaria um documento que atestaria sua autenticidade. É entretanto uma cópia fiel e não pode contar mais de vinte anos".

A honestidade, como a limpeza, fazem parte integrante da Nova China.

De todas essas lojinhas que se seguem, inúmeras e sempre mais fascinantes, os rádios despejam sobre os transeuntes melodias estranhas, das árias favoritas da Ópera de Pequim.

E a gente passa da Rua do Jade para a Rua da Seda sem encontrar nunca um mendigo, nem se vê obrigado a pedir rebaixa dos preços, tal como em todo o resto do Oriente.

***

O Wai-Te-Kie leva à Ponte do Céu, de uns cem metros de largura, onde existe uma sorte de mercado popular permanente,

e onde se encontram frutas, cozinhas ambulantes, vendedores de roupas, de flores de papel para os casamentos, de móveis de segunda mão. Reparadores de bicicletas e de porcelanas trabalham tranqüilos; acrobatas improvisam circos em miniaturas. Mais adiante os contadores de histórias, tão apreciados, estão rodeados de homens, mulheres e crianças. Mais adiante ainda, um velho faz atentamente massagens em um rapaz, enquanto outros fregueses esperam pacientes. É toda uma ópera de "quatre sous" debaixo daquele céu incrivelmente azul de Pequim.

Devido ao frio glacial daqueles dias de novembro e à poeira que os ventos traziam do deserto de Gobi, através da "Grande Muralha", muitos dos passantes usavam uma máscara branca, tal qual a dos cirurgiões, o que contribuía para tornar mais irreal as cenas deliciosamente exóticas. A impressão de felicidade e de alegria que me deu a multidão, no primeiro dia, acentuou-se, à medida que me habituava ao ambiente, sobretudo na Ponte do Céu.

Lembrei-me então do passado de ontem, tão diferente, naquele mesmo lugar. Com efeito, até 1880, ali se realizavam as execuções e suplícios dos "Júris de Outono".

Maurice Paléologue, que a eles assistiu, nos legou esse vivo relato:

> "Quando se chegava, não se via a princípio nem força nem guilhotina; apenas uma mesa e em volta algumas cadeiras onde se sentariam os juizes e os oficiais de polícia, em grande uniforme.

Em um canto o carrasco, com um avental amarelo, esperava tranqüilo, tendo a seus pés grandes foices que lhe serviriam para a decapitação e cordas retorcidas para o asfixiamento.
Horas a fio, os magistrados conversavam, assim como os condenados de pé, em fila, e absolutamente indiferentes à sorte que os aguardava.
De repente, do outro lado da ponte, um cavaleiro surgia, trazendo na mão um cofre coberto de uma seda amarela, que depunha sobre a mesa. Eram as ordens imperiais.
Nas listas dos condenados alguns nomes apareciam cercados com um traço vermelho, pelas augustas mãos do Filho do Céu. Ninguém jamais saberia o motivo que os marcava para a morte, em vez de outros.
Naquele instante só os perdoados conheciam sua ventura. O sofrimento da expectativa e da dúvida faziam parte do suplício. E a execução principiava.
O condenado levado para o meio da ponte, ajoelhava-se no chão. O ajudante do carrasco levantava-lhe o rabicho e o carrasco de uma foiçada decepava-lhe a cabeça. E outro se seguia, e mais outro, enquanto o povo e os juizes palestravam e se divertiam como em um espetáculo de feira".

Adiante da Ponte do Céu as construções vão-se fazendo mais raras e lá, bem ao longe, por vezes se vê passar lentamente caravanas de camelos.

Depois começam as ruazinhas mais estreitas, até a revolução sem água e sem nenhuma espécie de higiene, onde os

cães famintos disputavam com os mendigos os restos do lixo amontoado, de onde vinham as epidemias, onde o mau cheiro asfixiava e o frio e o calor e a fome matavam, no inverno e no verão, centenas de adultos e crianças, que carroças levavam empilhados, cada manhã, quando não apodreciam, no lugar mesmo onde caíam.

Passado de ontem que o Governo Popular apagou.

Não se vê um só, dos seis mil mendigos que se arrastavam por ali, mostrando entre seus farrapos coloridos, tão de gosto de certos turistas, feridas hediondas. Recolhidos no Instituto do Comércio, uns aprendem o ofício que lhes permitirá trabalhar, outros, em hospitais, para se curarem ou em asilos, onde mais de mil e quinhentos velhos e incapazes de recuperação esperam, pelo menos sem medo da fome, a morte consoladora.

Mesmo neste bairro, dantes tão miserável, Mao abriu livrarias claras e alegres, que facilitam a leitura e a instrução aos habitantes menos favorecidos da Pequim maravilhosa.

***

Às nove horas da manhã, Chao, com sua alegria entusiástica e Kang Chou, com seu sorriso admirável, vieram buscar-me ao hotel para meu programa diário.

– "Hoje, se lhe agradar, iremos visitar o Monumento aos Heróis da Revolução, a Escola de Belas-Artes e o Instituto das Minorias Nacionais".

Fomos encontrar Lin Kai Chou, Diretor da Escola, já meu conhecido, no Monumento, que pretendem grandioso, em estilo "oficial" sem nenhuma originalidade, em fase adiantada de construção, situado em uma grande praça do Tien An Men.

Em volta, pavilhões e barracões abrigam dezenas de "ateliers" de escultores. Na sala das maquetas efetuou-se a cerimônia do chá que inicia habitualmente qualquer visita em qualquer lugar. Depois das saudações usuais, que a polidez oriental desenvolve floridas, senta-se em volta de uma mesa e o anfitrião serve o chá, sem açúcar, que em Pequim é delicioso e perfumado a jasmim, enquanto administra explicações detalhada, minuciosas e intermináveis, que começam impreterivelmente: "antes da libertação..." e terminam solicitando modestamente críticas e conselhos.

Visitamos os diversos "ateliers". Vimos as maquetas escolhidas. Infelizmente o Monumento não se diferencia de qualquer outro comemorativo de feitos de guerra, em qualquer país do mundo. Soldados heróicos empunham bandeiras, gritando uns, morrendo outros, mães lamuriosas, virgens combatentes, tudo, no mais puro estilo "pompier" sem menor esperança de arte criativa.

Observei, entretanto, na visita aos "ateliers", além do entusiasmo visível e da alegria comunicativa, um forte espírito de camaradagem que muito facilita o trabalho de equipe.

Na Escola de Belas-Artes recomeçamos a cerimônia do hcá e as explicações sobre a reforma do ensino.

– "Pequim, depois da libertação, afirmou Lin Kai Chou, tornou-se o mais vivo centro da cultura do país. A Academia

de Ciência, por exemplo, reúne periodicamente cientistas e técnicos da nação inteira para conferências e comunicações dos trabalhos efetuados. Além desta, com sedes na Capital, existem a Federação Chinesa das Associações Científicas, com trinta e quatro filiais, a Associação Chinesa da Divulgação Popular dos Conhecimentos Científicos e Técnicos, a Associação de Ciências Políticas, a Sociedade Chinesa de Filosofia, a Sociedade de História, a Federação dos Escritores e Artistas etc., e a Academia Sínica que dirige toda a cultura do país. Além da ópera de Pequim, origem de todo teatro chinês, pode-se, aqui, assistir as representações típicas, das diversas províncias, assim como os bailados folclóricos de cada cidade, além do célebre Circo de Pequim e do famoso Teatro das Sombras".

Pequim tornou-se, igualmente, um grande centro de publicações, com vinte e um jornais diários de circulação nacional e ainda um resumo de notícias, também diárias, em inglês o "Hsua News Agency" e em russo "Druzba".

Pelo que li sobre os acontecimentos internacionais, verifiquei que as notícias chegam filtradas, e imagino que, salvo artigos literários ou científicos, todos os jornais emitirão idêntico ponto de vista, sobre os mesmos fatos. Surpreendeu-me, no entanto, a variedade do noticiário internacional, naturalmente visto sob certo ângulo.

Duzentos e quarenta semanários de circulação nacional se publicam, afora outros em inglês, o "People´s China" e "Picturial

magazine", etc., destinados a levar ao estrangeiro o conhecimento do povo, da vida, da literatura, do teatro e das ciências da Nova China. Mais de quarenta casas editoras trabalham sem cessar, especializadas umas em literatura, em ciências, em artes; outras nos problemas políticos e sociais.

> – "Sobretudo, continuou meu interlocutor, nossa capital é agora um centro de educação. Aqui funcionam, depois da libertação, mais de vinte e nove escolas superiores e de mil de ensino primário, sem mencionar as escolas técnicas. A freqüência dos alunos nas primárias, sobe a mais de 337.000, três vezes mais que antes da revolução, e nas superiores, vai para mais de 148.000. Nos arrabaldes, nas fábricas, escolas noturnas reúnem milhares de adultos que participam do desejo imenso de aprender, despertado pela propaganda inteligente do Governo Popular".

Após esse longo preâmbulo, regado de chá cheirando a jasmim, visitamos a Escola de Belas-Artes, funcionando em um velho casarão, reformado e confortável. O curso de pintura dura cinco anos e o de desenho três. Percorri diversas salas, onde pequenos grupos trabalham com modelo vivo.

A pintura ocidental, tanto como nos estabelecimentos da mesma ordem, em qualquer país do mundo, é pobre, triste e fraca assim como a escultura. A pintura chinesa, porém, guarda sempre o mesmo encanto, feito de finura e poesia. A gravura pareceu-me admirável, não só como técnica, mas também como execução.

O governo, de fato, respeita e auxilia os artistas que gozam de regalias especiais. Ao terminarem o curso, os alunos encontram trabalho remunerado, na arte que escolheram. Ignoro, porém, se tanta facilidade material e nenhuma espiritual beneficia o artista sob o ponto de vista da arte mesma.

Mais uma vez pude me assegurar que a arte dirigida, a arte "social", destrói a essência mesma da arte, que só pode florescer em clima de liberdade sem entraves. O defeito, a banalidade da arte moderna, na China, vêm, sem dúvida, dos preceitos postos em prática, para seguir a doutrina dos governantes.

Em 1942, reuniu-se em Yennan uma espécie de conferência de artistas e literatos que levavam como programa a introdução na China de certas obras clássicas ocidentais, assim, como a reedição das chinesas, em linguagem simples, ao alcance das massas. No fim dessa reunião Mao Tse Tung pronunciou um discurso, em seguida publicado, traduzido e largamente divulgado, sob o título – "Artistas e Escritores da Nova China". Declarava, nesse manifesto, "que a arte e literatura devem dedicar-se, não aos capitalistas e burgueses, mas ao grande público, aos noventa por cento da nação, aos operários armados, isto é, ao Oitavo Exército, enfim, aos pequenos proprietários, nossos aliados. Alguns escritores e artistas, continuavam, preocupam-se apenas em elevar o nível da arte e olvidam-se das massas. Ora, para se conseguir educar as massas necessitamos começar a sermos por elas educados".

Recusou assim Mao Tse Tung a Arte pela Arte, acima da política e dos partidos.

"– Vivemos, prosseguia, em uma era de lutas de classes e a arte e a literatura devem tomar posição, e escolher um ou outro lado".

Essa teoria produziu a catástrofe na arte e na literatura de todos os países marxistas: o rebaixamento do nível de cultura e a confusão gerada no espírito do povo e dos artistas.

Felizmente, todo esse puritanismo, exageradamente populista em matéria de arte e de cultura, tende a desaparecer, e parece haver o governo chegado, na China, a uma melhor compreensão da matéria.

Na entrevista que me concedeu o presidente Mao Tse Tung e que tanto me impressionou, ouvi, em dezembro de 1956, a frase que mais tarde a imprensa do mundo divulgou:

"– Necessário se faz que todas as flores floresçam nos jardins da China e que todas as Escolas de Pensamento aí possam sem entraves se desenvolver".

O tempo nos contará os benefícios para a "intelligentsia" da República Popular, dessa nova política, que Oxalá se realize com sucesso.

***

Verifiquei que meu amigo Liu não exagerara quando me enumerou o desenvolvimento da educação superior. No caminho

para o Instituto das Minorias Nacionais, passei por vinte e nove edifícios recém-construídos, ou em fase final de construção, a oeste da cidade, na saída por Hsi-Chi-Mai, e destinados às Universidades de Física, Geofísica, Meteorologia, Economia, Línguas e Filologia, etc.

Ao lado da Academia de Ciências, ergue-se a Universidade destinada à preparação de técnicos especializados em diferentes ramos, dos quais a nação tanto necessita.

Todas essas Universidades e Institutos mantêm belos campos de esportes, onde os alunos se encontram duas vezes ao dia, para ginástica obrigatória, além das horas de lazer, dedicados aos esportes.

A Universidade de Pequim, sempre na vanguarda dos movimentos sociais, antes mesmo de 1904, destina-se agora a formar especialistas em ciências naturais e sociais. Criou igualmente um curso intensivo de bibliotecário, outro para estudantes estrangeiros, e um terceiro tipo ginasial para operários, e camponeses da zona rural próxima.

Após a revolução, a Universidade Tsinh Hua se transformou em Escola Politécnica prática. Seus cursos se dividem em vinte classes, que preparam os futuros engenheiros, que ali já encontram oportunidade de entrar em contato direto com as grandes construções e empresas industriais, onde utilizam praticamente seus conhecimentos, em vários setores, inclusive no que se relaciona à movimentação dos capitais nelas empregados.

No Instituto das Minorias Nacionais, seu diretor, Ma Cheng, como todos os funcionários da República que conheci, é

jovem de inteligência aguda, viva simpatia, e alegria de viver, traduzidas em sorriso contagiante e permanente atividade. Recebeu-me em um grande salão coberto de tapetes de Pequim, com um palco ao fundo destinado a conferências, representações e bailados de estudantes das trinta e sete Minorias Nacionais.

O Instituto mantém sucursais em todas as regiões da China. Desde sua fundação, em 1951, recebe alunos chineses que aí vão aprender dialetos e costumes das minorias e os das minorias, que vêm aperfeiçoar sua cultura geral e aprender o chinês.

O Instituto oferece cursos de tibetano, miau, yi, ouighbor, nassi, tsuan, mongol etc.

Recomeçamos a cerimônia do chá e as explicações.

Foi fundado com o objetivo de educar e formar a mocidade das minorias que se ignoravam mutuamente e cuja educação e cultura pareciam desajustadas; para ensinar-lhes a viver e trabalhar em unidade com a nação no campo político, cultural e econômico, e cimentar mais fortemente a unidade nacional. Para tanto dispõe de classes de ciências políticas e econômicas, de histórias, filologia, línguas, e das condições das diversas minorias.

Duzentos professores, de todas as províncias, lecionam a mais de quinhentos rapazes e raparigas vindos de todos os cantos da China. Vivem em edifícios que circundam o principal, no centro, que tem o nome poético de "Amizade Reunida". Reservado a reuniões e onde existem capelinhas dos cultos praticados pelas minorias.

A vida diária dos estudantes reproduz em miniatura a vida da nação, com absoluto respeito pela religião, usos e costumes

das diferentes raças. Visitei uma capela budista, que copia em pequeno um templo do Tibete, uma muçulmana e assim por diante.

Os aposentos de dormir repartem-se nas casas à volta da principal, de acordo com a origem de seus habitantes, que lá encontram a cozinha típica de suas terras, e vivem em meio de conterrâneos. Deliciei-me com as ingênuas e coloridas decorações que os jovens trazem das suas aldeias para diminuir a nostalgia do lar.

Na grande biblioteca, em prédio separado, dezenas de rapazes e moças estudavam, liam e escreviam, Dois deles desenhavam, seriamente, retratos de colegas distraídos. Vi jornais de Pequim e de todas as províncias da China com os ideogramas característicos de cada uma, jornais de Londres, de Paris, Moscou, Berlim e até de Nova York.

Como nas outras Universidades, o Instituto situa-se no meio de jardins e se rodeia de enormes campos de esporte. Naquela tarde de frio cortante a mocidade divertia-se jogando basquetebol em meio de grande algazarra e alegria.

Além dos Institutos e Universidades o governo criou na Capital, escolas técnicas, tais como a Escola de ferramentas para a indústria, instaladas junto dos fornos da fundição, e de uma importante indústria nacional, para que os alunos assistam, e participem do trabalho e se familiarizem com as funções a que se destinam.

Por toda parte encontrei uma mocidade alegre, saudável, entusiasta e azul. Por toda parte enormes retratos de Mao Tse Tung, com um sorriso de Buda paternal, dominavam o ambiente.

***

Do Instituto fomos visitar uma Livraria Popular do estado, situada em edifício claro e limpo repleta de leitores, na maioria muitos jovens.

Na seção internacional que contém livros estrangeiros e traduções, descobri Dumas, Vitor Hugo, Balzac, Aragon, Rabelais, Wurmser, Pablo Neruda, Jorge Amado, Elsa Triolet, Claude Roy etc.

Assegurou-me Chao que, se para as massas não se permite leitura que lhes possa trazer confusão mental, para a elite intelectual não existe nenhuma restrição. Desapontou-me logo, no entanto, com a afirmação: "Não se pode entretanto desconhecer jamais que o atual progresso da China veio exclusivamente da aplicação do marxismo, nem se negar, não haver nenhuma filosofia nem sistema filosófico que com este se comparem..."

***

Da Livraria Popular quis ver a Biblioteca Nacional.

Cercada de altos ciprestes centenários e de muros vermelhos como os da Cidade Proibida, com dois pátios à frente, guardados por espantosos leões de pedra, com o duplo telhado de telhas de cerâmica multicores com os dragãozinhos alados e os pássaros lendários nas beiradas, com as brancas balaustradas de pedra bem talhada, impõe-se ao respeito e à admiração pela beleza serena de sua arquitetura. No interior, completamente modernizada, estão guardadas as célebres coleções dos arquivos imperiais e as diversas coleções particulares, que formam um conjunto único no mundo.

Existem mais ou menos 4.300.000 volumes, afora os manuscritos das cinco grandes dinastias e de 8.700 sutras budistas, de antes de Cristo, de diagramas em metal, em pedra da enciclopédia Ming e outros manuscritos de obras literárias importantes.

Essa biblioteca extraordinária permanece aberta continuamente ao público, sempre freqüentada, sobretudo pelos estudantes e professores.

A Biblioteca Municipal, com duas sucursais, dirige umas cem livrarias circulantes, que vão por estradas de ferro, de rodagem e outros meios até aos longínquos empreendimentos, alguns em vias de construção, usinas elétricas, barragens, reservatórios, estradas de ferro, além das fábricas de Pequim e dos arredores assim como dos pequenos núcleos agrícolas.

***

Ao atravessar as muralhas vermelhas que cercam a Cidade Proibida, com uma torre em cada canto, pela porta do Tien An Men, ao mais leigo em urbanismo, salta aos olhos a solução geométrica dos espaços habitados. Nas tribunas que emolduram esse pórtico, imponente como uma catedral, duas vezes por ano Mao Tse Tung e seus Ministros recebem a homenagem da mocidade e do povo de Pequim.

Essa porta majestosa, através de cinco pontes de mármore, construídas sobre os antigos fossos, dá acesso à Cidade Proibida, que os imperadores Ming construíram, e onde primitivamente se erguiam os antigos palácios mongóis.

Degraus de mármore branco enquadram um plano inclinado e esculturado em baixo-relevo com dragões, quimeras e signos mágicos, por onde só deslizavam os divinos pés dos Filhos do Céu.

Setenta e cinco palácios ofereciam moradia ao imperador e a mais de seis mil funcionários, eunucos, concubinas, mandarins, poetas e astrólogos, e abrigavam alegrias, prazeres, estupros, intrigas, suicídios, e assassinatos, numa festa de coloridos que vão do ocre ao amarelo, passando por tons róseos e alaranjados, em uma fantasmagoria de construções extasiantes. Os jardins misteriosos, cercados de muros, floridos das mais raras e exóticas flores, onde passeavam poetas e astrólogos, rodeiam os palácios adormecidos. Dragões, unicórnios e pássaros lendários, guardam os duplos tetos dos telhados arrebitados, com pontas que ameaçam os céus.

Henri Michaux, Paul Claudel e Vitor Ségalen, como poetas, melhor que ninguém cantaram a Cidade Proibida. Os palácios guardam nomes de poemas: o pavilhão da "Tranqüilidade Perfeita", o da "Harmonia Jamais Perturbada", o templo do "Supremo Respeito às Letras" e o "Dos Papéis Queimados" (destinado a salvaguardar a dignidade de um poema escrito em papel abandonado) e aumentam, pela tranqüilidade, a nostalgia e o silêncio dos pátios desertos.

Como um miragem, passou-me pela imaginação a vida daquela cidade secreta e impenetrável, o fausto dos cerimoniais, o tédio infinito dos soberanos, as intrigas dos mandarins e dos eunucos, o poeta sonhador em seu lento caminhar pelo jardim da

"Árvore do Amor", a gritaria estridente das concubinas ambiciosas e irrequietas. Intermináveis, cheios de enfado e melancolia pareciam aos Filhos do Céu os dias que não passavam.

O Imperador King Long, amigo dos poetas e amante da poesia e das lindas cortesãs, para dissipar um pouco de sua infinita nostalgia sem motivo, que séculos mais tarde, os ingleses, também enfastiados, apelidaram de "spleen", uma vez por ano, mandava transportar para a Cidade Proibida a vidas das ruas populares da Cidade Chinesa. Apareciam então os acrobatas, os restaurantes ambulantes, os contadores de história, os pequenos circos. Acontecia naqueles dias, uma dupla festa: a dos cortesãos habituados ao luxo calafetado dos palácios isolados, e a do povo que entrevia a Cidade, para ele mais proibida que o Paraíso sonhado.

Em um dos pavilhões, cercado de um jardim enfeitiçado e mais secreto ainda que os outros, o jardim da imperatriz, povoado de árvores torcidas, torturadas e retorcidas, o guarda mostrou e fez funcionar para os visitantes espantados centenas de relógios e caixas de música, coleção de um dos últimos soberanos. Pássaros doirados cantam e batem as asas, um pêndulo todos de ouro transforma-se nos jardins de Versalhes com as grandes fontes jorrando águas de diamantes. De repente naquele palácio, mais morto pelo tilintar dos pêndulos do passado, ouvi um órgão de Barbaria cantar uma velha canção das ruas de Paris, que foi acordar a saudade que sempre dorme no coração de toda a gente.

Em grandes vasos de terracota, ornamentados de baixos-relevos, peixes enigmáticos, irisados e de olhos esbugalhados, nadam, indiferentes.

Conta-se que se levava o primeiro grão de trigo ou de milho, do ano, ao Filho do Céu, que se retirava então, a fim de render graças à divindades, no "Pavilhão da Suprema Harmonia"; no da "Harmonia Exaltada", recebia os mandarins e os Embaixadores carregados de presentes. No da "Paz Perfeita" o imperador Hang vivia em adoração à sua linda favorita, "Pérola", que a velha imperatriz, cheia de ciúmes e ódio, mandou matar e jogar no poço que fica ao lado do "Pavilhão da Felicidade Celestial".

No da "Exaltação Suprema" as concubinas assanhadas, contemplavam, a pouca distância, o lugar onde sofriam, esperando a morte, as favoritas caídas em desgraça.

Alguns desses palácios de telhados de porcelana de mil cores transformaram-se em museus: o Museu Histórico, o Museu do Palácio, guardam móveis, tapetes maravilhosos, preciosas coleções imperiais, vasos Ming imaculadamente brancos ou de um azul inimitável, cerâmicas vermelhas dos Hans, "cloisonets", estatuetas funerárias dos Tang, jades e corais trabalhados, cristais de rocha telhados, velhos bronze, que artistas anônimos criaram com uma poesia e uma imaginação comovedoras, e que fundidores jamais igualados deram forma eterna.

Bem ao lado dessas obras de arte, honra e glória da humanidade que passou, objetos fabricados agora e uma séria interminável de "Mao Tse Tung" de bronze, de pedra, de terracota, insultantes pela falta de vida, tornam-se de uma banalidade ainda mais dolorosa.

Lá do fundo de um pátio me deliciava em admirar o conjunto estupendo da Cidade Proibida, onde dezenas de

artistas trabalhavam na conservação das pinturas externas, de diversos pavilhões, vivas e brilhantes, que se originaram da necessidade de preservar as madeiras das intempéries do tempo inexorável e dos malefícios dos inseto. Subitamente vi descer de uma limusine preta, um homem muito grande, de uniforme cinza a quem as sentinelas apresentaram armas.

Era Mao que chegava.

***

A convite de Wou Mau Sou, Secretário do Instituto dos Negócios Estrangeiros, fui almoçar, em companhia de outros artistas, entre os quais, uma pintora francesa, casada com o escultor Wang Lin, seu condiscípulo no Beaux Arts, residindo em Pequim desde 1943. Falamos de Paris, e a despeito da nostalgia de sua terra, de sua cidade e de sua gente, sente-se feliz ali.

O restaurante Feng Tse Yuen (Jardim Altamente Favorecido) na Rua dos Carvoeiros é o grande especialista do "pato laqueado", maravilha da cozinha de Pequim. Éramos uns dez, o almoço correu alegre, todos falavam bem o inglês, bebeu-se os "campei" de uso, e rimo-nos com as brincadeiras que se faziam uns e outros e das anedotas da terra.

"Antes da libertação", disse-me alguém, "este lugar era o antro da gente rica e dos imperialistas. Hoje, qualquer operário de salário médio, pode aqui vir comer".

O almoço constou unicamente de pato, preparado de diversas maneiras e culminando com o "laqueado" do qual pedi a receita a fim de experimentá-la e transmiti-la.

Para se conseguir realizar essa obra-prima da cozinha, necessita-se de um pato de três meses, obeso, criado na farinha de soja, em imobilidade e escuridão total o que lhe fará mais tenra a carne e menos resistentes os ossos. Depois de limpo e vazio o interior, costura-se o peito enchendo-o de água perfumada, de ervas aromáticas e sal e grelhando-o em fogo de madeira de pereira ou de tamarineiro, que mais ainda o perfumará até que a pele fique bem tostada. Uma vez pronto, parece coberto de laca cor de âmbar.

Como aperitivo, tomamos chá de Pequim, cheirando a jasmim. Veio primeiro uma longa série de "hors d´oeuvres" feitos de miúdos da ave, todos de modos diversos, com temperos exóticos, e para mim desconhecidos. Em seguida uma sopa de línfuas de pato, de uma finura inigualada. Após, o estômago, ensopado com brotos de bambu, e mais ovos de cem anos, que não passam de uns vinte. Enterrados na cal, a casca toma uma cor negra e o ovo uma consistência escura e gelatinosa, gostosa e estranha. E mais fígados de pato grelhados, com canela e sal, e mais uns sete pratos cada qual melhor que o outro. Até que afinal chegou sua majestade o Pato Laqueado, trazido em grande cerimonial. O copeiro, depois de exibi-lo, pediu permissão para cortá-lo. Com perícia, que causaria inveja a qualquer "maître d´hôtel" do Savoy ou do Maxim´s, reduziu a ave em pedacinhos. Trouxeram-nos então, umas panquecas do tamanho de um pires e, segundo o ritual, com os pauzinhos a gente foi pegando um pedacinho de pato,

outro de poró, molhando ambos em um molho de creme temperado e à base de soja, enrolando-os nas panquecas como trouxinhas, para saboreá-los. O resultado é espantoso, complicado, saboroso, esquisito, sutil, e infinitamente requintado.

Em seguida, diante dos convivas, preparam coma carcaça da ave uma sopa, último serviço antes da sobremesa. As sopas chineses guardam a fama das mais finas do mundo.

Tudo isso regado a vinho de arroz fermentado, o Wan Cho, que se fabrica na China há mais de cem anos, segundo orgulhosamente me informou Wou Mau Sou. Quando é bom, tal o que bebemos, lembra os amontilhados de Espanha. Tomamos também "motei" espécie de conhaque fortíssimo.

Muito se conversou, muito se riu, não falamos de política, a não ser para fazer uma saudação ao Brasil, com os votos de recomeçarmos breve, as boas relações de outrora.

***

Durante minha estada em Pequim, salvo uma vez, e assim mesmo para verificar a qualidade da cozinha ocidental no hotel, aliás bastante boa, usei sempre a chinesa, que difere de província a província, e de cidade a cidade com especialidades locais que tanto envaidecem os naturais.

Os chineses, como os franceses "gourmets" conscientes, consideram a cozinha arte das mais respeitáveis. Ali, outros Brillats Savarins dedicaram tempo e talento a cantar sua magia. Chei Yuan que viveu no século XVIII traçou, a pincel, na maravilhosa caligrafia

da época, um encantador tratado de cozinha, e Li Po, na antiguidade, consagrou ao vinho e às taças de jade poemas imorredouros.

A tradição e a lenda contam que o maior "Chefe" de todos os tempos, um certo Yich Ya, entrara, no século VII antes de nossa era, como aprendiz nas cozinhas imperiais. Foi tão grande seu talento que em pouco tempo tornou-se o mestre incontestável, e tão variadas eram suas receitas que uma única vez repetiu uma, servida anteriormente, o que despertou a cólera do soberano. Humilhado, quis Yich Ya redimir-se. Matou seu próprio filho, de tenra idade, e preparou deliciosa iguaria, que aguçou a curiosidade e a admiração do Filho do Céu. Deslumbrado diante de tanta sabedoria e tamanha dedicação, nomeou-o seu Primeiro Ministro. Durante muitos anos, Yich Ya acumulou cargo de Ministro do Império com o de Chefe das Cozinhas Imperiais para gáudio de seu senhor e felicidade do povo.

Em todas as regiões da China encontram-se especialidades. Os conhecedores da boa mesa discutem com afinco a primazia entre o pato laqueado de Pequim e o apimentado de Cantão, entre o presunto perfumado e macio de Yennan e o pato defumado de Nanquim, ou o porco acre-doce e os camarões com arroz frito de Cantão.

A organização de um cardápio para um jantar exige fortes conhecimentos. Raros estrangeiros chegam a adquiri-los no sentido de manter a ordem natural para maior deleite do paladar. Alternar o salgado e o doce ou misturá-los tal como o porco assado doce-acre-salgado, tão apreciado e de tão grande fama.

T. V. Soong, durante a guerra, conquistava seus convidados em Washington, com a cozinha de Cantão e de Pequim. Trouxera, diziam, o melhor cozinheiro da China. Data daí minha iniciação no doce mistério da cozinha chinesa.

Na casa dos Soong encontrávamos, seguidamente, as grandes personalidades do governo americano ,e aqueles longos e deliciosos jantares muito deve seu êxito a T. V. Soong...

Numa refeição entre budistas se exclui tudo que teve vida. O pato consiste em nozes cozidas em coalhadas e perfumado com ervas aromáticas. O peixe em melão feito em óleos vegetais temperado a páprica; o porco e a carne verde se substituem por brotos de bambu ou cogumelos, de tal maneira preparados, que enganam os olhos e o paladar, como a mim sucedeu em um ótimo jantar em casa de budistas em Delhi.

Os restaurantes muçulmanos, como os outros, oferecem uma lista de acepipes, cozidos, segundo a tradição e as regras religiosas. Em Nanquim existe um, que se gaba de nunca haver apagado seus fornos, há mais de cinco séculos.

Ao chinês, alegre, generoso e ótimo anfitrião, apraz convidar nos restaurantes. Os ágapes duram largo tempo. Longas são as listas dos pratos oferecidos. Uma vez terminada a refeição, porém, todos se separam imediatamente após os agradecimentos derramados dos convidados e as escusas do anfitrião "por tão modesta, má e humilde refeição, indigna da alta companhia que a honrara".

A polidez oriental sempre excessiva se desdobra de maneira fascinante, nessas ocasiões.

***

Procurando conhecer o comércio freqüentado pelo povo de Pequim fui levada por Kang e Chao a visitar um dos muitos Armazéns do Estado, instalados em diversos setores da cidade.

Em 1949, Mao Tse Tung declarou: "Para enfrentar a pressão imperialista e vencer o perigo que ameaça a situação econômica, a China deve utilizar-se de todos os elementos do capitalismo urbano, que não constituem riscos ou embaraços para a economia nacional".

Obteve, desde logo, a colaboração dos pequenos comerciantes e artesãos, reconhecendo-lhes o direito de propriedade sobre seus negócios.

A economia chinesa compreende três espécies de empreendimentos: os do Estado; os mistos, parte do capital privado e parte do Estado; e os particulares, de capital inteiramente privado.

Até 1955, o número de comerciantes, que operava a título privado, subia a mais de sete milhões, e raros eram os Armazéns do Estado. A grande maioria dos artesãos trabalhava isoladamente. Hoje, o governo controla o mercado e criou para os produtos essenciais, organizações de compra e venda. Já se havia assegurado, desde 1953, o monopólio dos óleos vegetais comestíveis, do arroz, da soja, do milho, do trigo e a partir de 1954 do algodão. Só o governo pode comprar ou vender esses produtos.

Para as pequenas indústrias age como único comprador ou principal cliente do produtor. Para a distribuição dos comestíveis

serve-se dos Armazéns do Estado e ainda de algumas casas de comércio semiprivadas.

No tempo do Kuomintang, os pequenos comerciantes foram vítimas de "gangs" organizados, de funcionários desonestos e da desesperada inflação, da qual decorreu a trágica crise econômica.

O Governo Popular suprimiu a usura que terminara por desgraçar o povo na época de Chiang Kai Chek, suprimiu o "gangsterismo", e estabilizou a moeda. O negociante, porém, perdeu a liberdade de especular e a possibilidade de fraudar. De qualquer compra recebe-se um recibo cuja cópia é remetida ao órgão de fiscalização.

O pequeno número de comerciantes privados, que ainda existe, tende a desaparecer, substituído pelos Armazéns do Estado, cada dias mais numerosos, e pelos capitais que o Estado investe nos negócios e indústrias particulares. O socialismo em marcha transformará, em data próxima, os pequenos proprietários em funcionários do Estado.

Desde o começo Mao Tse Tung pediu aos artesãos que se agrupassem em cooperativas. Em 1956, todo o artesanato de Pequim se encontrava organizado por essa forma. Esse cooperativismo trouxe vantagem da redução de despesas gerais, da racionalização do trabalho e da facilidade de capitais e de escoamento da produção. Mesmo os artesãos que trabalham em suas casas reúnem-se em cooperativas.

Para as mulheres que, em seus lares, se ocupam de bordados, uma organização do governo encarrega-se da compra

do tecido, linhas e modelos para as toalhas, das correções necessárias, da lavagem, da distribuição e da venda dos trabalhos realizados. A operária não necessita perder tempo na busca do material nem dos possíveis fregueses, para os resultados do seu trabalho.

Esse sistema certamente diminui o incentivo, a imaginação e a criação do artesão, mas facilita sobremodo a vida do operário.

Visitei em Pequim uma cooperativa de trabalhos manuais e em Shangai, uma de talhe de pedras duras – jade, coral, turquesas. Em um primeiro "atelier", cinqüenta ou mais operários principiavam a talhar as pedras em desenho ainda grosseiro. Em um segundo, o trabalho ia mais longe; no terceiro já se viam os detalhes, até que em outro, o último, se operava o acabamento e polimento das pedras. Essa cooperativa achava-se em grande prosperidade, e dificilmente um empreendimento particular poderia coordenar essas diversas operações, que evitam desperdício de tempo e cansaço exagerado do operário.

Os Armazéns do Estado, situados em edifícios novos e claros, desapontam o estrangeiro porque não guardam nado do pitoresco exótico que se exige do Oriente. Limpos, bem organizados, oferecem o necessário a preços muito razoáveis. Não existem filas. Moças sorridentes e polidas atendem a uma multidão alegre, azul e barulhenta.

Crianças coradas e turbulentas correm e brincam, sob o olhar benevolente dos fregueses pacientes.

Aí se encontra de tudo: artigos de casa, de vestir, de higiene, mercearia, perfumaria, brinquedos, tecidos, esportes,

bicicletas, jades, corais trabalhados, peles e brocados. À exceção do arroz e do algodão, em fraco racionamento, a venda é livre. Salvo as capas de pele, os brocados e os jades tudo me pareceu barato e de qualidade muito aceitável. Nada importado. Nem mesmo do bloco comunista.

De relance, as vitrinas lembraram-me as de qualquer magazine no gênero, em qualquer grande cidade do mundo. A imitação na maneira de apresentar os artigos é perfeita e deixa longe a japonesa ou a alemã. Desde a tinta Waterman, por exemplo, à caneta Parker, marcada mesmo com um "51" do lado; desde os sabonetes Palmolive às pastas Colgate; desde os cigarros Camel, que em vez de camelo, trazem um elefante no invólucro, aos diversos molhos e perfumes copiando os americanos ou ingleses. Em lugar de "la nuit de Paris" "A noite de Pequim". E tudo "made in China". Os preços me pareceram incrivelmente baratos: um par de sapatos de senhora, bem bonitos, 240 cruzeiros; uma capa de impermeável de 600 a 700 cruzeiros; uma camisa de boa qualidade para homem 64 cruzeiros; uma capa de inverno, em algodão acolchoado e bastante elegante, 580 cruzeiros, calças de tecido de algodão, gênero gabardine espessa, muito bem talhadas, para homem ou senhora, 60 cruzeiros.

Na seção de alimentação, notei por curiosidade, um quilo de carne de porco ou carneiro, 30 cruzeiros; um frango bem bonito, 38 cruzeiros; a dúzia de ovos, 6 cruzeiros; o quilo de arroz de primeira qualidade 7 cruzeiros; o quilo de legumes de diferentes qualidades de 5 a 8 cruzeiros; o peixe de 6 a 25 cruzeiros o quilo. Um grande pato, especialidade de Pequim, de 30 a 40 cruzeiros.

Laranjas, maças, caquis, 5 cruzeiros o quilo. Assim eram os preços calculando o dólar a 65 cruzeiros, como estava em 1956.

Esses estabelecimentos permanecem abertos, até às nove horas da noite, a fim de permitir que operários saídos mais tarde das fabricas, e lavradores dos arredores possam ali realizar suas compras.

Para se fazer uma ligeira idéia da vida econômica de um chinês de hoje, necessário se faz definir o valor da moeda. Na velha China imperial, corria o tael, que não era uma moeda, mas um peso, valendo pouco mais de uma onça de prata. Todos os negociantes traziam sempre consigo uma balança de bolso.

Após a guerra do ópio, as moedas de prata mexicanas e americanas tiveram ali curso legal. Usando esses modelos, em 1933, fundiram-se os primeiros ienes de prata.

Quando em 1934 os Estados Unidos nacionalizaram a prata, compraram-na em grande quantidade, no mundo inteiro. Os banqueiros chineses venderam toneladas de ienes, aumentando catastroficamente a inflação. Em 1935 o Kuomintang tentou introduzir o talão-ouro, mas a inflação persistiu.

Em 1938, a zona comunista fundiu sua moeda, e à medida que o iene de Chiang Kai Chek se desvalorizava, o de Mao Tse Tung crescia de valor. Em 1940, vencedora a revolução, suprimiu-se o dinheiro-papel, já sem nenhum valor. Em 1955, fez-se um reajustamento da moeda. O iene de 1956 valia 10.000 vezes mais do que o de Chiang, e, quando lá estive (novembro e dezembro), trocavam-se dois ienes e meio por um dólar americano.

Um operário ganha por mês de 40 a 80 ienes, um intérprete mais ou menos 70 ienes.

O aluguel de casa para uma família modesta é mais ou menos de 5 ienes. Para comer, essa família gastará 8 ienes por mês e por pessoa. Um costume de algodão completo custa 7 ienes; em geral compram-se dois cada ano. Uma caneta-tinteiro (todo chinês usa uma no bolso do casaco) vale 7 ienes; um lugar no teatro, um iene; uma boa refeição no restaurante, um iene.

Um intérprete, que tive em Cantão, contou-me que morava em um clube esportivo, onde não pagava o quarto; gastava quinze ienes de cantina por mês, muito mais caro do que se cozinhasse em casa. Para os domingos juntava mais cinco ienes suplementares; dois ienes gastos em meios de transporte e dois para o cinema, seis ienes para a conservação da roupa. Possuía dois ternos de algodão e um de lã, alguns "pull-overs", um casado de couro, duas canetas-tinteiro, uma máquina fotográfica. Ganhava setenta ienes e conseguia guardar trinta por mês na caixa econômica ou organismo semelhante, pensava casar-se em breve e com a economia comprar os móveis para seu lar.

Trabalhando o casal, como é costume, os salários juntos permitem vida mais folgada.

Não me parece verdadeira a acusação de que a industrialização do país e a exportação obriguem a população a um regime de fome. Desde 1952, a China exporta uma média de 1.722.300 toneladas de cereais. Essa quantidade representa uma média de um quilo e meio por pessoa e por ano, a menos, quantidade essa que não implica em grave prejuízo para ninguém.

O pequeno racionamento que existe ainda para o arroz e poucos outros itens, vem mais do aumento do poder aquisitivo da população, do que das exportações. Centenas de milhões de homens que dantes viviam maltrapilhos, estão hoje calçados e vestidos decentemente; e as centenas de milhões de antigos esfomeados, comem o suficiente para matar a fome.

Os hospitais, as creches, os serviços médicos são praticamente gratuitos. As escolas maternais facilitam a vida dos casais que tenham filhos e permitem o trabalho das mulheres nos ministérios e nas fábricas, dando-lhes a possibilidade de enriquecer o orçamento doméstico.

A vida do povo chinês, condenado há séculos a privações e miséria, incontestavelmente melhorou; tornou-se mais fácil, mais digna, mais humana. Evidentemente, a austeridade que se teve de impor o Governo e o povo, ainda perdurará por algum tempo até que se complete a industrialização do país.

O automóvel ali é instrumento de trabalho e a não ser teatro, cinema, circo e esporte, nenhum lugar de prazer existe, nem "boîtes", nem recepções luxuosas, nem jogos de azar.

Seguramente, a vida oferece assim menos seduções, menos alegria do que a de Paris ou Londres, a de Nova York ou Rio.

A mim, no entanto, pareceu, sob esse ponto de vista, menos desagradável do que esse desnivelamento que assistimos aqui. De um lado, luxo excessivo, desperdício de dinheiro; de outro, extrema miséria; aqui, noitadas em "boîtes" e restaurantes, a dois e três mil cruzeiros por pessoa, vestidos a preços vergonhosos; ali, favelados infelizes e paus-de-arara que chegam fugindo da miséria

para uma miséria maior, com aquele ar lamentável de animal perseguido, que a fome empresta à fisionomia dos deserdados da sorte.

***

A estrada que passa pelos Houtoungs e dá volta a uma porta monumental, nos levou através de uma planície imensa em direção á colina do Tien Shou Shan, "Cidade Celestial", onde dormem treze dos quatorze imperadores Ming.

Apesar do frio cortante, inúmeros camponeses, homens e mulheres, cobertos com os grandes chapéus que os faziam parecer cogumelos ambulantes, trabalhavam nos campos.

Nessa estrada que vai até às longínquas montanhas violetas, perto das nuvens, lá, bem na linha do horizonte, desfilam toda sorte de transportes: caminhões pesados, pedi-táxis, "coolies" equilibrando cestos nas varas de bambu, burricos mongóis, carrocinhas minúsculas, caravanas de camelos.

O governo acaba de restaurar, gastando muitos milhões de ienes, o monumento ao imperador Cheng Hu, morto em 1424.

À entrada do vale um "Paílu", o "Ta Hung-Men", (A Grande Porta Vermelha), destaca-se no azul do espaço e na luz incomparável dessa região imortal. O cortejo que acompanhava os despojos imperiais detinha-se aí. Pouquíssimos iriam até o lugar perdido no meio das montanhas, escondido, sem um sinal que o distinguisse, entre as árvores da floresta, onde o príncipe dormiria eternamente e de onde seu espírito mais facilmente voaria aos céus.

Era automaticamente condenado à morte quem descobrisse esses lugares sagrados.

Após as guerras de conquista, entretanto, os mongóis encontraram e roubaram as jóias e demais objetos preciosos de quase todos estes túmulos.

Da Porta Vermelha que abriga uma imensa tartaruga sustentando alta estela de mármore branco, com a história de um dos Mings, gravada em caligrafia da época, avista-se o monumento Cheng Sou, com suas telhas doiradas, brilhantes como estrelas.

De cada lado da estrada real, tais sentinelas fantásticas velam, há cinco séculos, em uma guarda imperial e inumana, trinta e seis esculturas de pedra, de quatro a cinco metros de altura, que tornam mais suntuoso esse belo vale tranqüilo. Representam homens e animais, aos pares, eretos, nobremente altivos, à espera da eternidade. Dão início à procissão dois elefantes de pé, seguindo-se mais adiante dois outros deitados, sempre um em frente ao outro. Seguem-se dois tigres de pé, e dois deitados, dois cavalos de pé, e dois deitados, e depois, os quatro pares de dragões e de camelos, que continuam essa espantosa guarda de honra.

Após os animais, quase a chegar ao monumento-memorial, quatro mandarins, quatro guerreiros e quatro sacerdotes, todos de pé e medindo mais de quatro metros de altura, comandam o cortejo.

Segundo o livro dos funerais, Fong Choiu, a tradição milenar ordenava que se escolhesse um lugar sombreado por árvores protetoras, perto de algum riacho, e uma certa quantidade de terra, a fim de proporcionar suave descanso ao morto. Acredita-se que

no Paraíso ele conservasse a mesma situação social que tivera na terra. Assim, um príncipe que tivesse vivido na Cidade Proibida, deveria encontrar na eternidade uma habitação que, pelo menos, não fosse inferior à sua na terra. Os astrólogos calculavam, pelas estrelas, o local adequado para que o príncipe feliz pudesse, de seu último palácio, contemplar ao mesmo tempo o céu, a terra e a água.

O monumento-memorial do imperador Cheng Chou, onde se chega depois de atravessar a ala de sentinelas de pedra, uma série de monólitos e pontes esculturadas, fica no alto de uma escadaria. É um salão colossal e muito alto. As quarenta colunas gigantescas que sustentam o telhado tem uns dez metros de diâmetro. Cada uma é feita de um só tronco de árvore, trazido de mais de dois mil e quinhentos quilômetros de distância. O telhado é duplo e tem as extremidades arrebitadas, com o fim de afastar os demônios. Aqueles que se atrevessem a aventurar-se ali, perderiam o equilíbrio, escorregariam e seriam lançados ao ar, sem possibilidade de entrar no interior do templo.

No dia em que visitamos o monumento, encontramos três auto-ônibus, repletos de jovens estudantes, a quem o governo facilita o conhecimento dos lugares históricos. Os professores que os guiam aproveitam a ocasião para, inteligentemente, contar-lhes as belezas do passado e os crimes dos governos imperiais contra o povo indefeso.

A propaganda marxista não perde nunca a ocasião de se exercer.

***

"– Vamos visitar o mais célebre e mais velho dos pintores vivos da China e estou certo que muito lhe interessará" – propôs-me Chao, com seu eterno sorriso.

Dia a dia acentuava-se a impressão de força e de grandeza que Pequim impõe. Em certos lugares atinge mesmo a uma quase brutalidade na beleza, causada talvez pelo brilho excessivo das pinturas renovadas nos palácios policromos, que perderam a pátria do passado e mostram o luxo para o qual foram criados.

De repente, a Pequim monumental foi substituída por ruazinhas cegas, de muros altos (de uns três metros), cinzentos e uniformes, que deixaram apenas entrever telhados construídos à maneira dos tártaros nômades e, mais ao longe, as muralhas vermelhas e arrogantes da Cidade Proibida e as telhas rutilantes cor de mel, azuis e verdes, dos palácios imperiais, nitidamente destacados no azul profundo do céu.

Ninguém sabe dizer o que se passa por detrás desses muros cinzentos, marcados de tantos em tantos metros por largas portas maciças, de laca vermelha ou verde, enquadradas por grandes pregos dourados. É aqui um imenso hospital, ou ali a moradia de artistas da ópera. Em uma dessas casas habitava, em companhia de seu filho, o pintor Chi Pai Chih, com seus noventa e seis anos de idade.

O conjunto dessas casas azuis, verdes, rosas, violetas formam os "Houtoungs".

Os telhados, sempre à maneira nômade, são quase sempre azuis e apresentam pássaros fantásticos ou dragõezinhos lendários nas beiradas. As casas tem um só pavimento.

"Depois da libertação – disse-me Chao – o governo municipal ali instalou água, luz e esgotos".

Nem em todos os Houtoungs, porém, apesar do esforço empregado existe esse conforto. Em algumas ruas, tal como em Tóquio, passa ainda uma carrocinha a recolher os excrementos, que vão servir de fertilizadores nos campos vizinhos da cidade.

A fim de manter a limpeza, visivelmente obrigatória, tão diferente da imundície de há poucos anos atrás, a Municipalidade obriga cada morador a varrer a rua em frente de sua habitação, antes das sete da manhã.

As casas pareceram-me de grande fragilidade, e, segundo informações de Kang, devem ser quase sempre reparadas, depois das grandes chuvas anuais.

Cada um dos Houtoungs, de inigualável poesia, é uma minúscula e aprazível imitação da Cidade Proibida, Poder-se-ia passar anos a fio diante desses muros sem nunca descobrir o que acontece atrás deles. Ali principia o segredo da vida chinesa.

Quando se abriu o portal de laca vermelha, vi logo, um pouco à frente, um biombo de pedra trabalhada de um metro de largura e quase da altura do muro. "Segundo a crendice popular – explicou Chao – os maus espíritos, que às vezes nos seguem e que só sabem andar para a frente, esbarram nesses biombos e se retiram em disparada". Hoje, já ninguém acredita e todos se riem de tal superstição, mas ninguém ousou ainda destruir os Tcháo Ping.

A habitação é formada de uma série de pavilhõezinhos construídos em volta de dois ou mais pátios quadrados. Algumas

árvores dão a ilusão de parque e, na primavera, trepadeiras floridas, plantadas em grandes vasos de barro, sobem pela parede até os telhados. Quase sempre se encontram nesses pátios miniaturas de lagos nos quais peixes dourados nadam tranqüilos.

A menor réstia de sol basta para aquecer essas casas, resguardadas dos ventos. No verão, o calor deve torná-las insuportáveis. Para passar de um a outro pátio, uma porta em forma de lua vem acrescentar encanto a essas habitações de contos de fadas. A cozinha e os quartos de empregados ficam nos pavilhões laterais, hoje praticamente desocupados.

Recebeu-nos à porta da rua, o filho do pintor e nos conduziu ao pavilhão central.

O telégrafo trouxe-me, esta semana, a infausta notícia da morte de Chi Pai Che.

Deviam ser umas oito horas da manhã, o velhinho comia seu mingau, carinhosamente servido pela nora. Quando terminou, decidiu tomar conhecimento de nossa presença. Fez questão de nos oferecer chá e biscoitos e interessou-se por minha visita e por minha escultura.

Vi suas últimas obras que conservam enorme poesia, incrível frescura e uma força surpreendente. Como me demorasse em admirar mais uma delas, ofereceu-me generosamente, em lembrança de minha visita a Pequim.

Apreciei sobremodo o respeito, a quase adoração com que o cercavam a nora, o filho e o grupo de alunas, que ali chegaram, para mostrar-lhe seus desenhos e ouvir-lhe os conselhos.

Na verdade, a China "é o país onde é doce envelhecer".

Deixando Chi Pai Che, fomos ao "atelier" do gravador Yen Han, situado em frente de um extenso lago gelado, onde uma mocidade cheia de vida e alegria se entregava ao prazer da patinação.

Yen Han mora em um pavilhão delicioso, também entre dois pátios e sempre com o telhado arrebitado, em cujas cores brilhantes se reflete a luz de cristal de Pequim.

Mostrou-me com delicadeza seus últimos trabalhos sobre madeira. Explicou-me, pacientemente, seu método e a técnica milenar da gravura chinesa. Belas e de infinita poesia são as gravuras de Yen Han. As que trouxe comigo, cada manhã, ao despertar, renovam-me o desejo de voltar um dia à Cidade Violeta.

***

Cercado de parques e de um bosque de ciprestes centenares, o Templo do Céu, construído pelo imperador Yeng-Lo, mais parece, na serenidade de seu perfeito equilíbrio, um monumento em homenagem aos filósofos e matemáticos do Império do que destinado às orações dos Filhos do Céu.

Nenhum detalhe destrói a harmonia esplêndida desse todo, que com o Taj Mahal são os mais puros e suntuosos monumentos do mundo oriental.

Nem palavras, nem fotografias, conseguirão jamais descrever a perfeição tranqüila desse templo incrivelmente belo.

Três telhados cônicos superpostos, cobertos de telhas de porcelana azul, estão sustentados ao centro por quatro colunas que simbolizam as quatro estações, rodeadas por mais doze que

representam os doze meses do ano, e mais outras doze que evocam as horas do dia.

Motivos chineses, de azul intenso, verde-primavera e ouro decoram o teto circular. No centro da abóbada, um dragão imenso e dourado guarda as "tábuas sagradas" situadas no fundo da sala.

Três degraus enquadram a rampa esculpida com dragões e sinais mágicos em baixo-relevo, por onde podiam subir apenas os soberanos. Um alarga avenida, ladeada de imensos ciprestes, tendo ao centro um passeio, formado de grandes pedras quadradas e brancas, como nas antigas estradas romanas, destinava-se ao imperador, quando se dirigia ao Altar do Céu, que fica em frente a uns quinhentos metros do templo.

Três terraços, cercados de balaustradas, tudo de mármore branco, elevam-se separados por nove degraus e sustentam um espaço circular, cujas lajes concêntricas se apertam em volta de uma pedra, Altar do Céu, onde se passava o diálogo do imperador com as divindades.

Até agora lá estão os esplêndidos braseiros de bronze onde, após as orações, o Filho do Céu depunha suas oferendas.

Uma das duas vezes em que cada ano deixava seus palácios e atravessava a Cidade Chinesa, ali ia render graças aos céus, depois de se perfumar e purificar nos pavilhões laterais. A outra era quando se destinava ao templo da Agricultura, situado em um parque muito próximo e onde o Governo Popular construiu um gigantesco estádio.

Quando por lá passei, vi uma multidão de pioneiros, com o uniforme azul de Mao e um lenço vermelho ao pescoço, como os nossos gaúchos, que se divertia. Uma outra multidão também azul atravessava os caminhos ensolarados do Templo do Céu, antes vedados ao povo, e reservados ao imperador e seus eunucos.

Uns cinqüentas russos, homens e mulheres feias e mal vestidas, acompanhadas de meninos turbulentos, escutavam conscientemente um guarda solícito, que lhes mostrava todos os detalhes do Altar do Céu.

Nos pavilhões laterais encontrei uma exposição de indústria pesada. Rapazes e raparigas, operários e soldados, desfilavam diante das máquinas e ouviam orgulhosos as explicações ministradas por moças atentas e de olhar vivo e inteligente.

Curioso contraste das duas Chinas ali reunidas. A velha, estática na beleza de sua civilização milenar, indiferente ao mundo que a rodeava; a nova, vibrante, entusiasta, trabalhando sem cessar, para atingir o destino glorioso que ambiciona.

***

Os verdes gramados dos vastos jardins, os altos ciprestes, e os frondosos carvalhos que contornam o Templo de Confúcio contribuem para a sensação de tranqüilidade suave que se apodera da gente, ao penetrar naquele recanto encantado.

Consta de um pavilhão central, rodeado de células, onde os candidatos iam redigir as provas para os exames e escrever o poema tradicional.

Em um dos pavilhões que o cercam, um imenso Buda, de jade branco transparente, exibe, com um misterioso sorriso, a mutilação que sofreu em uma das expedições "punitivas", feitas contra Pequim.

Soldados da "civilização", não podendo carregá-lo inteiro, pelo peso excessivo, contentaram-se em arrancar-lhe um braço, deixando ali a eterna testemunha da brutal e imperdoável selvageria.

Em frente ao pavilhão central, dez tambores de mármore branco polido refletiam a luz intensa daquela manhã radiosa. Bandos de crianças brincavam alegres. Estudantes circulavam de um a outro pavilhão. Velhos sentados nos bancos conversavam gravemente de feltro e seus longos mantos pareciam saídos de gravuras antigas, do tempo do Mestre Venerável, invocado nas estrelas que se erguem do solo esverdeado pelos anos e pela sombra dos carvalhos centenares.

***

"– Iremos hoje almoçar no Palácio de Verão", disse-me Chao, ao ir-me buscar de manhãzinha no hotel.

Nas longas horas das visitas e peregrinações pela cidade, conservávamos sem parar, e tanto Chao como Kang Wu Chen, solicitamente, buscavam satisfazer minha curiosidade sempre renovada. A cortesia de ambos nunca falhou e aos poucos fui-me

inteirando de uma quantidade de aspectos da vida chinesa para mim desconhecidos, até então.

O Palácio de Verão foi reconstruído pela imperatriz Tsi An, para substituir o antigo e suntuoso palácio edificado pelo imperador Kieng Long, totalmente saqueado, e destruído como castigo, pelos exércitos europeus.

Consta esse Palácio de Verão de uma série de jardins, pavilhões, templos e teatros que se elevam em um cenário indescritível de colinas, riachos e lagos artificiais.

Ao chegar, mostraram-me uma árvore igual às outras, mas que emprestara um de seus galhos, segundo a tradição, ao último imperador Ming, que ali se enforcou durante uma das "Jaquerias" do Império.

Naquele cenário de magia, impossível se torna saber onde termina a criação de Deus e começa a do homem, tão perfeito é o conjunto. A Colina do Carvão, monte "dos Anos Inumeráveis", coberto de ciprestes, mede quatro quilômetros de diâmetro.

Koubilai, o Imperador nômade, neto de Gêngis Khan, erigiu a "Colina Verde", onde mandou plantar as mais raras árvores e construir o Pagode Branco "Dagoba", o mais elevado monumento de Pequim. Esse Dagoba é uma espécie de torre de tijolos, coberta de argamassa de cal, que resplende de brancura. Abaixo do telhado, um colar de cobre deixa soar suas centenas de campainhas ao vento.

A tradição conta que o imperador edificou esse monumento exótico para humilhar os Filhos de Han. Do alto da torres que lhe servia de vigia, fiscalizava seus novos súditos, O lago Pe-Hai, que segundo a lenda se formou da saliva do Ying e do

Yang, rodeia a Colina Verde. Ao longo do lago corre uma galeria que leva ao barco de mármore, cercada de balaustradas e fechada com vidros pintados de pássaros e peixes fantásticos.

A velha imperatriz, no delírio do luxo, gastou na construção de um barco de mármore a quase totalidade de uma indenização da Inglaterra, destinada à reconstrução da marinha do Império.

Mais de cem edifícios, entre torres, pagodes, palácios, templos, teatros e pontes, espalham-se pelo parque e parecem rodear o Chih Hui Hai (Templo da Sabedoria). Ao povo era vedada a entrada nesse recanto, unicamente consagrado ao Filho do Céu e sua corte.

Hoje o pavilhão da "Benevolência e da Longevidade", e o da "Delícia na Longevidade", servem para as exposições, enquanto o da "Virtuosa Harmonia" abriga o repouso dos operários.

No parque, os visitantes formavam, apesar do frio intenso, uma variada multidão. Velhas, de calças de algodão acolchoado, levando crianças pelas mãos, raparigas coradas, de fitas vermelhas nas pontas das tranças, e soldados passeavam e conversavam em grande algazarra. Essa multidão azul, onde ninguém se mostra arrogante, onde reina um bom humor generalizado, dá a impressão de existir, em Pequim, felicidade no ar.

O Palácio de Verão transformou-se em um paraíso para os trabalhadores. Do outro lado do lago, o governo mandou arranjar uma praia para os operários e seus filhos.

Chama a atenção, o respeito que o povo guarda por todas as relíquias do passado. A despeito dos piqueniques, a despeito da

multidão que ali vai, diariamente, não se vê um papel, ou caixa, ou lata, atirados ao chão, nem nomes gravados nas árvores ou nos monumentos, como sói acontecer em toda parte do mundo e mais especialmente no Brasil.

Voltamos, contornando a Colina do Carvão, e passamos por um jardim encantado, o da "Grande Harmonia" em volta de um pequeno lago e rodeado de pavilhõezinhos que descem quase até à água, coberta de lótus e nenúfares.

Estou certa de que foi o mais bonito jardim de quantos eu vi em minha vida, em minhas andanças por este mundo a fora.

***

Todas as vezes que saí do hotel, a qualquer hora do dia, encontrei numerosos automóveis à espera de clientes. Buicks, Chevrolets, Chryslers, de antes do bloqueio, Zys, Skodas e outras marcas, velhos, mas limpos, bem conservados e bem tratados.

As imensas lanternas vermelhas acima da porta balançavam-se ao vento enquanto entravam e saíam diplomatas comunistas, do Ocidente, e um mundo de turistas, que visitavam o país. Ouviam-se, em diversas línguas, um coro de louvores à beleza da cidade, ao trabalho e ordem do povo e os agradecimentos dos intérpretes polidos, modestos e amáveis.

Os motoristas dos carros de aluguel possuem um mapa da cidade, cortado em quadrinhos. Cada um corresponde a uma distância e a um preço fixado pelo governo. Quando o carro passa por diferentes quarteirões, o preço vai aumentando em proporção

à distância. Por um iene, (mais ou menos trinta e cinco cruzeiros) pode-se andar mais de um quarto de hora.

A noção de quilometragem não existe. O motorista corta então de seu caderno uma folha em branco, marcada com uma estrela vermelha, que dá como recibo da distância percorrida e da soma recebida. A cópia segue para a fiscalização.

O indivíduo criado pela revolução é absolutamente honesto. Motoristas, porteiros de hotel, "coolies", vendedores ambulantes, engraxates, não pedem nem recebem gorjetas.

À medida que andei pelas ruas, que visitei escolas, templos, hospitais ou usinas, a impressão de alegria e de felicidade do povo mais se afirmou no meu espírito, observador e atento. Homens, mulheres e crianças aparentam boa saúde e jamais notei moléstias de olhos, ou de pele, tão comuns no resto do Oriente, e que tanto flagelaram a população chinesa, em passado ainda próximo.

***

Afinal chegou o momento de deixar Pequim.

Foi em uma manhã muito fria, quando o termômetro marcava quinze abaixo de zero, quando a luz de cristal daquela região abençoada parecia mais brilhante e o céu mais redondo e mais transparente, que Chao, Kang Chen e Wou Mao Sou, acompanharam-me ao aeroporto. Entrei no avião que me levaria a Shangai com o coração apertado, E lá me fui com meus raminhos de flores, presentes dos amigos que se despediam, vendo aos picos desaparecer Pequim a azul, Pequim a Misteriosa, Pequim a

Recatada. Desaparecer a Pequim dos Houtoungs que se multiplicam em cidadezinhas proibidas, a Pequim da gente alegre e boa. Pequim das ruas com nomes de lendas: Rua do Patriarca Sorridente, Rua da Cotovia que Canta, Rua das Dez Mil Luzes, Rua do Retiro Sombreado, Rua dos bondinhos barulhentos, que atravessam os pórticos de iluminuras, com um ruído infernal de ferro velho e de campainhas estridentes, que se desdobram em ecos sem fim. Pequim da juventude consciente, Pequim das Universidades e das Bibliotecas, Pequim dos vendedores de jornais, que cantam as notícias em língua de ideogramas, dos reparadores de bicicletas e de porcelanas nas ruas, dos armazéns iluminados todos os dias, como em noite de Natal, dos cartazes que formam imensos quadros abstratos. Pequim dos telhados de pontas que ameaçam os céus, cobertos de telhas multicores e pássaros lendários. Pequim dos palácios imperiais e dos templos seculares, dos muros vermelhos da Cidade Proibida, dos guris soltando papagaios em forma de pombas de Picasso, na Praça do Tien An Men. Pequim dos comboios de caminhões que vêm de Mukden, símbolo de sua nova grandeza industrial. Pequim dos setecentos quilômetros de ruas, dos jardins encantados e das árvores torturadas, para agradar aos Filhos do Céu, Pequim da "Arvore do Amor", dos lagos que parecem firmamento pelo avesso, nublados de lótus brancos. Pequim dos peixes dourados e dos fantasmas milenares que, nas noites de lua, dançam nos pátios desertos da Cidade Proibida. Pequim onde o vento de Gobi chega cantando através das grandes muralhas, para a coroar de ouro. Pequim da gente forte, Pequim de Mao Tse Tung!

Pequim aos poucos foi desaparecendo cada vez mais azul, cada vez mais misteriosa, cada vez mais bela e mais distante, deixando no fundo de meus olhos e de minha memória, uma lembrança que os anos jamais apagarão.

***



A Mulher

A Eva da Nova China

A maior criação da revolução que transformou a China foi, sem dúvida, a mulher.

Encerrada em um mundo de silêncio e de resignação, sua existência, de há muitos séculos, se consubstanciava em um sacrifício perene.

A história lendária resume aquelas vidas no drama do "Yeng Tse" da ópera dos "Três Reinos". Souen, ao conhecer a morte do marido, a quem pertencia como terceira esposa, o Rei Chou, em combate e em sítio longínquo, sem hesitar praticou o ritual tradicional. Atirou-se ao rio, onde o Dragão familiar, ao recebê-la, conferiu-lhe o diploma de "Dama Virtuosa".

O signo, na caligrafia chinesa, que significa mulher, repetido três vezes, torna-se o verbo "discutir". O mesmo signo junto ao da "arma" torna-se "astúcia"; colocado, porém, ao lado do que diz "casa" passa a ser "paz".

As encantadoras moradias chinesas foram, no decurso de séculos, a prisão da mulher.

Seu pai escolhia-lhe o marido e este, a seguir, como um tirano déspota, ditava-lhe suas vontades, que a boa escrava obedecia, servindo tanto a ele, seu Senhor, como à sua família. Se a sorte benfazeja lhe dava um filho, o destino melhorava, por certo. Mas ai dela se vinha uma menina! A escravidão continuava sem esperança de salvação.

O King Fou Tseou (Livro dos Cantos) diz que ao nascer um filho do imperador seria deitado sobre um colchão macio, vestido com roupagem de brocado e brincaria com um cetro de jade. A uma menina, que por desgraça chegasse, bastariam trapos para se enrolar, o chão duro para dormir e uma telha e um tijolo para brincar. E acrescenta: "As telhas servem para guardar a casa das injúrias do tempo, e o tijolo para ser pisado". Emblema perfeito da vida da mulher, até a revolução.

Essa escravidão não cessava com a morte do esposo. Obedeceria ao filho mais velho, e, em sua falta, permaneceria escrava da sogra e da família do defunto. O grande acontecimento da vida, o casamento, ao invés de um compromisso a dois, tornava-se um contrato entre duas famílias.

Antes de 1940, os pais tratavam de casar os filhos muito cedo, e, nas idades remotas, aos sete e oito anos ficavam noivos, promessa que era mantida de qualquer maneira e a qualquer custo, para a honra das famílias.

Os futuros esposos nunca se conheciam. Um intermediário oficial encarregava-se dos arranjos. O amor não intervinha senão para desgraça da mulher, como contam as lendas e os dramas, que, até hoje, comovem as platéias de todos os teatros da China.

O intermediário ia à casa da moça preparar o terreno e fazer a primeira proposta. De lá trazia, em um papel vermelho, os oito signos da data e da hora do nascimento que o pai do rapaz colocava sobre o altar do Deus do Lar. A mãe consultava o astrólogo-adivinho, que estudava os horóscopos. No caso de os augúrios parecerem favoráveis, o intermediário-alcoviteiro voltava

à casa da moça, desta vez com uma proposta concreta, por princípio recusada.

Depois de idas e vindas presentes que não passavam de um pagamento pela escrava que adquiria.

De novo consulta aos astrólogos, para determinar data auspiciosa para a cerimônia do casamento.

Os deserdados da sorte escolhiam sempre as menos favoráveis, a fim de evitar despesas exageradas, podendo assim alugar os enfeites de uso e os presentes que devolviam. Ficava, todavia, "salva a face".

Dias antes das núpcias, o enxoval da menina transladava-se, em grande cerimônia, para sua futura residência, a casa dos sogros, que na véspera do casamento, ofereciam ao Deus do Lar sacrifícios e orações, para anunciar-lhe a chegada do novo membro da família.

No dia marcado para a cerimônia, um palanquim coberto de seda vermelha, todo guarnecido de fitas e acompanhado de uma orquestra de címbalos, tambores, e flautas de bambu, ia buscar a moça. A noiva, segundo o protocolo, não devia jamais demonstrar alegria ou felicidade. Pela manhã, recusaria deixar o leito, recusaria vestir-se com os trajes nupciais, a veste vermelha bordada e os sapatos recamados de ouro, as longas saias, as meias rosas, o chapéu coberto de pérolas com o véu comprido e os óculos de vidro azul-escuro.

Segundo o ritual, negar-se-ia a entrar no palanquim e a deixar a casa dos pais. Sairia à força, carregada pelo irmão ou por um membro da família para que seus pés, quando partisse, não tocassem o solo e não levassem a fortuna e a felicidade da casa.

O cortejo principiava então a se mover, rodeado das damas de honra profissionais e da orquestra, ao som de músicas alegres.

Diante de seu futuro lar descia auxiliada por suas damas, sempre silenciosa, aguardava de pé, sobre um tapete vermelho, a lenta chegada do noivo, por sua vez acompanhado de sua escolta.

Diante da mesa, onde brilhavam duas velas vermelhas e se queimava incenso, os noivos saudavam a Terra e os Céus, prosternavam-se um diante do outro e faziam libação em sinal de eterna felicidade, em frente de dois gansos selvagens, ou das criadas trazidas pela moça. Um mestre-de-cerimônias, dirigia o ritual e repetia, em altas vozes, cada gesto efetuado. Os noivos se encaminhavam em seguida para a câmara nupcial, iluminada por velas vermelhas, onde a noiva permanecia silenciosa e imóvel, como um ídolo, enquanto o noivo participava do festim com a família e os convidados. No final da festa, que podia durar dias seguidos, a noiva levantava-se, agradecia aos convidados e fazia-lhes servir mais vinho.

Essa cerimônia quase sempre arruinava a família do noivo, apesar do auxílio dos convidados que contribuíam para as despesas com moedas colocadas sobre um papel vermelho posto em frente da porta e das quais um empregado fiel lhes dava recibo.

Havia casos mais infelizes, quando os pais mandavam a filha, desde logo, para a casa dos futuros sogros, servindo durante anos como escrava, apanhando e sofrendo as piores humilhações. Muitas vezes a cerimônia nupcial não chegava a se realizar, pois a noiva fora prostituída por algum membro da família do noivo, quando não pelo próprio sogro.

De outras vezes davam uma jovem de dezoito anos para noiva de um menino de sete e a infeliz passava o resto da vida desgraçada.

O desprezo pela mulher explica aqueles, atos de barbaria que atravessaram tantos séculos, sem maiores protestos.

As despesas exageradas e excessivas com as festas do casamento, impunham, logo após, restrições que a pobre nova, entrada como intrusa na família, pagava com trabalho forçado, maus tratos e humilhações. Restava-lhe como única libertação possível, e única vingança; o suicídio. Privaria assim o marido de uma escrava, forçando-o a novas e enormes despesas com os funerais. Inúmeros romances e dramas contam e cantam o interminável lamento daquelas vidas exemplares de vítimas desamparadas.

A lei sobre o casamento, de abril de 1950, acabou, para a ventura da mulher, com esta velha e iníqua tradição.

As mulheres que até 1940 conheceram esse calvário, as que trazem indelével os estigmas da escravidão que as marcaram para a vida, dando-lhes um andar ridículo e enternecedor de aves feridas, essas podem avaliar a ventura de suas irmãs, que hoje compartilham com o companheiro, livremente escolhido, das alegrias e dos trabalhos do lar.

Em Shangai, contou-me uma senhora com aquele ar, ao mesmo tempo sorridente e sério, característico da chinesa, o que fora sua vida.

> "– Grande a minha sorte em não haver sido afogada ao nascer, fato comum em uma família pobre, onde caía a desgraça de vir uma filha mulher. Casaram-me com quinze anos. Vi pela

primeira vez meu marido no dias das bodas. Nunca ousei querer pensar em protestar, porque meu pai assim o decidira.

Passei a obedecer a ele e à minha sogra e julguei-me muito feliz por meu marido não ser nem muito velho nem uma criança de nove ou dez anos, como não raro acontecia. Meu marido também. E sempre dava razão à mãe. Assim era e assim devia ser. Mas, graças ao presidente Mao – terminou altiva – agora sou igual a meu marido, com os mesmos deveres e os mesmos direitos.

– E seu marido? Como aceitou a situação? E a sogra?

– Claro que não foi fácil, a princípio. Mas quando lhe explicaram todas as reformas decididas e as já realizadas, e quando verificou a transformação do país acedeu e se conformou.

E continuou sorrindo:

– Comecei então a freqüentar a escola. Aprendi a ler, estudei um pouco, hoje faço parte da Federação das Mulheres e tenho, sobretudo, uma consciência nacional". Terminou profundamente séria e com indisfarçado orgulho.

Os homens ricos possuíam sempre, além da esposa, uma ou diversas concubinas que, mais jovens, alegravam-lhes a vida, mas às quais cabia apenas o direito de viver como animais de luxo, enquanto moças e belas. Nos haréns imperiais essas sombras multiplicavam-se por dezenas.

Daí a alegria da jovem senhora Chung-Hi, casada com um ainda abastado capitalista de Shangai, quando me falava da felicidade

das mulheres, no Novo Regime. Este não permite aos maridos nem concubinas legítimas, nem as noitadas alegres com as borboletas do teatro das "Gatinhas de Shangai", que tanto a torturaram em outros tempos.

O Kuomintang jamais se preocupou com a questão das concubinas, da prostituição, nem com a reforma da China feudal.

A sociedade chinesa possuía, assim, da mais íntima aldeia ao palácio imperial ou do ditador, escravas que lhes forneciam, sem nenhum pagamento, trabalho mais pesado que qualquer animal de carga e filhos para orgulho de seu senhor.

A submissão da mulher ao marido formava o primeiro elo da cadeia, que continuava com a do camponês ao senhor proprietário de terras, deste e dos pequenos "cem nomes" aos mandarins e de todos ao imperador.

Em Pequim, no tempo de Chiang Kai Chek, as moças principiaram a estudar e freqüentar as Universidades, onde deviam pagar pelos estudos e para viver. Ao fim de algum tempo quase sempre caíam na prostituição, forçadas pela miséria.

Shangai era o grande centro financeiro do mercado de mulheres. Os "compradores" percorriam as aldeias de onde traziam sua vítimas. Destinavam as mais bonitas para concubinas dos grandes Senhores da Guerra e dos comerciantes afortunados. As outras, iam encher os bordéis que os turistas estrangeiros visitavam, como uma galeria de arte, onde se discute o preço de cada objeto. Mesmo os grandes hotéis, os hotéis de luxo, reservavam todo um andar dedicado à exploração de tal ou qual gênero de mulheres.

Em Nanquim, no tempo Kuomintang, um quarteirão inteiro se transformou em lupanar, onde os homens iam oferecer as próprias esposas e até as filhas, por vezes de dez e onze anos, sob o olhar benevolente do austero governo do ditador.

Terminada a "Longa Marcha", antes mesmo do total domínio da nação, Mao Tse Tung e seus companheiros decretaram a proibição da prostituição e a libertação da mulher, que culminou com a lei sobre o casamento, em 1950.

O uniforme de soldado, usado galhardamente pela nova EVA durante as guerras contra o Japão e contra o Kuomintang, decidiu de sua sorte.

As moças que a gente encontra agora nas ruas ou nos parques passeando seus nenês, que mais parecem saídos de algum concurso de robustez infantil, ou mesmo a representação de anúncios de vitamina, ou as que se vêem curvadas sobre os arrozais, ou trabalhando como chefes de equipe nas usinas, pertenceram quase todas ao "maquis".

A revolução, ao levar os homens para o combate, reservou, pela primeira vez na história da China, a iniciativa dos trabalhos indispensáveis à nação, tanto nos campos como nas cidades, às mulheres.

Vencedor o Kungchantang, a mulher-soldado, a mulher-agricultor ou a mulher-operário voltaram para seus lares com uma nova noção da vida e de seu próprio valor, e firmemente apoiadas pelos revolucionários. Não fizeram demonstrações em massa, nem "meetings" de "sufragettes". Consagraram-se a uma silenciosa e eficiente propaganda de visitas diárias às vizinhas de idéias menos avançadas, e rapidamente conseguiram o fim almejado.

Quando se iniciou a reforma agrária, os homens espantados compreenderam afinal que algo de definitivo, de extraordinário, se passava na China. Após centenas e centenas de anos, de despotismo absoluto, viram as mulheres contempladas com uma porção de terra igual à que lhes coubera. Viram mais: que prazenteiramente e de cabeça erguida aceitaram a partilha, sem necessidade de qualquer consulta prévia.

Com seus cabelos curtos e o uniforme azul igual ao dos homens, a Eva da Nova China brilha em toda parte. Dirige usinas, centrais elétricas, pilota aviões, navios no Yang Tse. São maquinistas nas estradas de ferro, juizes nos tribunais populares, vendedoras nos armazéns, trabalham em toda parte nas repartições públicas, nos hospitais e nas universidades.

Nas escolas noturnas matricularam-se em primeiro lugar, e quando os maridos, por impossibilidade, falham à aula, explicam-lhes, pacientemente, a lição aprendida.

O divórcio sempre existiu na China. Antigamente destinava-se apenas a favorecer o homem, a quem bastava escrever em um papel o motivo que o fazia repudiar a mulher para conseguí-lo. Esta, ao contrário, fossem quais fossem os motivos, jamais ousava sequer tentar obtê-lo.

Hoje, nos tribunais, a nova Eva encontra defesa, e dos juizes, a natural deferência que a nova lei do casamento consagra, assegurando-lhe direitos e vantagens a que faz jus pelo papel que desempenha nos quadros na nova sociedade. As viúvas se permite contrair novo matrimônio, as concubinas evaporaram-se e a prostituição ficou definitivamente proibida.

Visitei em Shangai a escola reformatória das prostitutas da cidade, denominada "Centro de Educação e Produção das Mulheres de Shangai". A diretora, extremamente jovem, muito inteligente e de uma energia que, de tão grande, saltava aos olhos, tornando-se até desagradável, mostrou-me todo o estabelecimento.

As moças de vida airada, são levadas para ali, mesmo contra sua vontade. Segundo me disse, habituam-se em pouco tempo sentindo-se logo felizes. Trabalham em "ateliers" claros e higiênicos e fabricam meias e toalhas de rosto. Com o salário ganho podem comprar melhores vestimentas e economizar para a vida futura. A escola funciona em diversos pavilhões, noite e dia, com duas e três turmas que se revezam, pela deficiência de dormitórios, apesar de muito numerosos.

Depois das horas de trabalho nos "ateliers", ouvem lições de moral e de marxismo – lavagem de cérebro – praticam esportes, e nas salas de recreio podem ler, fazer música e palestrar.

O hospital, bem montado, cuida da saúde das infelizes, que chegam sempre perdidas de moléstias. No berçário, uns dez bebês dormiam e outras crianças de dois ou três anos brincavam inconscientes.

Qualquer mulher que procede de maneira inconveniente pode ser para ali encaminhada.

Mostrou-me a diretora o número das que já saíram recuperadas. Casaram-se muitas, outras voltaram ás sua aldeias, ou foram trabalhar em fábricas.

Apesar do extraordinário bem que faz a escola, deixou-me uma impressão de tristeza e pareceu-me uma espécie de prisão.

Na China de 1957, em todos os ramos da atividade humana, a mulher brilha. Vinte por cento da freqüência nas

universidades superiores é feminina. Na hierarquia do Governo Popular, quarenta mulheres detêm postos de importância. Umas delas, Soong Chung Ling, viúva de Sun Yat Sen, prêmio Stalin, símbolo da mulher militante e triunfante, conhecida e admirada no mundo inteiro, ocupa uma das vice-presidências da República. Duas outras dirigem Ministérios, o da Saúde e o da Justiça. Teng Ying Chao, esposa de Chou En Lai, é vice-presidente da Federação Feminina e faz parte do Comitê Central do Partido. Nos hospitais de ginecologia e pediatria a mulher exerce a quase totalidade dos trabalhos médicos.

No espaço de tempo entre 1940 e 1956, a sombra criou vida, transformou-se, ganhou personalidade e, hoje, médica, estudante, funcionária, secretária, operária, militar, política, diplomata, tanto faz parte da marinha como do exército e é encontrada tanto nos comitês políticos como nos campos, nas fábricas, nos hospitais e nas universidades.

Cinco anos de disciplina severa bastaram para criar essa nova Eva que desprezou os hábitos de muitos mil anos; depilar sobrancelhas, pintar as faces e os lábios, colorir as unhas alongadas, perder aquele jeitinho de gatinha sensual, usar nas ruas vestidos graciosos, impudentemente abertos aos lados, muito acima dos joelhos, e usar meias transparentes. Nem por isso perderam as mulheres chinesas o raro encanto que as tornou célebres no mundo. Esses cinco anos trabalharam mais para a mulher que as dinastias centenares. Fizeram mais para transformá-las que as inundações, a fome, a miséria e as guerras.

A virtude, na China Popular, mostra-se agressiva e exagerada e a pureza de costumas chega a tornar suspeitas mesmo as relações as mais legítimas.

Não se vêem em lugar algum, pares de namorados. Nem mesmo no baile a que assisti, por acaso, em Pequim, no hotel onde morava, pude perceber interesse maior entre os pares. Dançavam como se praticassem esportes.

Aliás, a frase da romancista Ting Ling, repetida seguidamente, caracteriza a nova sociedade chinesa: "o único grande amor é o materno".

A Eva da Nova China usa o uniforme azul idêntico ao dos homens, é um ser livre, sã de corpo e de espírito, bem pensante, cumpre seu dever de cidadã, consciente da grandeza de seu país, trabalha em todos os ramos da atividade humana, faz crítica e autocrítica, joga basquetebol. Venera Mao, que a libertou, e é seguramente um dos grandes suportes do regime, onde ocupa postos de importância estratégica em todos os Ministérios.

Mais uma vez Mao Tse Tung provou seu gênio político, quando, para arrasar o velho sistema feudal e destruir a estagnação implantada pela doutrina de Confúcio, buscou apoio nos camponeses e nas mulheres.

***



A Cultura

Artesanato

Na China Imperial os mandarins e os letrados consideravam, respeitavam e cultivavam como "Arte" apenas a caligrafia, a pintura, a música e o jogo de xadrez, elevado àquela categoria.

A arte integrava-se na vida cotidiana. Os artesãos criavam os objetos de uso corrente com aprimorado requinte, tornando o artesanato chinês, desde milênios, o mais aperfeiçoado do universo.

No Império Romano, as sedas que chegavam de Pequim excitavam a admiração e a cobiça, Com a Companhia das Índias, os palácios e museus da Europa encheram-se de porcelanas azuis e de outras variadas cores, assim como de todas sorte de "chinoiseries", nem sempre dos melhores expoentes do artesanato do Celeste Império. Só no começo do século XX, porém, a cerâmica Song e as estatuetas funerárias Tang começaram a despertas a curiosidade dos colecionadores do Ocidente, que sem embargo permaneceram, na maioria, cegos, diante da arte chinesa das altas épocas.

As "Artes Menores", desde o início, foram surgindo variadas, sempre de nível técnico e de fantasia de criação admiráveis.

As sedas brilhantes, de coloridos raros e de tecelagem primorosa, os maravilhosos brocados de prata e de ouro, os tapetes de lã e de seda, macios e de desenhos e cores delicados, as lacas

vermelhas e negras, as cerâmicas, as porcelanas, os móveis de formas estranhas, recamados às vezes de pedrarias, que tanta influência exerceram na Europa no período de Luís XV, o jade, o coral, e o cristal de rocha talhado, os cloasonés, formam um conjunto de beleza e primor, como nenhum outro artesanato do mundo jamais produziu como igual graça e perfeição.

As lacas vermelhas e negras, conhecidas desde os Hans (I século a.C.), atingiram a perfeição suprema no reinado dos Yuans e permaneceram excelentes até os Tang para entrarem depois em rápida decadência.

Os Tcheous empregavam o jade para os vasos e objetos do ritual.

O soberano recebia, nas audiências, tendo na mão direita uma placa de jade branca transparente. Era imitado, nesse cerimonial, pelos altos dignitários que as possuíam de tamanhos e cores diversas, segundo a posição que ocupavam. O modelo e o colorido associavam-se a uma certa magia e a um simbolismo preestabelecido. O disco verde ou azul, hoje tão procurados pelos colecionadores, significavam o céu. O "Tsong" cilindro verde, incrustado em um cubo de jade amarelada, simbolizava a terra.

Consideravam o jade como emblema da pureza e da virtude. Confúcio declarou: "é de tal forma puro, é tão fino por natureza e tão rico e esquisito na composição, que se deve comparar à virtude perfeita". Atribuíam-lhe qualidades mágicas como a de espantar os espíritos maus.

O desenho e a forma rapidamente degeneraram, e se tornaram barrocos, menos aprimorados na feitura e mais

complicados na decoração. Durante séculos os artesãos copiaram os mesmos modelos, com pequenas variantes, e mesmo nos tempos remotos, iniciaram a fabricação de peças "antigas" que figuram em muitos museus e muitas coleções.

Terminado o trabalho, mergulhavam o objeto em vinagre ou no sangue ainda quente de algum animal sacrificado, ou o enterravam em um terreno úmido para ganhar a pátina dos anos. E muitos museus e muitas coleções se orgulham dessas antigas falsas antiguidades.

Os artesãos que hoje em Pequim ou Shangai talham as pedras duras, possuem e empregam a mesma técnica dos de outrora. Usam os mesmos processos. Copiam pacientemente os objetos centenários, mas perderam a grande magia da criação.

***

Decorada rudimentarmente a catalogada como no terceiro milênio, foi encontrada, em 1.700 a.C., a mais antiga cerâmica conhecida. Logo depois apareceram vasos ornamentados com linhas horizontais e triangulares. Três séculos mais e a ornamentação se transformou em traços ondulados vermelhos, negros, e às vezes, em quadrados retangulares. Principiaram a substituir os bronze funerários e outros que ornamentavam os túmulos por objetos idênticos, em terracota.

A cerâmica, através de decênios, veio sendo aperfeiçoada, às vezes cobertas de esmaltes de cores vivas. Um dia apareceu o

primeiro celadon, azul esverdeado. Depois a primeira porcelana, durante a dinastia Tsin, no terceiro século d.C.

Contam as crônicas da época Song que a porcelana naquele tempo atingira a perfeição suprema, pela simplicidade das formas, riqueza da matéria e brilho dos coloridos, salientando-se um azul, "como céu lavado pela chuva". Nem um exemplar desse período, infelizmente, chegou até nós.

Os "ting" de Hopei, brancos ou cor de marfim salpicados e com ornamentos gravados, reservados para o uso exclusivo da corte; os "tchum" azul-lavanda do Kai-Fond; os celadons dos Tchou-Kiand representam o mais alto grau de perfeição nessa arte delicada, e são universalmente ambicionados pelos colecionadores.

Por esse tempo um imperador decretou que a porcelana deveria ser feita: "tão azul quanto o céu, tão brilhante quanto o espelho, tão fina quanto o papel e tão sonora quanto uma pedra de jade precioso".

Os Ming nos legaram os brancos e azuis inimitáveis aos quais emprestaram seu nome, e mais os soberbos vasos extraordinariamente esmaltados em cinco cores diferentes.

A grande manufatura King To Chen, perto de Nanquim, produziu a maioria dessas peças. Em Mo Foukieng faziam-se os "blancs de Chine" imaculados e no King Si os castanhos acinzentados e os de tons vermelhos profundos e aveludados. Os grandes especialistas na matéria consideram o reinado do imperador Hsiuan-To (1426-1435) como a idade de ouro da porcelana chinesa.

E veio a decadência.

Durante a dinastia Tsing a ornamentação se tornou exagerada e não raro servindo-se de motivos grotescos. Algumas pelas porém guardavam ainda a pureza da forma e do colorido, tais como a "Família Negra", a "Família Amarela", os soberbos vasos "Sangue de Boi". As "Famílias Rosa e Verde", sobretudo, conservaram até o fim raro encanto e graça elegante.

Toda essa produção de porcelana e de cerâmica encontra-se classificada por peritos, é hoje muito conhecida pelas publicações que lhes dedicaram os museus e alguns colecionadores do mundo inteiro. Dificilmente, quem se interessar pelo assunto, se enganará quando da aquisição de uma peça ambicionada.

O governo da República Popular auxilia e encoraja o artesanato. Criou cooperativas, realiza exposições de lacas, porcelanas, cerâmicas, jades e bordados. Consagra-lhes grandes locais para venda nos Armazéns do Estado. As revistas e publicações especiais abrem-lhe enormes espaços para propaganda no estrangeiro.

Tecnicamente parecem tão ou mais perfeitas que as das velhas eras. Não conseguiram, porém, manter o nível elevado da arte popular de outrora. As estatuetas de terracota tornaram-se realistas e perdem todo o interesse ou permaneceram cópias exatas das dançarinas e tocadoras de música.

Os objetos, em geral, esqueceram-se do sortilégio que os criara, e não passam hoje, na grande maioria, de cópias banais de uma arte morta. Desta morte espiritual da criação no artesanato, que se verifica em toda parte, não se pode culpar o regime da República da China, mas antes a essa nossa época, apressada e

dominada pela idéia do lucro imediato, e pela pressa das realizações industriais.

***

A Música

Confúcio julgava a música de valiosa importância para o comportamento e as relações humanas "porque inspira virtude e cria, segundo os termos do Li Ki, a harmonia entre o corpo e o espírito".

Até 1911, no Ministério dos Rituais, um comitê denominado "da música", encarregava-se de conservar a tradição, a fim de evitar que degenerasse e se tornasse nociva pelas melodias ou os instrumentos.

Na China, a música transcreve-se como a poesia, sem marcar o compasso nem o tempo das pausas, deixando todas as nuanças ao encargo do artista que a executa.

Na origem, os músicos conheciam apenas a escala pitagórica, onze quintas sucessivas estabelecidas com um intervalo de uma oitava. Depois apareceram as doze notas separadas pelos meios tons. O estrangeiro, em geral, conhece da música chinesa apenas as árias barulhentas da ópera de Pequim.

Os velhos instrumentos, sinos tocados por malhos possantes, pedras sonoras e outros, caíram em desuso e existem apenas como peças de museu.

Servem-se os músicos, no teatro, do órgão de sete tubos desiguais, da cítara de vinte e cinco cordas, dos violinos de duas ou três cordas, do oboé, da clarineta, do gongo, das castanhas, dos

címbalos, das flautas, dos tamborins e dos tantãs. As árias daquela ópera, de sons acres como fruta verde, parecem, aos ouvidos ocidentais, barulhentas como a tempestade, desentoadas e sem nenhuma harmonia.

As vozes humanas, quebradas desde a infância, são de uma sensualidade estranha.

A música de câmara, ao contrário, cheia de doçura traz uma sensação de calma e de pureza extraordinárias. O Kim, antigo alaúde, instrumentos de sete cordas dá sons doces que provocam uma impressão de inefável e de infinito indescritíveis. O PiPa, que data de um século a.C., e a guitarra de quatro cordas permitem inúmeras variações dos temas clássicos.

Essa música de câmara, que era o apanágio de uma elite exageradamente intelectual, continua, sem embargo, a ser ensinada, assim como a ópera clássica e, hoje, mesmo a ocidental.

Na China, o povo deve apreciar muito a música, porque as estações de rádio, o dia todo, sem intervalo, jogam sobre os habitantes da cidade e dos campos, e até durante as viagens de estrada de ferro, programas ecléticos, clássicos, raramente música de câmara, canções russas, e até as mais banais melodias ocidentais.

***

O Teatro

Em Pequim, Chao e Kang proporcionaram-me a oportunidade de assistir, como em Shangai e Cantão a espetáculos de teatro variados e interessantes. Ali a pessoa hesita diante dos cartazes coloridos de doze teatros sem contar o da Cidade Imperial e o das prisões, que é aberto ao céu estrelado da Cidade Privilegiada. À exceção de um só, os teatros pertencem ao Estado.

A sala de espetáculos causou-me decepção, De uma simplicidade austera, sem a menor decoração, é francamente feia. Cadeiras de madeira inconfortáveis, enfileiram-se em imenso local formado apenas pela platéia.

O público, a mesma multidão azul, corre cada noite a cada representação. Casais trazem crianças de todas as idades, soldados, gente do campo e muita mocidade. Foi, porém, o único lugar, além de certos templos, onde vi mulheres de pés deformados, andando sem equilíbrio, e homens, cuja idade me pareceu difícil de adivinhar, assistindo como conhecedores, cheios de fervor, às peripécias do espetáculo demorado.

No palco, o cenário consiste em uma mesa com duas cadeiras e um pano de seda rubro no fundo. Os músicos, vestidos do mesmo azul de sempre em duas filas que partem dos lados do palco e entram pelos bastidores, acompanham com uma melodia estridente, feita de acordes menores lancinantes, ritmados por

gongos e címbalos, o recitativo cantado em tons muitos altos, e com vozes quebradas, de sensualidade gritante.

Confesso que essa música me comove ao extremo e me agrada em todas suas nuanças.

Assisti a um espetáculo em que o papel da princesa-fada era representado pelo célebre e maravilhoso. Mei Lang Fan, que não anda no palco, antes desliza, com uma graça ondulante e felina. Ninguém suspeitaria que aquela jovem de uma feminilidade exagerada fosse um velho de mais de 60 anos.

O público aplaudiu ardorosamente as cenas principais, com os "Hao-Hao" de admiração. Mei Lang pareceu-me verdadeiramente um monstro sagrado.

Na alvorada desse século, podia-se ainda ver, ao nascer do sol, desfilarem pelas muralhas exteriores de Pequim filas de adolescentes vestidos de negro, conduzidos por professores severos; ao chegarem junto da porta oeste, contam as crônicas da época, paravam e obedecendo a um sinal do mestre, rasgavam a madrugada com um coro agudo e pungente. Eram os meninos consagrados ao teatro, que treinavam para quebrar a voz, e mais tarde, representar no "Pomar das Pereiras" o papel de favoritas cortejadas ou de amantes desprezadas e vingativas.

As escolas de teatro de Pequim ou de Shangai, de Nanquim e de outras cidades, guardam sempre a mesma tradição dos remotos tempos, quando os mongóis trouxeram o "Yuan Kian" que se aperfeiçoou com a cultura e a arte dos Hans.

Foi na dinastia Tang (618-916) que se fundou a primeiro Li Yuan (Pomar das Pereiras) onde a corte ia ouvir

declamar os poemas dos clássicos antigos e os dos jovens poetas. O Imperador Hiuan Tsong, bardo, ele mesmo, amante da música dirigia as representações depois de haver preparado toda a cenografia. Hoje os artistas de teatro veneram ainda com ardor os ideogramas daquele imperador.

O teatro de então dedicava-se somente aos estetas. Quando os mongóis nele introduziram o drama, principiaram os recitativos e os diálogos. No declínio da dinastia mongólica o Kouen Kiou, misto de comédia, tragédia e drama conseguiu realizar um teatro total e substituiu o primitivo Yuan Kian. As peças do repertório, longuíssimas, constavam às vezes de 50 atos, e demoravam umas 24 horas.

O poeta Leang-Po considerado na China com o maior dramaturgo de todos os tempos, assim como o compositor Wei Leang Fou, ficaram para sempre ligados ao Kouen Kiou.

Esse teatro perduraria sempre, não fosse o desejo de perfeição exagerada que o complicou e amplificou de tal maneira, que só os letrados depois de longo estudo conseguiram penetrar no sentido oculto da linguagem. Desapareceu na dinastia Ming substituído pelo King Tiau, a atual Ópera de Pequim. Simplificados o enredo e a linguagem, os artistas cantam acompanhados de música os efeitos lendários e históricos, já muito conhecidos do público.

O teatro é para o chinês o que a tourada é para o espanhol e o carnaval para o carioca. Infiltrou-se por toda a parte, e a cada hora do dia, ouve-se pelos rádios nos hotéis, nas ruas, nos hospitais, nos vagões de estradas de ferro, durante as longas viagens, as árias mais queridas da Ópera de Pequim. Mesmo Mao Tse Tung, quando

quer explicar um problema novo, que se lhe afigura difícil, vai muita vez buscar exemplos em algum drama ou comédia, sempre do gosto do povo.

O chinês tem o gênio do teatro. A arte dramática ali se criou para um público, não raro iletrado ou analfabeto, mas paradoxalmente fino, de sensibilidade extrema e que conhecer perfeitamente todas essas histórias de imperador-bandido, de príncipes-vagabundos, de favoritas-heróicas e de amantes abandonadas, de personagens lendárias e de heróis invencíveis. Vai ao espetáculo não pelo enredo da peça, mas para apreciar a interpretação do artista.

Não existem cenas propriamente ditas, nem atos, mas seqüências ritmadas por gongos, címbalos, violinos de três cordas e uma corneta de sons terrivelmente agudos. Os músicos tocam de memória sem nenhuma partitura e sem regente.

O "Pomar das Pereiras" foi o primeiro teatro da China. Em seguida, cada província descobriu sua fórmula e seu estilo próprios.

A arte popular tradicional só se desenvolve quando existe uma comunidades, nunca isoladamente. Daí a riqueza do teatro popular chinês. Apesar dos longos períodos de humilhações e desgraças, jamais deixou de existir no Império uma comunidade de vida e de cultura, natural e intrínseca ao povo. A miséria nunca impediu que em cada aldeia, maior fosse sua pobreza, não se criasse ao menos um teatrinho de "sombras". Alguém se encarregava, com mãos ágeis, de mostrar, nas noites de festas, figurinhas cortadas, que uma lanterna projetava sobre a tela, na magia de suas vidas e de suas

aventuras. Quando a aldeia crescia e prosperava, logo aparecia um estrado de madeira encostado na parede que serviria de fundo de cena, com duas portas abertas para bastidores rudimentares. O povo nos dias festivos ali se deliciar ouvindo seu repertório predileto.

O teatro chinês é uma arte de expressão dramática, uma síntese de canto, música e dança.

Nos velhos tempos, as escolas de teatro fabricavam os atores por métodos ferozes, substituídos hoje por mestres pacientes. Após a aprendizagem, iniciado aos cinco anos de idade, sabiam os artistas, e hoje ainda sabem, dominar conscientemente seu corpo, seu espírito e seus nervos, de forma tal que o mais imperceptível movimento, sempre ritmado como um dança, demonstrava e demonstra absoluta precisão.

A Ópera de Pequim apresenta um caráter popular, em seu conteúdo. A linguagem, a música, são estereotipadas. O herói "Cheng", sempre de idade madura, representa um guerreira ou um imperador, usa uma barba negra em volta do rosto. O "Hsiau Cheng" tanto pode desempenhar o papel de pastor como de um jovem guerreira ou de um general bárbaro. O "Wochoung" é o "mocinho" de nossos dramalhões. Do lado feminino encontra-se a heroína "Tan", e a jovem heroína "Tsin-i", virgem casta e virtuosa, inteligente e bela. A pintura que usa nas faces, que a nós ocidentais desagrada, de brancura e espessura de gesso, significa uma "cútis de lírios e de rosas". Segue-se um sem-número de figurantes, com caras tão extravagantemente pintadas que parecem máscaras, surpreendentes pelo animado jogo expressivo de fisionomia. Essa "maquillage" acentua a predeterminação do personagem.

O público antes mesmo que o artista pronuncie uma palavra, ou se mova, sabe logo o papel que representará.

Na Inglaterra, o teatro elisabetano, quando queria que a cena de passasse à beira-mar, colocava no palco uma tabuleta com a palavra "Mar". Na China, jamais se perdoaria tal falta de imaginação. O personagem traz em si todo o cenário. O "barqueiro do Rio do Outono", por exemplo, é ao mesmo tempo barqueiro e pela mímica, remo, barco e rio. Quando desliza de um para o outro lado do palco sente-se o marulhar e a frescura da água. Nem se necessita de um mundo de figurantes, como no triunfo da Aida, para se ver um exército. O chefe com um grande pluma balançando no alto da cabeça e que acaricia nos momentos de emoção, e estandartes presos ás costas, é, sozinho, todo o seu exército.

Nem precisam entrar em cena com um ridículo cavalo de papelão pintado; o chicote que o general traz na mão basta para provar que chegou montado em corcel veloz. Sem nenhuma "mise-en-scène" e antes mesmo de pronunciar palavra, os atores, com uma dupla significação simbólica, fazem compreender a continuidade do tempo e do espaço. Certa maneira de levantar os pés dia que realizam longa viagem. Cada passo representa léguas, e montanhas, pontes, templos surgem então em nossa imaginação.

O teatro clássico desse povo amante de ideogramas, e de caligrafias tão extraordinárias, como desenhos de grandes mestres, usa uma linguagem especial, visual e em signos. O público colabora com o artista e compreende que ao colocar o chicote verticalmente, amarou o cavalo em uma árvore, quando o entrega a outrem, mandou que levasse embora o animal. Quando sacode um pedaço

de seda verde, atravessa o mar, se o agita freneticamente, o mar está tempestuoso. E a platéia segue, emocionada, todas as peripécias que conhece perfeitamente e, exigente, não perdoa o menor deslize de interpretação.

Henri Michaux conta em "Un Barbare en Asie" sua sensação do teatro chinês:

> "Quando o ator derrama de uma jarra inexistente, uma água inexistente sobre uma toalha inexistente, e a esfrega no rosto depois de havê-la torcido, a existência desta água que não apareceu, entretanto, evidente, torna-se alucinante. E se o ator deixa cair o jarro inexistente a gente, quando sentado na primeira fila, sente-se tal qual ele todo respingado da água inexistente."

E mais adiante:

> "A mímica, a linguagem do enamorado é qualquer coisa de requintado, de delicioso, melhor que a palavra, mais tangível, mais imperioso, mais espontâneo, mais fresco que o amor, menos exagerada que a dança, menos extrafamíliar, e fato verdadeiramente notável pode representar TUDO, sem nunca parecer chocante".

O mais afamado artista da Ópera de Pequim, durante a ocupação japonesa, salvou o teatro chinês, mantendo sempre elevado seu nível intelectual, e o Governo

Popular, como recompensa, entregou-lhe a presidência do Instituto do Teatro.

Como primeiras providências, Mei Lang permitiu o ingresso da mulher nos palcos e nomeou, imediatamente, uma comissão para "depurar" as peças que lhe parecessem demasiadamente "imperialistas", E como os textos nunca se consideraram imutáveis, fácil foi à comissão cortas as passagens que apregoavam obediência servil ao senhor ou que pintavam o camponês como um personagem ridículo, imbecil e pobre de espírito.

Esse é o lado que nunca poderemos aceitar nessa extraordinária transformação do país. O lado infantil e perigoso. É verdade que se passou nos primeiros dias da vitória, onde o exagero é de fácil explicação, desde que volte o bom senso e que a Arte possa viver livremente, sem os empecilhos que a destruirão.

***

Arquitetura

A política, a literatura, e a arte, no Império do Meio, estiveram sempre intimamente ligados, e a arquitetura chinesa, de características definidas e inconfundíveis, prova que o amor à beleza, desde todos os tempos, dominou a preocupação dos dirigentes, desde os tempos mais remotos.

Além do que resta dos 23.000 quilômetros das Grandes Muralhas, edificadas pelo imperador Tsin, no terceiro século a. C., a China não possui outros vestígios arquitetônicos das velhas idades.

Luís Guimarães nos "Samurais e Mandarins" assim descreveu esse monumento espantoso:

> "Ao cabo de três quartos de hora chegamos à aldeia de King-Yong-Kuan, que é um povoado de poucos vizinhos cingido de muralhas de boa cantaria à feição das da parte tártara em Pequim, e logo no princípio dele vimos uma enorme porta octogonal, que foi por onde penetramos, pasmados de tanta majestade! A referida porta é como um grande túnel e é esculpida, por fora e por dentro, com ornatos e figuras de deuses e monstros fabulosos que tremem as carnes só de olhar para eles. Na fronteira da arcada (pois antes pôr-lhes o nome de arcada do que a alcunha de porta) cabriolam diversos

diabos de dentes arreganhados e luzem frisos e cercadeiras de cores em relevo.

Na parte interior, do lado esquerdo quando se entra, estão duas inscrições do século XIV, feitas em seis línguas diferentes, que por serem sânscrito e outras arrevesadas como esta, não curamos de compreender.

Na parte a soberba arcada de que venho falando, continuamos a galgar os íngremes penedos e os montes de pedras, algumas rachadas de ponta a ponta, outras despencadas pelas encostas, outras como querendo saltar às goelas abertas dos precipícios. Finalmente, por volta das 9 horas e 25 minutos, enxergamos os primeiros troços da Grande Muralha; e como a lira de Brederodes murmurasse:

"Surge por vezes uma torre ao longe"

Ao longe, muito ao longe, no horizonte..."apareceram-me a leste, alcandorados na rocha selvagem, dois esbeltos pagodes ali erguidos em louvor aos Deuses da guerra. Meia hora depois tinha eu diante dos olhos essa extraordinária parede que mede 50 pés de altura e 20 de largura, toda de muito bom granito na base e de tijolos ao comprido do parapeito à qual nenhuma obra do mundo leva vantagem nem em majestade, nem em magnificência, nem em velhice.

Porque tudo o que se vê por esse mundo a fora deve ser humilde e modesto comparado com esta muralha guarnecida de baluarte, castelos, torres e bastiões, e colunas, correndo sobre as cristas das montanhas como um dragão de tentáculos imensos, subindo com elas nos horizontes, ramificando-se

> com elas por mil labirintos, sempre contínua, sempre agarrada á terra, como se da sua própria substância houvesse por favor nascido. Durante um espaço de 700 léguas, tal um réptil sem princípio nem fim, pegado ao dorso das colinas (que parece que vão numa correia louca para o extremo do mundo) a Grande Muralha destaca-se monótona e sinistra, a uma altura às vezes vizinha das nuvens! E quando as agrestes penedias, crespas, rochosas, se entrelaçam, se enroscam e se baralham em apertões de amor, o rastejante monstro de pedra entrelaça-se também, enrosca-se também e também se baralha sem por um instante se despegar do mundo!
>
> .....

Os Filhos do Céu não ambicionavam a duração de suas moradias. Construíam seus palácios para o tempo de sua vida. Não habitavam o que pertencera ao antecessor mas edificavam um novo, à sua imagem, e conforme seu ideal de beleza e de elegância.

Só às pontes, só aos monumentos funerários e às muralhas consagravam as pedras, reservado para os exóticos palácios e pavilhões a madeira, por vezes preciosa.

Dos duzentos e setenta palácios de Che-Houang-Ti, dos magníficos e graciosos deixados pelos Tang, dos construídos por Hui-Tsong, que se sobrepunham a todos em luxo e esplendor jamais igualados por nenhuma criação humana, dos pavilhões construídos pelos Song, de requintes de elegância na ornamentação caprichosa, e dos de Koubilai Khan, nada mais

resta que o canto dos poetas, que as longas descrições lendárias e algumas reproduções realizadas pelos pintores daqueles tempos.

No século XI, o Imperador Houai ordenou que se redigisse o "Yng-Tsau-Fa-Che", livro consagrado á arquitetura contendo todas as regras e todos os ensinamentos indispensáveis àquela arte e que é atentamente estudado, mesmo agora.

As construções chinesas não se adstringiam apenas às leis da estética, antes obedeciam às exigências simbólicas, subordinadas à decisão dos geomânticos. A ambição de grandiosidade dos planos dos palácios cedia à do encantamento. O edifício, impreterivelmente, devia amalgamar-se ao quadro e ao ambiente em que era construído.

O Altar do Céu, todo em mármore branco, todo cercado de árvores e de jardins, constitui, em sua simplicidade, um dos mais belos monumentos do universo e é exemplo dessa concepção.

Os pavilhões no meio dos campos, os pagodes no alto das colinas, perdem-se e unem-se intimamente à paisagem que os circunda, conjugando-se sempre em um todo indivisível.

Tanto a ponte de Marco Pólo, nos arredores de Pequim, quanto a ponte de 17 arcos do Palácio de verão, de apenas um século de idade, são prodígios de graça, de leveza, de harmonia.

As muralhas que rodeiam Pequim, com seus caminhos de ronda, e suas torres quadradas e possantes, os Pailous monumentais, de pedra ou de madeira, decorados como iluminuras, são igualmente grandes exemplos da arquitetura chinesa.

Os palácios construídos sobre terraços, que se elevam do solo perenemente elegantes e suntuosos, guardam um mistério

penetrante. As colunas, sem capitéis, reúnem-se por vigas horizontais que sustentam o teto. O telhado, mais largo que o edifício, tem suas pontas curvadas e recurvadas ameaçando os céus e é tão decorado interna com externamente. A beleza da construção depende mais de sua expansão lateral quede sua altura. As linhas verticais aparecem sempre retas enquanto as horizontais são mais ou menos curvas.

A soberba beleza do Pai Ho Tien (Pavilhão da Suprema Harmonia) na Cidade Proibida é o exemplo típico daquela arquitetura. Elevado por três terraços, rodeado de uma galeria, domina um largo pátio tranqüilo. Imensas colunas vermelhas sustentam o teto dos três corpos do edifício, e no interior é decorado por pinturas, onde dominam o azul profundo, o verde-primavera e o vermelho brilhante que representam animais mitológicos e mandarins sofisticados, tudo salpicado de flores estilizadas.

O telhado, coberto de telhas de cerâmica reluzentes de coloridos fortes, amarelo, verde e azul, tem as pontas recurvadas com as das tendas dos tártaros nômades, guarnecidas com quimeras, dragões, leões alados e unicórnios, fantásticos.

Este palácio faz parte da Cidade Proibida, construída por Yeng-Lo, no século XV, sempre aumentada por seus sucessores. Seguindo o eixo norte-sul cada um, por sua vez, ergueu o palácio de seus sonhos. A Cidade Proibida está incrustada dentro da Cidade Imperial e seus edifícios, seus templos, seus jardins constituem um conjunto de serena harmonia.

Quando ao longe se avista o mármore branco das pontes e dos terraços, brilhando tanto como as telhas vermelhas, ocres e azuis, saindo do verde intenso das árvores, tudo refletido nos

imensos lagos cobertos de lótus e nenúfares, a fantasmagoria alucinante desse conjunto espanta e sufoca o visitante pasmado e comovido. A mesma direção de planificação, nas construções, foi sempre respeitada desde o início até hoje, passando de geração a geração e de pai a filho.

A Cidade Proibida ficará eternamente, para os séculos que virão, como das maiores realizações arquitetônicas criadas pela Humanidade.

A arquitetura chinesa não sofreu influência estrangeira. Alguns pagodes lembram vagamente os da Índia e os do Nepal. O Palácio de Verão edificado sob a direção dos jesuítas, a mando do imperador Kieng Long, nos moldes do de Versalhes, foi exemplo único para satisfazer um capricho do Filho do Céu.

As concessões estrangeiras, ao contrário, ergueram-se sem nenhum espírito urbanístico, seguindo as tendências dos países a que pertenciam, e mostram apenas exemplos de uma arquitetura banal e do pior estilo de 1900.

Depois do advento da República Popular, em Pequim e em todas as grandes cidades, constroem-se imensos edifícios de apartamentos, outros destinados a usinas, a empresas industriais ou a certos serviços do governo, sem grande preocupação estética e seguindo as linhas arquitetônicas alemãs, americanas e soviéticas, despreocupadas de beleza, mas preocupadas com a idéia do colossal.

Como artista e apaixonada pela beleza não posso deixar de protestar contra esse desafio ao encanto e à harmonia

incomparáveis dos velhos monumentos e dos velhos templos.

No entanto deve-se reconhecer e aceitar a necessidade daquelas construções que vão rapidamente solvendo os problemas, de aparência insolúvel, da habitação e do trabalho.

***

Escultura

A evolução das artes plásticas, na China, foi lenta, e durante séculos tanto o Taoísmo quanto o Budismo exerceram marcada influência sobre os artistas, dominados igualmente por uma Corte severa e conservadora.

A pintura e a caligrafia estimadas como as únicas artes superiores, exercidas quase que unicamente pelos mandarins e os letrados, deixaram vastíssima documentação, com os nomes dos artistas, suas vidas ou suas lendas.

Dos escultores e dos arquitetos não se conhece senão as maravilhosas obras que nos legaram.

O governo da República Popular, desde o seu início, demonstrou carinhoso desvelo na preservação da cultura e no cuidado da conservação das obras de arte existentes e em sua larga e bem compreendida divulgação.

Em Pequim e nas grandes cidades realiza exposições de objetos antigos ou de perfeitas reproduções, para instrução do povo. Nos pavilhões laterais do Palácio Imperial instalou o Museu Histórico. Ali estão os velhos, e já em desuso, instrumentos de músicas, os cascos de tartaruga utilizados outrora para desvendar os mistérios do futuro, as tábuas feitas de bambu onde gravaram a ponta de metal os primeiros caracteres chineses; as estátuas e os retratos de Confúcio, de Hong-Ti, de Kubilai Kahn entre outros,

dos personagens quase lendários do passado, pinturas, porcelanas, lacas e bronze arqueológicos, assim como pinturas recentes feitas depois da revolução representando a vida daqueles tempos, nos campos e nas cidades, e fotografias das grutas de Long Men e de outros sítios históricos,

Esse amor aos objetos do passado contrasta com o descaso dos dirigentes do país até a revolução, que consentiram e auxiliaram, por vezes, o sangue das riquezas artísticas da China, que foram encher os museus, os palácios e as coleções do Ocidente.

Hoje, uma lei proíbe, terminantemente, a exportação de qualquer objeto de mais de cem anos.

Aliás o Brasil, em muito menos escala, é verdade, assistiu e assiste impassível, à lenta destruição e o êxodo de seu patrimônio artístico, e nunca, nem o governo, nem o Parlamento se lembrou de realmente o defender.

Chiang kai Chek antes de fugir, quando se apercebeu de sua inevitável derrota, remeteu para Formosa 300 caixotes contendo objetos arqueológicos, com 25.000 "osteólitos gravados", fragmentos de omoplata de boi, que serviam para magia e profecias, bronze e cerâmica; 2.972 caixotes com uma vasta coleção de objetos que faziam a riqueza do museu de Pequim, bronze, pinturas, porcelanas, lacas, sedas, jades e livros raros; 852 caixotes foram repletos de objetos retirados do Museu Central e mais 120.000 volumes dos mais preciosos da Biblioteca Nacional.

Em 1955 de Formosa o ditador remeteu para os Estados Unidos 4.000 caixotes cheios daqueles objetos e ninguém sabe se destinados à venda ou a ficar à sua espera ali.

Agora, de novo a China trata de refazer suas coleções, com um novo apelo a arqueologia.

Desde a dinastia Song esta ciência existia no Império do Meio. Ocupava-se, até o século XX só na busca de velhos tipólitos e na interpretação das antigas epígrafes.

De 1920 a 1937, arqueólogos, sobretudo franceses, fizeram escavações na China e conseguiram importantes descoberta. A guerra contra o Japão e a guerra civil interromperam esses trabalhos que em 1950 foram recomeçados. A maior parte dos objetos de bronze que se encontram agora nas vitrinas do Museu de Pequim e de Shangai, delas provém. Em 1952, na Universidade de Pequim, criaram-se um Departamento de Arqueologia e cursos acelerados que permitissem aos estudantes uma rápida iniciação da matéria, 2720 jovens arqueólogos exercem hoje ativamente a profissão. Os trabalhos de construção das estradas e das grandes empresas, pelas profundas escavações realizadas, facilitaram sobremodo as descobertas naquele solo inesgotável de riquezas artísticas, legadas pelos séculos que se foram. Quando tratavam de construir a nova alado hotel de Pequim, encontraram uma grande quantidade de porcelanas Ming e alguns objetos de jade. A jovem equipe dos novos e bem preparados arqueólogos continua assim a descobrir e catalogar as reminiscências da remota civilização chinesa.

A lenda atribui a primeira escultura de bronze ao imperador Fu-Hi. A história assevera entretanto que o grande imperador You, primeiro da dinastia Hia (2205-2197 a. C.), mandara fundir em bronze nove tripés, símbolo do poder, destruídos durante o reinado dos Tcheou.

Desde a dinastia Song e Ming os artesãos-artista copiavam, com enorme habilidade, os bronze do passado e outros artesãos continuaram a perpetuar esse hábito até nossos dias.

Só quem teve a ventura de admirar, espalhadas pelos pátios dos palácios e pelos jardins misteriosos, as esculturas de bronze, exóticas e com aquele patina azul esverdeada inimitável, produzida pelos séculos, pode aquilatar a fantasia criadora e a perfeição do trabalho daqueles artistas e fundidores anônimos. Em nossa era de progressos materiais e de muito maiores recursos não se encontram em nenhum lugar fundidores capazes de os igualar.

Em 1930, uma comissão de peritos chineses retirou do Museu, como falsas, diversas peças catalogadas como de época anterior, na coleção feita pelo imperador Kieng Long no século XVIII,

Certos bronze, que desde mais de um milênio conservaram um valos incontestável, quando criados destinavam-se a uso corrente. As coleções da Europa e da América orgulham-se de possuir uns poucos exemplares daquela arte preciosa.

No começo, a forma lembrava a das cerâmicas. Davam um nome diferente a cada um dos objetos e vasos reservados ao ritual das cerimônias familiares ou públicas. "Ting" eram os caldeirões maciços onde se cozinhava; "Lei "era as taças enormes onde se comia; "Kou" eram os vasos alongados; "Tsouen" eram as taças que serviam para as libações.

No correr dos séculos, aqueles modelos simples e elegantes foram-se transformando, degenerando, até desaparecer.

No VII a.C., surgiram os grandes sinos ainda sem badalo e que tocados com um pedaço de madeira maciço produziam sons puríssimos.

Na ornamentação dos objetos a evolução se nota distintamente. No princípio os artistas usavam desenhos geométricos ou com a representação de animais. Sobre um fundo de espirais, por exemplo, destaca-se o Tao-Tie (focinho de dragão), as cigarras e os pássaros, todos muito estilizados. Em seguida tornam-se mais simples, apenas com linhas onduladas, escamas ou listas verticais. A partir do VI a .C. voltam as cordagens e as espirais e principia a influência das estepes, com cobras, lagartos e cenas de caçadas.

As inscrições, no começo pitográfias, desenvolvem-se em seguida em longos textos.

E a técnica degenera.

Com os Hans voltam os modelos sóbrios, incrustados, porém, de turquesas, de jade ou de ouro. Durante o período conhecido como dos "Cinco Reinos" desapareceram este estilo e estes objetos, e fabricavam apenas espelhos circulares, de seus 25 centímetros de diâmetro, com uma face polida e a outra cheia de desenhos gravados ou de baixos-relevos ou de incrustações de jade e ouro.

Nas escavações em Nganiang foram descobertas as mais velhas esculturas, propriamente ditas. Só no fim dos "Reinos Combatentes" (no III século a.C.), apareceram outras peças de escultura.

As primeiras estatuetas de terracota representando personagens humanos, objetos e animais, que colocavam nos

túmulos para substituírem os familiares que não mais acompanhavam o morto, vêm do tempo dos Hans. Aquelas obras arcaicas – mulheres hieráticas muito finas, alongadas e de uma graça infinita, cavalos pesados, pássaros estilizados – comovem pela sua simplicidade e espiritualidade e não buscavam copiar a natureza, eram como esboços feitos em sonho. Os monumentos funerários determinaram a criação da escultura monumental. Victor Segalen, o poeta das "Stèles" que cantou uma tamanha sensibilidade a beleza dos velhos monumentos chineses, conta que no vale Wei, no II século a.C., enormes cavalos possantes e figuras colossais montavam guarda a uma avenida que levava ao túmulo de um príncipe, cujo nome caíra em esquecimento.

As estelas comemorativas, de capitéis retangulares, existentes nas câmaras funerárias, eram às vezes ornamentadas de motivos estilizados ou de cenas de cerimoniais ou de caçadas, de batalhas ou de personagens com que nos contam a vida daquelas eras.

Quando o norte da China caiu em mãos dos bárbaros, a escultura continuou a florescer no sul do Império, Os leões alados, as quimeras, os pássaros estranhos dos túmulos Leang, lembram esculturas assírias, porém muito mais vivas e impregnadas de magia.

Na época dos Souei o arcaísmo das estatuetas funerárias substituiu-se por um forte realismo, para de novo se afinarem e se tornarem ainda mais preciosas na dinastia Tang, como as dançarinas, as tocadoras de flauta e as jogadoras de pólo, cuja contemplação nos delicia e nos encanta. Não raro os artesãos, para torná-las ainda mais preciosas, cobriam de esmaltes verdes e

alaranjados aquelas exóticas tânagras chinesas. Muito poucas peças originais restaram desta época, mas suscitadas pela sua beleza, uma quantidade infinita de cópias de todas as idades fazem a felicidade dos apaixonados amantes daquela arte desaparecida.

Os baixos-relevos do túmulo do imperador Tai Tong foram, talvez, a última verdadeiramente grande escultura do Império. Em seguida a escultura volveu-se mais convencional. Os animais e os guerreiros dos túmulos Ming, em Pequim e em Nanquim, provocam admiração, mais pela atmosfera que criaram de tranqüilidade, de poder e de eternidade, que pela beleza plástica de suas formas.

Os artistas do período Ming mais fracos e sem inspiração produziram obras de estilo "pompier", mas a patina do tempo deu-lhes a sedução do mistério.

Esse período viu o fim da escultura religiosa que o budismo inspirara com fervor igual ao da arte cristã na Idade Média, na Europa.

O Celeste Império não construiu grandes monumentos religiosos; suas catedrais são os imensos vales cobertos de esculturas monumentais, de grutas e nichos cheios de centenas de budas e "buddhisattwa", que ficaram como testemunhas da fé daquele tempo.

A arte greco-budista chegou à China ao mesmo tempo que os monges que pregaram a doutrina e deixou magníficos exemplos em Kohtan, Toufan e Touen-Houang. Com os anos, porém, foram-se tornando cada vez mais chineses, até esquecerem sua origem. Da Índia, no século V, d.C., chegaram ao Império do

Meio escultores estrangeiros que ali trabalhavam sem haver, no entanto, desempenhado maior influência entre os artistas autóctones.

Chavanne, em seus estudos, classificou como do século V as grutas de Yuan Kan, co todas as esculturas e os ex-votos ali existentes. O tempo trabalhou por estas estátuas despindo-as dos ornamentos inúteis. Sem o ouro e as cores que as cobriam, na pureza da pedra em que as criaram os artistas extraordinários que escolheram para sempre o anonimato, tornaram-se mais impressionantes e tão belas quanto a estatuária gótico-romana.

Nas grutas Long Men, construídas 50 anos mais tarde, facilmente se pode discernir a influência budista que, como a doutrina, se expandiu, fortemente, naquela época, no Celeste Império.

O VII e o VIII séculos assistiram à idade de ouro da escultura da arte Wei e o apogeu da arte religiosa no universo. A infinita serenidade, as formas alongadas, o sorriso misterioso e inefável, a espiritualidade daqueles budas e "buddhisattwa", espalham em derredor de si uma atmosfera irreal e pacificadora. A gente sente-se dominada pela religiosidade que inspiram e pela esmagadora impressão de clama e de eternidade que o artista nelas soube estampar.

Na exposição de arte budista em Delhi, em 1956, realizada em comemoração dos 2.000 anos do nascimento de Buda, onde se encontravam as mais afamadas peças de escultura e de pintura vindas dos museus e das coleções particulares do mundo inteiro, e as reproduções de todas essas grutas, o visitante podia perder-se na

contemplação das grandes criações inspiradas pelo Doce Mestre, e aprender um pouco daquela arte estupenda e quase sobrenatural.

A partir da dinastia Souei, o escultor preocupou-se demasiadamente com a plástica e aos poucos perdeu a inspiração que o tornara quase divino. A escultura foi degenerando, ficando mais realista até cair em um convencionalismo banal.

Hoje, a escultura chinesa encontra-se em ponto morto. Os artistas emaranhados buscam caminhos novos. Abandonaram a tradição e contentam-se em copiar os mais "pompiers" escultores franceses e italianos. No monumento que o Kuomintang erigiu em Nanquim, em memória de Sun Yat Sen, a estátua que representa o Libertador, criada pelo escultor francês Landowski, certamente é um pouco responsável pela morna tristeza da escultura oficial da China Popular.

A arte atravessa em Pequim uma crise de graves conseqüências, pela despersonalização latente e contínua dos artistas, mesmo dos que possuem dons de elegância inata e de segura inspiração.

***

Pintura

A pintura e a caligrafia foram consideradas durante muitos séculos, na China, com a única arte verdadeira. Os mandarins e os letrados desde muitos jovens exercitavam-se no manejo do pincel, para conseguirem traçar linhas puras, que demonstraram serenidade e elevação traçar linhas puras, que demonstrassem serenidade e elevação de espírito. O pintor não era uma classe à parte. Muitos imperadores, mandarins, altos dignitários, bonzos e monges celebrizaram-se pelas suas paisagens e pelos retratos que pintaram, e uma imensa literatura lhes foi consagrada.

Na China, até os próximos anos passados, em um ágape entre as gentes de classe privilegiada, distribuíam-se papel, pincéis e tintas e cada um dos convivas participava e tentava, com alguns traços, criar uma obra-prima.

A pintura e a caligrafia uniam-se na mesma arte. Os artistas, os poetas e os críticos declaravam que o traçado de um signo reclamava do pincel a mesma segurança que a delicada feitura de uma paisagem complicada.

Através dos séculos os estilos de caligrafia sucederam-se, tais como os da pintura ou da escultura.

Os eméritos colecionadores chineses apreciam, mesmo mais que as da pintura, as belas obras da caligrafia, que colocam nas paredes com quadros valiosos, ou guardam em rolos em "Baús

de madeira preciosa". Eu, de mim, confesso que também prefiro uma bela caligrafia ao mais belo quadro da pintura chinesa.

Um dos grandes calígrafos mencionados pela história da arte chinesa, Wash Hi Chi, que viveu no quarto século d.C., conquistou uma glória dada a poucos pintores chineses. Sua caligrafia "era leve como as nuvens" e "vigorosa como um dragão assustado".

Aliás ele mesmo explicou poeticamente o valor dos elementos que entravam nos signos que traçava, com tanta maestria: "cada traço horizontal é uma massa de nuvens em formação guerreira, cada volta em caracol é uma árvore curvada por uma força indomável, cada ponto é uma rocha despencando de um cume elevado, cada linha prolongada é uma sarmento venerável e cada traço livre um corredor ligeiro em atitude de partida imediata".

Ao estrangeiro, ainda ao menos ignorante, ao primeiro contato impressiona apenas o lado decorativo da caligrafia chinesa de beleza incontestável. Os chineses, ao contrário, encontram nesta espécie de pintura abstrata, que tão grande influência vem exercendo nos pintores ocidentais, desde há dez anos, e que possui ainda grandes mestres na China, um ritmo e uma harmonia inigualados, ainda que ignore o texto do poema ou do aforismo assim escrito.

A mestria de Mao Tse Tung em manejar o pincel, quando traça ele próprio em uma caligrafia de grande nobreza seus magníficos poemas, é seguramente um dos motivos que o faz adorado e respeitado pelo seu povo.

O verdadeiro calígrafo não vende suas obras, presenteie-as aos amigos quando os quer homenagear.

O signo deve ser traçado sem apoiar o pincel no papel nem na seda. Nunca se pode corrigir e reclama, assim, do artista, uma técnica perfeita e uma pureza de concepção que não perdoa mediocridade e exige um conhecimento absoluto desta arte difícil.

A pintura chinesa apresenta os mesmos problemas.

Pela cultura que exigia do artista, ficou durante milênios confinada no pequeno circulo dos mandarins e dos letrados da corte. Daí provêm os longos períodos de cópias, sem imaginação, que inundaram de obras nulas os palácios e os museus. O taoísmo e o budismo exerceram decidida influência nos artistas, durante muitos séculos.

O pintor não copiava a natureza, interpretava-a, segundo sua sensibilidade e sua tendência. Os pintores taoístas aparecem na história da arte como os primeiros surrealistas do Universo. No século XI, o célebre pintor Song-Tong-Po declarou o que nós, artistas de hoje, repetimos seguidamente: "que se as censuras de um crítico não vão além da pouca semelhança de minha pintura com a natureza, é que sua compreensão se assemelha à de uma criança".

A pintura não se restringia ao resultado de um estudo, mas vinha de uma manifestação subjetiva, não devia derivar da representação do objeto, mas vir da expressão de um pensamento ou de uma sensação. O pintor não copiava, interpretava.

A pintura chinesa desde o seu início, e sempre, ignorou a perspectiva. Criava um ambiente onde o objeto ou a criatura se modificava, e donde o valor plástico propriamente dito desaparecia. Os pintores ocidentais modernos, salvos os abstratos, guardam idêntica concepção no seu trabalho.

A beleza das linhas vem delas mesmas e não do que possam representar. Não existe a simetria no sentido convencional ocidental, e os espaços vazios adquirem valor extraordinário pela ausência de qualquer traço.

O artista forja seu universo. Sua pintura é um sonho, uma idéia, ou talvez um enigma. A forma visível não é assim um fim, mas, unicamente, um modo de expressão. O assunto não contava demasiado, e a intuição pessoal dominava o todo. De Wang Wei, considerado um dos maiores poetas e dos melhores pintores da China, escreveram os críticos de seu tempo: "seus poemas são quadros, e seus quadros são poemas".

Em certas épocas o pintor transcrevia, ao lado da tela, uma quadra, ou mesmo todo um poema.

Lembro-me sempre de uma velha pintura que representava um homem perdido na ventania, a desproporção entre o tamanho minúsculo do homem e a imensidão da natureza que o cercava, tornava o quadro estranho e comovente. De um lado levava escrito o seguinte poema:

"Que o vento sopre
Não sinto mais nenhum desejo
Pelas flores!"

Os chineses conservam as pinturas sempre guardadas e enroladas. De quando em vez o amador abre um daqueles rolos e admira longamente o quadro em todos os seus detalhes. Da imensa obra pictórica chinesa legada pelos séculos, uma grande parte

desapareceu. Dessa, porém, poucos quadros valiam como arte, o resto não passava de "hobby" de mandarins, sem maior interesse artístico.

Os críticos chineses dividem a pintura em categorias: a paisagem ocupa o primeiro lugar. Um personagem humano nela aparece quase sempre, e quase sempre pequenino e perdido na composição. Os retratos de personagens históricos ocupam a segunda categoria. A nudez graciosa da mulher, da qual os pintores ocidentais tanto abusam, jamais ali se reproduzia, porque a julgavam ofensiva à moral, salvo em certos períodos, de pinturas terrivelmente obscenas, como no século XVIII, por exemplo. Os artistas chineses nunca se ocuparam da natureza morta. A vida era parte integrante de sua obra. Os pássaros, quimeras e flores mais ou menos estilizados ocupavam a terceira categoria.

Confúcio referiu-se seguidamente, em seus escritos, a grandes pinturas murais. As primeiras conhecidas, entretanto, datam dos Hans: tijolos, tecidos, pintados, ou pedras esculpidas que representavam murais célebres naquela época.

A história da arte chinesa considera Hou Kai Che, no século IV, como o mais antigo pintor de quem uma obra ou uma cópia autenticada se tenha conservado até nossos dias.

Encontrei, em Delhi, o Dr. Lokesh Cahndor, professor de línguas mortas, que falava mais de 89 dialetos esquecidos, hindus, tibetanos e chineses. Conhecido professor, é grande colecionador de pinturas e chefe de uma curiosa família. Uma das filhas, moça e linda, "Sharada Rabi" (Deusa da Sabedoria), já havia escrito um dicionário de sânscrito e terminava outro de velho tibetano. Fui

uma noite, em companhia do poeta e romancista Mulk Raj Anand, visitar o professor e ver sua maravilhosa coleção de pinturas chinesas das altas épocas. Amorosamente ele retirava de imensas caixas de sândalo um rolo e o desenrolava com o carinho de um amante apaixonado, Longamente nos explicava a origem, as lendas, a história e as tendências do pintor. Foram horas de intenso prazer intelectual e artístico.

Igualmente na Exposição Internacional de Arte Budista, em Delhi, por felicidade minha, pude contemplar muitas das melhores obras da arte pictórica chinesa.

Os críticos de arte escrevem, em todos os séculos, tratados sobre a pintura, Ficou como o mais conhecido o Sie Ho (V século d.C.), "Cinco Princípios da Pintura", traduzido diversas vezes e discutido, sem resultado, pelos técnicos da língua mandarim, para saber qual a verdadeira e fiel tradução, mas que sem embargo constituiu um breviário para os pintores, durante gerações e gerações, e talvez mesmo até hoje. Perduram célebres na admiração dos amantes da arte chinesa as "Ilustrações para a Monitriz das Damas do Palácio", cujas linhas delicadas demonstram, com acuidade, e caráter de cada personagem.

As pinturas murais das grutas dos 10.000 budas, na Estrada da Seda, reproduzidas em tamanhos e cores idênticos, para a exposição de Delhi, permitem a observação da evolução da pintura e do movimentos artístico durante um largo período.

Peliot estudou e deu-nos uma clara exposição dos trabalhos nestas grutas, que formam, por elas só, um museu de pintura chinesa no decurso de um milênio.

Até bem pouco tempo, Pequim não emprestou nenhum valor àquelas pinturas, que julgava obras de artesãos desconhecidos e ignorantes da arte sofisticada dos mandarins.

Desde 1943, porém, o governo encarregou o Instituto Nacional da conservação e preservação do sítio e dos afrescos que escaparam ao assalto dos colecionadores e antiquários ocidentais e japoneses.

Coube-me a sorte, e porque não a vergonha, de haver adquirido, quando no Japão, uma pequena pintura dali proveniente que conservo com grande amor.

Entre o VII e o XIV séculos, a pintura chegou na China a seu período áureo. Nitidamente influenciada pelo budismo e pelo taoísmo conservou-se, entretanto, absolutamente chinesa. O grande artista Yen-Li deixou-nos retratos tão cheios de vida e expressão que nos parecem de velhos amigos que a gente revê com prazer.

Wou Tao Tseu, considerado o "Príncipe dos Pintores", deu às suas paisagens um extraordinário vigor temperado de doce lirismo. A lenda conta que havendo terminado um grande mural, em afresco, no palácio imperial, com cenas de caçadas em meio de florestas, de cavernas, de grutas, quis o imperador felicitá-lo. Wou Tao Tsu diante de seu soberano e mestre bateu palmas, e no afresco uma gruta se abriu, onde o pintor entrou e desapareceu para nunca mais voltar.

Os Tang, na pintura como em todas as outras artes, viram desfilar uma plêiade de talentos que ilustravam tanto a poesia e a caligrafia quanto a escultura e a pintura.

Mi Fei, crítico de arte, calígrafo de qualidade mais que pintor, e Li Long que empregava em seus quadros um espantoso jogo de luz e sombra a aumentarem ainda mais a atmosfera misteriosa de suas obras imortais, ligaram o seu nome às escolas do Sul, célebres no século XI.

No século XIII, as escolas do Norte, ao seu turno, viram passar um sem-número de bons pintores, continuamente lembrados hoje, pelos amantes de sua arte espiritual e delicada. Destes destacam-se Tsong Pó e o próprio imperador Houei Tsing, mecena e artista, que esqueceu pela arte, a política, para gáudio de seus inimigos.

Nos mosteiros, longe das festas da corte, e nas grutas onde retiravam para praticarem um mais severo ascetismo, bonzos budistas e monges taoístas renovaram de certa maneira a pintura, que se volvera demasiadamente intelectualizada e quase só amadorista. Já desde o século XI Che Ko inaugurara uma espécie de impressionismo com traços largos, sem detalhes, e de comovente delicadeza de colorido. No século XII foi Leng Kai que, relembrado da tradição de Wuo Tseu, pintou os retratos dos personagens importantes da época, bonzos, poetas, mandarins e príncipes, com espantosa vivacidade e fantasia.

Mou Kai foi talvez o maior pintor chinês de todos os tempos. Sua paisagem de inestinguível, maravilhosa e soberba fantasia, fugiram das formas clássicas e criaram um universo desconhecido.

A invasão mongólica não extinguiu a série de magníficos pintores. Com a restauração dos Ming ao contrário, a pintura

voltou a ser arte estereotipada, e de novo "hobby" de mandarins pretensiosos. Apenas alguns bonzos budistas salvaram esse período: Tão Tchi com suas paisagens cheias de árvores torturadas e bambus nervosos, palpitando ao vento, e Tchou Ta, impressionista, rebelado contra o classicismo decadente.

No século XX, mesmo antes da revolução, a decadência da pintura chinesa fazia-se patente. A influencia do Ocidente fora maléfica.

Nos últimos anos, diversos pintores emigraram para a Europa. Em Paris vive hoje Zauki, que ali trabalha e ganhou fama que se espalhou pela Europa e Estados Unidos, sem dúvida, o melhor mercado no mundo, para as artes plásticas. De sua pintura a óleo a maneira e técnica ocidental, em um delicioso estilo chinês, resulta uma profunda impressão de mistério e de magia.

A Escola de Belas-Artes de Pequim vive um período de triste mediocridade na pintura a óleo e na escultura.

Abandonar a técnica e o estilo, que sem alterações profundas lhes vieram de milênios, para despreparados bruscamente se voltarem para a pintura ocidental, mais ou menos desconhecida, é problema dos mais difíceis que os artistas de hoje tem que enfrentar na China, sem mencionar o que representa uma censura rígida, imposta por um governo ditatorial, que até pouco tempo só acreditava na "Arte Socialista".

Chi Pai Che, que acaba de morrer, aos 96 anos, escapou à mediocridade artística de Pequim, nos últimos cinqüenta anos, Inspirava-se na contemplação infinita da natureza e traduzia as sua nuanças e sua subtilezas guardando liberdade na interpretação da

composição e das formas. Foi um Matisse de técnica e de visão chinesas. O painel que realizou para o "hall" de entrada do Edifício do Comitê da Paz, em Pequim, representando flores e pássaros, de enorme graça e frescura, em uma absoluta liberdade de criação, é uma obra-prima na composição e nos coloridos.

Os museus imperiais guardam ciosamente suas coleções antigas, e só as expõem algumas vezes ao ano. Para suprir essa carência fizeram copiar em cromoxilografia, um sem-número de obras.

Originada na gravura sobre madeira, que data de mais de mil anos, a técnica da xilografia desenvolveu-se sobremodo durante as dinastias Yuan e Ming. No fim do século XVII a gravura em cores, no Império do Meio, atingira à perfeição suprema. Utilizavam-na sobretudo para ornar papéis de carta dos de grandes formatos onde os calígrafos copiavam os poemas.

No fim dos Manchous, havia em Pequim 15 casas especializadas na venda desses papéis gravados. A mais célebre foi o "Estúdio do Pinheiro e do Bambu", fundada há mais de 200 anos, e que desaparecera por volta de 1900. Em 1952, ressurgiu como empresa de Estado e com o nome de "Estúdio da Abundância e da Prosperidade".

As reproduções que se realizam ali atingiram a uma técnica tal, que nem a fotogravura, nem qualquer outro método mecânico, permitem tamanha perfeição, desconhecida na Europa. Utilizam o mesmo papel e as mesmas tintas empregadas pelo artista-criador. Uma vez terminadas, só um conhecedor especializado poderá distinguir a cópia do original. Para realizarem estas reproduções,

os artistas-artesãos começam por estudar profundamente a obra que irão reproduzir. Dividem-na em diferentes zonas de cores, copiam em papel transparente o contorno das flores, das folhas, ou das paisagens. Cada um desses desenhos é colocado em um bloco de madeira e gravado à mão com o processo da xilografia. É passível de se realizar no tamanho original ou em qualquer outro desejado. Em seguida, com uma escova ou um pincel, colorem os blocos com as mesmas cores usadas pelos aquarelistas, cores minerais, misturadas com uma resina solúvel em água, provinda do pessegueiro. Aplica-se depois o papel sobre aqueles blocos e com um tampão macio de flanela, vão fazendo pressão até que o quadro fique inteiramente reproduzido. A ordem em que as cores são aplicadas, explicaram-me, é de capital importância. Algumas querem estar secas, antes de virem as seguintes, outras exigem permanecerem úmidas ou mesmo molhadas. Do mesmo modo varia a pressão do papel sobre os blocos.

A arte gráfica na República Popular é, sem dúvida, a mais interessante, sobretudo a da gravura sobre madeira, que após haver atingido à perfeição, degenerara e quase desaparecera. Desde 1930, seguindo o exemplo russo e alemão, que a empregaram para propaganda política, recomeçou a se desenvolver magnificamente. Muitos dos jovens artistas que pude visitar, em Pequim e outras cidades, dedicam-se com ardente entusiasmo a essa técnica. Continuam uns empregando a maneira antiga, enquanto outros descobriram métodos novos e criaram uma gravura sobre madeira, influenciada fortemente pela caligrafia, e de resultados surpreendentes.

Os pintores na China, notadamente em Pequim, também seguem dois caminhos: uns, estudam a pintura a óleo ocidental e inspiram-se no realismo soviético; suas obras não apresentam nenhum interesse. Outros, continuam a empregar a aquarela, tentando conciliar a tradição chinesa com a expressão moderna, paisagens ou flores, obtendo às vezes resultados extraordinários e deliciosos. Lembraram-me um Duffy que jamais houvesse conhecido Paris.

A nova política de libertação artística suscita uma grande esperança para o futuro das artes plásticas na China.

Seria entretanto demasiado otimismo julgar que devido a essa política, em poucos meses, possa surgir em Pequim, um movimento artístico capaz, tal como a "Escola de Paris", de espantar, dominar e influir na arte do mundo ocidental. A importância que se empresta aos artistas e a facilidade de vida que se lhes concede, enquadram-nos, de forma invisível, e os transformam em uma espécie de funcionários públicos, e paradoxalmente dificulta-lhes a criação de obras-primas. Assim, é de se temer que alguns anos se passarão, antes que os males produzidos desapareçam totalmente.

***

Literatura

A literatura chinesa é pouco conhecida no estrangeiro, exceto no Japão, onde exerceu uma grande influência pela difusão que teve nos próprios originais.

A tradução em outras línguas, de morfologia e sintaxe diferentes, torna-se complicada e de quase impossível fidelidade ao texto. A vastíssima produção dessa literatura estende-se por mais de trinta e oito séculos. O respeito que inspirava o "Wen", que tanto significa literatura como civilização, vem das era mais remotas. Jamais uma criança jogará por terra um papel que leve traçados alguns caracteres. Havia mesmo na Cidade Proibida o templo dos "Papéis Queimados", onde se destruíam os que trouxessem escritos poemas ou aforismos, para que não se os desrespeitassem por qualquer descuido.

A literatura na China Imperial servia como instrumentos de dominação para a classe privilegiada e volveu-se, nas mãos dos mandarins, pela linguagem que empregavam, um meio de realizar a segregação racial, sem necessidade de mais explicitamente declará-la. O "Kou Wen", língua mandarim, era, segundo o escritor Hou Che , como o "baixo latim da Europa medieval e mais morto, porque o latim ainda hoje se fala, e pode ser compreendido, enquanto o Kou Wen, aos poucos, ficou ininteligível mesmo para os letrados".

Ler os clássicos era absolutamente impossível para um chinês medianamente culto, mas que não dominasse a fundo a língua mandarim. Ademais, a literatura clássica permanecer completamente esotérica. Não havia nem romances nem teatros.

Em diferentes épocas publicaram-se no Império grandes enciclopédias. A de Kieng Long, no século XVIII, reuniu 173.187 obras, 79.582 no original e as outras em resumo.

Dividida em quatro partes compunha-se de 36.378 volumes. A primeira parte compreende os clássicos confucianos com os comentários e críticas. A segunda parte trata da história: as crônicas oficiais das 24 dinastias, começando pelas "Memórias históricas das origens da época contemporânea" redigidas no século I a.C. Seguem-se os "Anais", escritos pelos historiadores privados dos imperadores, as monografias, as crônicas locais, as memórias e as biografias. A terceira parte reservava-se à filosofia das escolas não confucianas, ao budismo e a todos os conhecimentos úteis, tais como a ciência, a agricultura, as profecias do futuro, a magia, a necromancia, as matemáticas, a medicina, as táticas militares, as artes da pintura e da caligrafia. A última consagrava-se à literatura, poesia e prosa, a exceção dos antigos contos que pertenciam a outra categoria.

O teatro e os romances escritos em linguagem popular não pertenciam às belas-artes.

Desde o século XVIII a.C., até nossos dias, a poesia ocupou, sempre, lugar preponderante na literatura chinesa,. Desenvolveu-se, porém, lentamente durante anos, em cópias fiéis dos modelos clássicos.

O Taoísmo influenciou fortemente toda a cultura chinesa, sobretudo a poesia. Anarquista, com horror ao conformismo, repudiou as hierarquias e incitou os artistas à originalidade. Inimigo da vida social, ensinou-lhe a fugir do barulho das cidades e preferir a vida nos campos desenvolvendo na sensibilidade chinesa o amor pela natureza, pelas montanhas agrestes e pelos sítios selvagens. Negando todos os valores conhecidos convidava-os a se refugiarem no sonho, esquecidos de sua natureza humana. Pregava, senão o desregramento dos sentidos pelo menos o êxtase libertador, ainda que pela embriaguez. E a poesia chinesa se impregnou de imaginação delirante, de descrições de paisagens irreais, e do amor aos prazeres do vinho.

Os poemas, sempre muito curtos, possuem um forte poder de sugestão.

No século XVII, os jesuítas, encantados com o misticismo espiritualista da poesia religiosa chinesa, levaram-na para a Europa. No século XVIII os filósofos franceses, a seu turno, encantaram-se com a filosofia racionalista de Lao Tseu, e com a poesia meio niilista dos poetas neo-confucianos.

Tal como a prosa, a poesia reservava-se só a um pequeno círculo de letrados. Os poetas destinavam a maior parte de seus versos ao canto. Língua monossílaba, o chinês prestava-se a uma variada combinação de sons e de tons.

O Che King, livro de versos atribuído a Confúcio, contém uma longa série de poemas religiosos de raro misticismo.

A história da literatura considera Kiu Yuan, que viveu no quarto século a.C., como o pai da poesia chinesa. Ocupava o

poeta alto cargo na corte, de onde fora exilado por discordar do emprego exagerado da força bruta. Passou o resto da vida a vagar, recolhendo velhas lendas e canções populares. Seus "Nova Cantos", impregnados de um forte exorcismo, exerceram longa e profunda influência na poesia de diversas épocas. Em um dia de maior desesperança, Kiu Yuan atirou-se no rio Milo e a recordação desse suicídio perpetuou-se, até hoje, na festa anual do Navio Dragão.

A dinastia Tang, como em todas as outras artes, assistiu também ao período áureo da poesia chinesa.

Nos século VII, VIII e IX, vinte e dois mil poetas ficaram conhecidos, e quarenta e oito mil de suas poesias se conservaram. Dentre eles, o mais célebre foi Li Po, o divino, que cantou em poemas imortais o vinho e as taças de jade. Boêmio inveterado, a lenda conta que, para ir juntar-se a outros boêmios, nas brincadeiras e bebedeiras, por vezes desaparecia da corte, onde o tratavam com todas as honrarias. Não raro, de seus poemas fazia barquinhos, que soltava, para vê-los fugir rio abaixo. Passou a vida em uma espécie de sonho, e a lenda acrescenta que morreu afogado uma noite em que tentara beijar a Lua refletida no lago.

Seu maior amigo, igualmente considerado dos bons poetas da época, Tou Fou, ao contrário, viveu uma vida triste cheia de privações. Em seus poemas, segundo os críticos, usou sempre uma língua mais trabalhada e mais sóbria que Li Po.

Também Wang Wei, tão grande pintor quanto poeta, influenciado pelo budismo, criou em algumas linhas paisagens maravilhosas, todas cheias de suave misticismo.

A dinastia Tang, que viu o florescimento da poesia em sua extraordinária perfeição, findou num imperador-poeta, Li You, que obrigado a abdicar, passou o fim da vida preso em seu palácio, cantando em versos tristes a triste sorte que lhe coubera. Morreu envenenado, a mando de um imperador Song.

No século XI, depois de um período estéril na dinastia Song, brilho Tsong Po, autor de versos escritos em luzente estilo, onde o confucionismo, o Taoísmo e o Budismo se confundiram, sem incoerência, numa só doutrina.

Durante os Ming, os Tsing e os Manchus os poetas limitaram-se a imitar os clássicos do passado.

Enquanto os letrados escreviam poemas em língua mandarim, o povo cultivava seus menestréis que cantavam em língua falada. Aliás, os maravilhosos poetas da época Tang inspiraram-se nesses temas populares, e a poesia moderna na China, que nada deve à clássica, é a herdeira daqueles trovadores populares.

A prosa em língua mandarim compreende contos e ensaios.

Nas épocas remotas, os primeiros ensaios tiveram grande voga, escritos com pensamentos profundos em estilo sóbrio. Logo, porém, transformaram-se em mero exercício de estilo faiscante mas despidos de qualquer interesse.

Já no século VIII, Han You protestou contra a linguagem empolada de seu tempo e buscou exprimir-se de maneira mais concisa. No fim do século XVI, um letrado, Yuan Tcho Lang, escandalizou a corte protestando, sem resultado, contra o absurdo academismo que dominava a literatura, e sustentou que um escritor devia usar a linguagem de seu tempo e criar seu estilo próprio.

Em certos períodos, alguns ensaístas e historiadores criticaram fortemente o governo e as intrigas da corte. Foram seguramente os poetas, entretanto, que em todos os tempos, escaparam ao conformismo. Alguns desenvolveram, por vezes, temas anarquistas e clamaram contra a miséria e a desgraça das massas. Certamente a poesia representou a corrente viva da literatura chinesa.

O povo sempre apreciou os contos, e as numerosas audiências que ouvem atentamente os "contadores de histórias", nas ruas de Pequim, são testemunhas disto.

Aos poucos, ao lado da literatura clássica, uma outra se formou, que adotou a língua falada e abandonou o estilo oficial. Assim apareceram os contos folclóricos, redigidos por letrados que conservaram o anonimato e escreveram as velhas lendas, mas, de certo modo alteradas. Com os Tang apareceram os primeiros contos fantásticos com animais que falavam, fadas e princesas encantadas.

No século X, com a invenção da tipografia, esses contos se multiplicaram e serviram para auxiliar as memórias dos "contadores de histórias", e para os atores do "Pomar das Pereiras" decorarem seus diálogos. O Imperador Tai Tsong fez reuni-los em um volume "Memórias vastas e variadas". A partir dos Ming surgiram os longos romances, contos e lendas, populares, escritos por letrados ou candidatos, não recebidos nos exames, mas possuidores de certa cultura. Esses romances, caudalosos e cheios de personagens, continuam populares até hoje. Numerosas edições se sucedem, às vezes apenas ilustradas

e sem texto, como os "comics" americanos e que circulam em toda parte.

Assim surgiram "O Romance dos Três Reinos" traduzido em diversas línguas, e muito lido no Ocidente; o "Todos os Homens são Irmãos", traduzido por Pearl Buck, conta minuciosamente a vida no tempo dos Song. Entre seus oitocentos personagens, destacam-se os bandidos que atacam as cidades e derrotam os exércitos imperiais e, como nobres cavaleiros errantes, castigam os maus e premiam os bons.

Na época dos Ming, duas obras conheceram grande voga, destacando-se "Viagem nos Países do Ocidente", que relata a peregrinação de um bonzo budista à procura das santas escrituras, e na qual se sucedem as mais extraordinárias aventuras sobrenaturais. Foi desta obra que a Ópera de Pequim extraiu a "Guerra dos Macacos", representada sempre com sucesso.

No reinado dos Tsin, no século XVIII, apareceu o "Sonho do Pavilhão Vermelho", talvez a obra mais lida da literatura chinesa. Descreve a vida de uma família burguesa, com seus 15 homens e 17 mulheres, criados e amigos, as intrigas de amor e as lutas pelas riquezas, os personagens do "Sonho do Pavilhão Vermelho" tornaram-se de tal forma populares que suscitaram uma imensa literatura que os analisou, os combateu ou os endeusou.

O romance havia deixado de ser apenas um divertimento. Alguns escritores se aproveitaram do enredo para mostrar sua visão do mundo, realista, otimista ou pessimista, mas impregnados de individualismo.

O começo do século XX viu a decadência do romance na China.

Em 1916, o escritor Hou Che declarou em seu jornal que a literatura não podia continuar o apanágio de uma pequena elite, mas devia se volver em uma corrente poderosa capaz de se expandir e influir nas massas. Pediu que os escritores abandonassem de vez o "kou Wen" pelo "Pai-Hou", dialeto de Pequim. Tchen Tou Sieu apoiou o manifesto "Sugestão para um Plano de Reforma Literária", publicado por Hou Che, na revista "A Nova Juventude". E esta revista deu o exemplo aparecendo inteiramente escrita em Pai-Hou.

Nos princípios do século, Lin Shou, obtida a versão oral de alguns autores ocidentais, publicou, em mandarim, 93 livros ingleses, 25 franceses, 19 americanos e seis russos, destacando-se entre os autores escolhidos Dickens, Walter Scott, R. Haggard, Conan Doyle, Vitor Hugo, Dumas Pai e Filho, Balzac, Ibsen, Cervantes que seguramente influíram na mocidade da época.

Depois da proposta de Hou Che apoiada por Tchen Tou Ciou uma luta tremenda se travou entre os defensores do passado e os jovens escritores que pretendiam criar a nova literatura chinesa.

Em 1919, Hou Che publicou, em Pai-Hou, o "Esboço da História e da Filosofia Chinesa" e demonstrou que "a gíria vulgar dos puxadores de "pousse-pousse" se tornara, enfim, língua nacional.

As discussões prosseguiram ásperas e violentas. Os inovadores venceram. O Ministro da Educação, em 1920, decidiu que: "todas as escolas primárias nas primeiras e segundas classes

devem usar a língua popular. Todos os textos antigos devem ser suprimidos. Nas terceiras e quartas classes podem ainda serem usados, para se suprimirem depois em 1923".

Esta decisão causou profunda alegria entre os novos que viram, cheios de entusiasmo, sua causa vencedora. Foi a morte da literatura feudal.

E principiou uma outra luta: os que acreditavam na arte pela arte e os que preconizavam a literatura também como arma política. Os dois campos produziram bons escritores. Na poesia, o grupo da "Lua Nova" aproximou-se do romantismo inglês. Hou Che, em seus poemas, cantou o vento e as flores. Eram temas clássicos tratados, porém, com uma fórmula nova. Wen To amou Baudelaire, Pin Chih traduziu Mallarmé, Feng Chih apaixonou-se pelos versos de Rilke e os passou para o chinês. Tem Shien, mais forte que os outros, abandonou toda a influência ocidental e criou uma nova poesia chinesa em novos ritmos.

Em 1921, alguns moços agruparam-se em torno de Mao Touen e Lou Sin e sob sua direção redigiram um manifesto "a Função Política da Literatura". A partir desse momento seguidamente Mao Touen fustigou a idéia de "arte pela arte". Preconizava que a literatura não podia refletir apenas a vida de uma época, mas que nela devia influir decididamente. Nem Hou Che nem Lou Sin era marxistas, e o princípio de subordinar a literatura à luta de classe repugnava a ambos. Mao Touen julgava mesmo que a literatura proletária "contradizia a essência mesmo da literatura, que ficaria um instrumento de propaganda no

sentido mais estreito da palavra". Lou Sin apoiava essa tese e reclamava a inteira liberdade de pensamento para o escritor.

Idêntico se apresentava o problema para o grupo "Criação", fundado em 1922, por alguns estudantes que voltavam do Japão. Destes, salientava-se Kuo Mo Jo que ainda hesitava entre Tolstoi e Lenine. Seu amor pelo romantismo dos poetas alemães igualava seu ódio pelo feudalismo. Entendida que a poesia devia exprimir-se com uma espontaneidade quase inconsciente". Seus belíssimos poemas, reunidos no volume "Deusa", confirmam estes princípios. Formado em Medicina, Senhor de imensa cultura, de erudição universal, soube conservar inalteradas sua profunda sensibilidade e sua inspiração. Traduziu Goethe, Pouchkine, Tolstoi, Gorki, Omar Khayyan e Marx. No exílio, no Japão, estudou a idade de bronze da história da China e os signos dos osteólitos, empregados para adivinhação do futuro. Esses estudos revolucionaram toda a história do antigo Império.

Em 1923, Kuo Mo Jo adotou o ponto de vista "proletário" e declarou:

> "Nós nos opomos à hidra capitalista, nós nos opomos a qualquer religião que renegue a vida. Nós nos opomos a uma literatura de escravos. Nosso movimento apregoa o espírito da classe proletária e da humanidade jovem".
> E assim explicou sua evolução:
> "Antigamente, eu admirava e venerava os homens, que se proclamavam individualistas e livres. Durante os últimos anos, porém, entrei mais intimamente em contato com as

> classes esmagadas pela miséria. Aprendi e compreendi, então, que à imensa maioria dos homens é negada e liberdade e até mesmo um mínimo de individualismo".

O incidente do "Nankim Road" fortificou a posição do grupo "Criação", e Kuo Mo Jo e seus companheiros dirigiram-se para Cantão e consagraram-se à política. Em 1926, publicou "Literatura e Revolução", no qual proclamou que "toda literatura que não é revolucionária usurpa o título de literatura".

Um outro grupo, "O Sol", que se havia separado do "Criação", instigado por motivos especiais, adotou também a tese da literatura politicada. Lou Sin, entretanto, permaneceu na sua atitude de independência e fundou em 1924 uma revista "Yu Seu", na qual colaboraram Lin Yutang e Lao Che. A "Yu Seu" manteve ardente polêmica com os grupo "Criação" e o "Sol". Lou Sin, coerente com sua atitude primitiva, pregou que "a literatura devia ser a expressão da vida social e geral e nunca a manifestação exclusiva de um partido revolucionário. Devia, outrossim, impregnar-se das tendências revolucionárias porque refletia a época atual, animada toda de um espírito de revolta".

Lou Sin continua a ser considerado como um dos melhores escritores modernos da China. Na adolescência preocupava-se em solver o problema da vida do povo chinês, em descobrir o remédio apropriado para seus males e em saber qual seria a causa de tanta desgraça. Estudou Medicina. Um dia assistindo, por acaso, ao suplício de alguns condenados, e vendo o povo inconsciente aplaudir os carrascos, descobriu que o maior

defeito e a causa primordial da infelicidade da massa era a apatia. Descobriu, também, que o único remédio capaz de salvá-los seria um acontecimento que os viesse despertar, tirando-os daquela apatia destruidora. Diante, porém, do fracasso da revolução de 1911, desanimado, renunciou à luta e decidiu ir viver no isolamento. Dedicou-se, então, a copiar os velhos textos, conservando poucos amigos.

Quando da fundação da revista "A Nova Juventude", um de seus amigos pediu-lhe insistentemente que nela colaborasse. Aceitou. Escreveu o "Jornal de um Louco", inspirado talvez em Gogol, no qual denunciou a ordem social baseada em Confúcio. Seguiram-se outros contos, escritos entre 1918-1922, reunidos em volume, o "Grito", e outros mais entre 1922 e 1925, com o título de "Velhos Contos". Traduziu várias obras literárias. Seus comentários cotidianos "Ervas Selvagens", sobre a vida e os acontecimentos de Pequim, belos ensaios e parábolas, fustigaram o governo e ridicularizaram os dirigentes da China do Norte.

A "História de Ah. Q.", estudo da mentalidade chinesa, deu-lhe enorme popularidade e demonstrou o desprezo que nutria pela burguesia, à qual pertencia. Lou Sin viveu dominado da mais intensa compaixão pelos camponeses, cuja sorte, desde milênios, se mantivera igualmente desgraçada sob todos os governos. Descreveu-a com ardente emoção na "Tempestade em uma Xícara de Chá" e na "História de Ah. Q.". Quase todos os personagens de Lou Sin são camponeses analfabetos, atrasados e sem cultura como Ah. Q., ou intelectuais degenerados, loucos e drogados, ou mendigos inconscientes. Todos tem uma consciência mistificada pelas

tradicionais condições sociais e econômicas que lhes impediam qualquer tentativa de melhoria em suas pobres vidas. A importância de reação desses personagens, sua quase cumplicidade com a desgraça, sua desesperada resignação. Os críticos chineses comparam-no a Gorki. A mim parece mais próximo de Gogol, e de certa maneira, Ah. Q. poderia haver inspirado o Processo de Kafka.

Lou Sin depositava todos os seus anseios em uma revolução que um dia viesse melhorar as condições de vida do povo. Permaneceu, todavia, sempre firme em seus princípios: "a literatura politicada e dirigida só conseguiria produzir males e se perder. Os escritores escreveriam maus livros, sem nenhum interesse artístico e que, politicamente, de nada serviriam".

> ..."As obras realmente belas não se criam nunca em obediência a ordens escritas nem se conformam a nenhum constrangimento, mas brotam espontâneas do coração. A revolução necessita de revolucionários, mas a literatura revolucionária não é necessária".

Mais tarde, com a precipitação dos acontecimentos, Lou Sin, entre a literatura e a revolução, optou pela segunda. Declarou então, mais de uma vez. Sua convicção de que a classe proletária dominaria o mundo. Aceitou a presidência da "Liga dos Escritores da Esquerda".

Não participou nunca porém, do que classificou de literatura revolucionária e limitou-se a traduzir Gogol, Pleakanow, Tchekov e Pio Baroja.

A traição de Chiang Kai Chek causou um terrível desencanto tanto a Lou Sin quanto a Mao Touen. – "Parecia que uma era luminosa se ia iniciar, e a desilusão veio pesar profundamente sobre nossos corações", escreveu Mao Touen.

Em 1935, Mao Tse Tung adotou para os comunistas a tática da frente nacional única, e os escritores de todos os partidos, unânimes, responderam ao apelo do jovem líder, decidindo formar um bloco unido contra o inimigo comum. Mao Touen, Lou Sin e Kuo Mo Jo foram os primeiros a assinar o acordo. Lou Sin, com a saúde já muito abalada, atacado de tuberculose, quis, no entanto, entrar na nova luta e declarou: "subscrevo sem reservas a proposta de Mao Tse Tung, porque, além de escritor, sou um cidadão chinês". Sua saúde não lhe permitiu assistir por muito tempo à peleja. Morreu logo. Em seu testamento escreveu esse aforismo de profundo pessimismo:

> "Evita sempre quem te aconselhar tolerância com teus inimigos".

Aquele grupo fundou a "Associação Antijaponesa dos Escritores da Esquerda", em 1938, da qual fez parte durante algum tempo Lin Yu Tang, e que elegeu Lao She para seu presidente. A Associação produziu quase que apenas literatura de propaganda, romances destinados a exaltar o patriotismo e sobretudo peças de teatro, necessárias em um país onde os analfabetos formavam a grande maioria da população e, por isso mesmo, sensível a esse meio de propaganda.

Com a segunda traição de Chiang Kai Chek quase todos os escritores se retiraram para o Yennan.

Em fevereiro de 1931, muitos dos membros da Liga foram presos, alguns fuzilados e outros enterrados vivos! A ordem de Chiang Kai Chek era exterminar, a qualquer custo, os "bandidos escritores". Seu "Bureau de Propaganda" proibia e seqüestrou 49 obras de autores conhecidos, entre as quais as de Lou Sin.

Os discursos de Mao Tse Tung no Fórum de Yennan em 1942, decretaram a morte da literatura "burguesa" na China.

A "Federação Nacional dos Autores e dos Artistas", criada em Pequim, em 1949, e presidida por Kuo Mo Jo, destina-se a "unir toda a literatura patriótica e democrática, e todos os artistas, ao povo chinês, a fim de eliminar definitivamente a possível sobrevivência do imperialismo, do feudalismo e do capitalismo burocrático".

E a "Associação dos Escritores", presidida por Mao Touen, completa aquela, na usa missão política.

Em 1952, na reunião promovida para celebrar o décimo aniversário do "Fórum do Yennan", Mao Touen recomendou que os escritores guardassem em mente a tese de Mao Tse Tung: "O escritor está a serviço das massas e para tanto deve forjar uma nova mentalidade; a Associação deve incumbir-se de dirigir ao povo no caminho do marxismo-leninista e, seguindo a perspectiva marxista-leninista, fazer uma acurada crítica da antiga literatura chinesa e da literatura ocidental".

Entre os escritores modernos da China, além dos já citados, salientam-se Mao Touen que pintou a juventude chinesa

depois de rompimento com Chiang Kai Chek. No "Crepúsculo" e na trilogia "na Escuridão", "Dilema "e "Perseguições", traçou um quadro balzaquiano da vida e dos acontecimentos do seu tempo. Chao Chou Li, considerado como um dos maiores autores vivos, e que goza de grande popularidade, escreve em uma língua de grande finura, mas de quase impossível tradução, a vida da gente simples dos campos. Ting Ling, na "Escuridão" e na "Mãe", entre outros, ocupou-se do drama da mulher na China imperial e pregou apaixonadamente, sua emancipação. Pa Chin é uma sorte de anarquista, e o "Tumulto das Águas", escrito em linguagem de lágrimas e de sangue, descreve cenas de incomensurável tristeza.

A vitória comunista vai conduzindo a literatura para uma posição mais e mais definida na política marxista. Mao Tse Tung, aliás, reuniu em volume as conclusões do Fórum de Yennan "Sobre a Literatura", e ali recomenda que "o escritor não se deve mais contentar em juntar outras flores a uma tapeçaria já não luxuosa, mas se esforçar por mandar carvão aos que sofrem, ao desabrigo, na neve".

Os romances de Chao Che Li e de Li Chi são exemplos marcantes dessa literatura.

O partido comunista assumiu para com os intelectuais antigos a política de "encarregar-se integralmente de suas vidas". Dá-lhes empregos, que lhes permitem ganhar o sustento, e fornece-lhes socorros para o indispensável. Assegura aos jovens intelectuais e artistas trabalho suficiente e bem remunerado. A situação material dos artistas e escritores jamais foi, como hoje, tão próspera, na China. A extensão da cultura multiplicou o número de leitores. Abriram-se inúmeras livrarias. As edições atingem comumente 50.000 exemplares. Os romances de Ting

Lin e de Tcheu Li Po, ambos prêmios Stalin, chegaram a 500.000 exemplares. O preço do escritor é de 1% a 15%, possibilitando-lhe lucros bastante apreciáveis. Quando, para obter melhores informações, o escritor deseja viajar, dentro do país, todas as facilidades lhe são dadas.

Na China Popular, porém, nada é gratuito, quem recebe, paga. E o trabalho que o governo reclama dos escritores não é fácil. Sempre que convocados assistem a reuniões e congressos. Numerosos livros, de fácil compreensão para as crianças das zonas rurais, que só agora aprenderem a ler, foram escritos. Devem participar da formação dos jovens escritores no início da carreira, e ainda dos vários métodos de educar o povo.

As condições do trabalho criador são igualmente austeras. "Para que se possa conduzir as massas mister se faz conhecê-las bem". O escritor se vê, pois, obrigado a longos estágios nas usinas e nas aldeias, a fim de compreender a vida do povo.

Evidentemente o governo não exige de ninguém escrever ou criar uma obra de arte. Cada um decide livremente se criará uma nova pintura ou uma nova escultura, ou se escreverá um novo livro. O Ministério da Cultura e a Associação dos Escritores limitam-se em apelar para seus membros, quando necessitam de seus trabalhos, tal como nos últimos meses, para que escrevessem sobre o cooperativismo e a coletividade. Ninguém é obrigado a responder a esse pedido. Todavia, em virtude do compromisso tácito assumido, a maior parte atende ao apelo.

A censura prévia não existe na China. A Associação nunca intervém no trabalho do artista e do escritor. Publicado o

livro, se este se apresentar contrário à Constituição ou às leis vigentes, é submetido à apreciação de um Comitê judiciário, do qual também participam escritores, que decidirá, então, se a obra será condenada ou seqüestrada. Estes casos contudo aparecem raramente.

As casas editoras e as revistas decidem, por si mesmas, sobre a publicação dos textos oferecidos pelos escritores, sem nenhuma intervenção do governo, ou da Associação.

Evidentemente, na China de hoje, qualquer um não pode fazer imprimir facilmente qualquer texto. A censura posterior, que virá do partido comunista, dos jornais, da Associação dos Escritores e do Ministério da Cultura, atemoriza os editores, as revistas e os próprios autores, que usam das maiores precauções no que escrevem e no que publicam. Salvo esta reserva, ninguém desconhecerá, nem desprezará, o grande esforço realizado pelo Novo Regime em prol da literatura e da arte, nem do progresso na expansão da cultura.

O futuro da literatura chinesa, em todo caso, não corre perigo com o atual governo, que conta entre seus membros um poeta da envergadura de Mao Tse Tung, cujo último livro "Poemas do Vento e da Areia" o colocou entre os melhores poetas de sua terra, e Kuo Mo Jo, escritor de estatura goethiana.

***



As Grandes Reformas

Saúde – Agricultura – Indústria

Saúde

Dentre as numerosas reformas que os séculos de estagnação política não cuidaram de realizar, a mais premente era, sem dúvida, a de assistência à saúde da população.

O chinês caracteriza-se pelo amor às crianças. Até a vitória de Mao Tse Tung, no entanto, apenas às classes privilegiadas se reservavam os cuidados indispensáveis de higiene, de alimentação e de educação da infância. A quase totalidade da população vivia em uma penúria total e mesmo nos campos era espantoso o número de crianças nascidas mortas. Quanto às outras, o índice de mortalidades, nos primeiros anos, era de estarrecer. O limite médio da vida humana não atingia vinte e cinco anos. As inundações e as epidemias faziam colheitas colossais, às quais se juntavam outras, como a exploração da pobreza pelo Senhor feudal. Isso, de certo modo, explica porque o chinês das classes miseráveis, tantas vezes, matava o filho ao nascer, sobretudo quando menina, poupando-a, desse modo, à escravidão, à fome e, seguramente à prostituição.

O Governo Popular rapidamente transformou esse panorama tétrico.

Enorme foi minha surpresa ao visitar uma vila operária, em Shangai, assim como um bairro de trabalhadores em Pequim. Nas escolas maternais as criancinhas correram para mim gritando "Hai" "Hai" (titia), coradas, alegres, limpinhas, e bem vestidas.

Difícil me será acreditar, que a propaganda marxista possa induzir e industriar nenês de dois a quatro anos a representarem uma alegria e uma confiança que não sentem; essa espontaneidade testemunha o bom trato que recebem.

Nos velhos tempos, freqüentavam escolas só os filhos da gente abastada e poderosa; às outras crianças cabia só o trabalho, a partir dos cinco anos.

O governo, desde seu início, dedicou o melhor de seu esforço à saúde pública. A varíola; a cólera e a tuberculose desapareceram, e a peste surge em pequenos surtos esporádicos, unicamente em regiões afastadas e imediatamente socorridas. A mortalidade das parturientes diminuiu de 90% nas cidades. O governo deve essa vitória quase inacreditável à política dos quatro princípios essenciais, que dirigiram a luta contra as moléstias e as epidemias:

1) colocar a medicina a serviço dos operários e camponeses;
2) prevenir, ao invés de curar;
3 empregar métodos modernos, sem abandonar alguns dos tradicionais;
4) unir a medicina ao movimento das massas.

Sem perda de tempo, criou-se e se desenvolveu um vasto serviço hospitalar, em todo o país.

O Hospital Infantil de Pequim possui mais de 600 leitos e um belo quadro de 1.000 empregados, entre enfermeiros e médicos.

Construiu-se igualmente em Shangai um novo e bem equipado hospital para crianças, assim como outros destinados aos operários das usinas metalúrgicas de Acha e da tecelagem de Tien Tsien.

Em todos esses hospitais, munidos dos recursos mais modernos, médicos e enfermeiras dedicam-se tanto aos tratamentos necessários no momento quanto a esclarecimentos sobre higiene e cuidados elementares de socorros rápidos.

Visitei em Pequim um hospital de ginecologia, e apesar de minha ignorância em medicina, pude verificar quão difundido se encontra ali o método de Pavlow (parto sem dor). Entrei em uma sala onde duas raparigas, quase na hora do nascimento da criança, sorriam com uma fisionomia plácida, sem sinal de sofrimento. A doutora que me acompanhava declarou que raras, muito raras, eram as parturientes que hoje não recorrem àquele sistema. Esse hospital, como outros, em diversos bairros, atende mulheres de todas as condições.

Não existem mais, na China, casa de saúde privadas.

Em um dormitório de umas vinte moças, assisti a uma aula de como tratar, vestir, alimentar o recém-nascido. A professora servia-se de um boneco para demonstrações práticas, seguidas atentamente pelas alunas. No berçário, alegre e limpo, sem nenhum luxo, estavam os mais fortes, corados e rechonchudos bebês que vi me minha vida. Os medicamentos ali empregados são todos de fabricação chinesa ou russa.

O governo criou igualmente centros de repouso para operários convalescentes, vítimas de moléstias incuráveis, assim como para velhos impossibilitados de trabalhar.

Dirigidos pelos sindicatos de operários ou de camponeses, que participam ativamente da proteção sanitária, esses centros começam a se espalhar pelo país inteiro.

As maternidades e escolas maternais multiplicaram-se, após à revolução, e, se desdobram em equipes móveis que percorrem aldeias e atendem chamados urgentes. É de notar que esses cuidados se praticam como um dever do Estado para com o povo, e nunca como um ato de caridade, humilhante e desagradável.

Antigamente, como em outros países, uma mulher grávida via-se despedida rapidamente do emprego, e as mais das vezes, deixada ao abandono. Proibida essa prática desumana, ao contrário, a mulher aufere, por direito, um período de repouso, de 30 dias, antes do parto, e de 70 dias, após.

A fim de organizar os quadros sanitários praticamente inexistentes, o governo criou um curso de medicina e de cirurgia acelerado, que formou em três anos 11.000 médicos, um ensino ainda mais rápido, que preparou 66.000 enfermeiros e outros elementar, de cuidados de higiene, que em poucos anos deu 3.000.000 de indivíduos aptos ao serviço.

Evidentemente tal método não devia perdurar, porque não permitiria o advento de grande cientistas e operadores, e a China voltou aos sistemas usuais de ensino da medicina. Serviu, entretanto, para prevenir e evitar as epidemias que dizimavam a população.

Foi a luta, por meio de vacinas e higiene, contra a varíola, a cólera , a difteria e a tuberculose.

Antes da revolução, a velha e milenar medicina chinesa nunca se havia interessado pela medicina ocidental. Esta, por sua vez, a desprezava, julgando atrasados e empíricos seus medicamentos, preparados à base de raízes, ossos de animais, e seus métodos de cura transmitidos de geração a geração.

No entanto, são inúmeras e seculares as descobertas chinesas na medicina. O diagnóstico da enfermidades pelo sistema de exame das pulsações, tomadas em diferentes alturas do braço, data do V século a.C.

Na dinastia Han, o emprego da anestesia permitia sérias intervenções cirúrgicas no abdome, sem sofrimento para o paciente.

Principiaram nesse tempo os métodos de medicina preventiva, a hidroterapia, a ginástica, o boxe chinês, a cura das moléstias da pele pelo mercúrio e o enxofre.

Entre o ano 600 e o ano 1.000 d.C., a China possuía o maior Centro Médico do universo e o "Instituto de Medicina Imperial", fundado em 700 d.C., existiu dois séculos antes de ser criada a escola de Medicina Italiana de Salermo.

Os primeiros hospitais datam de 501 d.C., quando os bonzos budistas e taoístas rivalizaram no tratamento dos doentes.

A farmacopéia chinesa é extraordinária. Durante dois mil anos os catálogos de remédios sucederam-se. Dentre os medicamente usados desde a dinastia Han, 100 a.C., 80 estão ainda em uso corrente, e com êxito. No século XVI, Pequim editou um "Compêndio de Medicina" com umas 10.000 receitas, muitas empregadas até nossos dias.

Depois da dinastia Manchu a ciência médica não fez mais progressos.

Os médicos "chineses" continuam a exercer a profissão, sobretudo nos campos. O governo, deles se utiliza, para a difusão do sistema de higiene e de profilaxia, porque gozam da confiança do povo. Cursam universidades mais de 40.000 desses médicos em aprendizagem de higiene moderna.

Mao Tse Tung recomendou aos de "preparo ocidental" que estudassem os métodos chineses provados eficientes em longos anos de prática e buscassem descobrir a razão científica de tal sucesso. Nos hospitais de agora, médicos "antigos" e "modernos" unem seus conhecimentos para aliviar o sofrimento humano. Assim um mesmo impulso, um mesmo entusiasmo junto toda uma nação na grande campanha de higiene e de saúde.

Os visíveis resultados obtidos espantam os estrangeiros que visitam o país. A China outrora infectada de moscas está totalmente livre deste flagelo, e a campanha contra os ratos já vai produzindo os mesmos efeitos.

Nesse quase exagero de cuidados desapareceram também os cães e os gatos, julgados capazes de transmitirem enfermidades. Os mendigos que exibiam feridas repugnantes, sumiram. Não se vê mais as moléstias de olhos, nem olhos purulentos, que torturavam mais de 80% da população.

A campanha sanitária realizou-se por meio de: jornais, cinema, cartazes ilustrados, exposições, explicações públicas das quais participavam técnicos e sindicatos de operários e camponeses. Nesse magnífico apostolado as mulheres representaram papel

preponderante. Aliás, muito numerosas são as que exercem a profissão em todos os ramos da medicina; no hospital ginecológico que visitei em Pequim, por exemplo, não havia um único homem. Apenas médicas, enfermeiras e cirurgiãs. Nas cidades, elas ocupam-se totalmente da pediatria.

A acupuntura, o "Tchen", método de curar que data de mais de 5.000 anos, continua vastamente empregado, ao mesmo tempo que os mais modernos antibióticos. Na dinastia Song apareceu um tratado de medicina que explicava, baseado em uma maqueta de bronze reproduzindo o corpo humano, os pontos que o Tchen Kou devia tocar, para a cura ou alívio de certas moléstias. No século XIII fabricavam-se na China figuras de bronze com centenas de orifícios correspondentes aos locais onde se aplicariam as agulhas do acupunturador. Cobriam essas figuras de cera e os estudantes exercitavam-se em encontrar os pontos correspondentes a tal ou qual enfermidade.

Depois que experimentei, eu mesma, seus benefícios em uma nevralgia que me atormentava há meses e ria-se de todos os tratamentos, busquei saber quais outros males que a acupuntura pretende curar. Alivia lumbagos, nevralgia, enxaquecas, má circulação. Dizem ser eficaz nos distúrbios nervosos, na angústia, e na neurastenia. Seu principal campo de ação, porém, são as moléstias orgânicas. É a seguinte a teoria: alguns pontos cutâneos e subcutâneos ligam-se por um "meridiano" ou "fluxo vital" a um ou outro dos principais órgãos do corpo humano. Tocando estes pontos as agulhas atuam sobre o órgão correspondente. As agulhas de ouro ou prata ligam-se ao princípio das forças positivas e

negativas de Yang e do Ying. A experiência oriental, corroborada pela ocidental, reconhece nas agulhas de prata um poder sedativo e calmante, e nas de ouro excitante e vitalizante. Dizem os técnicos que a eletroquímica prova essa ação calmante das agulhas de prata e a excitante das de ouro.

O médico acupunturador espeta, assim, nas diversas regiões as duas agulhas, segundo julga necessário. Uma vez colocadas nas que pretende curar, às vezes profundamente (algumas vão de 1 a 2 e meio cm), deixam-nas ficar durante um espaço de tempo que varia de 10 a 15 minutos.

Em Paris, em 1953, um acupunturador, Edouard Berladier, acusado de exercício ilegal da Medicina, foi a julgamento. Sacha Guitry, Joseph Kessel, Marcel Pagnol, Arthur Honneguer, entre outros, depuseram como testemunhas a seu favor. Lembro-me do escândalo causado nos jornais. Mesmo a despeito de tão brilhantes testemunhas, Berladier viu-se condenado, Reabilitou-se em 1954, recebendo do governo francês a cruz de mérito civil. Esse episódio de certa forma reabilitou também a acupuntura no Ocidente, e em diversas universidades criaram-se, agora, cátedras da matéria.

Na China o "acupunturador" examina o paciente pelo método das pulsações, tomadas em diversos pontos nos dois braços.

Não pretende curar nenhuma moléstia de origem microbiana, nem tampouco o câncer. Mesmo, nesses casos, porém, auxilia o doente, pelo aumento de sua resistência física.

A origem da acupuntura perde-se no tempo. O primeiro livro que detalhadamente trata de seus métodos, o "Nuei King" data de 200 anos a.C., mas se refere a experiências e observações feitas a 5.000 anos.

Os grandes filósofos chineses basearam sua doutrina nos princípios contrários, 225 anos a.C., Fou Hi incluiu a acupuntura na sua explicação do universo.

Julgava que o mundo vivesse em oscilação perpétua entre o Yang e o Ying; esta polarização elétrica, antes da descoberta da eletricidade, por assim dizer, dava nascimento a seres vivos e mesmo inertes.

Nenhuma escola de medicina ocidental encontrou até hoje explicação científica para esse método, que sempre classificou de empírico, mas não soube negar-lhe os resultados, provados desde milênios.

Ouvi, em Paris, de um grande homem de ciência, que a acupuntura chinesa podia explicar-se por fenômenos eletrônicos nas propriedades da moléculas, ficando a eletricidade substituída pela ação das agulhas.

A acupuntura distinguiu oitocentos pontos sensíveis no corpo humano. Para exercer o método, no entanto, basta que o médico conheça três por meridiano.

Na minha ignorância nada afirmo, exceto o maravilhoso, o milagroso resultado que obtive pelo tratamento.

***

Reforma Agrária

O ano 209 a.C. assinalou a primeira revolução dos camponeses na China, movidos pela ambição de uma reforma agrária. Todas as "Jaqueiras" que desde então ali arrebentaram basearam-se em idêntico motivo e trouxeram sempre como programa uma redistribuição de terras, em um sistema de comunismo rudimentar.

O Governo Popular, com imensa coragem, enfrentando problemas aparentemente insolúveis, realizou, afinal, a velha aspiração: redistribuiu 47 milhões de hectares no país inteiro.

Em um golpe genial descobriu como sua melhor arma de vitória a persuasão, transformou a noção do "voluntariado" tornando-o, paradoxalmente, unânime e obrigatório. Antes de qualquer reforma, ou qualquer ação, explica a questão ao povo, provando-lhe de que lado está o bem, e de qual o mal.

De um, o passado miserável, de outro, um futuro luminoso.

Em conferências públicas, discussões entre a massa e os especialistas da matéria, em propaganda nos jornais, transfere a idéia ao povo, que acaba por pedi-la como única solução possível.

A fim de dar aos homens do campo a consciência de sua independência social e política, necessitou o Kungchantang de transformar-lhes a situação econômica, para torná-los aptos a prover à própria subsistência.

Nas primeiras zonas comunistas libertadas, Mao Tse Tung realizou logo a reforma agrária. Os Senhores feudais perderam a posse da gleba, que foi logo repartida entre os habitantes das aldeias, segundo normas preestabelecidas. A necessidade de continuar e vencer a guerra contra os japoneses atrasou este empreendimento.

Quando, porém, o Senhor proprietário colaborava com o inimigo, desapropriavam-lhe as terras que, imediatamente, eram distribuídas entre os camponeses.

Mesmo durante a guerra, os chefes comunistas tentaram melhorar a situação da zona rural.

Regulamentaram a locação das terras a 37%, no máximo, por colheita. Exterminaram com o sistema de usura, que reinava vergonhosamente. Reduziram a 10% ao ano a taxa dos empréstimos efetuados em brancos ou com o Senhor proprietário, taxa que antes atingia a 20,50 e até 100% ao ano, e obrigava o camponês a empenhar o total da colheita em uma diabólica engrenagem. O contrato de arrendamento de terras ficou obrigatório, e a Associação dos Camponeses, organizada para proteger seus interesses, fiscalizava todas as modalidades desses instrumentos.

Os impostos recolhidos pelo Estado, mesmo desde o tempo do Império e do Kuomintang, eram módicos. A quantidade de intermediários e de funcionários encarregados da coleta, elevavam, entretanto, em proveito próprio, essa taxa a uma verdadeira extorsão.

Nas zonas comunistas, o governo fixou como imposto único e de forma progressiva, 15% anual sobre a colheita, indo de 0% aos deserdados até o total aos mais abastados, e 5% aos pequenos agricultores.

Na impossibilidade, pela premência do esforço de guerra, de levar avante a reforma, o Kungchantang procurou aumentar a produção para elevar o padrão de vida da população rural. Empregava uma propaganda inteligente: "o cidadão comunista é tão bom soldado quanto agricultor".

A experiência do "Nanniwan", com o batalhão de elite número 359, encarregou-se de provar a veracidade do "slogan" e a possibilidade de cultivar, com magnífico resultado, regiões até então improdutivas.

Porque não se havia podido modificar o sistema agrário, imensos domínios permaneciam inúteis, enquanto os pequenos fazendeiros, carregados de família, não conseguiam tirar da pouca terra de que dispunham, o sustento indispensável.

Em determinada zona, um certo Wu Mau You descobriu um meio, na "troca de trabalho", de aumentar a produção; os resultados convincentes fixaram o método como modelo.

O governo não o decretou como obrigatório. Realizou-o pelo exemplo. Aos poucos os benefícios advindos, nas aldeias que se alinharam ao método Wu Mau You foram tais que, outras, sem hesitar, puseram-se a segui-las. Esse sistema cooperativo permitia dividir pela comunidades os riscos e as desigualdades econômicas individuais. Os "grupos de troca de trabalho" formavam-se de doze ou mais agricultores que juntaram em coletividade terras, animais, ferramentas agrárias e mão-de-obra. Ao invés de pequenas e variadas culturas individuais, faziam-nas em maior extensão, em grandes espaços, com as mesma qualidades, de vegetais ou cereais e com economia de tempo e de material.

A propriedade da gleba permanecia idêntica, mas as culturas se repartiam segundo a qualidade do terreno e as colheitas se dividiam segundo a qualidade do terreno e as colheitas se dividiam segundo número de "mous" ou a quantidade de trabalho fornecido por cada um.

Já a primeira colheita deu um terço a mais de lucro na produção. E o governo induziu a população rural a não se contentar com este resultado. O chinês, trabalhador por natureza, quis colaborar melhor com o governo e se garantir contra possíveis catástrofes, tais como inundações ou secas periódicas em certas regiões. Desbravaram novos lotes, até então agrestes e improdutivos, e os consideraram propriedade coletiva. Em 1944, dois anos após, todas as famílias da zona rural onde se iniciara a experiência guardavam em seus celeiros o equivalente de uma colheita anual. Assim se efetuou uma profunda transformação na estrutura social da vida do mundo rural.

Do Império, até o fim do Kuomintang, os camponeses se dividiam em quatro categorias: os grandes proprietários, Senhores feudais; o fazendeiro arrendatário de terras, geralmente crivado de dívidas e que terminava trabalhando como servo; o pequeno proprietário, também arruinado e já quase desaparecido; o operário agrícola, que recebia como único salário uma parca alimentação.

Nas regiões governadas pelos comunistas, a vida do lavrador melhorou sobremodo, pela diminuição das taxas do aluguel das terras, das dos juros e das dos impostos e mais ainda pela exploração coletiva, dos grupos de "troca de trabalho" e das cooperativas dos novos terrenos arroteados. Graças a esses métodos,

muitos dos pequenos proprietários e fazendeiros conseguiram pagar as dívidas e ficaram economicamente independentes. Já no fim da guerra, não se encontravam, naquelas regiões, os mendigos que apareciam em cada canto de rua, anteriormente, e raramente se via um lavrador manejar sozinho a pesada charrua.

Desde 1927, Mao Tse Tung compreendera que, nos campos, estava a vitória do socialismo chinês, e a reforma agrária tornou-se o primordial objetivo dos comunistas e o instrumento que lhes asseguraria o sucesso. Em 1940, deu-se, de novo, início às expropriações dos domínios, interrompidas em 1935. Em 1947, uma "conferência agrária nacional" elaborou a lei que seria promulgada em junho de 1950. Foram expropriados os Senhores que exploravam as terras com trabalho alugado, requisitados os bens dos templos, mosteiros, igrejas e escolas missionárias. Os camponeses ricos conservaram apenas as terras que pudessem cultivar com o próprio esforço e os pequenos proprietários todos os seus "mous".

Os principais itens da resolução da conferência agrária assim decidiram:

> Artigo I – Fica abolido o sistema agrário da exploração feudal e semifeudal. Fica estabelecido o sistema "a terra pertence a quem a cultiva".
> Artigo 2 – Ficam abolidos os direitos de propriedade de terras.
> Artigo 3 – Ficam abolidas as propriedades de terras dos altares dos antepassados, dos templos, dos mosteiros, das escolas, das instituições.

> Artigo 4 – Ficam anuladas todas as dívidas contratadas nos campos, antes da reforma.
> Artigo 5 – A Assembléia dos camponeses, nas aldeias, e o comitê por ele eleito, ficam encarregados da reforma agrária como órgão executivo legal.
> etc. etc. etc.
> Artigo 8 – Os sindicatos dos camponeses apoderar-se-ão dos animais, do gado, dos instrumentos agrícolas, das casas, das provisões alimentares e outras propriedades dos camponeses ricos e as distribuirão àqueles a quem falte esses objetos. Parte equivalente ficará para o proprietário, tornando-se propriedade pessoal a que for distribuída a cada indivíduo. Destarte, as populações das aldeias ficarão aptas a obter a terra e o material necessário à produção de seus meios de subsistência.

A lei previu, igualmente, que as minas, as florestas, a força hidráulica, os lugares históricos constituíssem propriedades do Estado e que os soldados do Kuomintang, assim como as famílias dos "colaboradores", quando provado inocentes, recebessem igual parte na distribuição geral.

Esta reforma, dentro do panorama chinês, custou um mínimo de violência e apenas os Senhores proprietários, culpados de "dívida de sangue", foram executados. Os reconhecidos pelos seus fazendeiros, como inocentes, ficaram em suas aldeias e receberam seu quinhão de terra, igual ao dos camponeses menos afortunados.

A reforma não tentou criar uma perfeita igualdade e preocupou-se mais em conseguir maior produção e mais alto padrão de vida geral. Os pequenos e médios proprietários guardaram terras maiores do que as distribuídas aos que dantes nada possuíam.

A fim de assegurar uma estabilidade social, necessária à produção, a lei não previu aumentar ou diminuir o tamanho da propriedade, segundo o acréscimo ou a diminuição da família. Em 19512, quando se completou a primeira fase da reforma, 47 milhões de hectares haviam sido distribuídos a 300 milhões de camponeses, isto é, 77%da população.

Mao Tse Tung, para dar aos lavradores a consciência da absoluta transformação da estrutura do país, para fazê-los perder o medo ancestral do Senhor feudal e de um retorno ao antigo regime, para que compreendessem o sentido profundo da revolução, que era a deles, da qual nada deviam receber como benefícios gratuitos, e sim, como direito de conquista, não distribuiu as terras; antes auxiliou-os a delas se apossarem, segundo divisões prescritas.

A colaboração das massas e dos quadros dirigentes aparece como uma das mais interessantes características da revolução chinesa, e explica o imenso apoio que Mao Tse Tung encontrou e encontra na população rural. Sem esse apoio a revolução não podia sequer haver começado. O proletariado era na China, por assim dizer, inexistente, enquanto que, entre cinco soldados do Paluchum, quatro pertenciam à zona rural.

O "ajuste de contas" foi o sistema empregado para dar ao trabalhador rural a consciência de sua nova situação.

Um sindicato de camponeses preparava-os cautelosamente e em uma tarde predeterminada, na volta dos trabalhos dos campos, reunia-se em uma praça da aldeia. A cerimônia durava, por vezes, alguns dias.

Os grandes proprietários e os Senhores compareciam um por um diante da Assembléia do povo. Sucessivamente deviam responder pelos crimes cometidos e, individualmente, os camponeses os examinavam, um por um.

Evidentemente cometeram-se muitos abusos, mas menos injustiças do que o longo calvário sofrido pelo povo indefeso durante tantos séculos. Esse "ajuste de contas", que não fazia parte da reforma agrária, obrigava os Senhores a restituir o montante das extorsões praticadas, e como não possuíssem no momento numerário suficiente, viam-se obrigados a vender terras e bens.

Não raro os camponeses deixavam-lhes um pedaço de terra suficiente para viverem. Praticamente, porém, ficaram abolidos os privilégios feudais. Não foi uma simples confiscação, mas um processo mais complexo de justiça, realizado tardiamente.

Terminada a primeira etapa, necessário se fazia empreender a seguinte, a fim de evitar a volta a um novo capitalismo agrícola: os comunistas jamais julgaram definitiva a distribuição e posse das terras, mas consideravam-se como meio de chegar ao socialismo perfeito. O lavrador cuja família aumentasse demasiado, ou o que não tivesse filhos adultos que o auxiliassem,

empobrecendo, chegaria à situação anterior, de operário explorado pelos novos capitalistas. A injustiça de classe continuaria como dantes. Para fugir dessa perigosa regressão, recorreu-se rapidamente ao coletivismo, designo ideal da revolução.

Em 1943, Mao Tse Tung declarava: "o coletivismo progressivo é o único processo possível para que o camponês vença a miséria, e, segundo Lenine, o único caminho para o coletivismo é o das cooperativas".

E por uma propaganda bem agenciada o governo convenceu os camponeses da verdade daquele princípio.

De igual modo, certo de ser o coletivismo o meio indispensável para obter a mecanização total da agricultura e sua industrialização, deu início à segunda etapa da reforma.

A partir de 1947, a experiência das equipes de "auxílio mútuo" (troca de trabalho) na Manchúria, na China do Norte, no Chantung e no Kiang, produziu resultados espantosos.

Em 1949,o Comitê Central, no curso de sua segunda sessão plenária, decretou indispensável o coletivismo na agricultura.

O artigo 34 do "Programa Comum", que serviu de Constituição entre 1949 e 1954, estipulava: "em todas as regiões onde a reforma agrária se houver completado, o Governo Popular deverá dirigir a organização dos agricultores, e de todas as forças de trabalho utilizáveis na agricultura, para desenvolver sua produção. Deve, outrossim, estimular a organização de auxílio mútuo no trabalho e de cooperação na produção, segundo o "princípio do livre consentimento e dos interesses comuns".

Logo após a reforma, os camponeses haviam compreendido a necessidade de constituírem "unidades de auxílio", baseados no princípio do trabalho coletivo, sem ferir o da propriedade privada.

Nas aldeias, certas famílias possuíam excesso de trabalhadores, enquanto outras careciam de braços para a tarefa diária. Por si mesmos foram verificando, então, que, unicamente reunidos em grupos, chegariam a bons resultados, no cultivo e na colheita, sem prejuízo para ninguém, antes de lucro para todos.

Por toda parte se organizaram, imediatamente, as equipes de "auxílio mútuo". As cooperativas começaram lentamente a surgir. Em dezembro de 1951, apenas 300 exerciam suas funções. Em 1952, havia 4.000; em 1953, 14.000. O progresso a princípio parecia vagaroso e demorado, mas o tato político de Mao Tse Tung e seu prestígio facilitaram a tarefa final.

Em fins de 1953, ao mesmo tempo em que monopolizou a compra e distribuição de certos produtos alimentícios, o governo decidiu acelerar o movimento das equipes de "auxílio mútuo" e das cooperativas.

Na primavera de 1954, as cooperativas contavam-se em número de 95.000; em setembro de 1955, de 650.000, agrupando 15 milhões de famílias, isto é, 13% da população.

Em junho de 1956, 90$ da população rural encontrava-se organizada em cooperativas. Em fins de 1957, contava o governo estarem já em funcionamento 2 milhões de cooperativas, ficando assim a agricultura chinesa completamente organizada.

Mao Tse Tung realizou tremendo esforço acelerado do sistema, a fim de poder mais rapidamente atingir o segundo estágio da revolução, a socialização definitiva do país.

Resta-lhe ainda efetuar a mecanização da agricultura, dependente do desenvolvimento da indústria que lhe fornecerá as máquinas, e da educação dos lavradores.

Quando estes, esquecidos dos velhos métodos de cultura da terra, herdados dos pais e dos antepassados, até a milésima geração, adotarem os modernos, propostos pelo governo, e empregarem as máquinas fabricadas pela indústria chinesa, a República Popular será a maior Potência agrícola do universo.

Os agrônomos do mundo inteiro reconheceram, já como fato estabelecido, a extraordinária metamorfose da vida do camponês chinês.

***

Reforma Industrial

A aspiração máxima de Mao Tse Tung e de sua equipe é fazer da China uma imensa Potência Industrial Socialista.

Alguns anos talvez se passarão, porém, antes que consiga atingir essa meta ideal.

A economia chinesa encontra-se ainda insuficientemente desenvolvida e sua indústria acaba de sair do estado embrionário. Daí o governo tolerar e incitar, mesmo a criação de um certo capital privado.

A bandeira da China popular ostenta cinco estrelas, uma maior, representando o proletariado, e quatro menores: o camponês, o exército, o comércio e a burguesia nacional.

A revolução eliminou os grandes capitalistas como exploradores do povo, condenou os "irrecuperáveis" à prisão perpétua.

As prisões chinesas, entretanto, em nada se assemelham às do Ocidente. São centros de reeducação, de ensino do "pensamento político correto", segundo a dialética marxista-leninista. Sempre que o capitalista se mostrar elemento de auxílio no aumento da produção, e provar haver-se convertido e adotado a doutrina preconizada pelo regime, obtém a remissão da pena. Ao governo não interessam perseguições individuais, pois necessita de todos e de cada um; adota o ex-condenado que se tornar simpatizante primeiro e partidário ardoroso em seguida, como tantas vezes já sucedeu.

O caráter semicapitalista do regime neutraliza-se, entretanto, pela nacionalização das empresas básicas e a instituição de organismos encarregados de controlar o funcionamento do sistema.

O "Programa Comum" estabelecera, no art. 6:

> "O princípio da Constituição Econômica da República Popular consiste em realizar o desenvolvimento da produção, e instituir uma economia próspera, graças a uma política que se ocupará, ao mesmo tempo, de interesses públicos e privados, interesses do trabalho e do capital, e de auxílio mútuo entre as cidades e as zonas rurais, assim como da troca de bens no interior na China".

O Estado igualmente se encarregará de coordenar os diversos ramos da economia nacionalizada e seminacionalizada, cooperativas ou indústrias privadas e artesanatos rurais.

Em 1956, o Governo Popular deu como palavra de ordem "produzir, produzir mais, e produzir melhor".

Depois da guerra da Coréia, o herói da China deixou de ser o soldado, para ser o operário que no momento consiga maior rendimento diário em seu trabalho.

No "hall" de entrada das usinas, um quadro-negro traz o nome ou os nomes dos "operários de elite" e suas fotografias. Durante o mês dessa vitória, cabe-lhes o direito de colocar uma bandeira vermelha na máquina em que trabalham. Essa emulação é comovente e quase ingênua.

No entanto, a despeito do grande esforço aplicado e da propaganda, o país não contava até 1956 mais de três milhões de

operários . E pouco, é muito pouco para a ambição de seus dirigentes.

Apenas saída da escola primária, a criança da cidade ou dos campos, que demonstra maior inclinação operária, freqüentará escola de artesanato, onde se forja a geração que se transformará na força viva da China. Aí se lhes ensina a pensar segundo a doutrina, e a bem conhecer a máquina que servirá à grandeza da pátria.

Em cada uma das salas dessas escolas um grande retrato de Mao, sorridente e paternal, preside à preparação da nova juventude.

Quando visitei a fábrica de tecelagem "Sing Cotton Mills n.º 9", de Shangai, o proprietário, Wu Tsong-Yi, explicou-me longamente o aperfeiçoamento de suas máquinas, o sistema de aspiração do pó do algodão, a ventilação das salas. As operárias que trabalhavam ali, e que vi voltarem do almoço, mostravam aspecto saudável e a alegria que em geral o povo apresenta.

A China popular criou de certo modo, com o operário, a nova aristocracia. Aliás a Constituição de 1954 diz em seu Artigo I: "A República Popular Chinesa é um Estado democrático popular, dirigido pela classe operária e baseado na aliança dos operários e camponeses".

Atualmente os camponeses são mais de quatrocentos milhões e os operários uns três milhões.

Mesmo assim representam estes a aristocracia do regime. Ao camponês não cabe o benefício do seguro social, embora pague o imposto anual de 10%; enquanto que o operário, gozando daquele favor, está isento de qualquer imposto.

No Congresso, os camponeses têm direito a um representante para cada 280.000 eleitores; os operários, um para cada

100.000. Mesmo no pequeno racionamento ainda existente, o operário acha-se melhor aquinhoado. O governo, ao contrário de disfarçá-la, alardeia essa situação. Seus representantes percorrem as aldeias, onde explicam detalhadamente tais vantagens, e pedem que os pais mandem os filhos às escolas de artesanato.

Mao Tse Tung declarou enfaticamente em um famoso discurso:

> "Sob a direção da classe operária e do partido comunista a China passará de país agrícola a Estado industrial e, sucessivamente, de Nova Democracia à Sociedade Socialista, e, em seguida, à Sociedade Comunista, eliminando classes e realizando a harmonia universal".

A classe operária, por sua vez, mostra-se convicta de seus deveres. Em Shangai, quando visitei uma tecelagem, Tson-Yi seu proprietário explicou-me que cada operário sabe que na usina onde trabalha, as máquinas e o material lhe pertencem, porque pertencem ao Estado, e o Estado é do povo, e o povo é ele. Desse fato, decorre, como conseqüência, o cuidado e o desvelo do trabalhador para com o prédio, as máquinas e tudo o que ali estiver. Porque roubar ao Estado seria roubar a si próprio. A fiscalização mútua nas reuniões de crítica e autocrítica ampliam e completam esse quadro.

Desde os princípios do século a luta operária crescera na China, incrementada pelas perseguições e pelas condições miseráveis dos trabalhadores.

Em 1922, Joffe, delegado da União Soviética, percorrera todo o país pregando a fundação de sindicatos. Isso bastante contribuiu para acelerar o movimento operário.

Em 1925, existiam em Cantão, a cidade revolucionária por excelência, 125.573 operários sindicalizados.

O partido comunista ocupou-se, particularmente, em organizar em sindicatos os empregados ferroviários.

Começaram então greves, sobretudo na linha Pequim-Hankow, com conflitos sangrentos e selvagens.

Em Shangai, quando os industriais quiseram estabelecer salários segundo as unidades produzidas, método abandonado de há muito no Ocidente, os sindicatos, insuflados pelos comunistas, provocaram uma greve de protesto e obtiveram ganho de causa.

Mais tarde, 30.000 operários, que reclamavam aumento de salário aos industriais japoneses, tomaram de assalto as usinas sob as vistas complacentes da polícia chinesa. A brigada militar nipônica reagiu e matou sete operários e um chefe militante comunista. Novamente, em sinal de protesto, cinco mil trabalhadores acompanharam os despojos dos companheiros e os estudantes organizaram imensas manifestações de solidariedade. A polícia britânica interveio e efetuou numerosas prisões.

Pouco tempo depois foi a grave incidente da "Nanking Road", quando a polícia britânica atirou sobre os estudantes, feriu gravemente uns quinze e matou doze.

O país inteiro tremeu de indignação. O povo unânime, mesmo os industriais capitalistas de Shangai clamaram vingança e pediram a abolição da extraterritorialidade. Os ocidentais, porém,

Senhores absolutos da energia elétrica, cortaram-na para as usinas chinesas.

O interesse de classe venceu o interesse nacional.

Mais tarde, a traição de Chiang Kai Chek e a perseguição dos comunistas jugularam o movimento operário.

Em 1929, uma lei fixou o novo estatuto dos sindicatos, na base dita de cooperação, submeteu os operários aos empregadores e limitou o direito de greve, suprimido logo após, e definitivamente em 1930.

O proletariado encontrou-se, então, em absoluta impotência para reclamar o mais íntimo de seus direitos.

Inábil na defesa de sua economia, a burguesia fracassou igualmente nas reivindicações nacionalistas.

Os japoneses haviam fundado em Shangai uma organização denominada "Pequeno Tóquio" onde copiaram as casas e costumes de seu país, e onde viviam mais de 20.000 japoneses. Por ocasião da conquista do Manchuko e do boicote dos produtos japoneses, estudantes, povo e operários atacaram e danificaram esse bairro. O Império do Sol Levante protestou com energia, e mandou, uma noite, desembarcar de um navio de guerra pelotões de marinheiros armados, que incendiaram a universidade chinesa, escolas, teatros, casas de comércio, feriram e mataram civis inocentes, sem distinção de culpa.

Diante da reação na opinião pública, o Gaimucho mandou uma mensagem "lamentando o engano que causara o incidente", Foi tudo. Em 1937, cinco anos mais tarde, o Japão invadiu e conquistou Shangai.

Houvesse um proletariado organizado, e os industriais chineses poderiam ter salvo, pelo menos, a metade das indústrias, transportando a maquinaria para o interior do país. Assistiram, entretanto, paralisados pela impotência, oriunda da desorganização, ao desmantelamento de suas usinas que foram para o Japão, deixando sem trabalho 800.000 operários.

Milhões de chineses sem abrigo, sem trabalho, forma-se refugiar nas concessões estrangeiras, outros em um primeiro ensaio dos campos de concentração, amontoados, como animais, em uma zona delimitada, morreram às centenas de inanição, de cólera e de tifo, sem nenhum socorro.

Apesar de toda essa humilhação infligida à pátria, e dos sofrimentos de seus conterrâneos, no fim de pouco tempo e sob a proteção de Chiang Kai Chek, uma parte da burguesia chinesa trabalhou em colaboração com os japoneses, enquanto outra, depôs em Mao Tse Tung a esperança única de futuro melhor.

A luta das classes na China desenrolou-se de modo completamente diferente do Ocidente. Aqui o patrão depende do operariado porque explora seu trabalho, não unicamente em benefício próprio, mas também no do país, tornando o proletariado uma força produtora, indispensável e unida.

Na China, onde o estrangeiro dominava e defendia pelas armas suas indústrias considerando unicamente seu lucro pessoal, a via humana não representava nenhum valor.

Em Shangai, o mais importante centro industrial da nação, o operário foi a vítima indefesa da cupidez desenfreada do colonizador e de alguns de seus próprios compatriotas sem escrúpulos.

O inglês, o francês, o americano, impossibilitados pela dificuldade da língua de se entenderem diretamente com o trabalhador, recorriam a um intermediário chinês. Contratava com ele determinado trabalho e entregava-lhe a soma de dinheiro acertada. Evidentemente, buscava sempre quem lhe fornecesse mão-de-obra mais barata.

O empreiteiro, por sua vez, queria realizar imediatamente o maior lucro possível e o operário, no fim, não recebia nem 20% da soma inicial.

Até 1935, vivendo em pardieiros, ganhando salário de miséria, as condições do operário chinês eram as piores do mundo. Para não morrerem literalmente de fome, viam-se obrigados a vender igualmente o trabalho da mulher e dos filhos, a partir dos cinco anos.

René Alley, que exerceu o cargo de inspetor sanitário em Shangai, durante anos, refere-se ao número de operários que desapareciam queimados, quando escorregavam e caíam dentro dos fornos, ao mesmo tempo que jogavam o carvão.

Conta que certa vez se viu obrigado a reclamar providências a um diretor de importante usina americana. Pediu que ao menos desse àqueles infelizes, trabalhando nus, de pé, no alto de montões de detritos e poeira de carvão, que empurravam para dentro das bocas dos fornos, uma corrente que os segurasse pela cintura. Nada conseguiu. Obteve como única resposta: "Se esses animais estúpidos não prestam atenção, que posso eu fazer?"

Nos grandes calores de verão, quando a temperatura subia a 40 graus, homens e mulheres trabalhavam em salas fechadas, sem ventilação nenhuma. Muita vez, tontos de cansaço e asfixiados pelo calos abrasador, tropeçavam nas correias de alguma máquina e morriam

diante dos olhos indiferentes dos companheiros, habituados já àquele martírio.

À noite, jogavam o cadáver na rua, sobre montes de lixo, ou quando mais humanos, no rio.

Dentro das fábricas, junto aos "ateliers", latrinas imundas pestilenciavam o ambiente, e não havia água para lavá-las. As gengivas sanguinolentas, o traucoma purulento e a tuberculose eram os companheiros inseparáveis do operário chinês. Alley refere-se ainda uma outra usina onde fora chamado uma manhã de 25 de dezembro, para verificar o número de cadáveres de operários mortos numa explosão. Viu, nos "ateliers" de cromagem, crianças que ali trabalhavam, e ali mesmo dormiam, cobertas de poeira corrosiva e com as mãos e os pés já profundamente queimados e roídos até os ossos pelo cromo, em feridas asquerosas.

Sob a pressão da Sociedade das Nações, a China obrigou-se a aceitar as regras do B. I. T. O Conselho Municipal de Shangai, porém, esquivou-se com a declaração de que a reforma indicada se faria, dependendo, porém, de tempo necessário.

As mulheres, mais desgraçadas ainda, recebiam uma média de salário mensal de três dólares, menos da metade do dos homens, para trabalho igual.

As crianças iniciavam o labor nas fábricas aos cinco anos.

Tornara-se hábito o industrial comprar aos camponeses os filhos, nas zonas de maior pobreza, e pagavam preço menor do que por um animal de carga. Sob pretexto de se indenizarem dessa soma, faziam-nos trabalhar de quatro a cinco anos, sem salário. Forneciam-

lhes apenas uma alimentação parca e estragada, e a dormida, no lugar mesmo onde trabalhavam, de portas e janelas trancadas para não fugirem.

Em 1923, "Child Labour Comission", nomeada pela Municipalidade de Shangai, realizou um inquérito sobre essa situação, com conclusões estarrecedoras.

As crianças trabalhavam em fábricas de fósforos, tabaco e seda. Com cinco anos, colocavam fósforos em caixinhas com uma rapidez e habilidade espantosas, e apesar do perigo de queimaduras e envenenamento, nenhuma precaução existia que as defendesse.

As de menos de nove anos empregavam-se nas fábricas de tabaco. De nove me diante, nas de seda, onde trabalhavam em salas hermeticamente fechadas, para que nem a mínima corrente de ar viesse arrebentar o fio. De pé, da manhãzinha à noite, desenrolavam os casulos em recipientes de água escaldante. Ao fim de poucos dias tinham as mãozinhas inchadas, vermelhas e inflamadas, assim como os olhos.

Seguidamente perdiam os dedos, que apodreciam.

Subalimentadas, anêmicas, cegas pelo traucoma, morriam às centenas, de tuberculose e de acidentes causados pelo cansaço invencível. Que importava, se filas enormes esperavam para substituí-las nas máquinas, propositadamente tão pequenas como os pequenos mártires?

A. Anderson descreveu, no relatório da famosa Comissão de Inquérito, como um dos espetáculos mais tristes e mais deprimentes a que assistira na vida, o de uma menina de sete anos, caindo no sono, com o corpo inchado e uma máscara de sofrimento atroz, e que vira,

durante horas, mover casulos com as mãozinhas inflamadas dentro de água fervendo. Em outra fábrica, vira um menino de onze anos, empacotando os fósforos com um grande ferimento, causado por queimaduras, supurando na face e uma expressão de dor desesperadora. Anderson descreveu ainda uma sala fechada, asfixiante, quase escura, onde uma enorme fila de crianças, tristes e mal alimentadas, trabalhavam fiscalizadas por contramestres brutal, armado de barra de ferro para castigá-las.

A Comissão conclui o inquérito e exigiu uma reforma imediata:

1 – que não se empregassem crianças de menos de 11 anos de idade;
2 – que não as fizessem trabalhar mais de doze horas seguidas;
3 – que lhes dessem um dia de folga cada duas semanas.

Nem isto se conseguiu, e tudo ficou como dantes.

A situação do operariado no país inteiro era idêntica.

Daí a fraqueza numérica do proletariado, que não pode participar ativamente da guerra civil e da revolução.

Em 1949, porém, o exército de Mao Tse Tung, quase inteiramente constituído de camponeses, libertou Shangai.

Desde o início, a economia da China Popular diferiu da economia da China Nacionalista, onde as grandes empresas industriais, bancárias, de energia elétrica e de transportes estavam nas mãos das famílias de Chiang Kai Chek e de seus três cunhados, T. V. Soong, Kung e Chen, que sugaram o Estado e o povo, ao máximo.

> "Confiscar a terra e a propriedade da classe feudal, entregá-la à guarda dos camponeses. Confiscar o monopólio em mãos de Chiang Kai Chek, de T. V. Soong, de H. H. Kung, de Chen Li Fo e constituí-lo propriedade do novo Estado Democrático. Proteger a indústria nacional e o comércio, tais são os desígnios da Revolução Democrática..."

declarou Mao Logo depois da vitória da revolução.

Passaram então, imediatamente, para o domínio do Estado a indústria pesada, as minas, a metalurgia, as fontes de energia elétrica, as indústrias elétricas ou químicas, os bancos e os meios de transportes.

A dependência em que ficaram as indústrias privadas das nacionalizadas, para obterem matéria-prima, capitais e escoamento da produção, obrigou-se a seguir, docilmente, os planos estabelecidos pelo governo.

Por sua vez, a economia estatal busca auxiliá-las sempre em suas necessidades. Essa interdependência, sujeita a uma planificação bem estudada, permitirá, segundo pensam os dirigentes do país, um rápido progresso a toda a economia da China, tão desorganizada nos últimos tempos do Kuomintang.

Mao Tse Tung confessou a necessidade de permitir, durante algum tempo, a existência do capitalismo representado pela pequena burguesia. Para atingir o desígnio que se propunha o governo, organizou uma política financeira e uma fiscal.

A fiscal, obedeceu a cinco princípios:

1 – A indústria que produz merece maior atenção que o comércio que distribui sem nada criar. As leis fiscais favorecerão mais a indústria que o comércio, e as taxas da produção serão menores que as da distribuição;
2 – Necessário se faz distinguir os produtos usuais dos de luxo, que pagarão taxas mais elevadas;
3 – Supressão dos múltiplos impostos criados pelo Kuomintang, dos múltiplos controles inquisitórias nos estádios intermediários da produção, e instituição de um único imposto de produção;
4 – As indústrias julgadas de utilidade pública ficarão exoneradas de qualquer imposto durante o prazo de dois a cinco anos: por exemplo, as fábricas de máquinas, de ferramentas, de máquinas agrícolas, de aparelhamento industrial, de vidros, de cimento, etc.;
5 – Todas as indústrias, que se tornarem merecedoras, receberão empréstimos do Governo Popular.

A política comercial adotada conservou, de começo, todo o comércio privado, mas instituiu um sistema de fiscalização do comércio exterior e das alfândegas, debaixo de rígido protecionismo.

O comércio interno permanecerá livre desde que não exerça açambarcamento, nem especulação. Um órgão comercial do Estado foi constituído, a fim de regularizar os preços e o consumo.

A política cooperativista é um outro aspecto interessante da economia chinesa.

O governo preconizou, respeitando o princípio da livre adesão, a criação de cooperativas de equipamento, de comércio, de consumo, de crédito e de produção nas cidades e nas aldeias, e a política sindical integrou-se à economia do Estado.

O Congresso do Trabalho, na Manchúria, em 1948, que se transformou na Federação da União Chinesa do Trabalho e aderiu à Federação Sindical Mundial, para "sustentar a política sindical, até destruir qualquer vestígio de fascismo e salvaguardar a paz, formando governo democráticos populares em todos os países do mundo", limitou a ação dos sindicatos.

Na República Popular, os operários são, oficialmente, os dirigentes do Estado. Não existem, portanto, nem exploradores nem explorados, nem oposição do trabalho ao capital, mas, ao contrário, colaboração estreita entre o empregador e vos empregados.

Como proletários, os operários são parte essencial da nação e devem, assim, aceitar a atual política econômica, e com larga visão auxiliar o desenvolvimento do capital privado, para grandeza da pátria e a fim de mais rapidamente se chegar à economia socialista perfeita.

Paradoxalmente, auxiliarão a criar, pelo menos, um mínimo de capital privado e de equipamento. Tolerarão um lucro justo, mas fiscalizarão o patrão para obrigá-lo sempre a desenvolver mais e mais a produção, e para evitar qualquer atos de sabotagem.

Ao sindicato cabe demonstrar ao operário a utilidades da produção, estimulando-o a trabalhar com mais afinco, e jamais se colocar em oposição à empresa.

Nas empresas do Estado e nas cooperativas, constituem-se comitês de direção que colaboram na organização do trabalho, na

diminuição do custo da produção, na melhoria da qualidade, na compra de matéria-prima, no escoamento das mercadorias e no estabelecimento dos preços de custo e de venda. Nas empresas privadas e semiprivadas, esses comitês fixam o limite de lucros para beneficiar o trabalhador e por em prática o "slogan" tão largamente difundido: – "os benefícios e o lucro se dividirão entre o capital e o trabalho".

Em Shangai, pude verificar de perto a organização de uma empresa mista e o papel do sindicato. Nesse gênero de empresas, o Estado intervém para comprar a produção, fornecer matéria-prima e, às vezes, aumentar o capital. A maioria de tais empresas encontra-se em Shangai que, apesar do bloqueio e da mudança de regime, continua uma das maiores cidades capitalista da Ásia.

Visitamos algumas empresas, entre as quais a "Sing Cotton Mills n.º 9", tecelagem de algodão, onde o dono, Sr. Tsong Yi, elegantemente trajado, não com o uniforme usado pelas multidões, mas como qualquer industrial abastado de qualquer país do Ocidente, recebeu-nos à porta. Ao entrarmos na fábrica deparei logo com um grande quadro-negro, onde estavam inscritos os nomes dos "operários modelos" do mês, e seus retratos sorridentes e em ponto grande.

Em uma espaçosa sala, sentamo-nos em volta de uma grande mesa redonda, tal como acontece no Ocidente, em todas as companhias, para os Conselhos de Administração e as Conferências.

E veio a inevitável cerimônia do chá, com as demoradas explicações e os pedidos de sugestões para aperfeiçoamento dos métodos empregados.

Wu Tsong Yi, proprietário de mais oito estabelecimentos semelhantes, durante a revolução fugira para Hong-Kong, como tantos

outros, e levou a família. Seu pai, o grande proprietário, ainda lá está, mas tenciosa tornar em breve. Depois do triunfo de Mao Tse Tung e de estabilizado o governo, Tsong Yi voltou a Shangai, mas a primeira vez sozinho. Retomou a direção da fábrica e passados poucos meses volveu a Hong-Kong em busca da mulher. Seis meses mais tarde, trouxe também os dois filhos.

Como eu mostrasse curiosidade em saber como o Estado entrara para sócio de sua indústria, explicou-me que suas usinas, muito prósperas até à guerra civil, encontraram-se em sérias dificuldades, surgidas com os anos de desorganização do Kuomintang, necessitavam de remodelação para o aumento da produção e, para isso, de um empréstimo do Estado. Conseguiu que o governo lhe facilitasse o capital para as reformas e aceitasse interesse nos negócios, garantindo-lhe, igualmente, o fornecimento de matéria-prima e o escoamento total da produção. Os lucros repartem-se, atualmente, entre taxas de reenvestimento, reservas para melhoria das condições de vida dos trabalhadores e deixa-lhe, ainda, um lucro de 25%.

O imposto de renda não existe na China comunista.

Os operários ganham uma média de 40 e 89 ienes por mês. O diretor mostrou-me a fábrica toda, os dormitórios (como denominam a casa reservada aos solteiros), o hospital, as escolas, a creche. Forçoso me é confessar que a "Sing Cotton Mills" pareceu-me um modelo no gênero.

Wu Tsong Yi contou-me que possuíra no passado grande fortuna, em comparação com a de hoje. Sentia-se agora, entretanto, mais feliz e mais seguro de seu futuro pessoal e de seus filhos. Ocupa-

se de todas as questões da produção, naturalmente sob o controle do governo e do sindicato.

Depois da visita, convidou-me para almoçar em sua residência e conhecer sua senhora.

À saída da fabrica Wu Tsong Yi dirigiu-se para um pequeno automóvel, Acompanhei-o, pedindo que me conduzisse em seu carro, para mostrar-me o caminho, Abandonei o intérprete só na "limousine". Queria ter ocasião de conversar com o capitalista, longe do intérprete arranjado pelo governo. Fomos palestrando até à antiga concessão francesa, onde mora. Contou-me, que, apesar de dispor de muito menos dinheiro que outrora, quando era dos mais afortunados jovens da cidade, vivia agora mais tranqüilo, mais feliz e mais garantido. No tempo de Chiang Kai Chek, seu pai fora raptado a mando de um filho do ditador, e se vira obrigado a pagar 500.000 dólares americanos para o resgate. Ninguém, naqueles anos, estava ao abrigo de ameaças de seqüestro, de exigências súbitas e descabidas do ditador, que trazia todos em desassossego permanente, e eram lias, dos assaltos dos bandidos perigosos de Shangai.

Sua casa, a mesma onde vivera antes da revolução, é uma bonita vila, absolutamente ocidental, cercada por uma verdadeira muralha, vestígio do passado. Tapetes belíssimos cobrem por toda parte o assoalho; velhas porcelanas e bronzes preciosos dão ao ambiente um cunho de gosto e de civilização.

Sua Senhora recebeu-nos à entrada. É encantadora e bonita.

Foi a única moça que encontrei com o clássico vestido chinês e a maquilagem de outrora, que lhe aumentavam a graça e a elegância natural.

Convidou-me a subir a seu quarto. Aceitei prazenteira, confesso que por curiosidade de visitar o interior de uma vivenda capitalista em país comunista. Sem luxo, os aposentos eram bonitos e de absoluta conforto moderno. Vidros de perfume e artigos de "toilette" enfeitavam a penteadeira, tal como no quarto de senhora elegante em Paris ou no Rio.

Notei que a vila havia sido pintada há pouco e a Sra. Tsong Yi confirmou minha observação, quando me disse que antes de mandar buscar os filhos em Hong-Kong, fizera grande reforma na casa, muito estragada nos últimos anos.

Enquanto tomávamos o aperitivo e nos deliciávamos com os "*hors-d'oeuvres*", chegaram os dois filhos da escola, o menino de treze aos e a menina de onze. Fortes, muito bem trajados, alegres, comprimentaram-nos e responderam em inglês a todas as minhas perguntas. Iam almoçar rapidamente para voltar às aulas. O almoço nos foi servido por um único empregado, mas todos os pratos bem apresentados e em bela porcelana.

Perguntei se acreditava poder aquele regime semicapitalista manter-se por muito tempo ainda. Não podia esconder a surpresa inesperada das cenas a que assistia.

– Não. O presidente Mao assegura que, ao fim de mais uns planos qüinqüenais, a sociedade chinesa se tornará completamente socialista, e o capital privado desaparecerá.

– E o que sucederá com os capitalistas?

– Os capitalistas, cidadãos como os demais, servirão ao Estado como os demais. Aliás, todos nós, além de nossas empresas, já prestamos os serviços que podemos ao governo. Os benefícios que

usufruirmos em uma sociedade organizada será indenização suficiente para o que viemos a perder.

Falou-me da existência de indústrias de capital absolutamente privado e de algumas que se criaram mesmo depois da revolução.

– E os sindicatos? Perguntei-lhe.

– A única preocupação dos sindicatos é a produção. Nas indústrias de capital privado, como nas outras, o operário recebe o mesmo tratamento, goza de seguro social, de hospitais, de escolas, de inteiras garantias, de cursos noturnos, de auditórios, de dormitórios gratuitos para os celibatários e de cantinas com três refeições.

Acrescentou, sorrindo, que o patrão daquela espécie de industria tratava, seguramente, ainda mais generosamente seus operários.

Tsong contou-me ainda que, antes da "libertação", quem possuísse fábrica ou casa de comércio, nunca sabia o que poderia suceder no espaço de horas. A inflação podia destruir qualquer situação próspera, tal como sucedeu tantas vezes.

– Desde o advento do Governo Popular, nossa moeda jamais oscilou de dois ienes e meio por dólar americano. O nível de vida elevou-se e as condições se estabilizaram; daí nossa confiança no futuro. Tenho a matéria-prima e a venda de meus tecidos garantidas, sem receio de surpresa desagradável.

– E o futuro? Se o seu sistema desaparecer como me afirmou? E seus filhos? Perguntei.

– Outrora, nossos pais viviam na ansiedade de assegurar-nos futuro brilhante. Economizavam, compravam títulos, que sei eu? Hoje, nós, na Nova China, não sofremos mais esse angustiante

problema. O futuro de meus filhos está assegurado. O governo socialista os encaminhará ao trabalho, que os tornará fortes, independentes e honestos.

E, sorrindo maliciosamente, acrescentou:

– ainda que eu quisesse legar-lhes ações ou o dinheiro que possuo, estou certo de que meus filhos, chegando aos dezoito anos, envergonhados, recusariam a herança.

Diante de meu espanto crescente, contou-me que existiam ainda na China três jornais de capital inteiramente privado, como o "Sin Wen Jih Pao", por exemplo, que é dos mais antigos de Shangai.

– Todos esses motivos explicam porque decidi voltar de Hong-Kong e porque nos sentimos felizes e seguros em nosso país, terminou meu anfitrião.

E acrescentou a Sra. Tsong, com um delicioso sorriso:

– Nós, as mulheres, temos mais motivos de gratidão ao nosso presidente. Além da independência que nos concedeu, não existem mais as "borboletas" de Shangai, e nossos maridos voltam do trabalho para casa, enquanto que antes..."

O almoço terminara. Oferecem-nos café, supremo luxo na China. Despedi-me agradecida.

Tentei outra experiência. Já que existiam capitalistas e vida social, pedi ao intérprete que me conduzisse a um florista. Sem a menor dificuldade encontramos uma casa onde belíssimas cestas de flores, com cartões fixados, esperavam o momento da entrega.

Escolhi um cesta de lótus e rosas que remeti aos meus novos amigos.



Shangai, quarteirão popular.



Rua do quarteirão Pan Kia-Wan-Shangai perto de uma escola.

***

A China adotou a tese de Stalin:

> "Necessário se faz explicar uma vez por todas, que a igualdade absoluta não passa de ilusão de pequeno proprietário camponês, e que não existirá nem mesmo quando o capitalismo estiver completamente abolido e o socialismo em pleno funcionamento, e até mesmo quando se repartirem os bens pelo principio: a cada um segundo suas capacidades e seu trabalho".

Assim, a noção de igualdade desaparece diante da noção da eficiência. O operário especializado ganhará certamente salário mais elevado do que o não especializado.

O salário diferencial introduziu-se, primeiro, na Manchúria em 1948, e desde 1950 é adotado em todo o país; as categorias de operários se dividem em oito. Os classificados em categoria igual recebem o mesmo salário, e os especializados, 30% a mais do salário base, além de uma gratificação para quem mais produzir. Quando em uma empresa a produção aumenta, os salários sobem na mesma proporção. À indústria pesada cabe a prioridade e os operários que ali trabalham ganham salários mais importantes.

A semana do operário chinês é de quarenta e oito horas. Acontece que, às vezes, por necessidade de serviço, sob o rótulo de "trabalho de choque", fornecem horas complementares.

As usinas não param e os trabalhadores se revezam em turmas. Gozam de um dia de folga semanal, mais os dias de festa nacional, uns seis por ano.

O seguro criado pela lei de fevereiro de 1951 e completado pela de 1953, inovação absoluta na vida do operário chinês, garante-os contra acidentes de trabalho, moléstias e velhice. As empresas depositam o numerário, nas caixas de seguros, em soma equivalente a 3% do salário, não descontado do operário, para constituir o fundo administrativo pelos sindicatos. Em caso de acidente, o operário recebe o salário a que tem direito e mais a assistência necessária; no de invalidez, 70% do salário, e quando a moléstia dura mais de seis meses, recebe ainda cuidados médicos, hospital e 90% do salário.

Terão direito à aposentadoria com 70% dos vencimentos, homens e mulheres que houverem trabalhado 25 anos na mesma empresa. Durante a gravidez e parto da operária, a empresa paga todas as despesas e dá ainda uma bonificação à mãe.

Quando morre um chefe de família que fica em estado de indigência, a empresa se obriga a pagar-lhe a 25 a 50% dos salários do extinto.

As usinas e fábricas bem organizadas, espalhadas por todo o país, além dos sanatórios e hospitais do Estado, mantêm serviços hospitalares, escolas primárias, maternais e noturnas.

As empresas criaram um artesanato especializado. Se, terminado este, o operário deseja freqüentar curso superior técnico, a fabrica ou usina dá-lhe, durante três anos, a oportunidade de estágio com salários pagos que lhe facilitarão os estudos.

O nível de vida do proletariado deixa ainda muito a desejar. Em comparação do que foi, porém, tornou-se paradisíaco.

O operário não tem o direito de greve. Os sindicatos não se fundaram para defender possíveis interesses de classe, mas para se ocuparem dos serviços hospitalares, dos seguros, das escolas e auxiliarem na melhoria da produção.

Percorreremos uma vila operária recentemente construída – "Aldeia da Doce Fonte", situada a poucos quilômetros do centro da cidade , habitada por umas quatro mil famílias, mais ou menos 20.000 pessoas.

Seu Diretor, Feng Yu, mostrou-me todas as dependências. As casas construídas em 1952, de dois andares, e as de 1953, de três, erguem-se no centro de grandes gramados verdes, cobertos de flores. Cada apartamento comporta duas ou três peças, além de chuveiros e instalação sanitária moderna. Uma cozinha por andar serve a duas famílias, com duas bocas de fogo para cada uma, assim como um tanque de lavar roupa.

Visitei duas famílias e notei que os interiores, modestos e de limpeza absoluta, guardavam um ambiente agradável, com móveis confortáveis e notei o indisfarçado orgulho dos habitantes, encantados com a moradia. Duas escolas primárias, uma secundária e um maternal, além de uma creche, provêm aos cuidados da infância.

A escola maternal e a creche estão instaladas em prédio espaçoso de um único andar em centro de grande jardim. As mães, ao entregarem as criancinhas, de meses a quatro anos, pela manhã, dão por escrito a alimentação que tomaram até àquela hora. As enfermeiras que as recebem tomam-lhes a temperatura, que também escrevem na

tabuleta, debaixo do nome da cada uma e, ao devolverem as crianças às mães, remetem-lhes as informações do dia. Fornecem-lhes alimentação apropriada, e todos os cuidados necessários. Quando cheguei, as crianças calçadas, bem vestidinhas, todas com um aventalzinho branco, fortes, coradas, alegres, brincavam no jardim, umas construindo casas, com pedacinhos de madeira, outras cantando em uma grande sala cheia de brinquedos. Os bebês dormiam ou comiam. No jardim correram todas para mim batendo as mãozinhas e chamando "Hai", "Hai" (titia), encantadoras e cheias de vida. Foi este o jardim de infância mais belo e mais bem organizado e de crianças mais alegre que visitei em minha vida, incluindo os que conheci na Escandinávia e nos Estados Unidos.

Na "Aldeia da Doce Fonte" encontram-se agência de correios, três mercados, cooperativa, dispensário, um enorme restaurante a preços muito baratos, cinema e campo de esportes. Duas linhas de ônibus fazem ligação com Shangai. As empresas possuem ônibus particulares, que todos os dias levam e trazem os trabalhadores. Mais dez aldeias como esta, abrigando 200.000 operários, encontram-se em funcionamento.

Acolhem de preferência operários classificados, especializados ou os que moravam em sapãs, no rio, ou nas choupanas cobertas de palha. Certamente são ainda demasiado poucas para o número dos que delas necessitam. Para remediar esta falta, o governo refaz e melhora os velhos quarteirões de operários, em volta da cidade, antigamente miseráveis e pestilentos pardieiros.

Levaram-me ao norte de Shangai para ver um destes, o "Pan Kia Wan". Apesar da pobreza visível, surpreendeu-me a limpeza das

ruas e ruelas. Não senti ali o mau cheiro característico dos bairros miseráveis das grandes cidades, de qualquer lugar do mundo. Cobriam os esgotos, construíram três instalações sanitárias modernas para o quarteirão e colocaram com água corrente em cada rua. Os moradores recolhem o lixo, que a municipalidade manda apanhar, e todos os dias varrem as ruas.

Até 1950, 70% das casas eram de bambu e terra batida, cobertas de palha. Hoje, estas se reduzem a 30%. A grande maioria é feita de tijolos e caiada de branco. Alugam-se por três ou quatro ienes por mês, quando já não pertencem aos operários que as puderam adquirir. 3.400 famílias vivem neste bairro, igual a tantos outros, em volta de Shangai.

A encarregada, muito moça, mostrou-me o jardim de infância, singelo, higiênico e de aspecto agradável; falou-me da organização e levou-me para visitar uma casa de operário. Era pobremente mobiliada. A peça principal tinha um rádio sobre a mesa, o "termo" e o inevitável bule de chá. Na parede uma velha imagem de Buda e o retrato de Mao Tse Tung. As cadeiras de bambu, de tão limpas e brilhantes pela pátina do tempo lembravam móveis preciosos. Uma escada tosca levava a outro andar. No térreo, além da sala, uma cozinha minúscula e outro quarto completavam a casinha. O chão de terra batida estava limpíssimo, o rádio tocava uma daquelas estranhas melodias que tanto me agradam. Ali morava um casal de velhos. Aposentados, ambos, recebiam das empresas onde haviam trabalhado o suficiente para viver. Sorridentes e felizes, não nos quiseram deixar partir, antes de tomarmos uma xícara de chá.

As crianças do quarteirão, e nunca vi tanta criança junta, freqüentam todas a escola dividida em dois cursos, um pela manhã outra à noite. Antigamente não havia lugar senão para 25%. Para os adultos funcionam três aulas noturnas, que abrigam trezentos alunos cada uma. Contou-me mais, a encarregada desses serviços, que antes, quando ali chovia, as ruas permaneciam cobertas de lama escorregadia e nauseabunda. A municipalidade já fez pavimentar 8.800 metros quadrados, instalar três cabinas telefônicas, construir uma ponte que ligou o subúrbio à cidade, poupando os dezesseis cêntimos que o operário gastava, outrora, com a barca. Um comitê, eleito pelos habitantes, administra o bairro com um chefe permanente.

Observei um geral bom humor, apesar de a população operária de Shangai me parecer menos agradável e amável que a de Pequim. Talvez pela lembrança das torturas que sofreram, em passado ainda recente.

Mao Tse Tung encoraja os 12 milhões de chineses que vivem na Malaca, na Birmânia, na Tailândia, na Indonésia e no Vietnã a investir capitais nas indústrias semicapitalista da China.

Fundaram-se assim companhias mistas para facilitar esses investimentos. Em Cantão, existem a "Companhia da China do Sul", a "Companhia Industrial da China do Além-Mar", a "Companhia de Investimentos de Catão", que criaram entre outras, a fábrica de juta de Houn Kien, e a de açúcar do sul da China.

Apesar de estimular fortemente essa espécie de capitalismo o regime, decididamente, iniciou a marcha para o

socialismo. Em 85% das fábricas de capital, semiprivado o Estado fornece a matéria-prima e é o único cliente.

Designa quadro para participarem da direção e passa contratos de fornecimentos. O lucro divide-se em quatro partes. O imposto é progressivo e consome de 5 a 30% do lucro bruto; em certos ramos considerados mais necessários ao país, porém, essa taxa diminui.

A segunda parte dos benefícios destina-se a um fundo de reserva, a terceira ao bem-estar dos operários e às bonificações. O capitalista guarda, mesmo assim, como dividendo, 25% do lucro bruto, que pode, à sua vontade, reinvestir ou gastar como bem lhe aprouver.

Algumas mercadorias ao deixar as usinas pagam um imposto a mais denominando de "mutação", que se aplica apenas a cinqüenta e seis produtos: cigarros, vinhos, fósforos, perfumaria etc.

As empresas inteiramente privadas escasseiam dia a dia, e prevê-se que até fins de 1957 deixarão de existir.

Em janeiro de 1956, 200.000 pessoas diante de Tien An Men manifestaram grande regozijo de ver terminado, em Pequim, qualquer negócio absolutamente privado, em um passo gigantesco para o socialismo.

As empresas mistas, entretanto, podem compreender até 85% de investimentos privados e o capitalismo está assim bem longe de desaparecer. Graças a este sistema, as indústrias de Shangai, principalmente a de tecelagem, encontram-se em franco florescimento, segundo

me informou Tsong Yi. Até 1950, quase toda a maquinaria da China vinha do exterior.

O chinês, extraordinariamente habilidoso, e amante de seus instrumentos de trabalho, conseguiu transformar uma usina de reparação em fábrica de máquinas novas.

Na Manchúria encontra-se ainda o mais importante parque industrial da China.

Paralelamente ao desenvolvimento da indústria pesada, executam-se no país os trabalhos necessários à proteção da agricultura, à valorização do subsolo e o reflorestamento da terra.

O governo para facilitar o livre trânsito construiu duas estradas, uma que liga o Tibete à China, de 4.200 quilômetros, outra, inaugurada em janeiro de 1956, através do deserto de Gobi, que encurtou de 48 horas a viagem do transiberiano de Pequim a Moscou.

Em fins de 1957, a China possuirá mais de dez mil quilômetros de estradas de ferro.

O governo terminou a construção da grande ponte que ligou pela primeira vez as duas margens do rio Iang-tse, facilitando sobremaneira o tráfico ferroviário.

Além da indústria pesada, Mao Tse Tung esforça-se em conseguir o domínio dos grandes rios, a fim de evitar as inundações e secas periódicas e catastróficas. Pôs em funcionamento duas imensas centrais hidrelétricas que darão, cada uma, mais de um milhão de quilowatts, e irrigarão artificialmente superfície de terras quatro vezes maior do que a atual.

As realizações já efetuadas pelo governo da República Popular garantem a execução desses projetos grandiosos que farão da China uma das mais ricas e poderosas nações do universo.

***



O Fim da Viagem

Shangai

Antes de chegarmos a Nanquim, onde no restaurante do aeroporto nos deliciamos com o afamado pato defumado e outras especialidades, sobrevoamos, em vôo sempre baixo, a fertilíssima região do Iang-tse. O dia muito claro não nos deixava perder um detalhe da curiosa paisagem.

No Dakota éramos oito passageiros, apenas dois chineses, Chao e uma Senhora. Malas, trouxas e caixotes ocupavam o resto do espaço.

Notei logo uma belíssima jovem que viajava só. Durante o almoço a curiosidade fez-me buscar sua companhia. Seguia para o Sul. Era alemã de Berlim e, estudante, preparava uma tese sobre a história da arte chinesa das altas épocas. Achava-se havia seis meses no país e contava, desta vez, demorar-se mais uns dez. Sentia-se feliz, e com as poucas palavras que aprendera; a estadia corria-lhe fácil.

À chegada esperavam-nos o Sr. Chang Yao-Hui, Secretário-Geral da Municipalidade de Shangai, Representante do Instituto dos Negócios Estrangeiros, e que bem chinês na finura do seu trato, tinha a beleza viril de um astro de Hollywood, envergando, com inata elegância, o traje azul das multidões; o Sr. Chung Yen, escultor que vivera muitos anos na Bélgica e expressava-se corretamente em francês, e o Sr. Wang Wei da Imprensa de Arte de Shangai, que se encarregaria de mostrar-nos a cidade.

Desde há muito sentia uma imensa curiosidade de conhecer Shangai, um dos nomes mais fascinantes do universo, Babilônia do vício, batizada mesmo, outrora, por um missionário anglicano de "Abismo de Iniqüidade".

De chegada, a cidade com seus sete milhões de habitantes perturba as impressões que a gente guardara da China. Seus arranha-céus falam da bancarrota do Ocidente, no Oriente, e de uma China, que durante muitos anos se esquecera de ser chinesa.

Conduziram-se ao Hotel da Paz, antigo hotel "Cathay". Da janela de meu quarto, no décimo andar, descortinava vasto panorama. Pensei em Chicago. Arranha-céus desgraciosos, numa arquitetura pesada e banal. E lá bem no fundo subia a fumaça das usinas. Mais perto, os campos de esporte estavam repletos de uma mocidade enérgica que conscientemente os praticava.

No "Bund", os grandes edifícios britânicos assemelhavam-se aos deixados em Bombaim ou Calcutá, monumentos ao mundo desaparecido, o dos Sassoons, dos Jardine, dos Wire...

O do Banco de Hong-Kong, antigo baluarte do capitalismo, abriga orgulhosamente a sede do partido comunista. No alto de cada um tremulava a bandeira da Estrela Vermelha.

Construído pela União Soviética para uma exposição permanente, um colossal edifício, o mais hediondo e mais pretensioso de todos, sustentava na cúpula uma estrela vermelha, à noite iluminada.

O rádio pela manhã, às sete horas, despertou-me. Vi, então, de minha janela, nos campos de esporte e nas calçadas da rua, toda

uma multidão que se entregava, ardorosamente, aos exercícios e movimentos de ginástica.

Originariamente Shangai, pequena aldeia de pescadores, denominava-se Houa-Ting. Quando as aluviões dos rios obstruíram o porto de Sou Tzcheou, os barcos buscaram Houa-Ting, e já no século XI um fiscal de impostos ali se estabeleceu, seguido logo de um serviço de alfândegas. Em 1279, completamente desligada de Sou Tzcheou, a qual ultrapassara em desenvolvimento e importância, passou a depender diretamente de Pequim.

Corsários japoneses visitaram Houa-Ting diversas vezes, e no século XV, saquearam completamente o novo porto.

Um Imperador Ming mandou então cercar a cidade de fortes muralhas, destruídas somente em 1911.

Edificada em terreno pantanoso, sem nenhuma beleza natural, na junção de uma canal que ligava o Sou-Tzcheou ao Iang-tse e ao rio semi-artificial Wang-Pou, canal este alargado e aprofundado por um outro imperador Ming, seu valor econômico manifestou-se extraordinário, desde o início. Já naquela época, era a cidade ligada a uma das regiões mais férteis do país e o continente, por um labirinto de canais. Ventilada pelos ventos frescos que sopram da Ásia Central e pelas brisas do oceano Pacífico, goza de clima semitropical poucos meses do ano, e temperado nos outros. Ao abrigo dos tufões, seu porto apresentava asilo seguro ao barcos que cada vez mais freqüentemente o buscavam. Tornou-se, rapidamente, o grande centro comercial entre o Norte e o Sul da China.

Em 1932, Lindsay, mandado pela "Companhia das Índias" para entabular negociações com o governo imperial, verificou estar

aquele porto muitos mais movimentado que o de Cantão e apresentar melhores condições. Imediatamente, como bom diplomata, assinalou o fato a quem de direito, confirmado pelos missionários ingleses e americanos.

Os britânicos aproveitaram-se da primeira ocasião propícia – a guerra do ópio – e mandaram o navio de guerra "Nemesis" subir até Shangai. Auxiliado por uma tropa de seis mil soldados ingleses, apoderou-se facilmente da cidade, e o general Hugh Gough, comandante da expedição, instalou-se, como conquistador, no templo dedicado ao Gênio Protetor de Shangai.

O imperador não encontrou outra contingência senão de assinar o Tratado de Nanquim que a considerou porto aberto. Uma faixa de terra de oito quilômetros de largura, correndo em todas a extensão da margem do rio foi "alugada", com o caráter de perpetuidade, aos ingleses. A eles Pequim reconheceu também o direito de extraterritorialidade. O "Land Regulations" imposto logo após dava ao Comitê Municipal, criação de Londres, o direito de arrecadação, de polícia, e de fiscalização da saúde pública.

Terminado o monopólio da "Companhia das Índias", numerosos ingleses e americanos acorreram a Shangai, onde se instalarem e inventaram imediatamente a "concessão internacional", seguidos pelos franceses, que se fixaram mais no interior, perto da cidade chinesa.

E começaram a surgir os "Hongs", vilas confortáveis, destinadas à moradia dos estrangeiros e dos "compradores", chineses inescrupulosos, que os auxiliavam, em qualquer espécie de tráfico a que d dedicassem.

O porto, apesar de pouco profundo e relativamente pequeno, foi aos poucos crescendo de importância, mais que qualquer outro do Pacífico. No decurso de sua história, Shangai engordou sempre à custa da miséria e da desgraça de outrem. Os primeiros refugiados, vítimas das guerras dos Taipings, em número superior a trezentos mil, encontrando a cidade chinesa cercada de muralhas e superpovoada, pediram asilo aos ocidentais das concessões. Imediatamente ingleses, franceses e americanos cortaram seus terrenos, comprados ou alugados por somas ridículas, em pequenos lotes, que venderam a preços inconfessáveis ou construíram casinhas minúsculas, que alugaram por somas elevadas. As ruas aristocráticas, luxuosas, encheram-se de chineses miseráveis e mal vestidos, a quem não se concedia outro direito senão o de pagar os altos aluguéis e os impostos injustos.

Entrementes, Shangai inteiramente dedicava ao comércio do ópio, da seda e do chá, prosperava rapidamente.

Os japoneses instalados ao norte da cidade decidiram fundar a primeira usina de tecelagem, acompanhados logo pelos ingleses, americanos e franceses. Destas indústrias o país nada usufruiu; não pagavam nenhum imposto e, garantidos pelas próprias brigadas internacionais, compravam a matéria-prima por preço irrisório e a mão-de-obra a preço de extorsão.

Uma outra leva de refugiados chineses, quando da guerra dos Boxers, elevou a população a quase três milhões e trouxe mais mão-de-obra em condições ainda mais vantajosas, se possível.

Paralelo ao crescimento da população chinesa, cada dia mais empobrecida, aumentada a branca, que se enriquecia cada dia

mais. Os ingleses investiram na construção da cidade algumas mil libras, mas as retiraram em quantias cem mil vezes maior, sugando até ao sangue, o povo desgraçado.

E foi a edificação de "Nankim Road", bela avenida perpendicular ao "Bund" com imponentes estabelecimentos de comércio e de escritório. E, para além da aglomeração chinesa, a de um bairro residencial, "A Fonte Cintilante", com vilas rodeadas de jardins luxuosos. Aos poucos surgiram os parques de imensos gramados e belas árvores frondosas, transplantadas de longínquas regiões pelo "coolies" esfaimados. À entrada, placas bem à vista diziam: "No dogs, no Chinese allowed", e indicavam a mentalidade dos freqüentadores felizes e inconscientes.

Chegaram os automóveis e os trâmueis, mas os Senhores da indústria e os "compradores" conservaram carinhosamente para seus passeios os "pousse-pousse", puxados por "coolies", guiados a chicotadas e pontapés, mais maltratados que animais de carga.

Em 1923, aportaram em Shangai uns trezentos refugiados russos, cuja extrema miséria lhes fazia aceitar qualquer trabalho, mesmo o de serventes em casas de chineses abastados, para humilhação dos ocidentais, que se julgavam desse feito humilhados e desprestigiados.

A falta d'água, apesar da criação de diversas companhias, assim como os mosquitos, supliciavam a população. Os esgotos abertos empestavam o ambiente; as instalações sanitárias não usavam descarga de água e os excrementos humanos, levados por carrocinhas, diariamente, tal como em Tóquio, quando lá estive em 1934, serviam para fertilização dos campo em derredor da cidade. Em 1926, uma

terrível epidemia de cólera dizimou centenas de habitantes nos bairros pobres.

A família Sassoon, os "barões do ópio", construiu o primeiro arranha-céu, o "Sassoon Building", seguido imediatamente de outros, todos em péssima arquitetura.

A grande distração da gente rica e elegante eram as corridas de cavalos e de cachorros galgos, que dopavam de tal sorte, que muita vez caíam mortos em meio da competição.

Os comerciantes mais prósperos e os industriais abastados possuíam suas coudelarias de luxo, e montavam seus puros-sangues, sem recorrerem a jóqueis profissionais.

Shangai, por essa época, tornara-se a capital do vício e da depravação. Ao lado do "Shangai Clube" que mantinha o maior bar do mundo, imortalizado na literatura (Malraux, entre outros), prosperavam cafés, salas de dança, cabarés e "fumeries d´opium".

A venda da droga fazia-se livremente, com o desplante de trazer no invólucro o endereço do fornecedor. Ali pululavam as prostitutas, cuja porcentagem apresentava o mais elevado nível do mundo. Poucas ocidentais, russas, depois da emigração; a maioria era de chineses, crianças às vezes de 12 e 13 anos, que os "compradores" traziam das aldeias, compradas por dois ou três dólares. Os bordéis e as casas de tolerância subiam a mais de oitocentas, afora certos andares, nos hotéis de luxo, que se especializavam em tal ou qual gênero de mulheres.

Os bandidos formavam "gangs" que espalhavam o terror. O mais célebre, "o "gang" da camisa verde", do qual segundo crônica,

fez parte Chiang Kai Chek, na mocidade, explorava os bairros pobres e aterrorizava os ricos com ameaça de chantagem.

Em 1932, os japoneses bombardearam Shangai uma primeira vez, e dela se apoderaram, em 1937. Dominaram a cidade até 1945, quando passou para as mãos do Kuomintang. Nessa época Tu Yeh, ex-chefe do "gang" da camisa verde", grande protegido de seu antigo companheiro o todo-poderoso ditador, ali surgiu, a quem os cônsules estrangeiros recorriam quando em dificuldades. Em 1949, o exército de Mao Tse Tung "libertou" Shangai, que se entregou sem a menor resistência.

***

A população de Shangai sobe hoje a uns sete milhões de habitantes, com uma grande proporção de operários. É a mais importante cidade industrial da República e das mais ricas da Ásia. Ali estão 29% das fábricas de produtos de consumo, 31% dos operários, 38% dos capitais investidos da República, 800 mil operários e mais 500 mil artesãos assalariados. Os problemas da reconstrução foram, destarte, os mais complicados do país.

Bem ao centro da antiga concessão internacional, encontra-se o movimento bairro comercial, assim como o Armazém do Estado, em um imenso edifício, com elevadores e escadas elétricas rolantes e onde, além das mercadorias dos estabelecimentos congêneres, acha-se instalado um banco, um serviço de correios, salas onde servem o chá gratuitamente, outras de repouso, uma reservada às mulheres acompanhadas de crianças.

Uma compacta multidão azul, com um sem-número de meninos turbulentos e alegres, subia e descia sem cessar. Estes armazém, disse-me Wang Wei, serve diariamente a mais de 100.000 clientes, cujo número se dobra aos domingos e feriados.

Nas ruazinhas comerciais muitos estreitas, curiosas casas de dois andares, com um balcão de madeira que avança lojinhas. Ali vendem peles, casacos de brocado, objetos manufaturados e exóticos, obras de habilidoso artesanato. Mais adiante, uma série de casas de negócio oferece acessórios de teatro: vestidos bordados de cores violetas, outros recamados de ouro com dragões, símbolo da grandeza imperial, cabeleiras compridas, diademas, violinos de três cordas, espadas e outros apetrechos que dão à rua aspecto surrealista, digno de André Breton.

As peles, os admiráveis brocados, nas vitrinas da "Nanking Road", provam a existência de uma diferença de classes muito marcada. Daí a luta entre estas, ali, se haver tornado mais viva que no resto da República.

A numerosa classe operária de Shangai interessa-se extraordinariamente pelo progresso da indústria. Vi antes da porta da Exposição Industrial Permanente dos Sovietes uma fila imensa que se prolongava por muitos quarteirões à espera de vaga para penetrar no recinto, mais densa mesmo do que aquela que estacionava diante do estádio de basquetebol.

Resta ainda em Shangai, informou-me Wang Wei, um pequeno grupo de capitalistas estrangeiros que ali ficou. Uns, de própria vontade, à espera do milagre que faça a China voltar à situação antiga, para eles paradisíaca. Outros, detidos pelo governo até a completa liquidação de seus negócios.

Mostraram-me o antigo Clube Shangai, hoje transformado em escola. A "Broadway Mansion", dos mais importantes edifícios da cidade, onde durante a guerra os japoneses instalaram um campo de concentração, para os ocidentais residente em Shangai, é agora um hotel que hospeda os convidados do Governo Popular. Em uma esquina, na junção dos rios Wang Pou e Soochow, ergue-se um enorme hotel de dez andares, no qual as tropas de ocupação americanas haviam instalado um bordel para seus soldados. Abriga, no momento, técnicos russos e suas famílias. Percorri a Avenida Joffe que atravessa a concessão francesa. Antigamente, contou-me Wang Wei, nos trâmueis exigiam o pagamento de duas passagens, a segunda, na demarcação da concessão, em moeda estrangeira, tornando aos chineses que se impossível o seu uso.

A falta quase total de automóveis nas largas avenidas, onde os sinais luminosos do tráfego funcionam no vazio, causa uma impressão de expectativa de algo de importante que estivesse para acontecer.

Nas calçadas, em contraste, caminha acima e abaixo uma compacta multidão, menos uniformemente vestida e que me pareceu tal como a dos quarteirões populares, menos alegre, menos amável que as de Pequim.

O porto de Shangai, com os longos cais a perder de vista, os "Warfs", que se estendem por quilômetros e onde se vinham acostar navios de toda a parte do universo, os armazéns desertos são um espetáculo desolador. Apenas juncos e sapãs vogam docemente nas águas amarelas do rio.

Três canhoneiras camufladas e tranqüilas, com uma grande pomba branca pintada dos lados, junto aos cais aguardam a possibilidade de alguma surpresa desagradável.

"Coolies", transportando pesos colossais equilibrados nas pontas de bambus, passam com um canto monótono para ritmar o passo "Wei. Ho... Wei... Ho... Wei ..." que ficou para sempre gravado nos meus ouvidos, e quando penso em Shangai, parece-me ouvir ao longe a triste melopéia "Wei... Ho... Wei...".

Os cinqüenta mil quilômetros de canais, que ligam a cidade ao interior do país, de tráfego intensíssimo contrastam violentamente com o rio, outrora tão movimentado e cheio de vida, paralisado no momento pelo bloqueio americano.

O antigo hipódromo do "Jockey Club", transformado em campo militar pelos japoneses, e em cantina pelo americanos, tornou-se uma praça destinada aos grandes desfiles e paradas militares.

No ex-campo de corridas de galgos, ex-lugar elegante por excelência, os tribunais populares, nos primeiros meses que se seguiam à vitória da revolução, exerceram o seu poder e viram passar um sem-número de criminosos, apontados por acusações públicas. Ali agora funciona um teatro ao ar livre.

No "Grand Monde", o lugar mais célebre e mais depravado da antiga Shangai, o povo paga 20 fens (mais ou menos dezoito cruzeiros) para se divertir o dia inteiro com jogos, e assistir um sem-número de espetáculos.

Purificado, moralizado, é ainda assim um estabelecimento extraordinário. Construído em 1916 na concessão francesa, reunia todos os vícios do mundo inteiro. Um sem-número de prostitutas,

em poses despudoradas, vagava pelas salas misturadas com "gangsters", "pickpockets", larápios, gente elegante das concessões e turistas curiosos.

Quando estávamos no Japão, em 1935, ouvi de alguém que voltava de Shangai haver visto no "Grand Monde", exibida como curiosidade, uma meninazinha de seis anos, grávida e nua, com um imenso ventre disforme. A pobrezinha muito entretinha os espectadores "blasés" de todos os espetáculos obscenos representados nas diversas salas de teatros, completados com as numerosas "fumeries d´opium", sempre freqüentadas.

É um enorme edifício construído em volta de um grande pátio (teatro ao ar livre), e com seus quatro andares, corredores e salas ligadas por passadiços metálicos. Naquele dia estava repleto de famílias, homens, mulheres e crianças que conscientemente se divertiam com os espelhos deformantes, dados por dezessete elencos diferentes, desde o antigo clássico à comédia mais moderna; com os acrobatas; com os contadores de histórias, sentados em cadeiras de espaldares altos e acolchoadas de vermelho e que se acompanham de cítaras. No "hall" de entrada, oito grandes signos transcrevem a máxima de Mao Tse Tung: "Deixai que cresçam juntas todas as flores. Jogai para fora as que fenecerem, conservai as que se desabrocharem". No entressolo um vasto restaurante serve chá e refeições. Em diferentes salas, jogos de pingue-pongue, de xadrês, tiro ao alvo oferecem-se aos amadores.

Como Pequim , Shangai à noite é uma cidade morta. Não fica aberto nenhum bar, nenhum café e, salvo os teatros, os cinemas,

tudo se fecha às 8 horas da noite. O "Abismo de Iniqüidades" virou convento para mocinhas morigeradas.

O Hotel da Paz, o velho "Cathay", construído pelos Sassoons, foi seguramente um "palace" luxuoso, com seus quinze andares, trezentos quartos e salas de banho. Esta hoje cheio de delegações estrangeiras. Nunca vi, fora do Japão, tanto japonês junto...

O bar ainda lá se encontra, mas o "barman" desapareceu. Os grandes salões de recepção e de restaurante fecharam-se. Comemos sempre nas antigas salas privadas ("cabinets particuliers") aonde os ricos Senhores britânicos davam suas festinhas.

Luxuosamente decoradas, continuamente repletas de estrangeiros, ali são ouvidas e faladas todas as línguas às horas de refeição.

Em uma dessas salas o Sr. Chang Yao-Hui ofereceu-nos na véspera da partida um delicioso jantar, com todo o requinte da cozinha chinesa e toda a gentileza característica de seu povo.

Deixei Shangai sob a impressão violenta de haver visto um mundo que saía de um terrível cataclismo, mais vitalizado pela experiência que vivera. Trouxe uma comovida lembrança e uma imensa curiosidade e desejo grande de lá voltar em dia próximo.

***

Cantão

Tal como a de Shum-Shum e a de Cantão, a estação de estrada de ferro de Shangai, limpa, florida, ornamentada de cartazes vistosos, é alegre e acolhedora. A multidão entra e sai, calma e em ordem, sem a precipitação e mau humor das estações.

Verificação dos papéis dos estrangeiros. Viajávamos naquela manhã uns dez ocidentais, entre nós, ingleses e poloneses.

O comboio ia repleto. Partia também uma jovem senhora com uma criança, que a família, aparentemente mãe e irmãs, acompanhara até o vagão. Despedida chorosa, lágrimas e soluços. Julgar-se-ia que a moça se afastava para outro continente. Durante a viagem que durou dois dias e duas noites, pude conversar com a rapariga, que levava o nome poético de "Flor Radiosa". Ia para Cantão, onde morava, reunir-se ao marido e vinha de uma visita à mãe. O chinês parece tão sentimental quanto o latino.

No comboio, os numerosos carros, muito limpos, dividem-se em duas classes: a "dura" e a "macia". Uma de bancos de madeira, outra de poltronas estofadas, iguais às ocidentais de primeira classe. Os carros dormitórios põem-se de compartimentos de quatro camas superpostas, duas a duas. Coube-me um destes e por companheira apenas uma Senhora. No do lado, Flor Radiosa tece como companheiros o filhinho, um chinês, um ocidental e

outra moça. Durante a viagem, vi-os conversar como bons amigos nas longas paradas do trem.

A cada viajante incumbe fazer sua própria cama com a roupa que a companhia fornece: um lençol, uma almofada coma fronha, um cobertor dentro de uma capa branca, e três toalhas de rosto. Os gabinetes-lavatório nos extremos do vagão mantiveram-se impecavelmente limpos durante toda a viagem.

A rádio, meu suplício, não parava um segundo, das 7 da manhã às 8 da noite. A moça que se incumbia da transmissão, instalada na frente do comboio, com uma voz de gatinha encantada, dava-nos conselhos de como auxiliar os velhos na viagem, de como cuidar das crianças e onde encontrar no comboio sua alimentação. Fornecia boletins do tempo, informações sobre os grandes empreendimentos industriais, barragens e reservatórios em vias de construção, sobre a política internacional. Anunciava as próximas estações e o que nelas se podia encontrar. Ensinava como evitar a febre tifóide e mais cuidados de higiene. Quando enfim, exausta, calava, substituía-se pela vitrola com canções russas e árias da Ópera de Pequim, até que de novo voltasse ao microfone.

Às oito da noite desaparecia, bruscamente, deixando-me entregue ao luxo do silêncio reencontrado. Um cansaço invencível, porém, atirava-me a um sono profundo onde a gatinha encantada me arrancava sem piedade às 7 da manhã.

Às paradas do trem, "coolies", do lado de fora lavavam os carros e os vidros das janelas. Dentro, empregados com vassouras e pano úmidos sucediam-se sem cessar. Limpavam corredores e compartimentos. Um deles, cada meia hora, surgia

no meu e meticulosamente tirava úmidos sucediam-se sem cessar. Limpavam corredores e compartimentos. Um deles, cada meia hora, surgia no meu e meticulosamente tirava o pó, mesmo dos livros, que ingenuamente eu trouxera para ler, amontoados em cima da mesa, junto à janela, esperando em vão pelo momento oportuno. O desfilar não se interrompia nunca. Era o fiscal que reclamava os bilhetes de passagem, a fim de conferi-los, o varredor, de máscara branca sobre o nariz e a boca, seguia-se o empregado que colocava sobre a mesinha um recipiente com tampa e esvaziava um envelopes com uma dose de chá. Outro trazia enorme chaleira de cobre brilhante, em forma de regador e despejava a água fervendo sobre o chá. E chegava a vendedora de revistas, depois a de amendoins, biscoitos e bolinhos secos e mais o dos envelopes de chá. Terminado o desfile recomeçava tudo, e ia o dia inteiro.

Durante dois dias e duas noites a China passou diante de meus olhos. Perto de Shangai os campos divididos em pequenos lotes, todos cultivados de legumes diferentes, vão aos poucos mudando para a cultura da soja e outros cereais. Os camponeses, com uma espécie de baldes, em forma de conchas, presos na ponta de vara de bambu, regam cuidadosa e ininterruptamente a terra plantada até a beirinha da linha da estrada.

Lembrei-me de Marco Pólo, que há setecentos anos notara: "Os chineses não deixam ficar estéril um qualquer canto de terra".

Muito longe a linha azul-violácea das montanhas limitava o horizonte.

Os campos continuavam sempre divididos em pequenos quadriláteros e em toda a parte lavradores trabalhando da manhã à noite. Parecem tão povoados quanto as cidades. Poucas charruas. De longe em longe um homem com a longa túnica negra e o alto barrete na cabeça, como antigamente, sugeria os baixos-relevos de terracota dos Hans e fazia-nos crer estaremos assistindo a cenas vividas há vinte séculos atrás.

Nessas imensas planícies, nenhuma outra linha vertical aparece, senão silhuetas humanas e as estelas funerárias de infinita poesia.

A velha China não aprisionava sues mortos em cemitérios. Deixava-os habitar os campos que tanto haviam amado na terra e em sítios carinhosamente escolhidos a conselho do astrólogo familiar.

Logo a paisagem principia a movimentar-se com os arrozais; seus reflexos líquidos e azulados, e o esplendor das montanhas do Kiengsi lá bem no fundo, encostadas nas nuvens.

Após a audaciosa e aprovada experiência do Ministério da Agricultura, aconselhando o plantio do arroz durante todas as horas dos longos dias de verão, na Manchúria, onde o clima não permite senão uma parca colheita de trigo, os arrozais, outrora limitados ao sul, cobrem hoje enormes extensões em todo o país.

No Kuangtum vão até onde a vista pode alcançar e os roceiros levam os dias a pedalar as noras, que jogam água nos canaizinhos que se cruzam em labirintos infindáveis.

Búfalos tranqüilos completam o quadro bucólico.

A irrigação, preocupação máxima do cultivador chinês, atingiu a uma perfeição rústica e milenar que nenhum método moderno ousou ainda tocar.

Quando se atravessa as aldeias, notava-se nitidamente a evolução dos costumes; grandes galpões novos, seguramente cooperativas, instrumentos agrários em quantidade, todos juntos, que dificilmente pertenceriam a um único dono. À tardinha camponeses em numerosas reuniões discutiam ou confabulavam animadamente. Nas estações sempre pintadas de cor clara, os passageiros corriam logo para as cozinhas ambulantes, diversas e várias, oferecendo camarões fritos, ovos de cem anos, presuntos e patos defumados, pães, bolos e biscoitos.

Como comem os chineses!

Vendedores apregoavam leques e ventarolas, sombrinhas de papel oleado, e mil e uma bugigangas exóticas que me apetecia comprar. Em terra, uma outra moça do rádio infernal continuava a lengalenga da que se abandonava, por minutos, no vagão. No carro restaurante, onde comiam todos os japoneses, em três serviços, deram-nos uma cozinha admirável, de dez e mais diferentes pratos, em cada refeição. Muitos oficiais e soldados, já que não se pode bem distinguir um do outro, viajavam conosco e misturavam-se aos passageiros em alegre confraternização.

Durante o longuíssimo percurso não vi nem um mendigo nem um maltrapilho. Os camponeses, com raras exceções, vestidos iguais às multidões das cidades estavam sempre decentemente calçados.

A viagem correu rápida e cheguei a Cantão, onde descobri na estação, à minha espera, os amigos que encontrara à minha chegada à China.

***

Yung Chi-Chang, o escultor e Vice-Presidente da Sociedade das Belas-Artes do Povo, Chieng Fao Chi, Membro do Conselho da Municipalidade de Cantão e Chieng Hi Fu, do "Inter-Tourist Bureau", e mais King, meu primeiro intérprete, conduziram-me ao "Hotel do Amor das Massas".

Situada a trinta e cinco quilômetros do trópico do Câncer, construída nas margens do rio das Pérolas, a sessenta quilômetros do mar, Cantão difere completamente de Shangai e Pequim.

Ferozmente independente, resistiu a todos os conquistadores e só tardiamente reuniu-se à China. Aberta ao comércio ocidental em 1685, por um decreto imperial, guardou-se sempre misteriosa e reservada. Nunca adotou como seus os europeus que ficaram segregados e com as proibição de entrada de mulheres, mesmo as da família, no quarteirão de Shameen, mais tarde concessão internacional.

Em 1830, o vice-rei ameaçou-os de fechar seus estabelecimentos, "caso as damas inglesas de Macau, persistissem na teimosia de querer visitar os maridos e amigos, em Shameen".

Aos estrangeiros não permitiam possuir liteiras para a condução, nem embarcações de recreio. Limitavam-lhes o

número da servidão. Proibiam-lhes mesmo qualquer passeio na cidade, e apenas três vezes ao mês, e sob a condição expressa de tornarem antes do anoitecer, obtinham licença para uma visita à ilha do Honan.

Ademais, a permanência em Shameen restringia-se aos meses de abril e setembro, retirando-se, nos seguintes, para a colônia portuguesa de Macau, a cem quilômetros dali. Para seus negócios, submetiam-se à fiscalização de um organismo especialmente criado para esse fim.

Vencida na guerra do ópio a situação se transformou, os europeu ditavam-lhes ordens, mas Cantão não se resignou jamais, e tornou-se o foco de todas as revoluções que sacudiram a nação.

Muito próxima de Hong-Kong ficou, portanto, mais acessível à civilização ocidental. Breve seus habitantes principiaram a emigrar, uns definitivamente, outros temporariamente.

Os camponeses, de iniciativa própria, derrubaram as antigas muralhas, que cercavam a cidade, e construíram o "Bund", à maneira ocidental.

Ali surgiram desde as idades mais remotas sociedades secretas ("Lótus Branco", "Três varetas de Incenso", "Nuvens Brancas"), alma do nacionalismo incipiente e repositório das idéias avançadas.

Desde cedo representou papel de realce nas reivindicações populares. Foram originários da região ou da cidade, Hong Tsiua, instigador da revolta dos Taipings. Kang Yeou-Wei o reformador dos "cem dias" que inscreveram seus nomes na história com sangue e heroísmo. Sun Yat Sen e seus

companheiros, em 1895, a primeira vez, e em 1904 e tantas outras vezes, de Cantão tentaram derrubar o Império desmoralizado dos Manchus. Em 1918, em 1921, em 1934, então auxiliado por Borodine e técnicos russos, de novo Sen, em tentativas malogradas, procurou libertar o povo, curvado sob o jugo dos imperialistas e dos senhores da guerra.

Foi também em Cantão que Sun Yat Sen fundou a Academia Militar de Wampôa, destinada a preparar os jovens revolucionários hoje governantes da China Popular.

A cidade altaneira, igualmente não aceitou, sem nova rebelião fracassada, a traição de Chiang Kai Chek.

Dentre os chineses que, do estrangeiro, auxiliaram os movimentos para a independência da pátria, seis milhões eram cantoneses.

De 1911 a 1934 esteve sempre na vanguarda das idéias mais avançadas e paradoxalmente não se deixou ainda tocar profundamente, nem influenciar pelo novo regime.

***

De minha janela descortinava o espetáculo do rio das Pérolas, permanentemente colorido, das embarcações que desciam e subiam a correnteza, das barcaças carregadas de imensos troncos de árvores, dos juncos de velas multicores e dos sapãs cobertos de toldos de ráfia.



Nova Cantão – residência visitada pela autora.

Grandes barcas, pintadas de verde, transportavam passageiros. Lembravam as caravelas de Colombo, mas ali existiam desde o VII século a.C.

De quando em quando, um bote a motor atravessava o rio na disparada, agitando e se esgueirando entre a confusão dos juncos e dos sapãs.

Um sistema de canais liga a cidade ao interior do país e diariamente o tráfego de passageiros, em centenas de barcas, que chegam e que saem, sobe a uns duzentos mil e a três milhões de toneladas de carga.

À noite, o rio, iluminado pelos milhares de lanternas multicores dos juncos, onde continuam a residir mais de sessenta mil pessoas, torna-se uma eterna festa veneziana.

Desde o clarear do dia do barulho que faz o movimento intenso do rio impedia-me de dormir.

Juncos de fundo chato e toldos de esteira de ráfia amarrados defronte dos edifícios em compactas filas formam uma verdadeira cidade lacustre. Ali vive a população que os cantoneses apelidaram de "família do ovo".

Existiam, outrora, em Cantão duas segregações: os Hokka, minoria nacional, originários e habitantes das montanhas circunvizinhas, a quem vedavam a entrada na cidade, e os que moravam no quarteirão flutuante, que não podiam mesclar-se com a população urbana.

A existência desse bairro lacustre vem desde a dinastia Yuan. Pescadores, camponeses fugindo das aldeias onde batia a fome, vagabundos, criminosos, foragidos de toda

sorte, chegavam em barcos para tentar fortuna no porto do Sul, afamado pelo seu grande comércio. Os cantoneses para se defenderem tratavam-nos como párias, impedindo-os de desembarcar e de se instalar em terra firme. Seus descendentes, até a vitória da Revolução Popular, sofreram as mesmas restrições e constituíram uma classe maldita, desprezada e insultada. Entre esses párias haveria certamente gente honesta e bons trabalhadores; a maioria, porém, eram de vagabundos e de sem profissão.

O Kuomintang nada fez para melhorar a sorte da "família do ovo". Continuaram a viver em seus barcos sem possibilidade de comerciar nem de freqüentar escolas. Deviam casar-se entre si, e quando descessem à cidade iriam de pés descalços a fim de demonstrar sua inferioridade.

O novo regime terminou com esta segregação. Iniciou a construção de casas nas margens do rio, criou no quarteirão flutuante, oito escolas, um clube cultural, postos de saúde, dispensários e cooperativas de produção, uma municipalidade e concedeu-lhe representante na Assembléia Popular.

Em meio de sapãs amarrados e imobilizados, grandes barcos de muitos andares, todos ornamentados de flores pintadas de cores violentas destacam-se pelo exotismo berrante.

São os antigos "barcos floridos", bordéis ambulantes que muitos dos viajantes do princípio do século descreveram, lamentando a dificuldade de neles, como estrangeiros, penetrarem. Flutuavam docemente entre Cantão e Whampôa, ao som de músicas

eróticas e exibiam às janelas raparigas jovens, de grande beleza, cobertas de jóias e brocados, que se deixavam admirar como ídolos, pelos adoradores que passavam.

Os barcos de recreio onde passeia a população, sobretudo aos domingos, é uma das curiosidades da cidade. São manejados por barqueiras trajadas de negro, com os musculosos braços nus. Chamam com ar brejeiro os possíveis passageiros que transitam pelo cais. Construídos de madeira e decorados no interior de florezinhas pintadas, com bancos laterais e um perpendicular, cobertos de almofadas e espalda de espelho em forma de concha, ornado de flores e aves pintadas, pareceram-me de uma excentricidade adorável.

Nas largas avenidas arborizadas de mangueiras e "banyeiros" gigantes, um sem-número de tavernas e bares permanecem abertos até tarde da noite, sempre repletos de fregueses que fumam e bebem alegremente.

As ruas residenciais estreitíssimas, calçadas de lajes de pedra não deixam entrar nenhum veículo. Vendedores recostados aos edifícios oferecem legumes, peixes e frutas. As janelas entreabertas mostram os interiores cheios de gravuras nas paredes e vasos com flores nas mesas e aparadores.

A multidão como a de toda a cidade meridional é barulhenta e palradora. As mulheres, pequeninas, demonstram mais "coquetterie" que suas irmãs do Norte. Usam calças da famosa seda preta de Cantão, ajustadas, que lhes moldam as formas graciosas, blusas de algodão de mangas curtas, e casacos para os dias menos quentes. São cheias de donaire, e, apesar da feminilidade exagerada, executam trabalhos dos mais pesados.

Cantão impressionou-me como a mais ocidentalizada das cidades chinesas que visitei.

Nas poucas casas comerciais em que entrei, surpreendeu-me não deparar, de saída, com a fotografia de Mao Tse Tung, tal como em Pequim ou Shangai. Na China não se tornou obrigatório aos particulares exibirem retratos do presidente. Fazem-no, no Norte, por entusiasmo ou interesse, mas de iniciativa própria. Seguramente, dentro de um ano ou dois, Mao sorrirá ali também em toda a parte.

A prostituição em Cantão não foi ainda completamente abolida. As pequenas que no cais propõem aos homens passeios galantes e a multidão menos uniformemente vestida, no entanto, não indicam resistência ao regime, senão atraso na adoção do Maoísmo. É que a revolução atual desceu do Norte para o Sul.

Supersticiosa, revolucionária, cosmopolita. Cantão é essencialmente uma cidade de fronteira.

A cada passo encontram-se vestígios históricos das inúmeras tentativas revolucionárias. Em Cantão desembarcou Sun Yat Sen trazendo as idéias que incendiaram o Império. O Museu Histórico conta de cada uma das tentativas de libertação. O monumento aos estudantes mártires de 1911, erguido pela "Sociedade Chinesa de Além-Mar", traz gravado em cada pedra o nome de cada cidade doadora do universo. Ali encontrei o de São Paulo. Tudo isso, e a Academia de Whampôa instalada em um velho templo, são testemunhas eficazes do passado glorioso de Cantão.

Na véspera da partida, o Sr. Tu Kau Hsiango, único funcionário bastante idoso que encontrei, em contraste com a

grande mocidade da maioria, membro do Instituto dos Negócios Estrangeiros, vice-presidente da Conferência Consultiva de Cantão, ofereceu-nos um lindo jantar com as especialidades da terra. Foi uma deliciosa reunião pela brilhante palestra do anfitrião, homem de vasta cultura e saber, filósofo e escritor e certamente dos mais interessantes "causeurs" que encontrei pela vida a fora.

Chegou afinal o dia da partida. Meus amigos levaram-me à estação, e Chao e King acompanharam-me até Shum-Shum, onde me despedi, antes de atravessar a ponte que me separava do meu mundo.

Confesso que deixei a China cheia de emoção, guardando para sempre imensa gratidão pela acolhida amistosa de seu povo bom e generoso, e uma profunda admiração pelo progresso inacreditável realizado em tão poucos anos.

***



Meditação sobre a China

Valerá a pena!

Ao reatravessar a ponte que separa o planeta China do nosso mundo, a mesma sensação de angústia, que me torturara na ida, e os poucos dera lugar à curiosidade, depois à admiração, de novo me atormentou na volta. Vi tudo o que quis e muito mais: templos, museus, hospitais, escolas, casas de operários, de gente pobre e de gente abastada, restaurantes, teatro, vagões de estrada de ferro.

Conversei com quem quis, as mais das vezes através do intérprete, culpa de minha ignorância da língua. Andei livremente pelas ruas, encontrei por toda parte um povo sadio, alegre, bem vestido e de aparência feliz.

Jamais, como tanto me haviam prevenido certos amigos aqui e em Paris, jamais, nem jornalistas nem funcionários do governo pediram-me opinião nem declarações sobre a situação da China.

Ao chegar a Hong-Kong, ao contrário, encontrei na estação, com o cônsul do Brasil, a quem de Cantão pedira pelo telefone que me reservasse aposentos no hotel, uns vinte repórteres. Esperavam-me, cercaram-me, e todos, ao mesmo tempo, fizeram-me as mais estranhas inquirições.

***

O primeiro recenseamento, após a revolução, deu à China 600 milhões de habitantes, dos quais 7 milhões em Formosa e 11 vivendo fora do país. Mais de 80% da população é rural. A grande industrialização que marcha rapidamente, muito em breve, modificará esse quadro.

Como quase todos os países do Oriente, a velha China é muito jovem. Cerca de 265 milhões de seus habitantes não contam mais de vinte anos, em média. O crescimento da população chegava, mais ou menos, a 2% anualmente, quer dizer que em 1955 havia 12 milhões de chineses a mais, e este algarismo cresceu de importância em 1956, e mais este ano crescerá no ano próximo e assim por diante. Em Pequim informaram-me que, "antes da libertação", a natalidade não passava de trinta e cinco por mil e atingia agora a trinta e sete, enquanto a mortalidade baixou sensivelmente de vinte e cinco por mil, para dezessete.

A China, declarou um médico americano, Dr. George Hayten, que ali vive há longos anos e adotou mesmo o nome de Ma Ha Do, e tornou-se comunista, pode alimentar população duas vezes maior que a de hoje. Os dirigentes da nação confessam o mesmo otimismo. Firmam-se para tanto no progresso do sistema de irrigações artificiais e no plano, já em vias de execução, para dominar o rio Amarelo, que banhará então uma enorme região. Esperam concluir esse trabalho dentro de cinqüenta anos.

Em 1980, a China chegará a ter um bilhão de habitantes. Daí o governo se ter lançado na socialização da terra e, depois da reforma agrária, na mecanização da agricultura, que terminará, segundo cálculos feitos, em 1978.

O aumento exagerado da população trouxe a necessidade do Stakhovinismo até o último dos operários, até mesmo ao "coolie" que carrega cestos pesados equilibrados em longas varas de bambu, e que a gente vê correr pelas ruas e pelas estradas, em contraste com os pesados caminhões que chegam, carregados, das regiões altamente industrializadas de Moukden, símbolo da Nova China.

Um grande perigo continua a ameaçar, porém, a República: é o consumo crescer mais depressa que a produção.

Conseguirão Mao Tse Tung e seus companheiros evitá-lo, ou reduzir-lhe os efeitos através das reformas que empreenderam?

***

O "self control" do regime comunista, a discrição do povo e do governo produzem, nos visitantes, uma sensação de inquirição constante e sem resposta. A calma absoluta de Pequim, naqueles dias de nervosismo e exacerbação internacionais, produzidos pela crise de Suez, espantou a quem vinha de Delhi e assistira às discussões apaixonadas e aterrorizadoras de ameaças e contra-ameaças. As declarações de Washington de que a produção da aviação de guerra, de que as bombas atômicas e de hidrogênio aumentariam sempre, mesmo antes do satélite russo, não causavam o pânico esperado.

Se a afirmação repetida da inversão de milhões e milhões de dólares em armamentos, e a promessa dos outros que virão,

produz nos americanos e no Ocidente uma confortável segurança da vitória final em caso de guerra, não parece atemorizar os chineses. Talvez porque sabem não possuir a China ainda indústrias tão grandes que mereçam tanta fúria destruidora, ou talvez pela convicção de que todas as bombas que se fabricarem não conseguirão jamais destruir o "men power" do país.

As mentiras, os boatos de conflitos e desgraças que se espalham pelo mundo, quase sempre via Hong-Kong e originados em Taipeh, deixam Pequim totalmente indiferente.

Quando cheguei a Paris e aqui, seguidamente, me indagavam da extensão da falta de víveres na China, se o povo dava mostras de acabrunhamento e infelicidade. Por mais que assegurasse o contrário, que contasse o progresso que havia verificado nas diversas regiões por onde andei, presenciei sempre a contínua incredulidade e a repetição das mesmas mentiras pelas mesmas pessoas.

Má fé? Medo?

A impressão que se faz da China é a de haver ela realizado o acontecimento culminante da história da Ásia.

A controvérsia perene que existe no mundo entre os sistemas democrático e comunista, deixa esquecido este fato básico de tão relevante importância.

O ressurgimento do país principiou, sem dúvida, nos primeiros tempos do Kuomintang, enquanto este representou o grande movimento nacionalista, a grande aspiração dos povos do Oriente, entre as duas grandes guerras.

Não foi nem a corrupção, nem a absoluta dependência dos Estados Unidos, nem a fraqueza crescente do governo de Chiang Kai Chek que levaram a China a perder, durante certo período, o lugar de vanguarda no despertar asiático. Perdeu-o porque naquele momento deixou de representar o espírito que dominava o continente. Os líderes comunistas, não porque comunistas, mas porque melhor souberam compreender aqueles problemas, reconquistaram de novo a antiga posição de supremacia. E o Governo Popular apresentou-se, então, diante da Ásia, como o complemento natural, o resultado de centenas de anos de evolução lenta, mais econômica de que política, e das enormes ambições nunca realizadas até o século XX.

Entretanto, com um mundo de multidões que jamais conheceu nem a liberdade de pensamento, nem a liberdade econômica, os problemas ali diferem quase que totalmente dos do Ocidente.

Conseqüentemente, serão aquelas soluções, que se mostraram tão eficazes na China, adequadas ao Brasil, por exemplo?

***

Com a vitória da Revolução Popular, pela primeira vez, em sua história, a China acha-se reunida sob um governo central honesto e com autoridade em toda a extensão do território, dos confins da Sibéria, às bordas da Indochina.

É verdade que, durante as dinastias Han, Tang, Yuan e Manchu, o Império esteve, sem dúvida, unido, sob um trono. O poder, porém, apoiava-se na mística do Filho do Céu, com mandato divino, e se desempenhava através de vice-reis déspotas, enquanto que hoje, com todo o aparato de comunicações ferroviárias e aéreas, com estradas de rodagem, telégrafo, rádio, telefones, exército bem municiado e disciplinado, espalhado pela imensa vastidão do país, Mao Tse Tung exerce um governo cuja eficácia, só o futuro dirá, mas que já transformou uma massa informe em uma nação tão forte quanto as mais fortes do universo.

O Extremo-Oriente assistiu atentamente a essa mudança extraordinária, e assiste atento à luta da República Popular contra forças injustas que procuram não querer reconhecer seu direito de existir.

***

Desde o início o Governo Popular demonstrou firme intenção de conservar e manter a grande cultura e a velha civilização herdadas. A admiração que vota pelas realizações russas não o fez abandonar, nem os costumes ancestrais, nem as maneiras polidas, nem mesmo a cozinha requintada, e tudo mais que os séculos criaram e transmitiram.

A Nova China apesar de inimiga feroz do confucionismo e de seus antiquados cinco princípios e ultrapassados rituais, soube preservar as tradições, e uniu-se à velha por uma interpretação

recente de sua história milenar, graças ao trabalho e à cultura de Kuo Mo Jo.

A veneração e o carinho manifestados pelos palácios, pelos monumentos, o entusiasmo pela história do Império em todos os seus aspectos, provam o desejo de conservar intato o patrimônio herdado.

Conservando o passado, Mao Tse Tung soube construir para a China moderna um estatuto de Grande Potência e criar para seu povo novas esperanças e novos motivos de orgulho de sua nacionalidade.

Quem visita o País da Estrela Vermelha não pode, em sã consciência, e sem cometer grave injustiça, poupar louvores ao entusiasmo de sua mocidade, ao trabalho de seu povo, às estupendas realizações de seu governo, às maneiras graciosas de sua gente, que esqueceu, generosamente, os insultos, a miséria, a fome e o abandono dos governos responsáveis, e preservou a cortesia e a polidez de sua civilização ancestral.

As construções gigantescas, as barragens artificiais, as imensas usinas, hidroelétricas, a limpeza, a higiene quase exagerada, os trajes de aparência quase nova, o saneamento contra as moscas e os ratos, o desaparecimento da prostituição e da mendicância, provam a renovação absoluta da estrutura da nação.

Essa China inteiramente dedicada ao trabalho assombra o visitante e o obriga à meditação.

Sua grandeza patenteia-se no desenvolvimento de sua indústria, baseada em planificação científica, em leis econômicas que se gravam no espírito das massas, pelas explicações contínuas e repetidas a cargo de funcionários inteligentes e competentes.

Segundo as estatísticas, o povo assistiu em 1955 à baixa dos preços e o crescimento da produção dos objetos de consumo, a criação de inúmeras e importantes empresas industriais, assim como de pequenas indústrias locais e viu a construção de mais sete linhas de estradas de ferro, com forte inversão do capital.

Impressiona, outrossim, o ótimo estado de saúde e o alto espírito dos indivíduos, ainda os mais pobres, como me foi dado observar em uma aldeia próxima de Shangai.

A massa unanimemente demonstra um grande apreço por tudo o que o governo procura fazer em seu benefício e exprime-se com uma independência e uma altivez que me surpreenderam.

Todas essas observações deixaram-se a arraigada convicção da grande energia do povo e de um desejo imenso de cooperação.

***

Não creio possa existir um visitante, por menos sensibilidade que possua, que não se dê conta, comovido e espantado, de estar presenciando um dos grandes movimentos da História.

Não acentuei, talvez como deveria, a surpresa que causa passar a gente de um velho monumento de outras eras, e sem transição, para os colossais empreendimentos industriais modernos; não descrevi com ênfase bastante as escolas, os institutos, os novos hospitais, o desfilar dos grupos de camponeses, de operários e estudantes, correndo, para se instruir, aos grandes palácios e monumentos históricos.

Limitei-me a descrever simplesmente o que vi, e dos fatos correlativos do passado, tentei esclarecer o presente que se projeta tão claramente nas perspectivas de futuro prometedor.

Não me posso entretanto furtar de lamentar profundamente a fraqueza, o quase desaparecimento de qualquer iniciativa individual, artísticas ou espiritual.

O Governo Popular tornou, incontestavelmente, mais fácil, mais próspera a vida do indivíduo e mais forte a coletividade. Desgraçadamente, porém, metamorfoseou o homem em um número de série. Pensam igual, vestem-se igual, praticam a mesma virtude agressiva, às mesmas horas, os mesmos esportes e as mesmas ginásticas. Mesmo a felicidade é coletiva, em uma espécie de obediência à ordem do governo: "o povo deve ser feliz".

O regime chegou a despersonalizar o chinês, o mais individualista dos indivíduos.

Assisti, estupefata, a essa exposição de boa vontade, de bom comportamento, que submergiu essa velha nação durante tantos séculos submetida ao cultos dos antepassados e aos prazeres requintados de uma civilização já meio decadente e desmoralizada. E contemplando aquela demonstração coletiva de virtude, ouvindo a palavra dos capitalistas, dos comunistas, dos estudantes, de moços conscientes mas falhos de personalidade, senti-me, às vezes, tomada de um frenesi de anarquista, ancestral e a desejar ardentemente um pouco da comovente imperfeição humana.

É verdade, porém, que aquele sistema de governo e o tato político de Mao Tse Tung e sua equipe souberam despertar e mobilizar muitos milhões de moços e raparigas, em uma fé mística,

ardente e atuante. Assim, a massa antigamente passiva e egoísta, pouco inclinada à solidariedade, sempre que não se tratasse da família, demonstra agora dedicação à causa pública, desejo de bem servir e de bem se portar.

A imensa vontade de ação dessa multidão realizou milagres, e os frutos obtidos resultaram do devotamento e da honestidade, antes desconhecidos dos funcionários e do governo.

A revolução de 1949, que se originou em um tão gigantesco esforço coletivo, procurou melhorar a sorte de cada um e encontrou um grupo de dirigentes que soube aproveitá-la e desenvolvê-la. E à medida que se passaram os meses, foi cada vez mais se mostrando eficiente, e essa eficácia seduziu indivíduos de todas as classes. Milhões de homens e mulheres aderiram ao regime, julgando que se assegurariam futuro mais ameno.

Ademais, as destruições espirituais no indivíduos são pouco visíveis, enquanto que as realizações materiais saltos aos olhos dos mesmos crédulos no Maoísmo.

O comunismo chinês não fez mártires e continua evitando de criá-los. Sistematicamente busca dominar a criatura, dobrar-lhe a vontade e a inteligência, sem a suprimir. Exerce a "lavagem do cérebro". Oprime mas não mata.

Muita vez se me afigurou estar assistindo a um ensaio geral do mundo coletivista de amanhã, que minhas objeções apaixonadas de artista e como tal de ferrenha individualista, e as de milhões de outros, nada poderão fazer para impedir o advento.

Em outras vezes o espetáculo da boa vontade coletiva deixou-me entrever a possibilidade de um universo de solidariedade,

de fraternidade que virá dar ao nosso a lição de uma caridade humana jamais antes praticada.

Em todo o caso, a China revelou-me a noção de um socialismo ideal, que ainda não existe, e que certamente não é o comunismo atual.

***

Inegavelmente o Marxismo conseguiu na República Popular aquilo que nem o Cristianismo nem as colonizações européias, nem mesmo sonharam empreender: a ocidentalização do Oriente.

Dentro de poucos anos os efeitos desse fenômeno irresistivelmente se farão sentir em toda a extensão do continente asiático.

Perigoso, e até criminoso para o Ocidente, parece-me, é subestimar os benefícios trazidos pelo comunismo para uma população como a chinesa, tanto como subestimar, como indispensáveis a eles, o valor que emprestamos à liberdade de palavra e de pensamento. Evidentemente por essa liberdade estaríamos prontos a nos deixar matar individualmente.

Roosevelt, convém estarmos lembrados, nas quatro liberdades pelas quais convocou a humanidade para lutar até à morte, incluiu igualmente e em igual importância o "Freedom of Want", a liberdade de cada um possuir o mínimo necessário à subsistência, a liberdade de não sofrer as agruras da fome.

O povo chinês tem a liberdade da palavra e de pensamento cerceadas, mas jamais as conheceu anteriormente, como

jamais conheceu a democracia nem tampouco jamais foi feliz como agora, nem viveu tão dignamente.

A falta de compreensão do mundo capitalista, a falta de conhecimento humano das massas asiáticas fazem-no colocar de um lado a felicidade material, o fim das moléstias torturantes, da miséria, da prostituição, da morte por inanição de milhares de crianças e do outro, a liberdade de pensamento e da palavra. Dilema de fácil solução para quem tem fome, e assiste impotente e sem possibilidade de os salvar os filhos morrerem de fraqueza extrema.

O povo ali, no correr dos séculos, não se preocupou nunca, profundamente, com as religiões, sob o ponto de vista sobrenatural, antes era dominado pelo sentido filosófico das doutrinas e das grandes escolas de filosofia. O marxismo encontrou assim terreno fácil para a implantação do materialismo, e proporcionou-lhe antes uma nova Fé: – A Pátria e seu destino glorioso.

Não creio que exista na China oposição verdadeira ao regime comunista; desprezam Chiang Kai Chek e desconhecem nossa democracia.

Não se pode considerar como uma panacéia a solução marxista para os males de certas classes proletárias. Foi indiscutivelmente, o único capaz de levantar o nível de vida da população de uma nação, tal como a China.

Encontrará preconizou outro melhor?

Lenine preconizou e profetizou que o caminho do comunismo para o Ocidente passaria por Pequim e Calcutá...

***

Nas democracias, quando os governos desejam uma reforma, começam por elaborar uma lei que a facilitará; em seguida, promulgam a decisão do parlamento, que a imprensa torna pública.

Na China, o governo principia por provocar um movimento de opinião popular, em favor das medidas julgadas necessárias, para em seguida, satisfazer o pedido das massas. Converteu-se assim em uma espécie de ditadura democrática do povo.

O marxismo no País da Estrela Vermelha vai-se tornando um ciência exata, estudada e resolvida nas universidades, tal como as matemáticas. Resultado talvez dos longos anos de pesquisas filosóficas.

A China por interesse e por vocação é essencialmente pacifista e, na Ásia, um farol resplandecente de esperança, não apenas pelo exemplo de sua ressurreição extraordinária, mas pela segurança que dá aos povos vizinhos, do respeito que sempre manterá pelas duas fronteiras.

Hoje uma aventura militar, na República Popular, transformar-se-ia em uma calamidade para o governo. Se Mao, ao contrário, continuar a governar em ordem e pelos métodos marxistas e na paz, fará com que dentro de poucos anos a metade, senão a totalidade da Ásia adote o sistema comunista. Deste modo, o perigo para as democracias, contraditoriamente, não virá da guerra, mas da Paz Maoísta.

***

A revolução deu à China a vitória na batalha de saúde e na luta contra as pragas sociais. Desapareceram a prostituição, a mendicidade, o

ópio, os jogos de azar, os ladrões, grandes e pequenos. O chinês é hoje o mais honesto cidadão do universo. Colossal foi o esforço para o reflorestamento da terra, pela criação da indústria pesada, pela criação de um parque industrial, pela reforma agrária, pela alfabetização. A nação possui em 1957 mais árvores, mais quilowatts de eletricidade, mais algodão, mais trigo, mais arroz, que em toda sua história.

Pela primeira vez produz máquinas para suas indústrias, locomotivas para suas estradas de ferro, tudo isto sem socorros de capitais estrangeiros, que acabam sempre por sugar o país para onde emigram, sem lhes deixar nenhum meio de defesa para as posteriores explorações.

Eliminou a fome, companheira fiel de tantos séculos, por um plano econômico e agrário bem estudado. O povo está bem vestido, visivelmente bem alimentado e feliz.

A ordem reina da capital aos confins das mais longínquas províncias. Pela primeira vez a história encontrou a nação unida e movida por um patriotismo ardente e vivaz.

O exército é nacional, o soldado mercenário foi substituído por conscritos obedientes e preparados. A moeda estabilizada faz as finanças regularizadas e sadias.

Ninguém, nem mesmo o mais feroz inimigo do regime, ousará negar a honestidade e a eficiência dos homens e dos funcionários do Governo Popular.

***

Quem visita a China de Mao Tse Tung volta, assim, cheio de admiração pelo esforço do povo, pelo trabalho convincente e

honesto dos governantes e pelo progresso dos notáveis empreendimentos realizados.

Não pode, desgraçadamente, deixar de protestar contra o trágico desaparecimento do indivíduo e a despersonalização do homem.

A virtude cívica atingiu a um paroxismo tal, que sufoca artistas, escritores ou quem quer que aspire ao direito da livre criação.

Ao atravessar de volta a ponte que me levaria ao outro lado do mundo, ao meu mundo, uma dúvida cruel e terrível me assaltou, e me perguntei qual o caminho possível para chegar ao ideal de justiça social e de liberdade.

E até hoje, ao meditar no preço pago pela extraordinária, inesperada, espantosa e visível transformação da China, sincera e honestamente, em uma tremenda angústia, persisto em me perguntar:

VALERÁ A PENA?

Rio, outubro 1957

***

